



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



RAQUEL BERNARDES

**O PROCESSO CLASSIFICATÓRIO DE SINAIS DA LIBRAS:
CATEGORIAS DETERMINATIVAS E COMBINATÓRIAS**

UBERLÂNDIA-MG

2025

RAQUEL BERNARDES

**O PROCESSO CLASSIFICATÓRIO DE SINAIS DA LIBRAS:
CATEGORIAS DETERMINATIVAS E COMBINATÓRIAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística

Orientadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi

UBERLÂNDIA-MG

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

B522 Bernardes, Raquel, 1988-
2025 O PROCESSO CLASSIFICATÓRIO DE SINAIS DA LIBRAS:
CATEGORIAS DETERMINATIVAS E COMBINATÓRIAS [recurso
eletrônico] / Raquel Bernardes. - 2025.

Orientadora: Eliamar Godoi.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-
graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.199>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Godoi, Eliamar, 1968-, (Orient.).

II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

ATA DE DEFESA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de doutorado – PPGEL				
Data:	Onze de março de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	12113ELI039				
Nome do Discente:	Raquel Bernardes				
Título do Trabalho:	O processo classificatório de sinais da Libras: categorias determinativas e combinatórias				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Panorama sociolinguístico e descritivo da Libras falada pela comunidade surda em contexto educacional				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Eliamar Godoi - UFU, orientadora da Tese; Letícia de Sousa Leite - UFU; Waldemar Santos Cardoso Junior - UFPA; Mariana Dezinho - UFGD; Maria Virgínia D. Ávila - FATRA.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Eliamar Godoi, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, a senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Virgínia Dias de Ávila, Usuário Externo**, em 12/03/2025, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliamar Godoi, Presidente**, em 12/03/2025, às 20:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Letícia de Sousa Leite, Usuário Externo**, em 14/03/2025, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Waldemar dos Santos Cardoso Junior, Usuário Externo**, em 16/03/2025, às 18:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Dézinho, Usuário Externo**, em 17/03/2025, às 09:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6158719** e o código CRC **313BAE00**.

Referência: Processo nº 23117.015021/2025-84

SEI nº 6158719

Céu, sol, lua e estrelas
Terra, fauna, flora e mar
Quanta beleza!
Amor, justiça, sabedoria e poder
Em tudo que faz!
Grandes e maravilhosas são suas obras!
Como alguém como eu, Pai, consegue te glorificar?

Ao Grandioso Criador Jeová.
Apocalipse 4: 11

AGRADECIMENTOS

A Deus, que “faz com que venha a ser”, tornando todas as coisas possíveis. Fonte inesgotável de sabedoria e força. Sou eternamente grata por sempre me sustentar e, também, por cuidar de mim durante a produção desta tese.

À minha família, aos meus pais Paulo Duarte Bernardes e Rita Paulino Bernardes que estiveram ao meu lado durante todo o desenvolvimento do meu doutorado e ao longo da minha vida. Ao meu irmão Jefté Bernardes, que sempre torceu pelo meu sucesso e me ofereceu um apoio incondicional. Agradeço profundamente a minha avó Maria das Dores Fernandes dos Santos por cada palavra de incentivo, por cada gesto de carinho e por acreditar em mim mesmo nos momentos mais desafiadores.

À minha amiga Letícia de Sousa Leite, cuja presença e apoio foram inestimáveis nos momentos de hesitação, me fazendo acreditar na minha capacidade de produzir esta pesquisa. Sou imensamente grata pelas contribuições pertinentes à organização e ao desenvolvimento desta tese. Obrigada, Letícia, por ser uma amiga tão dedicada e por me motivar a seguir em frente. Sem seu apoio não teria expandido meus horizontes no campo da pesquisa com a Libras.

À minha amiga Nathália Scalabrine Rocha, pelo apoio prático em momento oportuno. Muito obrigada por me acolher e tornar o processo de escrita mais dinâmico, simples e agradável.

Às pessoas surdas que fazem parte da minha vida e que estiveram comigo, incentivando-me a me tornar tradutora, intérprete e pesquisadora da Libras, minha gratidão é imensa. Obrigada pela partilha de parcelas tão importantes da vida de vocês comigo e por confiarem em mim.

Aos participantes surdos que se dispuseram a participar da pesquisa, minha gratidão por sua disposição em colaborar prontamente, sem hesitar. Obrigada por acreditarem no meu trabalho e no intuito de contribuir para a difusão e disseminação da Libras. Espero sinceramente que essa contribuição se consolide e faça a diferença no campo da educação e da acessibilidade linguística.

Às secretárias do PPGEL, Maria Virgínia Dias de Ávila e Luana Alves da Silva, minha sincera gratidão. Obrigada por responderem prontamente a todos os e-mails enviados, por esclarecerem todas as dúvidas e por fornecerem orientações essenciais em cada etapa do meu percurso formativo.

À Gisely Amado, minha mais profunda gratidão por seu auxílio em diversos processos burocráticos necessários ao trâmite da pesquisa. Sem sua ajuda incansável, não teria conseguido. Muito obrigada por dedicar seu tempo e sua atenção de forma tão generosa, sempre pronta para colaborar.

Aos meus estimados professores, Eliane Mara Silveira, Fernanda Costa Ribas, Igor Antônio Lourenço da Silva e William Mineo Tagata, minha eterna gratidão. Os momentos de contato com vocês permitiram-me vivenciar a Pós-Graduação sob a melhor perspectiva possível, ampliando significativamente meu conhecimento acadêmico. Obrigada por compartilhar sua sabedoria e por serem fonte constante de inspiração e aprendizado.

Aos professores Maria Virgínia Dias de Ávila e Waldemar dos Santos Cardoso Junior por participarem dos processos de qualificação de projeto e da tese, pelas pertinentes orientações direcionaram o desenvolvimento da pesquisa. Estendo os agradecimentos também às professoras Letícia de Sousa Leite e Mariana Dézinho, minha sincera gratidão por aceitarem participar da minha defesa. Agradeço por estarem tão dispostos a contribuir com minha formação como pesquisadora e por dedicarem seu tempo e conhecimento para enriquecer este trabalho.

À professora Eliamar Godoi, minha gratidão imensurável por sua dedicação em conduzir-me nesta pesquisa. Seus direcionamentos e seu companheirismo foram essenciais para a realização deste trabalho. Muito obrigada por aceitar o desafio de me orientar e por me acolher com tanto carinho e dedicação. Sem o seu apoio e suas orientações pungentes, a realização desta pesquisa não teria sido viável.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, representado pela professora coordenadora Cristiane Carvalho de Paula Brito, expresso meu profundo agradecimento pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e de me constituir pesquisadora.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo geral o de analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se faz no uso corrente da Libras. Especificamente, buscamos levantar os processos de classificação de sinais realizados na fala dos surdos participantes da pesquisa; analisar esses processos de classificação a partir da função que os sinais exercem no contexto de fala, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos; e, por fim, identificar e descrever, na fala sinalizada dos participantes da pesquisa, as regras de combinação e organização dos sinais a partir do emprego de determinantes e articuladores. A metodologia fundamentada na abordagem qualitativa de base descritiva contribuiu para realizar a descrição da estrutura e funcionamento da Libras em uso corrente. Em específico, na análise de como se deram os processos de classificação de sinais, considerando as classes dos determinantes e articuladores presentes na fala sinalizada dos participantes da pesquisa. Como procedimento técnico, utilizamos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Com base no aporte teórico analisamos as categorias determinativas e combinatórias na fala sinalizada de docentes surdos que ministram a disciplina de Libras nos cursos de licenciatura e que cursam Pós-Graduação na Universidade Federal de Uberlândia. A coleta dos dados se deu a partir de filmagem da fala sinalizada dos participantes da pesquisa e foi analisada à luz do referencial teórico organizado em um Instrumento Conceitual como parâmetro da análise dos dados. Nossa intuito é fomentar o interesse científico pela estrutura da Libras, especialmente no que diz respeito à classificação de sinais, descrevendo-a, documentando e registrando seus fenômenos linguísticos e as regras que organizam sua estrutura, o que justifica a relevância deste estudo. A recorrência do fenômeno de gramaticalização nos dados analisados levou à compreensão de que na Libras, os itens apresentaram maior frequência de dupla articulação, lexical e gramatical, divergindo da distinção entre itens essencialmente lexicais e gramáticas, como ocorre nas línguas orais. Essa análise nos aproximou mais da perspectiva de solidariedade lexical que destaca a importância do aspecto sequencial do conteúdo lexical para a composição dos enunciados. Esperamos que esta pesquisa contribua para a melhor compreensão dos processos de classificação dos sinais da Libras, em específico das categorias determinativas e articuladoras. É nossa expectativa também contribuir para a difusão e reconhecimento científico do status linguístico da Libras e pavimentar o caminho para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Processos de classificação de palavras/sinais na Libras. Categorias determinativas e combinatórias na Libras. Critérios semânticos, morfológicos e sintáticos para classificação de sinais na Libras.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze how sign classification processes occur, considering the categories of determiners and articulators, within the context of spoken discourse (signed speech) of deaf professors in higher education, grounded not only on the formal characteristics of these linguistic phenomena, but also on the effective use of these forms in the current Brazilian Sign Language (Libras) practices. Specifically, we sought to investigate the sign classification processes performed in the speech of the deaf participants in the research; to analyze these classification processes in terms of the function that the signs perform in the speech context, considering syntactic, semantic and morphological aspects; and lastly, to identify and describe, within the signed speech of the research participants, the rules for combining and organizing signs through the use of determiners and articulators. Methodologically, the study adopts a qualitative, descriptive approach to elucidate the structure and functioning of Libras in natural usage. In particular, it guided the analysis of how the sign classification processes unfold, considering the categories of determiners and articulators found in the signaled speech of the participants. As a technical procedure, we used semi-structured interviews as a data collection instrument. Based on the theoretical apparatus, we analyzed the determinative and combinatory categories in the signed speech of deaf professors who teach Libras in undergraduate teaching programs and are enrolled in graduate studies at the Federal University of Uberlândia. Data were collected through video recordings of participants' signed speech and analyzed based on a theoretical framework organized into a Conceptual Instrument which served as a parameter for data analysis. Our purpose is to foster scientific interest in the structure of Libras, particularly in relation to sign classification, by describing, documenting and recording its linguistic phenomena and the rules that organize its structure, thus justifying the relevance of this study. The recurrence of the grammaticalization processes phenomenon in the analyzed data led to the understanding that in Libras, items often exhibit dual articulation, lexical and grammatical, differing from the distinction commonly found in spoken languages between strictly lexical and grammatical items. This analysis aligned with the perspective of lexical solidarity, which emphasizes the importance of the sequential aspect of lexical content in constructing of utterances. We hope this research contributes to a better understanding of sign classification processes in Libras, especially regarding the categories of determiners and articulators. We also aim to support the dissemination and scientific recognition of Libras as a legitimate language and to lay the groundwork for future research.

Keywords: Sign classification processes in Libras. Determinative and combinatory categories in Libras. Semantic, morphological, and syntactic criteria for sign classification in Libras.



O resumo da tese em Libras foi produzido utilizando recurso de vídeo e está disponível em QR code, gerado por meio do site QR Plus. Para visualizá-lo, é necessário acessar o código acima. Para tanto, abra o aplicativo de câmera do seu smartphone, aponte a câmera para o QR code e aguarde a leitura. Após acessar o código por meio da câmera do celular é possível realizar o download do vídeo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Surd@.....	26
Figura 2	Sinal de ÁRVORE em Libras.....	88
Figura 3	Construção em Libras: O pássaro pousou no galho da árvore	91
Figura 4	A) Classificador de pessoa e B) Classificador de veículo	92
Figura 5	Construção classificadora: Homem atropelado por um veículo.....	92
Figura 6	Distribuição de recursos semânticos entre as classes entidade evento e propriedade.....	102
Figura 7	Combinações de classes semânticas e sintáticas para identificação de classe de sinais.....	105
Figura 8	Categorias sintáticas não prototípica que podem ser lexicalizadas.....	106
Figura 9	Ocorrências de conceitos de entidade, evento e propriedade em funções sintáticas.....	107
Figura 10	Contorno de critérios morfológicos em DGS, RSL e KK.....	108
Figura 11	Apontação.....	134
Figura 12	Números quantidades.....	139
Figura 13	Numerais cardinais.....	139
Figura 14	Numerais ordinais.....	140
Figura 15	Recursos da sintaxe espacial.....	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Teses e Dissertações defendidas por pesquisadores integrantes do GPELET	34
Quadro 2	Quadro 2: Teses e Dissertações do Banco de Dados da Capes cujos temas se articulam com a presente pesquisa.....	40
Quadro 3	Excerto em Libras.....	89
Quadro 4	Síntese dos Procedimentos Metodológicos.....	180
Quadro 5	Síntese dos Procedimentos Metodológicos: análise dos dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas.....	183
Quadro 6	Instrumento Conceitual – Categorias Determinativas na Libras: Os classificadores.....	186
Quadro 7	Instrumento Conceitual – Itens pronominais com referências dêiticas e anafóricas.....	187
Quadro 8	Instrumento Conceitual - Adjetivos determinativos e qualificativos.....	189
Quadro 9	Instrumento Conceitual – Os numerais.....	190
Quadro 10	Instrumento Conceitual – Itens com função prepositiva e mecanismos prepositivos.....	191
Quadro 11	Instrumento Conceitual - As conjunções e os mecanismos conectivos.....	193
Quadro 12	Distribuição de recursos semânticos por meio de classe de conceitos (1).....	251
Quadro 13	Distribuição de recursos semânticos por meio de classe de conceitos (2).....	253
Quadro 14	Processos morfológicos da realização dos determinantes e articuladores....	254
Quadro 15	Síntese dos itens que se realizaram como determinantes na fala dos participantes da pesquisa (1).....	262
Quadro 16	Síntese dos itens que se realizaram como articuladores na fala dos participantes da pesquisa (2).....	281

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.2 Aspectos introdutórios	24
2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA PESQUISA: PERSPECTIVAS E CORRENTES TEÓRICAS	57
2.1 As três vertentes linguísticas: estruturalismo, gerativismo e funcionalismo	57
2.2 Concepções de gramática com enfoque no processo descritivo de línguas	72
3 OS PRESSUPOSTOS BÁSICOS DO PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS NATURAIS	79
3.1 Os processos de classificação nas línguas naturais	79
3.2 Breves apontamentos sobre os aspectos linguísticos das línguas de sinais.....	87
3.3 Desafios para eleição de critérios de classificação de sinais nas línguas de sinais	90
3.4 Os processos de classificação nas línguas de sinais.....	94
3.5 Critérios de classificação nas línguas de sinais	97
3.5.1 Critérios semânticos	101
3.5.2 Critérios sintáticos	105
3.5.3 Critérios morfológicos.....	107
4 CATEGORIAS DETERMINATIVAS E COMBINATÓRIAS NOS PROCESSOS CLASSIFICATÓRIOS DE SINAIS NA LIBRAS.....	111
4.1 As categorias lexicais na Libras	111
4.1.1 Os substantivos	114
4.1.2 Os verbos	118
4.1.3 Os adjetivos	121
4.2 As Categorias Determinativas na Libras	123
4.2.1 Os Classificadores	125
4.2.2 Os itens pronominais com referências dêiticas e anafóricas	130
4.2.3 Os adjetivos determinativos e qualificativos	135
4.2.4 Os numerais	138
4.3 As Categorias Combinatórias e os Articuladores na Libras	140
4.3.1 As preposições	144
4.3.2 As conjunções.....	151
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	164
5.1 A Natureza da pesquisa.....	164
5.2 Descrição do cenário de pesquisa	166
5.2.1 Faculdade de Educação – FACED	168
5.2.2 Instituto de Letras e Linguística - ILEEL	169
5.3 Os participantes da pesquisa	171
5.4 Trajetórias da pesquisa	177
5.4.1 Critérios de análises.....	181
6 ANÁLISE DE DADOS.....	198

6.1 As categorias determinativas e combinatórias na fala sinalizada em Libras dos participantes da pesquisa.....	198
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES: UMA VISÃO GERAL DA ANÁLISE DE DADOS	249
7.1 Análise de Dados: discussões e resultados sobre as categorias determinativas	255
7.2 Análise de Dados: discussões e resultados sobre as categorias combinatórias, os articuladores	274
8 CONSIDERAÇÕES FNAIS	290
REFERÊNCIAS	299
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	306
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	308
APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	309
APÊNDICE C - SISTEMAS EM GLOSAS DE TRANSCRIÇÃO	310

1 INTRODUÇÃO

A partir do processo de inclusão social, as pessoas surdas passaram a ter reconhecidas as suas diferenças linguísticas e culturais. Dentre várias medidas, as políticas públicas passaram a ser implementadas para garantir aos surdos o acesso à educação. As pesquisas científicas que contribuíram para o avanço no processo de educação dos surdos se ocuparam com os aspectos culturais e identitários das pessoas surdas, tais como o processo de aquisição de primeira língua, a aprendizagem de segunda língua, dentre outros temas envolvendo a grande área em Estudos Linguísticos.

Estudos pioneiros como os de Stokoe (1960) e de Baker e Padden (1978) nos possibilitaram compreender que os sinais são formados a partir dos parâmetros, a saber, configuração de mão, locação ou ponto de articulação, movimento, orientação da mão e aspectos não-manauais. O estudo desses parâmetros viabiliza compreender o nível fonológico que determina as unidades mínimas que formam os sinais (fonemas), e o nível morfológico que determina as unidades mínimas portadoras de significado (morfemas). A unidade mínima, o morfema, pode ser entendida como a menor unidade de significado que não pode ser dividida em unidade menor sem passar para o nível fonológico. Por meio da combinação dos parâmetros, é possível formar os sinais e a partir de repetição ou mudanças nos parâmetros podem se criar, a partir de um sinal já existente, outros com significados diferentes. Sendo assim considerada a morfologia para compreender a combinação dos elementos constitutivos internos dos sinais, sua formação, seus processos derivacionais, flexionais e, também, de classificação.

Esses estudos foram relevantes em âmbito internacional para o reconhecimento do status linguísticos das línguas de sinais. Tal contribuição impactou a concepção acerca das pessoas surdas, como pessoas capazes de desenvolver a faculdade da linguagem e que possuem recursos físicos e psíquicos, além de predisposição para adquirir de forma espontânea uma língua de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, independente das línguas orais.

No Brasil, a partir da política de inclusão e a oficialização da Língua de Brasileira de Sinais (Libras), por meio da Lei 10.436/2002 e sua regulamentação por meio do Decreto 5.626/2005, os surdos passaram a ter o seu ingresso garantido no ensino regular. A fim de atender a essa demanda, abriu-se caminho de atuação para os profissionais (professores, tradutores e intérpretes) que atuam com a Libras. Apesar da crescente democratização do processo de inclusão, a maioria desses profissionais ainda possuem

pouco acesso a estudos descritivos sobre aspectos gramaticais e linguísticos da língua em uso, isso se dá principalmente devido à escassez de publicações na área.

Em vista do exposto, esta tese foi produzida no intuito de contribuir para disseminação e produção de conhecimentos na área dos estudos descritivos da Libras. A pesquisa tem como enfoque os aspectos morfológicos da Libras devido à pouca ênfase dada ao tratamento dos processos de classificação de sinais em contexto de uso. Além disso, como legado dos estudos descritivos das línguas de sinais, ansiamos contribuir para potencializar a difusão e perenização da Libras, o que favorece o reconhecimento das diferenças linguísticas de seus usuários. É no sentido de estimular o interesse pela pesquisa descritiva da Libras que tratamos sobre sua estrutura, considerando seus aspectos de classificação de sinais, em específicos das categorias determinativas e combinatórias, analisando as regras que regem a organização interna dos sinais compondo os enunciados sinalizados.

O interesse pela pesquisa surgiu da necessidade por qualificação como tradutora intérprete de Libras. Sempre primei por uma atuação que favorecesse as especificidades linguísticas dos surdos. Por meio das reflexões sobre o meu processo formativo, apresento o percurso que contribuiu significativamente para meu crescimento pessoal e profissional e que culminou na escolha pela linha de pesquisa.

Eu nasci no dia dez (10) de novembro, numa quinta-feira às 15 horas, em Araguari, no interior de Minas Gerais. Minha família sempre priorizou assuntos espirituais e quando nos tornamos cristãos eu tinha apenas três aninhos de idade. Meus pais sempre me incentivaram e também a meu irmão a estudar. Eles queriam que nós aprendêssemos ler e escrever bem para que pudéssemos ter um bom trabalho e para que conseguíssemos aprender sobre a Bíblia e ensiná-la a outras pessoas.

Tive uma infância feliz. Meu pai lia para nós e inventava histórias fictícias inusitadas. Além de trabalhar bastante para nos sustentar, ele nos ensinou a andar de bicicleta e carrinho de rolimã que ele mesmo confeccionou. Meu irmão foi o primeiro neto das famílias materna e paterna, e eu, a segunda filha do casal - a irmã caçula, por isso, ganhávamos muitos presentes dos tios e das avós. Eu gostava de brincar com bonecas, mas também era incluída nas peripécias do meu irmão mais velho, por vezes era a companhia para soltar pipa, jogar pião, iô-iô, cartinhas e outras modinhas da época.

Apesar da infância feliz, não éramos imunes aos problemas. Quando ainda bem pequena adoeci de asma e, isso resultou que fiquei vários períodos da infância internada

com pneumonia. Em busca de um clima mais ameno (dentre outras questões), nos mudamos de Araguari para o povoado de São Benedito, distrito de Patrocínio, próxima à Salitre de Minas. Foi nesse lugar que comecei a ir à escola. Sempre quis estudar, acho que porque via meu irmão indo para a escola e entendia que tinha que ir também. Além disso, via todos aqueles materiais escolares (cheirinho de caderno novo, lápis de cor e giz de cera) e a lancheira que minha mãe montava, tudo parecia ser tão bom.

Em casa, minha mãe dava aula de artesanato para as meninas da vizinhança, com isso ganhávamos uma renda extra e ela me mantinha ativa aprendendo e desenvolvendo mesmo não indo ainda para escola. Eu era uma das alunas mais dedicadas. Aprendi a pintar, bordar; a fazer ponto cruz, vagonite e enfeites de gesso. Esses trabalhos sempre me encantaram e acredito que essas habilidades de produzir efeitos e padrões contribuíram para aguçar minha experiência visual que, mais tarde, me ajudaram com a língua de sinais. Enquanto aguardava o ingresso na escola, bordei a minha toalhinha do pré-escolar, em que fiz uns patinhos. Nesse momento já havia aprendido com minha mãe a contar, para conseguir marcar o ponto cruz.

Morávamos em uma chácara e, todas as manhãs minha mãe acordava cedo para varrer o quintal abaixo das árvores para evitar as cobras e para minha saúde ficar melhor com a limpeza. Lembro da minha mãe cantando, e aprendemos de Música Popular Brasileira (MPB) ao sertanejo. Cantávamos com ela. Em algumas épocas do ano, lá em São Benedito, geava, mas, mesmo com o tempo mais frio, minha saúde melhorou consideravelmente. Cada vez crescia mais um pouquinho e ficava mais forte, até que chegou a hora de iniciar os meus estudos. Minha mãe fez um penteado no meu cabelo (ritual que se seguiu nos próximos anos) e nos levou, meu irmão e eu, para escola. Minha mãe até admirou e observou que as outras crianças choravam a primeira vez que iam para escola, mas tanto eu como meu irmão fomos pulando e brincando como se nada tivesse acontecido.

Na escola onde estudávamos, a diretora era uma pessoa muito boa, foi ela quem montou a turma para as aulas de artesanato que minha mãe ministrava e uma das filhas dela era aluna da minha mãe. Na sala onde eu estudava, tinha outro menino que também era filho da diretora. No primeiro ano, tive o primeiro contato com pessoas com deficiência. O filho mais novo da minha professora do pré-escolar tinha paralisia cerebral e, às vezes, ela o levava para as aulas. Eu não entendia bem a condição daquela criança, mas ele participava com a gente nas atividades de pintar e trabalhar com massinha.

Lembro-me de que na sala de aula tinha uma coleguinha que era cadeirante e ela também não se comunicava por meio das palavras verbais. As diferenças dessas crianças não se apresentam como um obstáculo para nos relacionar com elas. Pelo contrário, eu sempre ficava atenta às suas necessidades para colaborar contribuir de alguma maneira. Hoje comprehendo com nitidez a importância desse contato com meus colegas em tenra idade, já que despertaram o meu olhar, o meu afeto e o meu anseio em contribuir para favorecer a igualdade de oportunidade para todos.

A nossa professora, atenciosa à maneira como os colegas aprendiam, estava à frente do seu tempo ao promover uma educação inclusiva, já que naquela época não vigorava a perspectiva de uma educação democrática pautada nas necessidades dos estudantes. A referida escola só ofertava da educação infantil à 8^a Série do Ensino Fundamental¹ (conforme denominação da época). O acesso a tratamentos médicos também era mais restrito. Não raro, precisávamos viajar a Patrocínio para ter acesso às internações e consultas com especialistas. Essas e outras questões motivaram a nossa volta para cidade de Araguari.

De volta a minha terra natal, fui matriculada em outra escola com outras crianças. Tive dificuldades no início para me enturmar e acompanhar as aulas, mas logo me adaptei. Como as internações ainda persistiam, uma coleguinha me emprestava o seu caderno para que eu copiasse as matérias e estudasse o conteúdo no hospital. Assim, quando recebia alta do hospital, ia à escola no contraturno para fazer as provas que tinha perdido. Foi assim que inaugurei o estudo autônomo e a distância.

Com o retorno para minha cidade, o acesso a materiais e instrução bíblica ficou mais fácil. Também, meu interesse em assuntos bíblicos se tornou mais latente. Para ensinar outras pessoas sobre a Bíblia, tive que aprender a me comunicar melhor com as pessoas. Quando escutamos o que as outras pessoas dizem com atenção, conseguimos mostrar que nos importamos com elas, conseguimos mostrar empatia e, às vezes, podemos até ajudá-las. Mas, e as pessoas que não escutam e não falam, como me comunicar com essas pessoas? Questões como essas permitiram que eu tivesse contato com os surdos por meio da Libras, ainda no período da infância. Minha mãe começou a fazer um curso de Libras e nos levava. As pessoas ali eram bem legais e permitiam que eu e meu irmão participássemos das atividades.

¹ A 8^a Série do Ensino Fundamental hoje equivale ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Em casa, nós repassávamos o que tínhamos aprendido com minha mãe. Muito empolgados, treinávamos o alfabeto manual e os números. Somente bem depois, com o avançar do curso, compreendemos que a comunicação em Libras era muito mais complexa do que imaginávamos. O curso acabou, a fluência não veio, mas o conhecimento básico sobre a língua inaugurou futuras possibilidades. O curso também trabalhou os valores de respeito ao próximo, empatia e hospitalidade – qualidades úteis em quaisquer instâncias da vida (pessoal, profissional, familiar). O contato com pessoas de todas, idades, nacionalidades e classes sociais, continuou a ser incentivado pelos meus pais.

Alguns anos depois, tivemos o convite para participar de um treinamento em Libras para apoiar um pequeno grupo de evangelizadores. Após a maciça adesão do pessoal lá de casa, meu pai decidiu nos apoiar e aprender Libras também. O curso que fizemos antes serviu de base, e, com esse novo treinamento e o contato com os surdos da cidade, conseguimos nos aprimorar na Língua de Sinais. Nesse ínterim, depois de concluir a 8^a série fui para outra escola que oferecia o Ensino Médio. Algumas coleguinhas da minha turma foram transferidas para lá também, então mantivemos o grupo. Assim, durante esse período, eu tentava conciliar as duas atividades, apoiar o grupo e estudar.

Após a conclusão do Ensino Médio, continuei trabalhando com minha mãe no artesanato. Também, comecei um curso de Libras na modalidade EaD. Frequentava uma *lan house*² para ter o suporte necessário para realizar e entregar as atividades do curso. Foi nessa época que conheci uma das minhas maiores incentivadoras e amiga, que sempre deixava materiais de estudo da Libras com o dono da *lan house* para ele me entregar. Sem nos conhecer pessoalmente, fomos mantendo contato e essa pessoa foi me ajudando. Hoje ela continua me incentivando e apoiando na produção desta tese.

De início, não vislumbrava trabalhar como intérprete de Libras, mas fiquei sabendo sobre um Exame de Proficiência, o Exame Nacional para Certificação de Proficiência no Ensino da Língua Brasileira de Sinais (Prolibras), e que, por meio dessa certificação, poderia ter minha fluência comprovada e poderia até trabalhar na área. A Libras já tinha sido oficializada como meio de comunicação e expressão das pessoas surdas, mas pouquíssimas pessoas surdas tinham acesso a um intérprete de Libras na

² *Lan house* é um estabelecimento comercial que oferece computadores para aluguel, com acesso à internet e a uma rede local.

minha cidade. Fiz o exame e, para minha surpresa, fui aprovada. Mais tarde, novamente prestei esse exame duas vezes, obtendo aprovação nessas edições também.

Ainda sem vislumbrar a possibilidade de trabalhar na área, devido à escassez de oportunidades, continuei trabalhando com minha mãe e estudando. Um dia, fui à escola onde cursei o Ensino Médio entregar um livro na biblioteca e a diretora me chamou. Ela me disse que estavam precisando de uma pessoa para atuar como intérprete de Libras. Como ela tinha conhecimento de que eu sabia Libras? Não sei, mas de algum modo ela prestou atenção em mim e viu meu potencial. Sou muito grata a essa diretora que me acolheu como aluna e mais tarde me acolheu como profissional da área da educação. Observei na divulgação da vaga que, para atuar como intérprete de Libras, no estado de Minas Gerais eu teria que ter uma autorização do Centro de Atendimento as Pessoas com Surdez - CAS. Esse certificado me possibilitaria participar de uma designação, processo em que um servidor é selecionado entre outros, mediante a sua capacitação e experiência.

Procurei pela cidade onde se localizava o CAS e andei bastante só para depois descobrir que essa instituição, naquela época, era na capital em Belo Horizonte. Mesmo sem o CAS, fui participar do processo de designação. Não fui selecionada na designação, pois havia outra profissional bem mais experiente que eu. Essa profissional, havia sido professora em uma classe especial só para surdos, por meio de uma parceria entre a Sociedade de Surdos e uma escola Municipal, ambas instituições de Araguari.

Com as mudanças na legislação, as escolas especiais e classes específicas para pessoas surdas foram extintas e esses professores passaram a atuar nas escolas em diferentes vertentes da educação inclusiva. Compreendi todo esse processo bastante tempo depois. Apesar de não conseguir a vaga, sinalizei meu interesse em atuar na área e demonstrei o conhecimento que tinha em Libras. Também mantive contato com essa professora mais experiente que me auxiliou na compreensão de como funcionava o processo de avaliação do CAS, entre outros aspectos referentes à função do profissional intérprete de Libras na educação de surdos.

Algum tempo depois, essa professora, por quem tenho muito carinho e admiração, precisou se ausentar da função de intérprete de Libras. Então, a diretora da escola entrou em contato comigo e marcou para mim o exame no CAS. Fui à referida instituição com o apoio de amigos queridos que me ajudaram a custear a viagem e de familiares que foram comigo. Chegando lá, passei por um exame de proficiência e recebi a autorização para

atuar. Acompanhei duas alunas surdas da 6^a série do Ensino Fundamental ao 3ºAno do Ensino Médio.

Durante o período em que atuei como intérprete na referida escola estadual, foi possível constatar a necessidade de formação específica que pudesse subsidiar minha atuação. Na época, não havia um curso de formação específica para tradutores e intérpretes de Libras amplamente difundido e que fosse acessível a todos os estados brasileiros. Foi nesse contexto, que surgiram os exames de proficiência Prolibras. Conforme abordado anteriormente, a partir de novos entendimentos sobre a Educação, um novo ordenamento jurídico se estabelece no Brasil e, com isso, a Educação Especial enfrenta um novo e grande desafio: trazer todos os alunos para as salas de aula comuns do ensino regular.

Diante do novo contexto de ensino, houve a necessidade de discutir diferentes aspectos a partir de vários olhares, teorias, conceitos, concepções, paradigmas e, com isso, emergiu a urgência de repensar a estrutura educacional como um todo. O processo de inclusão de alunos surdos iniciou antes de o Estado estar preparado para qualificar profissionais que estivessem aptos para atender a essa nova demanda.

Em relação ao processo de formação específica dos profissionais de Libras, este passou a ser pensado a partir da promulgação da Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua de Sinais Brasileira – Libras e dá outras providências. Tal legislação determina como dever, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

A sanção da Lei, em 2002, não significou a sua aplicação na prática. Os surdos continuaram à margem da educação escolar. A luta por uma educação que contemplasse a diferença linguística das pessoas surdas continuou. Diante desse fato, com o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10.436/2002, em seu capítulo cinco, trouxe elucidação sobre o processo de qualificação e formação do Tradutor/Intérprete de Libras. Tal legislação estabeleceu o prazo de dez anos, a partir de sua publicação, para promover formação de tradutores e intérpretes de Libras, em nível médio, a serem realizadas por meio de cursos de educação profissional, cursos de extensão universitária, e cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação. O primeiro curso

de formação de tradutores e intérpretes de Libras em nível superior surgiu em 2006 pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesse percurso, o período de 2005 a 2015, foi o prazo estimado para implantação da obrigatoriedade da formação de Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa (Tilsp). Conforme prescreve o Decreto 5.626/2005, os profissionais tradutores e intérpretes se submetiam aos exames avaliativos por meio do Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Tradução/Interpretação de Libras/Língua Portuguesa – Prolibras. Uma vez aprovado no referido exame, o profissional tradutor intérprete era certificado de sua condição, regularizando assim a sua atuação profissional.

Resumidamente, foi esse contexto de mudanças na educação de surdos com que me deparei em 2008, quando comecei a atuar como intérprete de Libras em uma escola da rede estadual de ensino, em uma cidade do interior mineiro. Diante das circunstâncias de atuação apresentadas e da necessidade por qualificação, como tradutora intérprete de Libras, busquei inicialmente um curso de graduação com o intuito de inserção profissional na área educacional. Uma vez que sempre atuei em contexto educacional, optei pelo curso de Pedagogia. Atuei por sete anos como intérprete educacional na educação básica e durante esse percurso foi possível constatar que a necessidade de formação específica como suporte à minha atuação não foi totalmente sanada.

No ano de 2013 a Universidade Federal de Uberlândia publicou um edital referente a um concurso público com a abertura de vagas para o cargo de tradutor e intérprete de Libras na instituição. Prestei o concurso com êxito na aprovação e assumi o cargo em março de 2014. Desde então, trabalho como tradutora e intérprete de Libras/Língua Portuguesa – Tilsp, no ensino superior. Apesar da breve caminhada profissional, ainda sinto, agora de forma mais pungente, a necessidade por qualificação profissional. Na busca por aprimoramento profissional, fiz curso complementação em Letras/Libras, Pós-Graduação Lato Sensu nas ênfases de Tradução e Interpretação da Libras e Docência da Libras, dentre outros cursos de aperfeiçoamento, seminários e eventos científicos. Essa vivência contribuiu para meu amadurecimento acadêmico na compreensão de que não há respostas prontas, nem uma receita para ser um bom tradutor e intérprete de Libras, a ser aplicada em todas as circunstâncias de atuação.

É inerente ao intérprete de Libras considerar as diversas dimensões envolvidas no processo de traduzir e interpretar. Algumas dessas dimensões envolvem ter domínio do conteúdo que será transposto na outra língua o que envolve selecionar o léxico que será

utilizado. O intérprete também precisará conhecer as especificidades do público atendido para fazer as adequações linguísticas necessárias à compreensão, uma vez que não adianta utilizar um arcabouço lexical apurado, mas que não seja usual dos assistidos na ocasião. E, é nesse sentido que surgem vários estudos sobre o que é necessário o intérprete ter para ser capaz de exercer seu papel. Passa-se a ser utilizado nesses estudos o termo “competência tradutória”.

Conforme várias pesquisas da área da tradução, muitas são as habilidades e competências que os tradutores e intérpretes de línguas de sinais lançam mão para desenvolver seu trabalho. Neubert (2000) apresenta cinco dimensões: competência linguística; competência textual; competência de sujeito; competência cultural e competência de transferência. Assim como em outros autores, Bell (1991) e Hatim e Mason (1997), é possível observar que os tradutores e intérpretes, de qualquer par linguístico, necessitam desenvolver conhecimentos e habilidades linguísticas. Isso torna necessário compreender as línguas em questão em seus aspectos gramaticais, lexicais e discursivos e em contexto comunicativo.

Em relação a Libras, devido ao seu reconhecimento recente, observamos em seus estudos, várias lacunas ainda não preenchidas, sobretudo nos aspectos de estudos descritivos da língua em contexto de uso. No intuito de amenizar essas lacunas, ingressei como aluna no curso de mestrado em Estudos Linguísticos em 2019, foi então que vi a oportunidade de contribuir com uma pequena pecinha desse grande quebra-cabeça que é a descrição da Libras em uso. Desenvolvi um estudo lexicológico da Libras em uso no contexto educacional de ensino superior da cidade de Uberlândia, articulando, especialmente, os aspectos morfológicos da Libras, a partir dos processos flexionais de gênero e número nos nomes. Ao considerar o amplo campo de investigação dos aspectos linguísticos da Libras, identificamos a possibilidade de contribuir em descrever os processos flexionais que se apresentaram em contexto de fala do surdo.

Apresento a seguir o resumo da dissertação de Bernardes (2020), intitulada '*Estudos do léxico da Libras: realização dos processos flexionais na fala do surdo*' desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Mestrado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisa teve como objetivo geral analisar e descrever os fenômenos de flexão de gênero e de número da Libras, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se fazem presentes no

uso corrente da Libras, considerando ainda os aspectos morfológicos e semânticos da Libras contemporânea. A fim de atingir esse objetivo, a nossa proposta foi a de levantar e categorizar os processos flexionais que se realizaram na fala de um surdo docente no Ensino Superior; e identificar e descrever as regras de combinação que organizam a flexão de gênero e de número nesses sinais.

Quanto ao quadro teórico metodológico, a pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa de base descritiva e adotou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, teórica e básica. Como aporte teórico, o trabalho embasou-se nas pesquisas de Aronoff (1997), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Azeredo (2008), Câmara Jr. (1970; 2002), Rocha (2008), em relação ao processo linguístico de flexão; e, nos estudos das autoras Felipe (1998), Ferreira Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004), em relação ao processo de flexão específicos da Libras.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada a partir de um roteiro flexível aplicado a um professor surdo que possui a Libras como primeira língua e ministra o seu ensino como segunda língua em cursos de graduação, ou seja, ele é usuário da Libras em ambientes formais e informais. A coleta dos dados se deu a partir de filmagem em contexto de fala do surdo participante da pesquisa, que foi analisada à luz do referencial teórico.

Como resultado da pesquisa, identificamos os mecanismos de flexão de gênero animado e inanimado, que, conforme Felipe (1998), se realiza por meio de morfemas classificadores que são afixados à raiz verbal ou nominal. Em relação aos mecanismos de gênero masculino e feminino, foi possível identificar que os sinais HOMEM e MULHER podem exercer funções diferentes dependendo do contexto, podendo também ser empregados como morfemas livres com sentido independente ou como afixos, pospostos ou antepostos a outros itens lexicais para marcar gênero. Com Aronoff (1997), foi possível constatar que as línguas de sinais possuem sim um sistema de flexão obrigatório, contudo elas se manifestam de forma particular em que as categorias flexionais, como o gênero, podem ser estabelecidas de forma irregular, ou seja, de forma não universal.

Em relação aos processos de flexão de número relacionados a nomes materializados em contexto de fala do surdo participante da pesquisa, identificamos o processo de modificação interna da raiz pelo mecanismo de incorporação de numerais de um até quatro; alterações no movimento e direcionalidade pela anteposição ou posposição de numerais e dos sinais VÁRIOS, GRUPO, MAIORIA, ALGUNS, além do sinal

MUITO indicado por Ferreira Brito (1995); anteposição ou posposição de classificador; e, também pela repetição do sinal.

Dentre os processos morfológicos de flexão (morfologia intrassegmentar, morfologia suprasegmentar e segmentar simultânea), identificamos o uso expressivo da morfologia segmentar pela composição sequencial ou linear dos sinais, que se articulam para produzir sentido plural. Pode-se dizer que o intuito pretendido para com a pesquisa foi atendido, que foi o de contribuir com a melhor compreensão dos processos de flexão nominal da Libras, e ainda, favorecer a difusão e o reconhecimento científico do status linguístico da Libras.

Porém, a pesquisa de mestrado suscitou outras questões que carecem de ser investigadas. No processo de levantamento e categorização dos processos flexionais, percebemos que muitos dos mesmos sinais exercem funções diferentes dependendo do contexto ou se realizam de forma diferente da gramática canônica. Dentre esses, o sinal VÁRIOS que usualmente exerce a função de pronomes indefinidos, que geralmente se referem à terceira pessoa do discurso de forma imprecisa e genérica, em certa sentença pospostos a um substantivo, também assumiu sentido plural, expressando uma quantidade indefinida e variada.

É possível observar essa situação na sentença ALUN@ CANSAD@ PORQUE DISCIPLINA VÁRIOS DIFÍCIL. Podemos segmentar essa sentença em duas partes, ALUN@ CANSAD@ e DISCIPLINA VÁRIOS DIFÍCIL, que estão unidas pela conjunção explicativa PORQUE. Diferente da estrutura gramatical da Língua Portuguesa em que as orações devem possuir verbos, nessa sentença em Libras observamos a ausência de verbos de ligação, do verbo ESTAR usado para descrever estados. Porém, podemos segmentar a sentença em duas orações devido aos seus sentidos independentes que se unem com o intuito de explicar sobre o que foi dito anteriormente. Portanto, podemos concluir que se trata de orações coordenadas.

Nessa sentença, podemos identificar ALUN@ como o sujeito da primeira oração e CANSAD@ seu atributo (adjetivo de ALUN@); PORQUE a conjunção coordenativa explicativa; DISCIPLINA substantivo que foi topicalizado para justificar o motivo do cansaço; VÁRIOS pronome indefinido que se refere à DISCIPLINA, e que nessa sentença, também indicou quantidade variada e extraordinária; DIFÍCIL uma adjetivação da circunstância descrita anteriormente, a fim de completar o sentido do contexto desfavorável, quase que reforçando a informação anterior. Nesse caso, o pronome

indefinido VÁRIOS não faz menção a ALUN@, mas sim, se refere à DISCIPLINA e se articula com esse segundo substantivo para produzir os efeitos de sentido plural, assim como em PESSOA VÁRI@S LIBRAS APRENDER CONSEGUE indica indefinição e o plural de PESSOA na sentença.

Observar a complexidade na descrição dos processos flexionais, sobretudo ao nomear os sinais quanto a sua classificação, indicou a necessidade de pesquisas na área. Portanto, a presente tese se propõe a analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e combinatórias em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior. A pesquisa de cunho descritivo se inscreve nos campos da sintaxe, morfologia e semântica, como fundamentos primários de classificação.

Com o suporte oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, na oferta da linha de pesquisa '*Teoria, descrição e análise linguística*', me empenho nessa empreitada com o apoio da minha orientadora que atualmente é a única professora bilíngue – Língua Portuguesa e Libras, fluente na língua de sinais, do referido programa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. A seguir, apresento os aspectos introdutórios da presente tese.

1.2 Aspectos introdutórios

Nesta seção da tese, iniciaremos a discussão sobre os processos de classificação dos sinais da Libras. Para tanto, vamos explorar os conceitos e os fundamentos dos processos de classificação ou categorização que são recorrentes tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais. Nesta seção, vamos expor os objetivos (geral e específicos), as justificativas e o método escolhido que direcionaram as ações de coleta e análise de dados, bem como outros elementos que proporcionam uma visão geral do recorte sobre a temática desenvolvida. Também apresentaremos a importância e a delimitação dessa pesquisa, a partir de um levantamento dos estudos desenvolvidos na área descritiva da Libras que se articulam com o tema da pesquisa.

Na linguística, as palavras são definidas e divididas em classes. Sempre que se estuda uma língua, faz-se necessário distinguir e classificar as palavras constituintes dessa língua. Isso ocorre por motivo de “qualquer conjunto de entidades que tem uma função apresenta-se organizado em uma classe” (Neves 2006, p. 01). Nesse caminho, Schwager e Zeshan (2008) argumentam que uma das prioridades na descrição de línguas orais não

documentadas é determinar as classes de palavras e suas propriedades, em geral essa é uma das primeiras tarefas.

Em relação às línguas de sinais, esses autores apresentam estudos que buscam a proposição de classificação nessas línguas a partir de princípios de Partes do seu Sistema de Fala – PoS. Eles adotam um arcabouço teórico, segundo o qual a atribuição de classes de palavras em qualquer língua de sinais deve ser feita em uma língua específica, mas com critérios aplicáveis a várias outras.

No processo de desenvolvimento de critérios para a atribuição de classes de palavras nas línguas de sinais, Schwager e Zeshan (2008) escolheram critérios relevantes não apenas para as línguas de sinais, mas também para as línguas orais. Em relação à análise das partes do discurso, os autores identificam que os níveis semânticos, morfológicos e sintáticos das unidades de palavras são distintos e entram em uma parte da análise da fala sinalizada nas línguas de sinais.

Sobre distinguir classes de palavras com base em critérios morfológicos, Schwager e Zeshan (2008) afirmam que é possível apenas para línguas que possuem processos apropriados de flexão e/ou aglutinação. Visto que as línguas de sinais também possuem um grande número de lexemas não-flexíveis, Erlenkamp (2000, *apud* Schwager e Zeshan, 2008) esclarece que estes são sempre específicos de cada língua. Assim, um determinado processo morfológico pode ocorrer em uma língua de sinais, mas estar ausente em outra.

Delineamos o nosso estudo a Língua de Sinais Brasileira - Libras, que é o meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil, cujo sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria. Sendo assim, a Libras constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002). A estrutura lexical da Libras, assim como de outras línguas de sinais, é composta principalmente, com base na simultaneidade (Ferreira Brito, 1995; 2010).

Com base nesse argumento, os cinco parâmetros da Libras são: Configuração de Mão – CM, Movimento – M, Ponto de Articulação – PA, Orientação – O, Expressão Facial/corporal ou Expressão não-manual – EF. Em termos práticos, a Figura 1 ilustra a combinação desses parâmetros na formação do sinal, sendo posteriormente apresentada de forma minuciosa.

Figura 1: SURD@



Fonte: A própria autora

Descrição da imagem quanto aos parâmetros da Libras
CM - Forma da Mão, mão fechada dedo indicador estendido
O – Palma da mão fechada direcionada para frente em relação a lateral da face
PA – Ponto de articulação na face, dedo indicador próximo ao ouvido e em seguida redirecionado próximo a boca
M – Movimento semicircular
EF – Expressão facial neutra

As línguas de sinais são línguas completas, complexas, de modalidade gestual-visual e possuem o espaço como canal de comunicação. O que difere as modalidades de língua não está no uso do aparelho fonador ou das mãos no espaço, de acordo com Ferreira Brito (1995; 2010). A diferença básica entre as línguas de sinais e as línguas orais está nas características na organização/combinação de seus elementos mínimos (organização fonológica), sendo a linearidade mais empregada nas línguas orais e a simultaneidade como sendo característica básica das línguas de sinais (Ferreira Brito, 1995; 2010).

Nesse respeito, dentre os níveis linguísticos, cabe destacar que as línguas de sinais são organizadas a partir de uma morfologia complexa, cuja estrutura morfológica é baseada na simultaneidade, no sentido de que os diferentes morfemas de uma palavra são sobrepostos simultaneamente um ao outro, em vez de ficarem juntos, como costumam ser os das línguas faladas oralmente (Aronoff; Meir: Sandler, 2005). Schwager e Zeshan (2008) explicam que estabelecer critérios para classificação de sinais em línguas de sinais é uma tarefa muito desafiadora.

Logo, até então, havia poucos precedentes na literatura de pesquisa sobre linguística das línguas de sinais. Os autores argumentam que essa tímida atenção das pesquisas se dava em função da pouca ou quase nenhuma tentativa de identificar classes de palavras em línguas de sinais individuais, ou quando isso ocorria, era agravado por sérios problemas teóricos conceituais.

Para se realizarem os fenômenos de classificação de sinais, diferente das línguas orais, como na Libras, há mecanismos de mudança de um ou mais parâmetros que evidenciam a exploração do espaço, por meio da simultaneidade, para a inclusão de informações gramaticais no item lexical (Ferreira Brito, 1995; 2010). Assim sendo, por meio de uma análise morfológica, é possível identificar a classe gramatical dos elementos que formam um enunciado linguístico individualmente, sem que haja ligação entre eles.

Também é importante considerar que a função dos sinais pode variar a partir de alterações morfológicas sutis que interferem no sentido que adquire dentro do contexto. Conforme Quadros e Karnopp (2004), a Libras pode derivar nomes de verbos pelo processo de concatenação ou nominalização. Nessa direção, as relações morfológicas, semânticas e sintáticas das classes gramaticais estão relacionadas ao sentido que o sinal recebe a depender da relação de função que desempenha na estrutura sintagmática.

Acreditamos que considerar os aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos possa contribuir para a identificação e descrição da realização de outras classes gramaticais menos mencionadas nas pesquisas descritivas da Libras, tais como, artigos, preposições, conjunções. Sendo assim, é na busca por compreender como se realizam os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores³, que se encontra o cerne da nossa pesquisa.

Nesse contexto, partimos do princípio de que, com uma gramática própria, o léxico das línguas de sinais, no nosso caso a Libras, possui uma estrutura complexa de combinação, articulação e organização nos enunciados que não são encontradas nas línguas orais. E que os processos de classificação dos sinais se dão considerando as particularidades de cada língua. Diante do exposto, questionamos: Como o fenômeno da classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, se realiza na fala do surdo?

³ Os articuladores são itens com função semântica e sintática de unir elementos para compor enunciados e que integram as categorias combinatórias. Definições e conceitos sobre esses itens serão aprofundados ao longo desta tese.

Na busca por respostas a essa pergunta de pesquisa, o **objetivo geral** para esse estudo é o de analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se faz no uso corrente da Libras. Além disso, considerando a descrição linguística de aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos da Libras contemporânea, em **específico**, buscamos:

1. Levantar os processos de classificação de sinais realizados na fala dos surdos participantes da pesquisa;
2. Analisar esses processos de classificação a partir da função que os sinais exercem no contexto de fala, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos; e,
3. Identificar e descrever na fala sinalizada dos participantes da pesquisa, as regras de combinação e organização dos sinais a partir do emprego de determinantes e articuladores.

Os participantes da pesquisa são surdos que atuam como docentes de Libras nos cursos de licenciatura em uma universidade do interior de Minas Gerais, tendo o contexto acadêmico como cenário de coleta de dados. A delimitação dos participantes da pesquisa se torna necessária, tendo em vista que atualmente há, pelo menos, mais de uma língua de sinais utilizada em território brasileiro, além das variações, inclusive regionais, da Libras. Portanto, reconhecemos a necessidade de delimitar o cenário de coleta de dados e especificar os participantes da pesquisa. Os participantes da pesquisa são docentes surdos, usuários da Libras, língua de sinais utilizada majoritariamente pela comunidade surda brasileira.

O desejo de contribuir com os estudos na área da descrição dos aspectos morfológicos da Libras e a pouca ênfase dada ao tratamento dos processos de classificação de sinais dessa língua em contexto de uso é o que justifica esta pesquisa. E ainda, considerando a imensidão do campo de investigação nos limites da morfologia das línguas de sinais, sobretudo no campo da classificação de sinais, entendemos que há muito ainda a se investigar e descrever sobre a Libras.

Além disso, encontramos justificativa também no fato de que os estudos descritivos sobre a Libras podem contribuir para potencializar a sua difusão e garantir sua perenização na linguística e na história, restando óbvia a necessidade de se continuar a

investir nas pesquisas no que diz respeito a Libras. Sendo assim, é no sentido de alimentar o interesse científico pela estrutura da Libras em seu aspecto de classificação de sinais, descrevê-la documentando e registrando os seus fenômenos linguísticos e as regras que regem a organização de sua estrutura, o que mais justifica a pesquisa.

Cabe destacar que, para esse estudo, tomamos a análise de aspectos típicos da Libras tendo como referência alguns conhecimentos sobre as produções e percepções das línguas orais, como a Língua Portuguesa, por exemplo. Conforme aqui relatado, a Libras, assim como as demais línguas de sinais, é uma língua natural, que, portanto, possui estrutura regida por princípios universais. Assim, dada a sua especificidade, há diversas propriedades que ora são encontradas, ora não são encontradas nas línguas orais, ou seja, que realizam de modo próprio e diferente da forma como se realizariam nas línguas orais.

Devido a essas circunstâncias, a base de referência de nossa análise tomou aspectos teóricos das línguas orais apenas como comparativos de princípios e parâmetros no sentido de identificar e descrever os fenômenos linguísticos da Libras que são recorrentes na Língua Portuguesa, como o processo de organização das palavras em classes no processo de comunicação sinalizada. Assim, reconhecemos que as línguas possuem modalidades distintas com gramática própria.

Com a finalidade de apresentar uma visão geral acerca do recorte sobre a temática desenvolvida, trataremos a seguir sobre algumas noções e conceitos que caracterizam e delimitam a pesquisa. Tais termos e expressões chave conduzirão nossas ações de coleta e análise de dados deste estudo, a saber: classificação ou categorização, classe de palavras, categorias lexicais e gramaticais, categorias determinativas e articulatórias ou combinatórias. Para essa seção, elegemos o Dicionário de Linguística de autoria de Jean Dubois e outros autores, publicado pela Editora Cultrix no ano de 2007. Essa escolha se deu pelo fato de essa obra acolher todas as grandes correntes teóricas na elaboração de enunciados explicativos, os quais podem ser aplicados para grande parte das línguas naturais, inclusive, inúmeras línguas de sinais, servindo de guia norteador conceitual.

Iniciaremos pelo termo ‘classificação’, tema central do nosso estudo que, de acordo com Dubois *et al.* (2007), a “classificação é uma operação linguística que consiste em distribuir unidades linguísticas em classes ou categorias que tem as mesmas propriedades distribucionais, semânticas, ...” (Dubois *et al.*, 2007, p.112). Para a referida obra, o processo de classificação, nesses termos, se relaciona com o processo de categorização que, conforme definido pelos autores, “é uma operação que, ao mesmo

tempo que segmenta a cadeia em elementos descontínuos, consiste em classificar esses elementos em categorias gramaticais ou lexicais, segundo as propriedades distribucionais que eles possuem” (Dubois *et al.*, 2007, p.103).

Nessa direção, conforme Dubois *et al.* (2007), as categorias sintáticas (substantivo, adjetivo, verbo, entre outras) são lexicais, porque os membros dessas classes são morfemas lexicais. Já o tempo, a pessoa, o número e o gênero são categorias gramaticais, porque os membros dessas classes são morfemas gramaticais. Conforme a obra, as categorias lexicais são primárias, as gramaticais são secundárias, (Dubois *et al.*, 2007, p.102). Assim, as categorias principais ou sintáticas definem os constituintes de uma sentença segundo seu papel na frase; o sintagma nominal e o verbal, constituintes imediatos da frase, são categorias sintáticas ou de primeira ordem. Já as partes do discurso (ou espécie de palavras), constituintes dos sintagmas, são categorias de segunda ordem. As categorias gramaticais definem as modificações que os membros das categorias de segunda ordem podem sofrer em função do gênero, número, pessoa e outros.

Dubois *et al.* (2007) elucida que o termo ‘categoria’ pode confundir-se com ‘classe’. A definição da palavra ‘classe’ no referido dicionário aparece com várias acepções, de modo que pode ser entendido que possui um sentido mais amplo. Com isso, vamos delimitar, para essa pesquisa, a compreensão de que o termo ‘categoria’ designa uma ‘classe’, cujos membros figuram nos mesmos ambientes sintáticos e mantêm entre si relações particulares (Dubois *et al.*, 2014, p.102).

Ainda com os estudos de Dubois *et al.* (2007), os autores apresentam um conceito mais amplo de classe, como um conjunto de objetos ou acontecimentos linguísticos que têm uma ou mais propriedades comuns. Nessa condição, uma *classe gramatical* será definida como o conjunto de unidades que têm a mesma possibilidade de aparecer num dado ponto do enunciado. A potencialidade de ocorrência permitirá constituir classes a partir da consideração de um *corpus* (Dubois *et al.*, 2007, p.108). A *classe de palavras*, conforme o autor, em linguística estrutural e distribucional, é a categoria de palavras definidas por distribuições análogas em quadros de frase previamente determinados. Desse modo, definir-se-á uma classe de determinantes pela posição exclusiva que ela tem em determinada língua, como de preceder uma outa categoria, os substantivos (Dubois *et al.*, 2014, p.109).

Conforme os autores, as classes de palavras substituem as partes do discurso da gramática tradicional. Dubois *et al.*, (2007) definem que,

Chama-se partes do discurso, ou espécie de palavras, às classes de palavras (ou categorias léxicas) definidas sobre a base de critérios sintáticos (definição formal) e sobre a de critérios semânticos (definição formal), e sobre critérios semânticos (definição notacional) (Dubois *et al.*, 2007, p. 458).

Semanticamente, cada parte do discurso está associada a uma significação particular ou a uma referência ao mundo exterior. Com isso, os nomes designam as pessoas, os objetos ou as situações – são os substantivos. Os verbos e os adjetivos, agrupados sob o nome de verbais, designam processos e estados. Os verbos indicam sobretudo processos, enquanto os adjetivos indicam qualidades (ou atributos). Semelhante aos adjetivos, os advérbios expressam circunstância de tempo, modo, lugar, qualidade e outros, porém concernente ao processo (verbo). Dubois *et al.* (2007) apresentam que o nome forma a categoria primária; associado ao verbo ou ao adjetivo (com a cópula), que formam as categorias secundárias, o que constitui a frase. De acordo com os autores, o advérbio é uma categoria de terceiro grau, porque se combina a um verbo ou a um adjetivo.

Sintaticamente, conforme Dubois *et al.* (2007), as classes são definidas, primeiramente, pelo papel recíproco das palavras na constituição das frases – o nome (núcleo do sintagma nominal) se associa a um verbo (núcleo do sintagma nominal) para formar a frase; segundo, as classes se distinguem pela especificidade das flexões, modificação da palavra conforme sua função sintática, seu modo específico de referência. Por exemplo, os nomes suportam as categorias gramaticais de gênero e número, enquanto os verbos suportam as categorias gramaticais da pessoa e do tempo, em determinadas línguas.

Para Dubois *et al.* (2007), é o papel sintático que determina as classes dos nomes, pronomes, verbos, adjetivos, artigos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Em Dubois *et al.* (2007) não trata, nessa parte, da classe dos numerais. É a ausência ou presença de flexão que vai distinguir as espécies de palavras entre as variáveis e invariáveis.

Na literatura da área da Libras, não há um consenso sobre a estrutura padrão da língua, ora apresenta estrutura canônica SVO (substantivo, verbo, objeto), ora a estrutura apresentada é topicalizada, há, portanto, uma variedade de organizações das palavras nas frases que são aceitáveis pelos usuários. Assim, a partir do processo de classificação de

palavras usual se torna difícil definir uma dada classe a partir da posição que a palavra ocupa na frase, visto que as palavras não possuem uma posição exclusiva, aplicável em todas as circunstâncias de produção, e podem exercer mais de uma função, fica difícil prever qual classe de palavra deve preceder a anterior.

Nesse viés, buscamos agregar mais elementos para identificação do fenômeno de classificação dos sinais, considerando as categorias determinativas e combinatórias ou articuladoras na Libras. Reconhecemos a importância da gramática tradicional, na possibilidade de análise e descrição considerando também aspectos semânticos, sintáticos e outros níveis da língua. Dando prosseguimento no processo de delimitação da pesquisa, caracterizando os elementos de uma visão geral do recorte sobre a temática desenvolvida, cabe tratar sobre as classes dos determinantes e articuladores. Conforme Dubois *et al.* (2007),

I Em sentido lato, determinantes são os constituintes do sintagma nominal que dependem do substantivo, cabeça ou constituinte principal do sintagma nominal. Nesse caso, os determinantes são os artigos, os adjetivos, os complementos nominais; são os elementos que atualizam o substantivo (determinado), que lhe dão as suas determinações.

II Em sentido mais restrito ou mais recorrente, os determinantes formam uma classe de morfemas gramaticais que dependem, em gênero e número, do substantivo que especificam. Os determinantes são: os artigos, os possessivos, os demonstrativos, os adjetivos interrogativos, relativos e indefinidos, os numerais. (Dubois, *et al.*, 2014, p.180).

Já os articuladores são definidos por Dubois *et al.* (2007) como sendo morfemas ou combinações de morfemas que indicam as relações lógicas entre as frases, ou dentro delas, entre seus constituintes. Por exemplo, conjunções como "e", "ou", "mas", entre outras, e advérbios como, "entretanto", "também", "tampouco", etc., funcionam como articulações lógicas. Ao encontro desses pesquisadores, (2007), Azeredo (2018) apresenta que certas unidades se articulam na expressão de um evento ou fato. Compreendemos que essas unidades específicas responsáveis por unir os elementos e organizá-lo em enunciados em uma sequência lógica, compõem a categoria combinatória.

Para Azeredo (2008), as categorias combinatórias podem ser sintáticas ou semânticas. Assim, certas unidades contraem no contexto da frase, a medida em que cada uma se acha na presença da outra; semanticamente ou tematicamente - 'agente de', 'paciente de', 'lugar de', ou sintaticamente 'sujeito de', 'complemento de', 'adjunto de'. Em relação, propriamente ao processo de combinação, Dubois *et al.* (2007) apresenta

como o processo pelo qual uma unidade da língua entra, no plano da fala, em relação com outras unidades realizadas também no enunciado. Esse conceito mais amplo envolve compreender “o sintagma como a combinação de diversos elementos num enunciado” (Dubois *et al.*, 2007, p.116).

Os conceitos-chaves aqui destacados proporcionaram uma visão geral sobre o recorte temático da pesquisa. Porém, cabe destacar que esses conceitos serão mais bem explorados e aprofundados nas seções que comporão a fundamentação teórica, que serão apresentadas ao longo dessa tese. Nesta seção vamos nos ater a apresentar a delimitação da pesquisa.

Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo foi circunscrito na pesquisa descritiva e teórica e contou com uma revisão bibliográfica da temática de estudo, quais sejam, textos referentes ao processo de classificação, em específico das categorias determinativas e combinatórias. A pesquisa teórica é de natureza básica que, ao encontro de Demo (2000) está dedicada a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, polémicas, no intuito de aprimorar fundamentos teóricos.

Utilizamos o referencial teórico deste estudo com base em um conjunto de pressupostos teóricos que norteiam o trabalho descritivo das línguas de sinais e da Libras, sobretudo evolvendo os aspectos sintáticos, semânticos e dos processos morfológicos de formação e composição dos sinais desenvolvidos por Aronoff (1997), Meir e Sandler (2005), Ferreira Brito (1995; 2010), Quadros e Karnopp (2004), assim como os pressupostos teóricos dos processos de classificação de palavras nas línguas orais, em específico da Língua Portuguesa, e de classificação nas línguas de sinais desenvolvidos por Azeredo (2008; 2018), Câmara Jr. (1970; 2002), Neves (2006) e Schwager e Zeshan (2008).

Todos esses trabalhos apresentam contribuições para os estudos a respeito do processo de classificação dos sinais. Esses estudos, entre outros, fundamentaram nossas ações de coleta de análise de dados no âmbito dos estudos dos aspectos descritivos das línguas de sinais e da classificação dos sinais com ênfase nas categorias dos determinantes e articuladores, que se inscrevem nos campos da sintaxe, morfologia e semântica, como fundamentos primários de classificação

Esta tese é delineada em consonância com a linha de pesquisa Teoria, Descrição e Análise Linguística do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, e se articula ao tema Descrição e Sociolinguística da Libras. A linha congrega projetos de docentes e discentes que

desenvolvem estudos analítico-descritivos de línguas e suas variedades em diferentes planos e níveis de constituição, sendo a parte da descrição a que o presente estudo contempla.

A pesquisa está ligada ao Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e à Distância e Tecnologias – GPELET⁴ sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Eliamar Godoi. Criado no ano de 2014 e certificado pelo CNPQ, o GPELET tem estimulado a produção de conhecimento por meio do desenvolvimento de pesquisas em diferentes perspectivas por meio de um elemento que confluí as cinco linhas do grupo de pesquisa: a inclusão e a acessibilidade da pessoa com deficiência.

As produções científicas deste grupo de estudo têm apresentado contribuições relevantes desde a sua criação até a atualidade, como é possível verificar no Quadro 1.

Quadro 1: Teses e Dissertações defendidas por pesquisadores integrantes do GPELET de 2014 a 2025

	PESQUISADOR	TÍTULO	MESTRADO DOUTORADO	ANO
1	Aparecida Rocha Rossi	O Ensino de Libras na Educação Superior: Ventos, trovoadas e brisas – UFU	Mestrado	2014
2	Rosane Cristina de Oliveira Santos	O espaço comunicativo do Aposentado na UFU – UFU	Mestrado	2014
3	Carla Regina Rachid Otavio Murad	A tradução como mediação em contexto jornalístico: uma análise textual discursiva de textos de opinião da Seleções do Reader's Digest	Doutorado	2014
4	Lucio Cruz Silveira Amorim	Políticas educacionais de inclusão: a escolarização de Surdos em Uberlândia - MG – UFU	Mestrado	2015
5	Paulo Sérgio de Jesus Oliveira	O movimento surdo e suas repercussões nas políticas educacionais para a escolarização de surdos – UFU	Mestrado	2015
6	Wandelcy Leão Junior	História das instituições educacionais para o deficiente visual: o instituto de cegos do Brasil central de Uberaba (1942- 1959) – UFU	Mestrado	2015
7	Soraya Bianca Reis Duarte	Validação do WHOQOL- Bref/Libras para avaliação da qualidade de vida de pessoas surdas – UFG	Doutorado	2016
8	Telma Rosa de Andrade	Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/aprendiz de português L2 UNB	Mestrado	2016
9	Elaine Amélia de Moraes Duarte	Tenho uma aluna surda: experiências de ensino de Língua Portuguesa em contexto de aula particular – UFU	Mestrado	2017

⁴ Para mais informações sobre o GPELET, acessar:
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0770069618391261>

10	Flavia Medeiros Álvaro Machado	Formação e Competências de Tradutor e Intérprete de Língua em interpretação simultânea de Língua Portuguesa-Libras: estudo de caso em câmara de deputados federais – UCS	Doutorado	2017
11	Lucas Floriano de Oliveira	Elementos avaliativos em comentários de blogs de ensino de português para surdos sob a perspectiva do sistema de avaliativa – UFG	Mestrado	2017
12	Mara Rúbia Pinto de Almeida	Narrativas de sujeitos surdos: relatos sinalizados de uma trajetória – UFU	Mestrado	2017
13	Paulo Celso Costa Gonçalves	Políticas públicas de livro didático: elementos para compreensão da agenda de políticas públicas em educação no Brasil – UFU	Doutorado	2017
14	Rogério da Silva Marques	O profissional Tradutor e Intérprete de Libras Educacional: desafios da política de formação profissional – UFU	Mestrado	2017
15	Eloá Tainá Costa da Rosa Moraes	O professor de Língua Portuguesa para o aluno surdo: identificações e representações – UFU	Mestrado	2018
16	Letícia de Sousa Leite	Mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior no âmbito da Linguística Aplicada – UFU	Mestrado	2018
17	Márcia Dias Lima	As Políticas de Acessibilidade dos Livros Didáticos em Libras – UFU	Mestrado	2018
18	Marisa Dias Lima	Política Educacional e Política Linguística na Educação dos e para os Surdos – UFU	Mestrado	2018
19	Waldemar dos Santos Cardoso Junior	Oficina pedagógica de escrita para surdos usuários da Libras - PUC/SP	Doutorado	2018
20	Guacira Quirino Miranda	Talentos Esportivos no Ensino Fundamental: (Re)Pensando as Altas Habilidades ou Superlotação no esporte – UFU	Doutorado	2018
21	Késia Pontes de Almeida	Do assistencialismo à luta por direitos: as pessoas com deficiência e sua atuação no processo de construção do texto Constitucional de 1988 – UFU	Doutorado	2018
22	Renata Altair Fidelis	Desenvolvimento Profissional e formação contínua de professores: contribuições do mestrado em educação – UFU	Mestrado	2019
23	Josimar Soares da Silva	Práticas de compreensão leitora no ensino médio: o leitor, o sentido e o texto na sala de aula	Mestrado	2019
24	Angélica Rodrigues Gonçalves	Produção escrita de alunos surdos de escola inclusiva: um estudo contrastivo português / Libras	Mestrado	2019

25	Naiane Ferreira Souza	Processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática nas Escolas Prisionais: Perspectivas e Possibilidades – UFG	Mestrado	2020
26	Raquel Bernardes	Estudos do léxico da Libras: realização dos processos flexionais na fala do surdo	Mestrado	2020
27	Andrelina Heloísa Ribeiro Rabelo	Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais	Mestrado	2020
28	Viviane Barbosa Caldeira Damacena	Escrita e interação: Uma proposta de ensino de língua portuguesa como L2 para surdos	Mestrado	2020
29	Pedro Henrique de Macedo Silva	A família como fator de apoio à aquisição da Libras por crianças surdas	Mestrado	2021
30	Tayná Batista Cabral	Um estudo sobre a subcompetência estratégica no processo de interpretação em Língua Portuguesa - Língua Brasileira de Sinais	Mestrado	2021
31	Eni Catarina Da Silva	Língua Portuguesa e a Expressão Escrita De Surdos	Mestrado	2021
32	Kássio Silva Cunha	Associação entre iniciação sexual precoce e coocorrência de comportamentos de risco à saúde: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar -PeNSE 2015	Mestrado	2021
33	Kleyver Tavares Duarte	A Formação dos Professores de Surdos para a EJA: Uberlândia de 1990 a 2005	Doutorado	2022
34	Ana Beatriz da Silva Duarte	Vida fecunda, obra imperecível: Ana Rímol de Faria Dória à frente do Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1951-61.	Doutorado	2022
35	Victor Sobreira	Análise de Performance na Localização de Bugs apoiada pela Dissecção de Conjuntos de Dados	Doutorado	2022
36	Marisa Pinheiro Mourão	Corpo, deficiência e inclusão escolar em teses na Educação em Ciências (2008-2018)	Doutorado	2022
37	Andreia Cristina da Silva Costa	Pedagogia Visual na aprendizagem da escrita do aluno surdo	Mestrado	2022
38	Antônia Aparecida Lopes	O Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras a Ouvintes pela Perspectiva da Abordagem Intercultural	Mestrado	2022
39	Helano da Silva Santana Mendes	O profissionalismo digital para tradutores e intérpretes de língua de sinais	Mestrado	2022
40	Juliano Marques	O psicólogo escolar e a demanda linguística na escolarização de alunos surdos	Mestrado	2023
41	Juliana Prudente Santana do Valle	Práticas de ensino de língua portuguesa para surdos em escolas bilíngues: possibilidades de aprendizagem	Mestrado	2023

42	Telma Rosa de Andrade	Sistema pronominal e tipologia verbal na língua brasileira de sinais	Doutorado	2023
43	Suely André de Araújo Drigo	Aspectos metodológicos e funcionais do atendimento educacional especializado para surdos em uma escola inclusiva	Mestrado	2023
44	Angélica Rodrigues Gonçalves	De atividades gamificadas ao portlibras: uma investigação sobre a criação de jogos para o ensino de português em uma escola inclusiva	Doutorado	2023
45	Heverton Rodrigues Fernandes	A audiodescrição, os textos alternativos e as Tecnologias de Informação e Comunicação: um estudo acerca da escolarização das pessoas com deficiência visual	Mestrado	2023
46	Márcia Dias Lima	Política de Formação de Professores para Educação Bilíngue de Surdos	Doutorado	2024
47	Letícia de Sousa Leite	Processos avaliativos e os mecanismos de avaliação da aprendizagem de surdos no âmbito da pós-graduação	Doutorado	2024
48	Aparecida Rocha Rossi	Marcos e possibilidades da Escola para Surdos professora Dulce de Oliveira de Uberaba - Mg: Proposta de Léxico Alfabetico Bilíngue (Libras/Português) de sinais-termo da Educação Bilíngue de Surdos	Doutorado	2025
49	Lucas Floriano de Oliveira	Escola bilíngue para surdos e o ensino de línguas: diversidade surda e as políticas públicas de inclusão	Doutorado	2025

Fonte: elaborado pela autora com base em Leite (2024) e atualizado pela autora

Dentre as quarenta e nove (49) produções supracitadas, quatro (04) produções estão relacionadas com a presente pesquisa. Dessas, três (03) produções se articulam com a área de análise descritiva da Libras. Todavia, estes trabalhos englobam diversos aspectos da língua e em âmbitos diferentes do apresentado neste estudo. E, conforme já apresentado, a dissertação intitulada *Estudos do léxico da Libras: realização dos processos flexionais na fala do surdo*, de minha autoria, suscitou questionamentos sobre o processo de classificação dos sinais na Libras que serviram de base para o aprofundamento de estudos e, consequentemente, produção da presente tese.

Apresentamos os três (03) estudos que estão relacionados à análise e descrição dos aspectos linguísticos e gramaticais presentes na interlíngua Libras e Língua Portuguesa na modalidade escrita dos surdos, a saber:

1) A dissertação, *Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/aprendiz de português L2 – UNB*, de autoria surda, produzida por Telma Rosa de Andrade e defendida em 2016, investigou o uso dos pronomes na interlíngua de surdos aprendizes de português (L2), que utilizam a língua de sinais brasileira (Libras) como a primeira língua (L1). A fim de identificar e compreender o processo de interlíngua, a pesquisadora pontuou que nas línguas de sinais, os pronomes são realizados pela apontação no espaço de sinalização e também pela orientação do olhar, já na Língua Portuguesa, os pronomes assumem formas diferentes se estão na posição de sujeito ou de complemento.

A pesquisa adotou a abordagem da teoria gerativa e a hipótese de que a L1 é o estado mental inicial no desenvolvimento da L2. Nessa direção, verificou-se o uso dos pronomes nos dados de aquisição de português L2 (escrito) nas seguintes condições: preenchimento de lacuna com o pronome sujeito, com verbo flexionado, em contexto de sentença e preenchimento de lacuna com o pronome sujeito, com verbo flexionado, em contexto de diálogo. Na coleta dos dados, adotando uma perspectiva transversal, admitiu que o *input* linguístico da aquisição aumentaria em função do nível acadêmico dos participantes, contudo, constatou-se que não existe diferença significativa nos resultados em função do nível acadêmico, mas, no total, existem mais acertos nas séries finais.

Verificou-se também que o traço semântico de animacidade do referente é uma propriedade relevante na aquisição do sistema pronominal, pois os participantes usaram o pronome preferencialmente para substituir o referente do tipo [+animado]. A maioria dos participantes apresentou dificuldades no uso de pronomes para substituir referentes do tipo [-animado]. Apresentaram dificuldade, também, no uso dos pronomes de 1^a e 2^a pessoas, em contexto de sentença, mesmo com o verbo flexionado. Como resultado da pesquisa, constatou-se que sistema pronominal nas duas línguas é significativo. Concluiu-se que as inadequações no uso do sistema pronominal na interlíngua dos surdos aprendizes de português L2 indicam que há interferência da L1. Essa interferência pode ser explicada pelo papel das dêixis, obrigatoriedade nas três pessoas em Libras, mas não no português, na indicação do referente por meio do movimento direcional e da orientação do olhar.

2) A dissertação de Angélica Rodrigues Gonçalves, *Produção escrita de alunos surdos de escola inclusiva: um estudo contrastivo português / libras*, realizado em 2019. Com a pesquisa, a autora propôs analisar elementos de L1 e L2, presentes na escrita de alunos surdos do ensino médio de escola inclusiva, que pudessem sinalizar o nível de

interlíngua em que esses alunos escreviam, analisando que interferências que poderiam ser significativas, para justificar o desenvolvimento de novas estratégias e metodologias de ensino a esses alunos. A pesquisa qualitativa descritiva, de estudo de caso, teve como instrumentos de pesquisa: as redações realizadas pelos alunos, as observações das aulas; e, as entrevistas semiestruturadas de todos os participantes (professora e estudantes). Utilizando a análise contrastiva, foi possível identificar elementos dos vários níveis linguísticos como sintático, fonológico e morfológico, na busca por verificar se os alunos se aproximavam mais da L1 ou da L2 no processo de interlíngua, além de perceber elementos que possivelmente tendem a fossilização na interlíngua, caso não sejam trabalhados na sala de aula.

3) A dissertação de Andrelina Heloisa Ribeiro Rabelo, *Libras e o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais*, de 2020. A proposta do trabalho é descrever e analisar o fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais, pautada nos aspectos morfológicos, fonológicos e sintáticos. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva e a coleta de dados foi realizada a partir da análise de alguns vídeos disponibilizados no acervo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. A partir dos conceitos propostos pela fundamentação teórica utilizada no estudo, a autora criou um Instrumento Conceitual para analisar os dados. Os resultados indicaram que há várias outras possibilidades de incorporação no processo de formação de sinais, como a incorporação de informações gramaticais em verbo. Os dados também mostraram que não existe uma única regra para o fenômeno de incorporação em sua ocorrência em um determinado grupo gramatical da Libras. Em outras palavras, mesmo que o sinal pertença a um grupo x, a regra pode variar, também, a depender do elemento que antecede ou sucede esse sinal formado por incorporação. Desse modo, conclui-se que as regras que regem os mecanismos gramaticais e lexicais de incorporação na Libras irão variar de acordo com o sinal-base ou raiz ao qual essa informação será incorporada.

Por meio do levantamento apresentado é possível mensurar a contribuição do GPELET para o âmbito científico nacional, em especial no que tange à promoção da inclusão e da acessibilidade da pessoa com deficiência. Considerando também a necessidade de mais pesquisas aprofundadas envolvendo a descrição dos processos de classificação dos sinais da Libras.

Realizamos um levantamento no catálogo de teses e dissertações da Capes sobre os processos de classificação de sinais da Libras, considerando as categorias

determinativas e combinatórias, e nada em específico foi encontrado. Porém, um levantamento de estudos descritivos da Libras nesse banco de teses e dissertações, possibilitou-nos encontrar alguns trabalhos que se articulam com a temática dessa pesquisa. Assim, reservamos nesse estudo um espaço para difusão e divulgação de trabalhos nessa linha que convergem com o presente estudo. O Quadro 2 apresenta os trabalhos elencados.

Quadro 2: Teses e Dissertações do Banco de Dados da Capes cujos temas se articulam com a presente pesquisa

Filtro, expressão-chave utilizada na busca: classificação dos sinais da Libras				
	PESQUISADOR	TÍTULO	MESTRADO DOUTORADO	ANO
1	Carla Valeria de Souza Faria	Aspectos da morfologia da língua brasileira de sinais	Doutorado	2002
2	Rosangela Ramos de Barros	Critérios para Segmentação Sintática em Libras	Mestrado	2007
3	Cleomasina Stuart Sanção Silva Mendonça	Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores	Mestrado	2012
4	Aline Garcia Rodero Takahira	Compostos na língua de sinais brasileira	Doutorado	2015
5	Andrea dos Guimaraes de Carvalho	Sinais simples e compostos na Libras: conceitos, critérios de formação e classificação	Doutorado	2019
Filtro, expressão-chave utilizada na busca: categorização dos sinais da Libras				
6	Fabiane Elias Pagy	Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	Mestrado	2012
7	Sandra Patrícia de Faria	Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica	Doutorado	2009
Filtro, expressão-chave utilizada na busca: classe de palavras na Libras				
8	Aline Cristina Lofrese Mauricio	Morfemas metafóricos na Libras: análise da estrutura morfêmica de 1577 sinais em 34 morfemas moleculares e 14 classes de morfemas molares	Doutorado	2009
9	Ana Carolina Sella	Transferência de funções ordinais através de classes de estímulos equivalentes: contribuições para a programação de ensino de adultos e crianças surdas e de crianças ouvintes.	Doutorado	2008
10	Alice Almeida Chaves de Resende	Transferência de funções ordinais através de classes de estímulos equivalentes em surdos	Mestrado	2011
Filtro, expressão-chave utilizada na busca: Outros temas de estudo que se relacionam com o tema da pesquisa considerando a classe dos determinantes e articuladores				
11	Charley Pereira Soares	Os mecanismos de Coesão Gramatical e Lexical na Língua Brasileira de Sinais	Doutorado	2020

12	Hely César Ferreira	Estrutura argumental e ordem dos termos no português L2 (escrito) de surdos. Tem tese de doutorado	Mestrado	2016
13	Myrna Salerno Monteiro	A interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições	Dissertação	2015
14	Cintia Caldeira da Silva	Coordenação aditiva e adversativa em LIBRAS	Dissertação	2019
15	Felipe Aleixo	Orações condicionais na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): uma análise funcionalista	Tese	2021
16	Anderson Almeida da Silva	Sintagmas nominais: marcas de referencialidade e determinação na LIBRAS	Dissertação	2013
17	Lizandra Caires do Prado	Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição	Dissertação	2014

Fonte: elaborado pela autora

Um levantamento considerando como filtro a expressão-chave, ‘classificação dos sinais da Libras’ nos possibilitou identificar cinco pesquisas. Algumas das pesquisas encontradas focam nos processos de classificação dos sinais a partir de um estudo comparado da Libras com outras Línguas de Sinais. Também são considerados aspectos morfológicos, como o processo de composição dos elementos internos dos sinais, tais como marcações não-manuais e locação (onde os sinais são realizados). Outras pesquisas falam dos classificadores na Libras, que podem ser considerados uma categoria com características bem específica nas Línguas de Sinais. Apresentamos um breve resumo das pesquisas encontradas, a seguir.

A tese, *Aspectos da morfologia da língua brasileira de sinais* de Carla Valeria de Souza Faria busca depreender critérios que nortearam a classificação de sinais. Para tanto, a pesquisa apresenta uma revisão de estudos sobre classe de palavras em línguas de sinais, a saber, categorias gramaticais dos sinais da Língua de Sinais Americana - ASL, Língua de Sinais Britânica - BSL, Língua Italiana de Sinais - LIS e Língua Brasileira de Sinais – Libras. O estudo também se propõe a identificar propriedades distintivas na estrutura morfológica da Libras considerando os conceitos de sinal, estrutura do sinal e raiz. A pesquisa discute as implicações de uma pesquisa, que sofre um viés de analista, baseada nas transcrições através de glosas em uma língua oral.

A dissertação, *Critérios para Segmentação Sintática em Libras* de Rosangela Ramos de Barros trata das marcas manuais e não manuais que acompanham as fronteiras

e sinalizam a demarcação de proposições na Libras. Com a pesquisa, identificou-se três diferentes tipos de fronteiras, apontando onde ocorrem e que funções desempenham. Essa pesquisa tem relevância para os estudiosos da área, uma vez que fornece uma compreensão mais profunda de como a segmentação sintática ocorre na língua de sinais. Ao identificar e categorizar as marcas manuais e não manuais, esse estudo contribuiu para a compreensão dos critérios que envolvem as questões fronteiriças na língua de sinais.

A dissertação *Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores*, produzida por Cleomasina Stuart Sanção Silva Mendonça, analisou os ‘classificadores’ em Libras segundo o funcionalismo-tipológico, analisando-os dentro do continuum de gramaticalização. A pesquisadora explica que os classificadores nas línguas de sinais se realizam de forma diferente da forma como ocorrem nas línguas orais. Os classificadores são descritos pela literatura em língua de sinais como um fenômeno que decorre de uma classificação de paradigmas verbais ou formas usadas para descrever um determinado item lexical que não há na língua.

Ainda de acordo com Mendonça (2012), as pesquisas sobre línguas orais demonstram que, dentro do sistema de classificação nominal, os classificadores desempenham um processo que vai além das formas linguísticas, isto é, envolvem a criação de esquemas mentais e de uma classificação das palavras que se origina nas experiências dos falantes. Também, nas línguas orais, uma característica fundamental dos classificadores em línguas orais é a correlação com aspectos sociais e culturais. Esses estudos funcionais descrevem as complexidades dos classificadores em línguas orais, mas na Libras as análises não apresentam essas características, o que motivou a investigação do fenômeno de classificação na Libras.

A metodologia adotada na pesquisa de Mendonça (2012) foi de caráter descritivo, e os dados foram obtidos por meio de aplicação de um questionário e utilização de imagens distribuídas aos participantes. A coleta de dados foi feita por filmagem dos participantes, e o tempo destinado para as gravações variados de acordo com a necessidade de cada colaborador. Foram entrevistados oito surdos divididos em três grupos de acordo com a faixa etária e o nível de escolaridade, o que proporcionou encontrar variações diastráticas. Os resultados da pesquisa evidenciaram certos sinais classificadores (tais como, segurar-X tipo de objeto e X-tipo de objeto) são itens lexicais ou termos de classes. Observou-se também que os ‘predicados complexos’ na verdade são verbos com forte motivação imagética, se assemelhando com os verbos ideofônicos.

A conclusão da pesquisa apontou para o entendimento de que, embora o que se chame de ‘classificadores’ em Libras não apresente as características do sistema de classificadores, o qual consideramos dentro do suporte teórico usado, a Libras não se desconfigura como língua, visto que ela é mais rica em motivações imagéticas do que as línguas orais.

A tese *Compostos na língua de sinais brasileira* de Aline Garcia Rodero Takahira descreveu os tipos de compostos que ocorrem na Libras e investigar a possibilidade de ocorrência de classificadores e marcadores não-manuais em compostos, formando compostos simultâneos. Com o conjunto de dados levantado em dicionários, conversas espontâneas e gravações eliciadas por figuras, foi possível classificar os compostos da Libras em três grandes grupos, que são os compostos: sequenciais; simultâneos e simultâneo-sequenciais.

A pesquisadora destaca que a composição é um fenômeno muito produtivo nas línguas de sinais. Dentre os exemplos, cita um estudo sobre compostos na BSL (língua de sinais britânica) que mostra a possibilidade de realização simultânea de dois sinais, que são dois classificadores, em um composto (Brennan, 1990). Porém, percebe que os estudos da temática na Libras, até então, não trataram sobre a possibilidade da ocorrência de classificadores em compostos, e tampouco da possibilidade da realização de compostos simultâneos, o que suscitou o interesse em desenvolver a pesquisa. Sendo o grupo de compostos simultâneos o menos investigado nas línguas de sinais, este foi o objeto principal de pesquisa.

A análise desenvolvida na tese de Takahira (2015) seguiu os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, conforme Halle e Marantz (1993). Como resultado da análise foi observado que todos os compostos simultâneos apresentaram um predicado classificador sinalizado simultaneamente com mais um sinal classificador, ou apresentaram um sinal realizado pela boca, o que possibilita a simultaneidade com um sinal manual. A pesquisa resultou em um maior conhecimento dos processos morfológicos da Libras com a descrição detalhada dos dados, em específico da investigação da natureza simultânea do uso de classificadores e sinais boca em compostos, indicando caminhos para uma proposta de análise formal para a composição na Libras.

A tese, *Sinais simples e compostos na Libras: conceitos, critérios de formação e classificação* produzida por Andréa dos Guimarães de Carvalho, trata do processo de formação e da estrutura interna de sinais da Libras, a partir da análise de como são

produzidos no espaço de sinalização, e com foco nos aspectos morfológicos da língua. A fim de atingir tal objetivo, em específico a proposta da pesquisa foi: verificar e validar os conceitos dos sinais lexicais existentes na Libras; analisar e descrever os tipos de sinais encontrados nos dados; e, propor critérios de formação e classificação destes, sem desconsiderar os aspectos semânticos e as propriedades visuoespaciais próprias da língua. A pesquisa seguiu uma abordagem funcionalista. Seus dados foram obtidos a partir do uso real e das experiências dos falantes da Libras, cinco usuários surdos. A fala sinalizada dos participantes da pesquisa, sobre temas diversos, foi filmada.

Os resultados das análises de Carvalho (2019) permitiram descrever três tipos de sinais lexicais na Libras: sinais simples, complexos e compostos, cada um com características distintivas próprias. Também foram encontradas similaridades no conceito de compostos nas línguas orais e na Libras, sendo que, nesta língua, confirmaram-se duas subcategorias: a típica e a de sinais-nomes, cada uma, também, com características próprias. Os critérios para a classificação dos tipos de sinais, consideraram o uso do espaço de sinalização e o valor semântico resultante da constituição desses sinais, tendo o espaço neutro como elemento de excelência nas análises. Por fim, foram produzidos quadros com proposta de análise e descrição dos sinais para promover maior autonomia dos estudantes, futuros professores de Libras e linguistas pesquisadores dessa língua, quando no manuseio de informações linguísticas aplicadas aos diferentes contextos da morfologia da Libras. A pesquisa contribuiu para um melhor entendimento e domínio dos conceitos, critérios e características dos sinais que compõem o léxico dessa língua.

No âmbito da morfologia, percebemos que as pesquisas tratam dos processos de formação e da estrutura interna de sinais, além de propor alguns critérios de classificação. Tais pesquisas são de suma importância para compreensão da organização dos elementos internos que compõem os sinais da Libras, no entanto, elas não tratam sobre as categorias determinativas e combinatórias, o que nos dá a oportunidade de aprofundar nos estudos morfológicos da Libras.

Considerando como filtro a expressão-chave ‘categorização dos sinais da Libras’ encontramos mais duas pesquisas que dialogam com a temática classificação:

A dissertação, *Reduplicação na língua brasileira de sinais (LIBRAS)* de Elias Fabiane apresenta o fenômeno de reduplicação com base na literatura da área e uma análise empírica de seu funcionamento. Inicialmente foi feito um levantamento de ampla bibliografia disponível acerca do tema reduplicação, considerando a literatura sobre

línguas orais e línguas de sinais. Também, foi realizado um segundo levantamento literário considerando especificamente a literatura a respeito da Língua Brasileira de Sinais e à presença do fenômeno de reduplicação nela. A pesquisa deu enfoque especial a teoria do continuum defendida por Bybee (1985) e Haspelmath (2002), que não categoriza um fenômeno taxativamente e que tratam da reduplicação como um fenômeno tanto flexional quanto derivacional. Após análise de todo o arcabouço teórico e elaboração do referencial teórico, foi feita uma análise de videoaulas do curso de graduação em Letras-Libras (Polo-UnB). O resultado obtido possibilitou identificar os tipos de reduplicação encontrados na Libras, que podem produzir um efeito flexional ou derivacional nos sinais em que ocorre. Também, foram identificadas as funções destes na construção do discurso sinalizado, que demonstraram incidir diretamente na formação do léxico da Libras, apresentando ao interlocutor conceitos de pluralidade, processo, duração, intensidade e mudanças de classes com a sua realização. A pesquisa também tratou do caráter icônico desse fenômeno no discurso e a produtividade da reduplicação, sendo considerada como um dos processos de formação de palavras de uma língua, sendo ela oral ou de sinais.

A tese *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica* de Sandra Patrícia de Faria do Nascimento apresenta uma proposta de compreender a expansão, os processos de denominação de categorias e de construção dos classificadores da língua brasileira de sinais - LSB para organizar entradas, nos repertórios lexicográficos da língua. A pesquisa está fundamentada nos preceitos da lexicologia e lexicografia. A lexicologia, representada pela análise teórica da categorização em LSB, dos processos de constituição e da construção do léxico da LSB, da teoria semântica dos protótipos, da análise dos classificadores. E na lexicografia, representada por uma parte teórica associada à análise de dicionários existentes, a partir dos pressupostos teóricos da lexicografia, e à análise da representação iconográfica do léxico da Língua de Sinais Brasileira - LSB. Sendo que a proposta lexicográfica, apresentada, contempla a organização semasiológica de repertórios lexicográficos, com base na ordenação dos parâmetros constituintes da LSB e de princípios regidos por continua que acarretam uma organização dos parâmetros da LSB.

Na pesquisa de Nascimento (2009), a organização onomasiológica foi proposta com base numa ordenação prototípica. Foram analisadas duas interfaces da LSB com a Língua Portuguesa, um “Glossário didático visual de classificadores em LSB” (em

formato de DVD), que se encontra sob uma organização onomasiológica, e um modelo de glossário terminológico de linguística em LSB, sem definições e com equivalentes, organizado de modo semasiológico com ordenação paramétrica. A pesquisa buscou defender a tese de que os léxicos constituintes da LSB são entidades morfológicas que atuam na construção do léxico, como princípio ordenado de expansão lexical e terminológica. Sendo assim, dois postulados sustentam a tese: primeiro, o de que as entidades morfológicas são mecanismos linguísticos, que, associados, compõem, derivam e adaptam palavras emprestadas de línguas orais e de outras línguas de sinais para a LSB; e, segundo a aplicação dos mecanismos morfológicos de construção lexical é condição necessária para a organização de entradas lexicográficas em dicionários da LSB, monolíngues e bilíngues, tanto de natureza semasiológica quanto onomasiológica.

A pesquisa de Nascimento (2009) contribuiu para oferecer caminhos para a elaboração de multimeios e para a confecção de dicionários, entre outros materiais didáticos que possam permitir aos surdos ingressantes nos cursos de nível superior ao conhecimento científico. Além disso, promove a necessidade de expansão terminológica da língua de sinais brasileira para melhor compreensão desse conhecimento.

Observamos que as pesquisas consideram os aspectos morfológicos da Libras, no tange ao processo de formação de itens lexicais e gamaticais. Sendo que o primeiro trabalho considerou os aspectos flexionais da Libras, e o segundo os aspecto que envolvem a expansão do léxico da Libras (derivacionais). Tais pesquisas são fundamentais para compreender as características dos sinais e classificadores da Libras o que certamente contribui para se estabelecer critérios de organização desses itens como ocorre nos trabalhos lexicográficos.

Foram encontradas três pesquisas utilizando como filtro a expressão-chave ‘classe de palavras na Libras’ conforme obeservado a seguir:

A tese *Morfemas metafóricos na libras: análise da estrutura morfêmica de 1577 sinais em 34 morfemas moleculares e 14 classes de morfemas molares* de Aline Cristina Lofrese Mauricio empreendeu uma análise da estrutura sublexical morfêmica do léxico de 9.882 sinais do novo deit-libras, e constitui uma extensão de análises morfêmicas preliminares empreendidas sobre o léxico de 4.500 sinais da língua de sinais brasileira documentado na 3a. edição do Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira (Capovilla; Raphael, 2006a, 2006b). O estudo analisou esse novo corpus de sinais em busca de elementos quirêmicos em comum entre sinais que compartilham

elementos semânticos, para identificar quais elementos quirênicos codificam quais elementos semânticos na língua de sinais brasileira.

A pesquisa de Maurício (2009) buscou mapear a estrutura morfêmica de 1.577 sinais, sendo 595 sinais compostos de morfemas metafóricos molares, e 982 sinais compostos de um ou vários morfemas metafóricos moleculares (pessoa; pegar-agarrar; capturar; e outros) em 14 classes semânticas adicionais. O estudo contribuiu para uma compreensão mais aprofundada da arquitetura do processamento cognitivo no surdo sinalizador.

A tese *Transferência de funções ordinais através de classes de estímulos equivalentes: contribuições para a programação de ensino de adultos e crianças surdas e de crianças ouvintes*, produzida por Ana Carolina Sella, investigou variáveis que controlam a transferência de funções ordinais através de classes de estímulos equivalentes. A estratégia geral adotada foi estabelecer três classes de estímulos impressos (nomes, verbos e advérbios). A pesquisa foi desenvolvida em três etapas ou estudos. O primeiro estudo testou o repertório de dois participantes surdos em tarefas envolvendo relações entre figuras e palavras impressas, a partir de tarefas de escolha de acordo com o modelo; sinal-palavra impressa, palavra impressa-figura, sinal-figura, palavra impressa-sinal e figura-sinal. Foram ensinadas as quatro relações supracitadas para os participantes que responderam com menos de 90% de acerto. Os mesmos participantes aprenderam duas novas classes de estímulo equivalentes: advérbio e distratores, que consistiram, respectivamente, em substantivos concretos referentes a lugares e objetos. Para o segundo estudo participaram duas surdas adultas, para estas foram estabelecidas três classes de estímulos equivalentes com três membros e uma sequência de estímulos envolvendo um único elemento de cada classe. Em seguida, verificou-se a transferência de funções ordinais para outras cinco sequências, dentre oito novas sequências possíveis. No terceiro estudo, com novos participantes, aumentou-se para quatro o número de estímulos em cada classe equivalente antes de se ensinar uma sequência de estímulos. Após o ensino de uma determinada sequência, foi testada a transferência de função para sete novas sequências, dentre doze possíveis.

Como resultado da pesquisa de Sella (2008), foi constatado que todos os participantes alcançaram o critério de aprendizagem nas tarefas de escolha conforme o modelo e no ensino de tarefas de sequência. Foi observada uma grande variabilidade de dados, participantes que foram expostos ao ensino de uma sequência antes de mostrarem

transferência das funções ordinais, e outros que mostraram emergência de comportamento de sequenciar sem terem sido expostos ao ensino destes. A pesquisa discutiu os três tipos de ocorrências principais; o uso de instruções acerca dos pares de estímulos nas tarefas de escolha de acordo com o modelo; o fato de alguns participantes terem emitido respostas de sequenciar antes que tivessem passado pelo ensino de sequência; e, o fato de os participantes terem emitido respostas que demonstram a generalização de comportamentos de sequenciar para estímulos novos.

A dissertação *Transferência de funções ordinais através de classes de estímulos equivalentes em surdos* de Alice Almeida Chaves Resende trata sobre a aquisição da Língua Portuguesa escrita por surdos. Conforme a autora elucida, existem diferenças entre as estruturas ordinais e gramaticais da Língua Portuguesa escrita e da Libras. A estrutura do português escrito é composta por sujeito-verbo-preposição-complemento. Já a Libras permite o uso dessas e outras estruturas e em diferentes combinações dos mesmos elementos. Em função dessas diferenças resultam em diferentes repertórios de escrita do português por partes das pessoas surdas usuárias da Libras, de modo que a ordem gramatical difere das utilizadas pela comunidade ouvinte, onde estão inseridos.

E foi nesse contexto que Resende (2011) investigou a transferência das funções ordinais para novas sequências compostas por novos estímulos experimentais após o estabelecimento das classes de estímulos equivalentes, seguido do ensino de uma única sequência. Os estímulos experimentais envolveram 32 palavras impressas, divididas em oito conjuntos de estímulos, cada conjunto composto por quatro estímulos. Os participantes da pesquisa foram uma criança surda e três adolescentes, com idade entre oito e dezesseis anos. Como resultado da pesquisa todos os participantes mostraram a formação das quatro classes de estímulos equivalentes e alcançaram o critério de aprendizagem no ensino da sequência pretendida. Também, observou-se a tensferência de funções ordinais para novas sequências após o ensino da primeira sequência. Como resultado da pesquisa, percebeu-se que o estabelecimento de classes de estímulo equivalentes pode facilitar a expressão do comportamento de sequenciar por crianças e adolescentes surdos.

Observamos que as pesquisas que trataram sobre classe de palavras na Libras abarcaram estudos sobre a estrutura morfêmica de sinais (na identificação de sinais compostos de vários morfemas metafóricos) e a transferência de funções ordinais através de classes de estímulos equivalentes. Tais pesquisas contribuíram para a compreensão

mais apurada da arquitetura de processamento cognitivo no surdo sinalizante e, em se tratando de aprendizagem de uma língua oral, a possibilidade dos surdos identificarem critérios de aprendizagem nas tarefas de escolhas de sequências de elementos, como em uma frase, conforme o modelo ensinado. Tais pesquisas mostram que existem, por parte dos falantes da Libras, um ordenamento lógico em classes, não aleatório, que os permitem fazer seleção, alteração e adequação. Esse entendimento torna a ideia de identificar critérios de classificação para as categorias determinativas e combinatórias viável.

Considerando que as categorias determinativas e combinatórias, assim como na língua portuguesa, possam estar relacionadas as categorias gramaticais artigo (definido e indefinido), pronomes demonstrativos, preposições, conjunções, dentre outras, buscamos filtrar pesquisas que tratam sobre essas classes gramaticais, sendo identificadas as seguintes pesquisas:

Na tese, *Os mecanismos de coesão gramatical e lexical em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*, o autor Charley Pereira Soares buscou investigar as coesões gramaticais e lexicais na Libras. Realizou a análise a luz dos pressupostos dos autores, Halliday e Hasan (1976), que apresentam os mecanismos de coesão e suas respectivas tipologias, a saber: referencial, substitutiva, elíptica, conjuntiva e lexical. Quanto aos procedimentos metodológicos, a partir de uma abordagem qualitativa, foram feitas análise de excertos textuais narrativos e expositivos registrados em vídeo. Constituíram-se participantes da pesquisa uma pessoa não-sorda sinalizante, fluente em Libras, que produziu um vídeo sobre cultura surda e outras duas pessoas surdas fluentes em Libras, que relataram as suas experiências de vida. Os relatos das pessoas surdas foram retirados do Corpus da Libras organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mais especificamente do Projeto Surdos de Referência.

O resultado da pesquisa de Soares (2020) indicou que dentre os tipos de coesões investigados, a que mais se manifestou foi a referencial, por meio do uso pronominal, da direção do olhar, e de recursos comparativos. A pesquisa também demonstrou que a coesão de substituição (realizada pelo uso de incorporação ou *role shift* em reposição aos itens lexicais) apesar de muito produtivas, apareceram em menor frequência. O autor indica que isso ocorreu provavelmente pelo fato de essa operação estar alinhada diretamente ao contexto situacional e ao perfil do sinalizante. Com a pesquisa, foi possível concluir que os mecanismos de coesão auxiliam o sinalizante a produzir enunciados que

corroboram para uma compreensão mais clara do texto sinalizado tanto por surdos quanto por ouvintes.

A dissertação *Estrutura Argumental e Ordem dos Termos no Português L2 (escrito) de surdos*, produzida pelo pesquisador surdo Hely César Ferreira, buscou analisar a expressão sintática da estrutura argumental na interlíngua de surdos aprendizes de português como segunda língua (L2), que têm a Libras como primeira língua (L1). O trabalho analisa textos produzidos por estudantes surdos matriculados na escola bilíngue de Uberaba/MG, com o objetivo de verificar como ocorre a produção escrita do português, tendo em vista a hipótese da interferência da L1 (LIBRAS). O autor também, assume a hipótese, ao encontro de White (2003), de que a aquisição da segunda língua é mediada pela primeira língua, com acesso parcial à Gramática Universal (GU). Nessa direção, nos termos definidos em Chomsky (1995), apesar da interferência da L1, a interlíngua não viola os princípios da GU. Os estudantes foram divididos em dois grupos, o grupo A, do 4º e 5º ano, e o grupo B, do 8º e do 9º ano, a fim de verificar as características das produções escritas destes, bem como apresentar fundamento teórico para o desenvolvimento de metodologias de ensino de português como L2.

Os resultados da pesquisa de Ferreira (2016) mostram que a interlíngua dos estudantes manifestou duas características: A primeira relacionada a organização dos elementos na sentença, foram percebidas estruturas de frases na ordem verbo objeto (VO), verbo (V), sujeito e verbo (SV) e, sujeito verbo e objeto (SVO), um padrão que coincide com a ordem básica da Libras e da Língua Portuguesa. A segunda característica está relacionada aos dados de pronomes pessoais na estrutura oracional, na posição de sujeito e de objeto. Foi observado um desenvolvimento linguístico no grupo B pelo uso do preenchimento das posições de sujeito e de objeto, em oposição ao grupo A que apresentou o uso mais amplo de estruturas com verbos isolados, no infinitivo.

A pesquisadora surda Myrna Salerno Monteiro, em sua dissertação intitulada *A interferência do Português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições*, verificou se o sinal de PARA, glosado dessa forma em português escrito, pode ser classificado como preposição na Libras. A pesquisadora também buscou analisar a interferência linguística do português tanto na Libras utilizada por surdos quanto no processo de documentação e pesquisa científica da Libras. A pesquisa se aliançou na gramática baseada no uso. Os dados da pesquisa foram obtidos a partir de vídeos de produções espontâneas de surdos em Libras, publicados no YouTube envolvendo a

realização do sinal PARA, também foi feita a copilação desse sinal em dicionários de referência da Libras. A análise dos vídeos indicou que o sinal PARA pode ser considerado uma preposição não introdutória de argumentos, nos termos da abordagem funcionalista de Neves (2000).

O resultado da pesquisa de Monteiro (2015) apontou que a descrição gramatical do sinal PARA na Libras deve ser diferente da descrição gramatical da palavra ‘para’ do Português. Apesar da ocorrência do sinal PARA, sua utilização se manifestou de forma restrita, com produção limitada, sendo opcional em certos contexto de uso, por isso o resultado não foi suficiente para afirmar que a categoria gramatical das preposições constitua parte do sistema linguístico da Libras. A análise de registros e descrição do sinal PARA indicou que o processo de documentação da Libras ainda tem estado dependente do Português escrito, o que compromete a análise da gramática dos sinais com base exclusiva nesses materiais. Assim, o trabalho não traz clareza sobre a questão se a Libras possui ou não preposição, mas contribui para problematizar as várias formas de interferência do Português no processo de análise e descrição da Libras.

A dissertação *Coordenação aditiva e adversativa em LIBRAS* de Cintia Caldeira da Silva buscou investigar os processos de articulação das orações na Libras. Utilizando o quadro teórico da gramática gerativa, partiu das estruturas de encaixamento, hipotaxe e parataxe, para depois focar na parataxe, especificamente, os casos de coordenação aditiva e adversativa em Libras, que são o tema do trabalho. A hipótese levantada é a de que a Libras, assim como a Língua Portuguesa possui mecanismos para expressar a coordenação entre eventos, mas se distingue do português quanto às diferentes possibilidades morfossintáticas utilizadas para expressar as relações de adição e de oposição entre orações na estrutura das sentenças.

A metodologia da pesquisa de Silva (2019) envolveu análise de vídeos produzidos por surdos sinalizantes de Libras e disponibilizados na internet, considerando o contexto semântico de uso dos conectivos (sinais lexicais expressos) e a ocorrência de justaposição. Como resultado da pesquisa, os dados demonstraram, que: No caso da coordenação aditiva, a predominância de sentenças foi justaposta com interpretação aditiva e com a especialização semântica de uso dos sinais TAMBÉM, MAIS (adição matemática) e 1, 2, 3 etc. (interpretação quantitativa) para expressar soma de eventos. No caso da coordenação adversativa, foram analisados o emprego de dois sinais traduzidos por Capovilla e Raphael (2006) como sendo o conectivo MAS, que remeteu à hipótese da

oposição sintática entre orações coordenadas adversativas e orações subordinadas concessivas.

A tese *Orações condicionais na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) uma análise funcional* por Felipe Aleixo descreveu e analisou como as relações de condicionalidade podem ser expressas na Libras partindo de produções naturais de uso. Foi observado se as orações condicionais elaboradas em discursos naturais, se realizaram a partir de um enlace conjuntivo, em que há o uso das conjunções manuais SE e EXEMPLO, e/ou por um enlace justaposto, em que marcadores não manuais explicitam esse uso. A pesquisa adotou uma perspectiva funcionalista para análise dos dados extraídos do Corpus de Libras da UFSC. A partir de uma série de critérios (dentre os quais critérios formais e semânticos) recolheram do corpus 64 ocorrências de condicionais da Libras para uma análise qualquantitativa.

Os resultados obtidos por Aleixo (2021) permitiram atestar uma série de características específicas dos condicionantes na Libras. Atestou-se que: o uso mais prototípico das condicionais na Libras é o arqueamento das sobrancelhas sobre a prótase, juntamente com a produção do *mouthing* de “si” e com a projeção da cabeça para a frente; A anteposição, ou seja, a sequência prótase > apódose, com uso mais representativo no uso da Libras; a posposição, todavia, não é agramatical, sendo as prótases das condicionais antepostas funcionaram como tópicos das sentenças em que ocorrem, ao passo que as pospostas funcionaram como adendos restritivos; quanto aos graus de hipoteticidade das orações condicionais, os dados demonstram a impossibilidade de distribuí-las em grupos discretos, por isso foi feita uma análise a partir de um continuum, em que situações que se estabelecem mais próximas do polo esquerdo demonstram noções +factuais, e, à medida que “caminham” pelo continuum, passam a ter uma interpretação +hipotética; e, por fim, com relação aos domínios de uso, identificaram as ocorrências para os quatro grupos, a saber, de conteúdo, epistêmico, de atos de fala e metatextual.

Os articuladores na Libras, envolvendo as categorias combinatórias, podem se relacionar a pesquisas que tratam sobre os mecanismos de coesão fazendo a ligação entre os elementos de um enunciado, articulando os sinais de modo a tornar a compreensão do texto mais clara. Conforme estudos sobre as orações coordenativas aditivas e adversativas e orações condicionais na Libras, é possível constatar processos de articulação nelas. A esse respeito, com as pesquisas, considerando os aspectos sintáticos,

é possível identificar estruturas argumentais gramaticalmente aceitáveis na Libras, mesmo se tratando de pesquisas sobre a interlíngua. E em relação aos determinantes, uma das pesquisas acima, inclusive, mostra a presença dessa categoria na Libras, pela utilização da preposição não introdutória de argumentos PARA. As pesquisas apontam a necessidade de uma investigação mais apurada e específica sobre os processos de classificação na Libras considerando as categorias determinativas e combinatórias.

Sobre o processo de determinação na Libras, foram identificadas duas pesquisas relevantes que se articulam com a temática pesquisada, são elas:

A dissertação *Sintagmas nominais: marcas de referencialidade e determinação na LIBRAS* de Anderson Almeida da Silva trata sobre as marcas de referências e determinação ocorrentes em situações de proferimento por usuários da Libras, sejam surdos ou ouvintes sinalizantes, e faz uma análise das evidências semânticas encontradas nos nominais desta língua. A metodologia aplicada contemplou duas fases imbricadas entre si, a instrução bibliográfica e a análise teórico-descritiva. Os dados foram coletados de fontes virtuais e reais constituindo a amostragem oriunda de atividades de eliciação ou de base naturalística. Foram utilizados testes propostos por Boskovic (2006) para identificação de línguas com ou sem a estrutura de artigos. Também, para a análise de dados foi utilizado o sistema de glosas proposto por Felipe (2005), mescladas a notações com índices utilizadas pela sintaxe, das ocorrências de sintagmas nominais definidos e indefinidos em Libras, com o intuito de identificar as ocorrências fonológicas explícitas de determinantes na língua.

Os resultados dos dados analisados por Silva (2013) mostraram que as ocorrências dos: sinais indiciais (apontação), sinais lexicais, uso de classificadores, marcações não manuais e movimentos corporais associados como formas de se obter a determinação em LIBRAS. Com a pesquisa concluiu-se, sobre a generalização de que a Libras possui artigos na sua estrutura de determinação, apoiados no alto grau de aprovação das estruturas dos nominais para os testes de Boskovic (2006) para línguas. Porém, o autor pontua que a presença de determinantes pode ser um padrão não obrigatório na Libras. A pesquisa encerra com o reconhecimento de que outros estudos complementares são requeridos a partir das análises iniciadas pelo trabalho.

A dissertação *Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição* de Lizandra Caires do Prado investigou a natureza categorial de certos elementos recorrentes na língua brasileira de sinais (libras), os quais tratou como

“Localizadores” (Loc ou Locs). Para delimitar as propriedades gramaticais desses elementos, a autora realizou uma ampla descrição dos localizadores, que são elementos dêiticos, observando tanto seus aspectos articulatórios, quanto gramaticais. Os dados da pesquisa foram compostos por narrativas em Libras realizadas por pessoas surdas, também foram realizados testes de aceitabilidade feitos pelos mesmos informantes (participantes da pesquisa).

De acordo com Prado (2014), os participantes compuseram três perfis de acordo com a aquisição da Libras: um surdo de família ouvinte, com aquisição da Libras na infância, a partir dos 6 anos de idade; o segundo, um surdo de família surda, com aquisição da Libras na primeira infância, a partir do nascimento; e, um surdo de família ouvinte, com aquisição da Libras tardia, a partir do início da adolescência. Na análise dos dados, para transcrição foi utilizado o sistema de escrita de Libras SEL elaborado por Lessa-de-Oliveira (2012), transcrição de glosas e interpretação das sentenças. Também, adotou a hipótese da unidade mínima de articulação dos sinais MLMov (Mão – Locação – Movimento) proposto por Lessa-de-Oliveira (2012). A análise levou a conclusão de que há três tipos de Locs na Libras: tipo 1 – posposto ao nome, com baixa especificação; tipo 2 – anteposto ao nome, com especificação mediana; e tipo 3 – proformas, altamente especificado. Os dados também indicaram que a aquisição de nomes e Locs, em Libras, vai de estruturas pragmáticas (interpessoal) para estruturas gramaticalizadas mais abstratas.

Os trabalhos mencionados acima nos dão uma noção sobre os processos de determinação na Libras, sobretudo elementos que podem compor a classe dos determinantes, elementos tais como, localizadores (elementos dêiticos) ou sinais indiciais (apontação), sinais lexicais, uso de classificadores, marcações não manuais e movimentos corporais associados como formas de se obter a determinação na Libras. Diferenciando-se dos trabalhos anteriormente apresentados, esses dois últimos mantiveram o enfoque nos níveis sintáticos e semânticos da Libras, o que lança luz sobre a eleição de critérios de identificação da categoria determinativa.

Conforme apresentado, descrever aspectos dos processos de classificação de sinais, nos lança nos campos da sintaxe, da semântica e da morfologia, em especial nos aspectos das categorias dos determinantes e articuladores em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior. Sendo assim, a pertinência de trazer para a discussão alguns estudos sobre a morfologia, sintaxe e semântica da Libras se instaura na própria natureza

descritiva dessa pesquisa. Nesse sentido, apresentamos nesse estudo um espaço de produção e divulgação de ciência. Trata-se de uma contribuição para a área da pesquisa descritiva da Libras, servindo de espaço para não apenas fazer pesquisa, mas também, para compartilhar e divulgar pesquisas das línguas de sinais.

Com o levantamento das pesquisas apresentadas é possível perceber que a temática sobre processos de classificação ou categorização é bastante produtivo na Libras. Observamos que várias das pesquisas que envolvem classificação ou categorização apresentam enfoque na categoria dos classificadores, no ensino de segunda língua e no processo de interlíngua Libras e Língua Portuguesa, sendo o enfoque da presente tese sobre o fenômeno da classificação na Libras corrente.

Outras pesquisas aqui apresentadas, apesar de não tratarem especificamente sobre o processo de classificação ou categorização de sinais da Libras, tratam sobre processos de determinação e as relações de articuladores, elementos de coesão, em orações coordenativas aditivas e adversativas e orações condicionais na Libras. Tais pesquisas descritivas contribuem para compreensão dos elementos e das relações constitutivas da Libras e se articulam com a temática da pesquisa. E, no intuito de contribuir por aprofundar os estudos descritivos sobre o processo de classificação na Libras, considerando em específico as categorias determinativas e combinatórias que propomos a pesquisar, reunir, sistematizar e disponibilizar nesta tese os conhecimentos produzidos.

Para contemplar a temática apresentada, a tese foi estruturada em oito seções. Após a introdução apresentada como primeira seção do estudo, damos continuidade a esta abordagem teórica, discorrendo sobre os pressupostos básicos da pesquisa, as três vertentes linguísticas e as concepções de gramática com enfoque no processo descritivo de línguas. Na próxima seção, buscamos refletir sobre o processo de classificação das línguas naturais com breves apontamentos sobre os aspectos linguísticos das línguas de sinais. Para tanto, pontuamos sobre os desafios para eleição de critérios de classificação de sinais nas línguas de sinais.

Como parte da fundamentação teórica, na quarta seção, argumentamos sobre as categorias determinativas e combinatórias nos processos classificatórios de sinais na Libras, envolvendo as categorias lexicais, determinativas, combinatórias e articuladoras. Os procedimentos metodológicos que nortearam o presente estudo são apresentados na quinta seção. Na seção seis apresentamos ao leitor a interpretação dos dados à luz do

referencial teórico sobre o processo classificatório de sinais da Libras, as categorias determinativas e combinatórias.

O Instrumento Conceitual elaborado como parâmetro para analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior no uso corrente da Libras, também é apresentado na sexta seção. Para apresentar os resultados e as discussões, na sétima seção delineamos uma visão geral da análise de dados.

Para sumarizar a presente tese, na seção oito retomamos a pergunta de pesquisa para discorrer sobre as possíveis respostas delineadas nessa trajetória, assim como também apresentamos nossas considerações finais.

2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA PESQUISA: PERSPECTIVAS E CORRENTES TEÓRICAS

A partir de uma concepção de que a língua é heterogênea e sócio historicamente constituída, são claras as condições de que pode ser analisada qualitativamente, considerando suas especificidades e condições de uso. Ao encontro de Gil (2007), a pesquisa descritiva oportuniza ao pesquisador acessar as informações em várias fontes sobre o que deseja pesquisar, convergindo com a abordagem qualitativa.

Nesta seção, vamos apresentar os pressupostos teóricos básicos que fundamentarão nosso trabalho que se propõe a desenvolver uma análise descritiva considerando os aspectos de estrutura, funcionamento e uso da Libras. Para dar início às discussões, apresentamos os nossos estudos sobre as três vertentes linguísticas, a saber, o estruturalismo, o gerativismo e o funcionalismo.

2.1 As três vertentes linguísticas: estruturalismo, gerativismo e funcionalismo

Nessa subseção, objetivamos discorrer sobre as perspectivas da pesquisa, em termos de concepções e metodologias de análise a partir da compreensão das principais contribuições de três vertentes célebres da linguística: o estruturalismo, gerativismo e funcionalismo. Para tanto, nos valemos de teóricos imprescindíveis de três vertentes linguísticas; Saussure (1973), Chomsky (1978), e Cunha e Tavares (2016). Com essa discussão, pretendemos ampliar a concepção de descrição de línguas por meio da compreensão de que essas três correntes decorrem sobre as multifacetadas da linguagem.

A linguística formalista concebe a língua enquanto um sistema de regras. Nessa perspectiva, podemos destacar o Estruturalismo em Fernand de Saussure. Foi em sua obra póstuma, *O Curso de Linguística Geral* – CLG, que se baseou a linguística moderna e estruturalista do século XX, o que consolidou um marco inicial para a linguística se estabelecer como ciência autônoma, separada das outras ciências como a sociologia, psicologia, filosofia, filologia e outras.

Nessa condição, a língua como objeto de estudo científico, é complexa e heteróclita. O conceito de língua apresentado por Saussure na parte introdutória do CLG, é de que a língua “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta

faculdade nos indivíduos” (Saussure, 1973, p.17). Para o autor, a língua é um todo em si e um princípio de classificação.

Saussure (1973) divide o mundo da linguagem em ‘langue’ e ‘parole’. A ‘parole’ ou fala na concepção estruturalista é assistêmica e individual, plena de influência emocional. Já a ‘langue’, a língua é um sistema inconsciente presente no cérebro de todos os indivíduos. Em Saussure a língua é um sistema arbitrário e articulado de signos linguísticos.

O signo é fruto da combinação da relação de diferenças entre significado (conceito) e significante (imagem acústica). A imagem acústica, não é o som material, mas a impressão psíquica desse som. Assim, o signo linguístico vai unir duas imagens mentais e não um nome a um objeto. Portanto, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces indissociáveis, significado e significante.

O sistema é uma relação de independência dos signos, seus elementos se relacionam entre si. O sistema da língua apresenta linearidade, visto que os elementos são colocados em linhas, um atrás do outro em uma ordem preestabelecida. As unidades linguísticas se distribuem em posições determinadas. Os signos se organizam por associação e por cadeia. A língua, como sistema de signos, é fruto de uma relação negativa e opositiva, em que um signo é o que o outro não é.

O paradigma é entendido como modelo gigantesco que guarda todas as relações possíveis entre os signos localizadas na memória. Assim, as estruturas paradigmáticas envolvem as relações entre elementos comutáveis no mesmo contexto. Essas relações auxiliam no momento da escolha dos signos a serem utilizados para compor a cadeia. E, as estruturas sintagmáticas, perspectivam as relações em que as palavras são combinadas entre si para produzirem sentidos. As relações sintagmáticas baseiam-se no caráter linear dos signos linguísticos.

A partir de uma breve explanação teórica percebemos a concepção de sistema para a construção de uma gramática estrutural. No panorama atual, a contribuição das teorias saussurianas da língua, enquanto sistema, continua sendo imprescindível para a compreensão das relações de associação, combinação e restrição, que regem os elementos linguísticos de uma determinada língua, como a Libras. A importância das teorias saussurianas também é imensurável considerando o embasamento teórico e metodológico das pesquisas. As relações sintagmáticas e paradigmáticas podem servir de parâmetros

de análise descritivas, considerando que são categorias essenciais para gramática estrutural.

Podemos aplicar os princípios saussurianos ao considerar que os elementos de uma língua não estão isolados, mas formam um conjunto solidário. Isso nos permite desenvolver uma análise dos elementos linguísticos considerando o contexto em que fazem parte, pois é necessário analisar e descrever a estrutura, o modo como esses elementos se organizam no sistema.

Ainda, em Saussure (1973), podemos compreender que cada língua possui um conjunto de regras que coordenam combinações e restrições, o que torna plausível a investigação da natureza desses elementos e o modo como eles se agrupam. Podemos considerar também o modo como esses elementos se combinam e se estruturam internamente, considerando que estão sujeitos a normas internalizadas por meio de representações cognitivas captadas do mundo social com caráter arbitrário. Sendo do nosso interesse, essas normas internalizadas pelos usuários da Libras que regem sua gramática, na composição e articulação dos elementos para garantir a comunicação eficiente.

Com uma nova proposta de investigação da linguagem, para além do estruturalismo, Noam Chomsky apresenta a linguística gerativa. O autor conceitua a linguagem como uma propriedade inata na mente humana que nos predispõe a aprender uma língua, lançando luz sobre a concepção da Gramática Universal - GU. Assim, estaria a cargo da linguística desvendar como a gramática, entendida como operações mentais que nos capacita a produzir e compreender uma língua, se desenvolve na mente do sujeito falante, como ocorre a aquisição de linguagem pelo ser humano.

Chomsky (1978) trata do desenvolvimento da linguagem na criança para explicar a aquisição da linguagem humana em aspectos biológicos. Considerando que as propriedades centrais do desenvolvimento da linguagem são definidas por estruturas mentais exclusivas dos seres humanos, Chomsky adotou uma postura racionalista para a sua teoria, afirmando que a língua deve ser estudada de forma lógica e abstrata.

A teoria chomskiana toma como objeto um falante ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogênea que conhece a língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes, tais como limitações de memória, distrações, desvio de atenção e de interesse, e erros.

Para o autor, a língua consiste em um sistema de regras e princípios radicados em instâncias da mente humana. Nesse sentido, qualquer criança, exceto em caso patológico, exposta a um ambiente linguístico apropriado, pode adquirir a gramática de uma língua. Nessa perspectiva, a capacidade da linguagem é inata ao ser humano, em condições adequadas. Os argumentos para essa hipótese são o de pobreza de estímulos e de criatividade linguística, sendo que este último argumento consiste na capacidade de criar um número infinito de sentenças a partir do domínio de um conjunto finito de regras. A criatividade dá ao ser humano a capacidade de proferir sentenças nunca antes proferidas, ou jamais ditas pelo próprio falante ou qualquer outro indivíduo. Isso só seria possível pela existência de uma gramática interiorizada e uma gramática gerativa presente na mente humana, como um dicionário mental das formas da língua, ou como um sistema de princípios e regras atuando sobre as formas.

Esse sistema é formado por um conjunto de combinações de elementos dispostos em categorias das formas linguísticas e definem as propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas da língua. A gramática define como essas representações se unem com os demais sistemas conceptuais na mente para fazer a junção articulada da pronúncia com o som. Nesse processo sintático, primeiro as ações são formadas por um sistema de regras formais para só depois ganharem significação.

A faculdade da linguagem ou módulo de linguagem é constituída de princípios responsáveis pela formação e compreensão das expressões linguísticas, o conhecimento inato a ser desenvolvido, adquirindo a linguagem em seus aspectos semânticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicológicos. Chomsky (1978) faz distinção entre a competência como sendo o conhecimento que o falante-ouvinte possui da língua e seu reflexo, a performance, que é o uso efetivo da língua em situações concretas.

Assim, analisar a gramática de uma língua envolve uma descrição da competência intrínseca. O desafio seria como, a partir dos dados da performance, identificar o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante. Atendendo a essa necessidade, a teoria linguística teria como objetivo descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento efetivo.

Segundo Chomsky (1978), para isso, seria preciso rejeitar o conceito de ‘langue’ definido por Saussure, como sendo um conjunto sistêmico de itens, e aderir a concepção de língua como um sistema de processos gerativos. O autor destaca as limitações das

gramáticas tradicionais em deflagrar os processos sintáticos regulares e produtivos, comuns a todas as línguas.

Inicia-se assim a formulação de um conjunto de parâmetros e princípios que contribuíram para a constituição da Gramática Universa - GU. Estágio inicial da faculdade da linguagem, a GU é um conjunto das propriedades gramaticais que são comuns e partilhadas pelas línguas naturais, bem como as diferenças previstas entre elas. Os princípios são a parte rígida, ou os elementos linguísticos compartilhados pelas línguas de forma universal, suas semelhanças e características estruturais, como os elementos sintáticos das línguas que correspondem às funções de sujeito, predicado e complemento. E, os parâmetros, a parte flexível, as variações em temos sintáticos que as línguas apresentam entre si, como a presença de termos lexicais que dão sentido a estrutura frasal da língua em questão, e que em outras línguas não tem.

Assim, a GU se ocupa em analisar como acontece as operações mentais que proporcionam a capacidade de produzir e compreender a língua, as características e propriedades da língua. É composta por uma base cognitiva, biológica e de hipótese inatista. Sendo esta última relacionada ao conhecimento internalizado que o falante tem da língua (competência), e o conhecimento exteriorizado, ou seja, o uso ou o produto do conhecimento interiorizado (performance). A língua é formada pela junção da parte externa e interna, estando em voga o funcionamento desta língua – sua gramática.

A capacidade inata de aquisição de língua possibilita ao falante produzir frases básicas, abordadas por Chomsky (1978) como estruturas profundas (na voz ativa) e transformá-las em estruturas de superfície (na voz passiva), que são frases produzidas pelo uso de regras gramaticais. Trata-se da habilidade intrínseca que nos permite reconhecer construções gramaticais, que são típicas da língua, e construções agramaticais, um saber que é inconsciente e natural a cada língua.

Em termos gerais, a corrente gerativista, proposta por Chomsky (1978), centraliza os processos psíquicos da linguagem no domínio da razão. Dessa forma, apresenta abordagem, até então inexplorada, o estudo sobre o funcionamento biológico da linguagem como característica da espécie humana. A proposta teórica e metodológica do gerativismo é extremamente válida, pois a partir de um olhar biolinguístico possibilita descrever uma língua, tomando como base de princípios gramaticais universais (como a sintaxe gerativa) e aspectos regulares de parâmetros particulares próprios de cada língua.

Nessa direção, os pressupostos do gerativismo serão considerados na estruturação de uma metodologia, para a análise dos dados da presente tese. Em específico, pretendemos adotar o componente sintático, na perspectiva gerativa, que é formada de duas partes: a base, que define estruturas fundamentais, e as transformações, que permitem passar das estruturas profundas, geradas pelas bases, às estruturas de superfície das frases. Conforme Dubois *et al.* (2007), a base é formada de duas partes:

1. O componente ou base categorial que é o conjunto das regras que definem as relações gramaticais entre os elementos que constituem as estruturas profundas e que são representados pelos símbolos categoriais. Assim, uma frase é formada pela sequência SN + SV, em que SN é o símbolo categorial de sintagma nominal e SV o símbolo categorial de sintagma verbal: a relação gramatical é a de sujeito e predicado;
2. O léxico, ou dicionário da língua, é o conjunto dos morfemas lexicais definidos por séries de traços que os caracterizam; assim, o morfema mãe será definido no léxico como um substantivo, feminino, animado, humano, etc. Se a base define a sequência de símbolos: Art. + N + Pres. + V + Art. + N (Art. = artigo, N= nome, V= verbo, Pres.= presente), o léxico substitui cada um desses símbolos por uma “palavra” da língua: A + mãe + Ø + acabar + o + trabalho, as regras de transformação convertem essa estrutura profunda numa estrutura de superfície: a + mãe + acabar + Ø + o + trabalho, e as regras fonéticas realizam *A mãe acaba o trabalho*. (Dubois *et al.*, 2007, p.315)

No fim da base, obtém-se sequências terminais de formantes gramaticais (como número e tempo) e morfemas lexicais. A sequência recebe uma interpretação conforme as regras do componente semântico. Para serem realizadas, passam pelo componente transformacional, que consiste em operações que convertem as estruturas profundas em estruturas de superfície sem afetar a interpretação semântica feita ao nível das estruturas profundas.

As transformações ocorrem em duas etapas; uma análise estrutural da sequência proveniente da base, a fim de ver se a estrutura é compatível com a transformação; e a segunda consiste numa mudança estrutural dessa sequência por adição, apagamento, deslocamento e substituição. Essa sequência vai ser convertida numa frase efetivamente realizada pelas regras de componentes fonológicos, morfológicos e fonéticos. Conforme Dubois *et. al.* (2007), essas regras definem a ‘palavra’ provenientes das combinações de morfemas lexicais e formantes gramaticais e lhes atribuem uma estrutura fonética.

No que tange à presente pesquisa, que se propõe a identificar e descrever na fala sinalizada dos participantes da pesquisa, as regras de combinação e organização dos sinais

a partir do emprego de determinantes e articuladores, encontramos na gramática gerativa uma forma de compreender como se dão os processos de organização dos itens gramaticais e lexicais da Libras em enunciados sinalizados, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos, e consequentemente, fonética da produção dos sinais.

Considerando a influência da situação sociocomunicativa na construção da estrutura gramatical, partimos para a perspectiva funcionalista. Cunha e Tavares (2016), destacam que o funcionalismo norte-americano defende uma linguística baseada no uso, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Nessa direção, a gramática é tida como um sistema aberto, suscetível a mudanças e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no cotidiano, ou seja, um conjunto de formas, padrões e práticas que servem às funções que os falantes necessitam desempenhar com frequência. Nas palavras das autoras; “a gramática é o agregado maleável e internalizado das formações vindas da língua em uso, do discurso, das experiências com a interação linguística que os seres humanos acumulam durante a vida” (Cunha e Tavares, 2016, p.18).

Assim é reconhecido que a gramática, entendida como um conjunto de padrões regulares no nível das palavras, sintagmas, orações e sentenças, está em constante mudança em virtude do processo de comunicação, o que forma um elo forte entre gramática e discurso. Assim, para as autoras, os aspectos morfossintáticos têm determinada forma devido às estratégias de organização das informações empregadas por seus usuários no momento da interação discursiva. Nessa linha, o teórico Givón (1979) citado por Cunha e Tavares (2016), defende que a linguagem humana evoluiu do modo pragmático para o modo sintático.

Assumindo que a gramática tem sua origem no discurso e que é constituída nos contextos específicos, ou seja, um conjunto de estratégias organizadas funcionalmente em uma determinada situação de comunicação. Assim, para compreender a gramática de uma língua é preciso levar em conta a perspectiva discursivo-textual. Para tal, é preciso analisar e pesquisar a língua a partir das funções que ela desempenha na comunicação.

A perspectiva funcionalista explica a organização da gramática e a codificação linguística das estratégias gramaticais por meio de princípios de natureza cognitiva e comunicativa. O mais comumente apontados são os princípios da marcação, iconicidade

e gramaticalização, além de categorias de prototipicidade, transitividade e plano discursivo.

A **marcação** é definida por Cunha e Tavares (2016) como à presença versus ausência de uma propriedade nos membros de um par contrastante de categorias linguística. Assim, são estabelecidas distinções entre categorias marcadas e não-marcadas, a partir de um contraste gramatical binário. O princípio da marcação pode ser aplicado para análise fonológica, morfológica e sintática. Por exemplo, fonologicamente marca a oposição entre /p/ e /b/, morfologicamente marca oposição de número (meninos) e (menino), e sintaticamente marca a oposição entre construções ativas e passivas.

São destacados pelas autoras a utilização de três critérios para a análise da marcação prototípica: Complexidade estrutural, a estrutura marcada é mais complexa que a estrutura não-marcada correspondente, assim a forma ‘meninos’ [+ plural] seria marcada, enquanto a forma ‘menino’ [- plural] não-marcada, considerando aspectos morfológicos em relação a categoria de número; Distribuição e frequência, a estrutura marcada tende a ocorrer menos do que a estrutura não-marcada correspondente; E, complexidade cognitiva, as estruturas marcadas tendem a ser cognitivamente mais complexas do que as estruturas não marcadas correspondentes. Conforme Cunha e Tavares (2016), geralmente esses três critérios de marcação coincidem nas línguas.

O princípio da **iconicidade** é entendido como a correlação natural e motivada entre forma e função, ou seja, entre código linguístico e significado. Cunha e Tavares (2016) destacam que os linguistas funcionais defendem que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência. Nessa direção, a suposição geral é de que a estrutura linguística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou do funcionamento da mente.

As autoras elucidam que, a princípio, o entendimento sobre a iconicidade estava voltada à relação de isomorfia, ou seja, relação de um elemento para um outro (um para um), entre forma e conteúdo. Contudo, com os estudos de variação e mudança, foi possível constatar a existência de duas ou mais formas alternativas de dizer a mesma coisa, conduzindo a um entendimento mais amplo. A esse respeito, Cunha e Tavares (2016) elucidam que em muitos casos não há uma relação clara e óbvia entre código linguístico (forma) e seu conteúdo (significado). Nesses casos, a relação é aparentemente arbitrária, uma vez que o significado original do elemento linguístico se perdeu total ou parcialmente.

Nesses contextos comunicativos, a codificação morfossintática é opaca em relação às funções que desempenham. Isso acontece porque a iconicidade do código sofre pressão diacrônica corrosiva, tanto na forma quanto na função, como exemplo citam a palavra ‘embora’ que deriva da forma ‘em boa hora’, não só a forma mudou, mas também o sentido, perdeu a conotação positiva e migrou para concessão. Nessa direção, conforme as autoras, “o código (forma) sofre constante erosão pelo atrito fonológico e a mensagem (função) é constantemente alterada pela elaboração criativa [...]” (Cunha; Tavares, 2016, p. 23). Na Libras, podemos encontrar como exemplo a realização do sinal ACREDITAR, formado, conforme Quadros e Karnopp (2004), pelo composto SABER + ESTUDAR. Hoje o conceito do termo ‘acreditar’ não envolve mais o aspecto do conhecer e pesquisar, mas da relação de confiar e aceitar (envolvendo um fato comprovado ou não).

Uma vertente teórica mais branda sobre o princípio da iconicidade indica que este é composto de três subprincípio, a saber; a *quantidade* de informação, ao grau de *integração* entre os constituintes da expressão e do conteúdo; e, à ordenação dos vocábulos na oração (*topicalização*). Conforme Cunha e Tavares (2016), o subprincípio da quantidade indica que quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, ou seja, a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura de conceito que ela expressa, o que indica que a complexidade de pensamento tende a refletir a complexidade de expressões. Como o exemplo, as autoras tratam da quantidade maior de palavras derivadas em comparação com as palavras primitivas, refletindo a ampliação do seu campo conceitual. Outro exemplo é a repetição, que se manifesta quando o falante expressa o aspecto interativo e/ou a intensidade da ação descritiva.

Na Libras, com a característica da simultaneidade, identificamos a realização de vários elementos sinalizados juntos ao mesmo tempo. Assim, mesmo com pouco sinais, aparentemente, é possível desencadear uma sentença bem complexa, envolvendo expressões não manuais, e a colocação dos termos no espaço indicando uma relação toponímica. Nesse sentido, é comum a expressão de que a Libras é uma língua mais sintética, pois à primeira vista, morfologicamente é perceptível a realização de poucos sinais. Sendo necessário um aprofundamento na descrição desses elementos para analisá-los tomando como base o princípio da quantidade.

O subprincípio da integração prevê que os conteúdos mais próximos, em termos cognitivos, também estarão mais integrados no nível da codificação, ou seja, o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto. Como exemplo, Cunha e Tavares

(2016) apresentam o exemplo as orações subordinadas, destacando o grau de integração que o verbo da oração principal exibe em relação ao verbo da subordinação. Na oração *Ana prometeu que ele sairia*, a forma como foi proferida os verbos ‘prometer’ e ‘sair’ estão sintaticamente distantes, devido a estarem cognitivamente distantes também. O que indica que quanto menos integrados dois eventos estão, mais provável será que um elemento de subordinação separe a oração subordinada da principal. Assim, o subprincípio da integração correlaciona a distância linear entre expressões à distância conceptual entre as ideias que elas representam.

Ainda no princípio da iconicidade, as autoras destacam o subprincípio da topicalidade que envolve a compreensão de que a informação mais importante ou mais acessível tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado tem relação entre a importância ou acessibilidade da informação vinculada pelo elemento linguístico e sua colocação na oração. Segundo Cunha e Tavares (2016), esse subprincípio pode ser percebido na tendência de se colocar a informação velha primeiro na sentença, antes a informação nova, como em “*Ele comprou um carro novo*” (Cunha; Tavares, 2016, p. 25).

Com base no princípio da iconicidade, conforme Cunha e Tavares (2016), podemos apreender que a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias e enunciados. As razões estritamente humanas de importância e complexidade se refletem nos traços estruturais de uma língua, para além das onomatopeias. É sabido que as línguas de sinais possuem um alto grau de iconicidade devido à alta quantidade de sinais que possuem relação visual e imagética com seus referentes. Mas, para além dessas questões, com base no princípio da iconicidade, podemos levantar outras hipóteses com relação à organização topicalizada dos seus elementos, em que parecem estar relacionadas à ordem dos acontecimentos expressos na ordem dos elementos constituintes das sentenças, como em PASSADO TORRES GÊMAS AVIÃO BATEU, CAIR. Para apresentar essa organização frasal primeiramente foi apresentado o tempo do evento, segundo; as torres e seus atributos, terceiro; o objeto avião, quarto; o verbo ‘bater’ e, por fim; o verbo ‘cair’ como consequência da ação anterior, demonstrando a ordem dos acontecimentos.

A compreensão funcionalista da gramática é a de mecanismo mutável e instável, devido ao uso, ou seja, pelas pressões comunicativas e cognitivas. Nesse âmbito, o conceito de **gramaticalização** envolve as mudanças de item lexical em um elemento gramatical, ou, ainda, de uma estratégia discursiva em uma estrutura sintática. Com base

na perspectiva funcionalista, a gramaticalização não é mais simplesmente concebida como a reanálise do material lexical em material grammatical, mas também como reanálise de padrões discursivos em padrões gramaticais e de funções ao nível do discurso em funções semânticas, ao nível da oração.

Em relação à mudança de item por meio da gramaticalização, Cunha e Tavares (2016) apresentam o exemplo do item “tranquilamente” em que a forma plena livre (tranquila) passa a ser um morfema ou forma grammatical presa. E, para ilustrarem a reanálise de um padrão discursivo em padrão grammatical, apresentam a fixação e cristalização de construções negativas que surgem em funções de estratégias discursivas determinadas, tais como a dupla negação em ‘num aceito não’. Nesse trecho percebemos uma supressão, interrupção ou digressão da cadeia tópica principal, essa construção negativa, ao encontro de Cunha e Tavares (2016), é predominantemente usada em contextos que correspondem a uma pausa temática.

Conforme Quadros e Karnopp (2004), na Libras, pode-se derivar nomes de verbos ou vice-versa, pelo processo que denominou de nominalização, considerando os aspectos morfológicos da língua. Para ilustrar, a autora trata do par SENTAR e CADEIRA, em que a locação, configuração de mão e a orientação de mão dos sinais são as mesmas, mas com movimento diferente. Segundo Quadros e Karnopp (2004), o movimento do substantivo repete e encurta em relação ao movimento do verbo. A autora ainda destaca que, devido a essa mudança, a classe grammatical também muda. Nas palavras da autora, “forma-se um novo sinal para se utilizar o significado de um sinal já existente num contexto que requer uma classe grammatical diferente” (Quadros e Karnopp, 2004, p.96).

Com a perspectiva funcionalista e com base no princípio da gramaticalização, podemos compreender que o exemplo anterior, não apenas ilustra a trajetória de um elemento linguístico do léxico (vocábulo) à gramática (ação), mas também de uma estratégia discursiva em uma determinada estrutura sintática (considerando o contexto de produção para se manifestar como um nome ou verbo). Tal hipótese requer um contexto de uso para se confirmar ou contestar.

Segundo Cunha e Tavares (2016), em um dado domínio funcional, novos usos estão em constante processo de emergência, o que não implica na substituição de usos mais antigos. Nessa direção, a sobreposição, pela qual um uso anterior coexiste com um uso subsequente, é uma propriedade intrínseca da gramaticalização. Em decorrência disso, numa determinada língua, o material grammatical pode estar em diferentes estágios

de desenvolvimento. E o surgimento de novas estruturas gramaticais pode ser motivada por necessidades comunicativas não preenchidas. Nessa perspectiva, para Cunha e Tavares (2016), com base na perspectiva funcionalista, a grammaticalização passa a ser entendida como um processo diacrônico e um continuum sincrônico que atinge as formas que mudam no interior da gramática.

Ainda sob a perspectiva funcionalista, no que tange à explicação da organização gramatical e a codificação linguística por meio de princípios de natureza cognitiva e comunicativa, trataremos do princípio da **prototipicidade** no processo de categorização de palavras, com base em Cunha e Tavares (2016). Conforme esses autores, “a noção de protótipos tem sua gênese na teoria da categorização, associada à psicologia cognitiva” (Cunha; Tavares, 2016, p. 27). Nessa linha de pensamento, tanto as classes morfológicas quanto as categorias sintáticas não apresentam fronteiras nítidas, essas classes são entendidas como feixes de traços mais ou menos presentes.

Nessa direção, o protótipo de uma categoria (representante) reúne os traços recorrentes de que se compõe tal categoria. Sendo assim, a classificação é feita com base no elemento que exemplifica o protótipo, enquanto outros pares são classificados considerando as características mais próximas ou mais distantes em relação ao prototípico. Tal aplicação diverge da abordagem clássica, que consiste em categorizar um elemento com base no protótipo, porém sem considerar a aproximação e distanciamento em temos de traços ou características. Assim, a inclusão de um item à uma classe se daria pela observância da presença de propriedades cujo conjunto a define. Já com a perspectiva funcionalista, a categorização por protótipos se daria com base nas relações de similaridades existentes entre o protótipo e seus pares.

Para ilustrar sobre a relevância de não tomarmos de forma rígida os traços e as características de determinado protótipo no processo de categorização, Cunha e Tavares (2016) pontuam sobre a instabilidade categorial dos adjetivos e advérbios de modo. Ambos possuem propriedades semânticas parecidas, possuem o papel de modificadores, diferenciando-se com relação ao elemento que modificam: o advérbio modifica um verbo e o adjetivo modifica um substantivo, ambos predicam um atributo seja da ação ou do sujeito. Morfológicamente, o adjetivo é uma palavra variável, enquanto o advérbio é invariável, distinguindo-se um do outro.

Outro desafio da prototipicidade, ao encontro das autoras, é a grammaticalização. Conforme apresentado, a grammaticalização envolve uma mudança, como a mudança de

itens principais categoriais lexicais (substantivo, verbo e adjetivo) para categorias menores (preposição, advérbios e auxiliares). A esse respeito, Cunha e Tavares (2016) pontuam que certos itens lexicais, quando usados em contextos altamente específicos, podem codificar categorias gramaticais mais abstratas, como o adjetivo com funcionamento adverbial em ‘acordou assustado’. Casos como esse tem como escopo verbos intransitivos ou destransitivizados e ocorre em posição pós-verbal, conforme advérbio de modo. Para as autoras, o fenômeno tem natureza escalar, como em um extremo da escala estariam os adjetivos prototípicos e no outro extremo estariam os advérbios prototípicos, e os espaços intermediários seriam ocupados pelos itens ambíguos, entre uma leitura adjetival ou adverbial.

Com base no princípio da prototipicidade envolvendo processo de categorização de palavras, na perspectiva apresentada, podemos destacar a necessidade de analisar as classes de palavras/sinais da Libras considerando que não há fronteiras rígidas ou compartimentos fechados contendo blocos de palavras que possuem os mesmos traços e as mesmas características sem variação. Compreendemos a complexidade de analisar e descrever as várias nuances de certos itens lexicais e gramaticais da Libras, quanto a sua estrutura sintática, morfológica e semântica.

Nessa mesma direção, outro princípio, a **transitividade**, em uma perspectiva funcionalista ocorre de modo gradiente, divergindo da perspectiva dicotômica tradicional, que centra a transitividade no verbo e não na oração. Na gramática tradicional, são transitivos os verbos cujos processos se transmitem a outro elemento, que lhe completam o sentido, ou seja, um verbo é transitivo na presença de um Síntagma Nominal, objeto pelo critério sintático, exigido pelo significado do verbo (critério semântico). Porém, Givón (2001 *apud* Cunha e Tavares, 2016) define a transitividade como um fenômeno complexo que envolve as propriedades semânticas de agente, paciente e verbo na oração-evento. Sendo os três traços semânticos manifestados em graus diferentes, podendo, inclusive, se desviar do verbo transitivo prototípico.

Nesse contexto, Cunha e Tavares (2016) citam Hopper e Thompson (1980) para discorrer sobre a transitividade como uma noção contínua, escalar, não-categórica. Os autores propuseram a análise da transitividade de certas orações considerados um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da sentença, a saber: número de participantes, agentividade e intencionalidade do sujeito, individuação e

afetamento do objeto, dinamismo, perfectividade e punctualidade do verbo, polaridade e modalidade da oração. As orações foram ordenadas numa escala, representando graus diferentes de transitividades. Os pesquisadores perceberam que não é necessário ocorrer os três elementos, sujeito, verbo e objeto para a oração ser considerada transitiva.

Segundo a formulação de Hopper e Thompson (1980 *apud* Cunha e Tavares, 2016) o maior ou menor grau de transitividade de uma oração está relacionado ao modo como o usuário da língua estrutura seu discurso para atingir a comunicação efetiva. Com esse entendimento, as autoras propõem o conceito de transitividade como um universal linguístico, associado a uma função discursivo-comunicativa. Para as autoras, os parâmetros que compõem a transitividade estão relacionados ao evento causal prototípico, evento esse que a criança primeiramente percebe e codifica gramaticalmente, compondo esse complexo universal. Assim, são relacionados os traços que caracterizam o evento causal prototípico e os parâmetros que identificam a transitividade.

Conforme os estudos apresentados, não são transitivos os verbos, mas sim as orações correlacionando toda a sentença e associando função discursivo-comunicativa. Nesse cenário, considerando as categorias combinatórias, no processo de articulação dos itens que compõem um excerto enunciativo na Libras, compreendemos a oportunidade de analisar nas orações coordenativas e subordinativas a classe gramatical das conjunções, como elas se realizam na fala sinalizada dos participantes surdos da pesquisa.

Os componentes da transitividade mantêm relação de co-ocorrência por desempenhar funções discursivas comuns, como assinalar as partes centrais e periféricas de um texto. A esse respeito, a categoria **plano do discurso**, a qual as autoras Cunha e Tavares (2016) se referem, diz respeito à organização estrutural do texto englobando as dimensões figura e fundo. Conforme as autoras, o falante organiza seu texto a partir de seus objetivos comunicativos e de sua percepção acerca das necessidades de seu interlocutor. Para que a comunicação se efetive, o falante orienta o ouvinte quanto ao grau de centralidade (figura) e perifericidade (fundo) dos enunciados que compõem seu discurso.

A figura corresponde à porção do texto narrativo que constitui a comunicação central e apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, realis, sob responsabilidade de um agente. Já o fundo, apresenta material quanto à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, o que inclui descrição de estados, localização dos participantes da narrativa e comentários avaliativos.

Conforme Cunha e Tavares (2016), há uma correlação próxima entre a marcação dos componentes da transitividade e a distinção entre figura e fundo. A esse respeito, segundo os autores, quanto mais alto uma oração se situa na escala da transitividade, mais provável que ela seja interpretada como figura e, quanto mais baixa se situa na escala de transitividade, mais provável que seja interpretada como fundo. Com isso, vemos a oportunidade de compreender essa correlação nos enunciados produzidos em contexto de fala em Libras, por identificar nos excertos os elementos que são centrais (figura) e os que são periféricos (fundo).

Conforme apresentado, a vertente funcionalista concebe a linguagem como instrumento de interação social, sendo um de seus pressupostos analisar as regularidades apreendidas no uso interativo da língua, considerando as condições discursivas expressas no uso. Com essa perspectiva, conseguimos levar em conta o contexto sócio discursivo que motiva o discurso. Divergindo da gramática normativa, a gramática na perspectiva funcionalista é flexível, pois se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos usuários. Reconhece que a gramática de qualquer língua possui padrões morfossintáticos estáveis, mas que podem se modificar pelo uso e, por isso, em uma análise, é necessário observar como a língua é falada dentro de um contexto específico de produção.

O presente estudo busca seguir esses pressupostos, no que tange a descrever o contexto sócio discursivo e quanto aos participantes da pesquisa, sua relação com a língua, fazendo uma análise descritiva de como os fenômenos de classificação, em específico das categorias determinativas e combinatórias se manifestam em uso. Ainda, almejamos que os aspectos da marcação, iconicidade, gramaticalização, prototipicidade, transitividade e plano do discurso, possam contribuir significativamente na análise descritiva considerando a dinamicidade e a realização dos fenômenos da língua situadas discursivamente e pragmaticamente em contextos reais de comunicação.

O panorama das pesquisas descritivas em línguas de sinais requer a implementação de propostas de análise linguísticas capazes de considerar toda a complexidade da linguagem. Nesse ínterim, compreendemos como extremamente válidas para este estudo considerar os pressupostos do estruturalismo, gerativismo e funcionalismo que são vertentes basilares da linguística, embora analisem aspectos de línguas sob prismas diferentes, mas que juntas podem contribuir para uma análise mais abrangente da Libras.

O intuito é considerar as potencialidades de cada vertente linguística, de modo a compreender que as teorias não se anulam, nem podem ser sobrepostas ou supervalorizadas em detrimento umas às outras. Frente à complexidade da linguagem humana, a coexistência teórica pode ser adotada. Compreendemos que, no escopo da linguística, a interação entre as três vertentes de estudo da linguagem é altamente produtiva, tendo em vista que os limites de uma propositura teórica-metodológica podem ser compensados pela outra, à medida que consideram a linguagem humana em sua dimensão mais ampla.

Com o estruturalismo, temos a compreensão da importância da apresentação de critérios formais e distribucionais das unidades da língua em padrões, compondo um sistema de signos, favorecendo uma descrição da forma linguística. Com o gerativismo compreendemos que esse sistema não é abstrato, mas emerge do conhecimento internalizado que o falante tem da língua (competência), sendo analisado o conhecimento exteriorizado, ou seja, o uso ou o produto do conhecimento interiorizado (performance). Tomando como base para descrição de uma língua os princípios gramaticais universais (como a sintaxe gerativa) e aspectos regulares de parâmetros particulares próprios de cada língua. E com o funcionalismo elevamos a análise ao plano do discurso, considerando os aspectos socio-discursivos dos fenômenos, propondo analisar a língua em um determinado contexto de uso, considerando as possibilidades de variação de padrões gramaticais prototípicos.

2.2 Concepções de gramática com enfoque no processo descritivo de línguas

As línguas apresentam unidades hierarquizadas a partir de regras combinatórias que integram classes, conforme cada tipo de língua. Esse conjunto de princípios e parâmetros organizacionais próprios da linguagem humana, inerente à nossa espécie, é denominado **gramática universal** ou gramática geral. A partir da gramática universal/geral são concebidas diversas semelhanças e particularidades entre línguas.

Com base nas semelhanças entre determinadas línguas, são formuladas hipóteses considerando o amplo conjunto de pressupostos teóricos com o objetivo de produzir uma teoria geral do funcionamento das línguas. Essa gramática é concebida como **gramática teórica**. Conforme Azeredo (2018);

A gramática geral é latente, implícita; a gramática teórica é um corpo de afirmações que hipoteticamente revela, de modo explícito, a natureza do conhecimento humano que chamamos gramática geral. A explicação da gramática teórica é o objetivo maior da ciência da linguagem (Azeredo, 2018, p.137)

Nessa direção, faz-se necessário conceituar gramática latente (implícita) e gramática explícita. A **gramática latente** envolve o conhecimento que cada falante possui de sua língua, de forma específica, o que lhe torna apto a falar e compreendê-la. A gramática **explícita** é o corpo de informações que objetiva explicitar o conhecimento que cada indivíduo tem da sua própria língua com base nos princípios da gramática teórica. Com base em Azeredo (2018), podemos conceber a gramática explícita como **gramática descritiva**.

Tendo, com a presente pesquisa, o objetivo de empregar aporte teórico para subsidiar a análise da realização do fenômeno de classificação dos sinais da Libras (considerando as categorias determinativas e combinatórias), por tornar explícito o conhecimento de pessoas surdas, usuárias da língua como principal meio de comunicação e expressão, tal fato a situa no campo de análise da gramática descritiva. Nesse âmbito, a pesquisa descritiva, ao encontro de Azeredo (2018), busca descrever, ou seja, explicitar, por meios técnicos, certos usos da língua, considerando: delimitação de um objeto de análise, seleção de um *corpus*, subsídio teórico e, por fim, a tarefa de classificar e enunciar as regras de funcionamento do fenômeno analisado.

Partindo de um *corpus* composto de situações reais de produção, com enunciados colhidos em contexto da língua em uso corrente, estaremos levando em conta na metodologia aplicada as diferenças sociocomunicativas e partimos da **gramática de uso**. Nesse contexto, conforme Azeredo (2018), estamos descrevendo o funcionamento da língua ‘tal como ela é’ e da forma que ela se realiza em determinado contexto de fala. Tal pressuposto diverge da concepção da **gramática prescritiva/normativa**, tendo em vista que não tem por objetivo controlar o uso estabelecendo critérios de adequação a norma da variedade padrão da língua, necessária a adequação social, dita de prestígio.

Em termos gerais, por gramática também podemos subentender o compêndio de teorias e princípios que regem o funcionamento de uma língua. O termo pode ainda ser utilizado para designar o estudo dos elementos que compõem a língua, suas palavras, fonemas, morfemas, dentre outros elementos que a compõem. Nesse respeito, faz-se necessário distinguir a gramática e o léxico.

Azeredo (2018) discorre sobre o conceito de dupla articulação da linguagem como sendo a associação de dois planos; o plano da expressão (constituída da camada sonora da linguagem) e o plano do conteúdo (correspondente ao significado). Sendo este último plano de duas ordens, de acordo com a natureza do acervo paradigmática, significados lexicais e significados gramaticais. A esse respeito, as palavras que utilizamos para nomear os dados (seres, lugares, estado, atributos) expressam significados lexicais. E, a ordem em que esses itens são colocados e os elementos que são acrescentados para produzir uma frase bem construída são de natureza gramatical.

Recorrentemente, os significados lexicais são associados aos dados do mundo externo à linguagem. De acordo com Azeredo (2018), dada a função de nomear o mundo, esses dados são numerosos, formam um conjunto potencialmente ilimitado e constituem uma série aberta de elementos. Já os significados gramaticais têm a função de organizar os elementos lexicais, necessários a formação das frases e ao estabelecimento de interlocução. Esses, geralmente, são expressos por unidades que pertencem a conjuntos relativamente reduzidos e limitados.

Ainda com Azeredo (2008), não há limites para os conteúdos de nossos discursos, em contrapartida os recursos de expressão, que incluem formas e combinações, são restritos. Isso se dá em virtude do caráter coletivo e compartilhado do sistema da língua, não podendo ser inventada aleatoriamente, pois há um contrato firmado implicitamente entre os usuários necessários a compreensão.

Nessa linha, reconhecemos que o “léxico é a via pela qual toda a experiência do universo – coisa infinita e em permanente recriação – recebe simbolização na linguagem para ser transformada em assunto” (Azeredo, 2018, p.142). Logo, é possível compreender que a gramática organiza esse acervo de dados em classes e estabelece os mecanismos sintáticos que articulam as unidades do léxico em enunciados funcionais com o meio de interação social.

É importante frisar que a fronteira entre itens lexicais e itens gramaticais não é enrijecida, tendo suas identidades passíveis de mudanças, uma vez que a fronteira entre léxico e gramática está sujeita aos mesmos princípios gerais de funcionamento, como o princípio da grammaticalização. A esse respeito, Azeredo (2018) pontua:

Basicamente, um signo qualquer da língua – palavra, expressão, frase – se grammaticaliza quando deixa de significar objetos, ações, atributos – entidades do universo de nossas experiências reais e imaginárias – e

passa a funcionar na organização estrutural do texto e no processamento da comunicação (Azeredo, 2018, p. 143).

Assim, com base em Azeredo (2018), podemos compreender que unidades do léxico pode passar a funcionar como unidades da gramática, e unidades de caráter gramatical podem se especializar ainda mais nessa função. Tal compreensão deve ser considerada ao tratar sobre processos de classificação e categorização dos itens e elementos de determinada língua.

Para Azeredo (2008), as categorias são classes de conceitos ou operações conceituais que organizam nossas diversas experiências de mundo, desde esquemas de situação (eventos amplos) até ações simples, por exemplo, descascar uma laranja. Conforme o autor, os seres humanos organizam suas experiências a partir das suas percepções em um amplo arquivo mental, ao qual denominou de ‘conhecimento’ ou ‘dados do mundo’, os quais ingressam nesse domínio sempre organizados em esquemas, classes, e categorias conceptuais.

Azeredo (2008) destaca algumas dessas categorias,

Noções como evento, estado, ação, substância, qualidades; propriedades como mineral e vegetal, natural e cultural, real e fictício, concreto e abstrato, passado e presente, singular e plural, geral e específico, profundo e superficial, erudito e popular, sagrado e mundano, correto e errado são categorias, ou seja, modos de organizar nossas experiências do mundo e de fazer delas assunto de nossos discursos (Azeredo, 2018, p.144).

Desse modo, o discurso expressa sentidos organizados devido aos recursos simbólicos constitutivos de uma língua natural. Com isso, explica o autor, cada frase produzida, traduz uma seleção e um recorte de conteúdo. E, a partir dela, pela referência subjacente, pode-se reconstruir ou construir outras frases, baseando-se nas experiências de mundo particular de cada enunciador, utilizando uma espécie de ‘realidade figurada’. Assim, um enunciado se constrói a partir de um sentido comum subjacente aos usuários da língua e de aspectos subjetivos de referência.

O sentido comum subjacente, nos termos de Azeredo (2018), consiste em um conjunto de informações que são partilhados pelos interlocutores. A língua é entendida como forma coletiva de codificação do conhecimento. O autor destaca que as informações se distribuem por uma variada rede de tipos, dentre os quais apresenta dois, informações

lexicais (relativa aos seres, seus atributos e suas ações) e informações gramaticais (relativas à organização das frases como forma linguística de comunicação).

Azeredo (2018) pontua que a forma coletiva do conhecimento partilhado permite aos usuários reconhecer nas frases um conjunto de informações provenientes de várias espécies de categorizações subjacentes aos verbais. O autor destaca quatro dessas espécies, as quais são: categorização lexical, categorização determinativa, categorização combinatória e categorização morfossintática.

A categorização lexical corresponde à função das formas que simbolizam e nomeiam os dados sensíveis ou intelectuais do mundo real ou imaginários, nos termos de Azeredo (2018), ‘objetos de conhecimento’. São as unidades do léxico da língua, apresentadas nos dicionários, que estão em oposição às unidades gramaticais. Estes pertencem à estrutura ou organização formal da língua, descritos na gramática. Com base em Azeredo (2018), as unidades lexicais correspondem fundamentalmente a três categorias amplas, a saber: seres/entidades, ações/processos e propriedades/atributos.

Conforme elucida Azeredo (2018), as características dos determinantes só não são observadas nos numerais, visto que, embora ocupem a mesma posição dos determinantes na oração, têm natureza lexical, uma vez que significam as quantidades constantes e precisas. A fim de concordar com o nome que acompanham, os determinantes apresentam forma variável em gênero e número. Para Azeredo (2018), a relevância dessa categoria está nos papéis semântico-textuais que desempenham na construção da referência operada pelo sintagma nominal.

A categorização determinativa, segundo de Azeredo (2018), se constitui como um amplo expecto de noções expressas pelas palavras que, de modo ordinal, precedem os substantivos na construção dos enunciados. Esses não se referem às entidades estáveis no ‘mundo das coisas’, mas se referem a informações apreendidas na situação discursiva ou no espaço do texto.

De acordo com os estudos de Azeredo (2018) e Dubois *et al.* (2007), esses elementos que atualizam o substantivo lhes dando determinação, na língua portuguesa, podem corresponder aos artigos, adjetivos e complementos nominais. Mas, em sentido mais restrito, os determinantes podem formar uma classe de morfemas gramaticais que dependem, em gênero e número, do substantivo que especificam. Assim, na língua portuguesa, os determinantes podem se relacionar as classes gramaticais dos artigos, possessivos, demonstrativos, adjetivos (interrogativos, relativos e indefinido) e numerais.

Para Dubois *et al.* (2007), na gramática gerativa, os determinantes (D) são um constituinte obrigatório do sintagma nominal: SN → D + N. Segundo os autores, os determinantes são formados de muitos constituintes: D → (Pré-Art) + Art + (Pós-Art). Sendo no português o uso obrigatório do determinante pelo artigo e facultativo o uso do pré-artigo e do pós-artigo.

A categorização combinatória pode ser sintática se referindo aos mecanismos formais de construções de enunciados (sujeito, complemento e adjunto) ou podem ser semânticas (agente, paciente e lugar) se atendo às relações de sentido. Essas unidades se articulam na expressão de um evento ou de um fato. Nessa direção, um evento pode articular informações sintáticas e/ou semânticas, ambos os tipos se tratam de valores sintagmáticos ou combinatórios.

Nessa mesma direção, conforme Dubois *et al.* (2007), são consideradas sintagmas a combinação de diversos elementos num enunciado. Os autores explicam que, para Saussure, essas combinações são do domínio da fala, uma vez que Saussure define a fala como as combinações pelas quais os falantes usam o código da língua, de modo a exprimir pensamentos individuais, ou ainda como mecanismo psicofísico que o habilita a exteriorizar as combinações. Segundo Dubois *et al.* (2007):

A teoria de F. DE SAUSSURE fundamenta-se na necessidade de definir toda a unidade da língua, segundo dois eixos: do das oposições (eixo paradigmático, que SAUSSURE chamava *associativo*) e o das combinações (eixo sintagmático). No eixo das combinações, as unidades mantêm entre si relações de contraste e não de oposição. Definir-se-á a função combinatória das unidades como a possibilidade de se associarem entre si para formar grupos que permitem a realização de unidades de nível superior: combinatória de fonemas que resultam no morfema, combinatória de morfemas que resultam no lexema ou no sintagma, e assim por diante, até o discurso (Dubois *et al.*, 2007, p. 117).

Com Dubois *et al.* (2007) apreendemos que a categorização de elementos combinatórios pode ser ampla, considerando aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Porém, observamos que se detém a análise de como os elementos de uma língua se articulam. Tomamos como exemplo, conforme Dubois *et al.* (2007), a lexicologia estrutural, que utiliza o essencial da metodologia de análise fonética, uma vez que “a análise combinatória das coerções que se exercem nos morfemas, por natureza, não são diferentes das que pesam sobre os fonemas” (Dubois *et al.*, 2007, p. 117).

Sobre a perspectiva teórica oposta à saussuriana, com base no gerativismo de Chomsky, apresentado por Dubois *et al.* (2007), em relação à noção de combinação, está centrada na noção da criatividade da linguagem humana (capacidade de produzir um número indefinido de enunciados inéditos), porém, tal noção “aumenta a dificuldade de explicar o conjunto dos fatores pela análise combinatória” (Dubois *et al.*, 2007, p. 118). Assim, uma reflexão sobre as gramáticas formais possibilitou contatar os limites desses procedimentos linguísticos, tanto na proposta teórica saussuriana quanto na chomskyana.

Com isso, em relação à categorização, vamos nos ater a analisar os elementos combinatórios da Libras que fazem a articulação entre os itens lexicais e gramaticais a nível morfológico, sintático e semântico, envolvendo morfemas, unidades de palavras e frases ou excertos (a nível do discurso). A exemplo, com base em Azeredo (2018), expressam função combinatória na língua portuguesa, o ‘para’ em ‘para passear’ (expressando semanticamente finalidade) e o ‘de’ em ‘de chocolate’ (expressando semanticamente matéria).

A categorização morfossintática constitui um sistema de noções estruturais obrigatórias. Conforme Azeredo (2018), este sistema é inerente à organização interna da língua, que são expressas por meio de variações da forma das unidades lexicais e determinantes. As categorias morfossintáticas se organizam como escolhas que se excluem e que são realizadas no processamento dos enunciados, pelas relações sintagmáticas (masculino x feminino, presente x passado, singular x plural, e assim por diante). Azeredo (2018) ilustra a natureza dessa categoria, destacando que na língua portuguesa as categorias morfossintáticas são: pessoa, gênero, número, modo, tempo e aspecto.

Na oportunidade de conhecer o conjunto de informações gramaticais e lexicais presentes na fala de usuários da Libras, como principal meio de comunicação e expressão, considerando a diversidade de espécie de categorizações subjacentes aos enunciados, nessa pesquisa trataremos das categorizações determinativas e combinatórias. Para tanto, iremos aprofundar os conceitos e pressupostos teóricos sobre esses processos de categorização e o processo de classificação das línguas naturais na próxima seção.

3 OS PRESSUPOSTOS BÁSICOS DO PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS NATURAIS

Nesta seção, trataremos sobre conceitos e princípios que envolvem o processo de classificação das línguas naturais, e apresentaremos alguns desafios que ocorrem ao longo desse percurso. Também, abordaremos aspectos específicos do processo de classificação das línguas de sinais e, consequentemente, da Libras, considerando sua modalidade espaço-visual.

3.1 Os processos de classificação nas línguas naturais

Segundo McCleary e Viotti (2009), um conceito é um princípio de categorização que permite ao ser humano organizar e dar significados para o mundo interno e externo. A construção do conceito passa por um processo de conceitualização. É a conceitualização que nos possibilita relacionar um signo com nossas experiências, com o conhecimento enciclopédico que atribui um significado a uma palavra.

À medida que vamos adquirindo novas palavras, passamos a agrupá-las em objetos, ideias e ações. Estamos, assim, categorizando. A categorização é um processo mental do ser humano. Nessa direção, sempre estamos, em todos os momentos ao longo da vida, classificando ideias, coisas, situações para que possamos compreender e construir novos conhecimentos.

Racionalmente, sem um conhecimento dito propriamente científico, é possível perceber que as entidades (palavras) da língua são classificáveis, mas a compreensão da linguagem de como se sustentam essa categorização não é uma tarefa simples. Em relação à oposição entre as relações sintagmáticas e associativas, a teoria saussuriana afirma que determinados momentos da língua, tudo se baseia por meio das relações. Considerando também que, em tais relações, alguns grupos são oriundos por associações mentais fora da cadeia do discurso. Em outras palavras, ao falar, o usuário lida com as relações de ordem sintagmática e associativa, sendo elas responsáveis pelo funcionamento da língua como sistema de valores (Saussure, 1973).

Conforme apresentado na seção anterior, a *parole* se desenvolve sintagmaticamente ao longo de um eixo virtual de sucessão, em que cada elemento ou signo ocupa uma posição significativa. Os significados provêm da posição que o signo ocupa em relação aos outros signos correspondentes em seu contexto. E, há ainda outros

signos ausentes desse mesmo contexto, mas que podem ser evocados por meio da memória implícita da *langue*, constituindo o eixo associativo ou paradigmático.

Sendo o significado de um elemento linguístico determinado neste duplo enquadramento, sintagmático e paradigmático, os signos de uma língua se deixam colocar no interior de uma classe permitindo-lhe se relacionar com outros membros formando o sistema da língua. Os signos, ou as palavras, podem ser agrupados como elementos da mesma classe de sentido, por possuírem a mesma base semântica. Através do sema, unidade mínima de significação estabelece relação de significado compartilhado entre palavras de diferentes grupos. Por exemplo, a relação entre os diferentes grupos: homem/mulher/criança (humanos) e gata/gato/gatinho (animais). Essas unidades menores que os signos, porém, componentes dos signos, podem ser ordenadas em feixes e formar os sememas. Como em: Homem = humano + masculino + adulto.

De acordo com Neves (2006), outras unidades mínimas deflagradas que são imperceptíveis sem um estudo linguístico são os fonemas (na fonologia) e morfemas (na morfologia), conforme apresentado nesta pesquisa. Tais unidades são abstratas e perceptíveis apenas na relação de oposição que estabelecem entre si. As palavras se distinguem por essa relação de oposição entre, pelo menos, um par mínimo, de formas ocorrentes na língua. Tal percepção dos traços e operações dessas formas mínimas requer um rigor teórico científico.

Percebe-se que a linguística sempre se ocupou de definir e distinguir as palavras e suas classes, o que é indispensável para o conhecimento e descrição do sistema de funcionamento de uma língua. Porém, de acordo com Neves (2006), estabelecer a classificação de palavras é um desafio por dois fatores. Primeiro, considerando as particularidades das línguas naturais, o que uma língua expressa por uma classe, outra língua pode expressar por outra. Segundo fator, classes a que se dá igual denominação podem ter funções parcialmente diferentes nas línguas (lembrando que cada classe não necessariamente corresponde a determinada função). Como exemplo, a autora, destaca o morfema *ing* no inglês, que geralmente é considerado uma desinência de particípio que pode atuar em correspondência a um infinitivo, embora tenha suas particularidades semânticas e pragmáticas. Como as formas: “He likes to talk” ou com *ing*, “He likes talking” que pode ser entendido no português como “Ele gosta de conversar”.

Outro desafio em relação à distinção das classes de palavras apontadas por Neves (2006) é que a classificação de palavras das línguas ocidentais é oriunda da gramática

alexandrina, que derivou a base lógica estabelecida na Grécia clássica, que objetivava estabelecer “as partes do discurso” ou proposições lógicas. De acordo com Neves (2006), essa base nem sempre foi bem interpretada, visto que geralmente é ignorada a finalidade para qual foi estabelecida, na formação da gramática da época alexandrina, diferindo do propósito de analisar as gramáticas em nosso contexto atual.

As descrições das classificações de palavras nas línguas, principalmente nas gramáticas tradicionais ocidentais, de acordo Neves (2006), geralmente vai da definição semântica à descrição morfológica flexional (nas classes flexionais), passando pelas subclassificações tanto de base semântica como de base morfológica. Ao encontro com o que vem sendo tratado nesse texto, Neves (2006) também discorre sobre a complexidade em estabelecer classes de palavras, na identificação de unidades mínimas, sememas, fonemas e morfemas.

A esse respeito, a autora pontua que se faz necessário levar em conta os aspectos sintáticos na função das palavras de acordo com a organização dessas entidades na estrutura da frase. Assim, todos os níveis linguísticos interferem no processo de classificar palavras. Nessa direção, esclarece Neves (2006):

O que se pode dizer, afinal, é que, de um modo geral, a organização das classes de palavras é um capítulo delicado da sistematização gramatical. Isso começa com a dificuldade de uma definição teórica da entidade palavra, passa pela dificuldade de tratar essa entidade isolada da série de funções com as quais ela se relaciona – sem biunivocidade –, e chega ao falseamento histórico representado pela tradicional desconsideração do comportamento dessas entidades no fazer do texto. É o ponto ao qual chegaremos, ao final (Neves 2006, p. 06).

Diante disso, faz-se necessário estabelecer critérios para identificação de classe de palavras/sinais na Libras. Porém, é importante compreender que tais critérios estão sujeitos à crítica, justamente por se tratar de usar critérios lógicos para descrever línguas naturais. Nessa linha, Neves (2006) embasada nos autores Adrados (1969) e Hjelmslev (1976), apresenta três critérios utilizados sequencialmente na linguística para o reconhecimento das classes das palavras.

Primeiro, observa-se a forma e a distribuição das entidades, critério que pode ser suficiente para atingir o propósito da classificação. Em segundo lugar, a função exercida pela palavra na oração, esse critério é adotando quando a forma e distribuição levam a ambiguidade. E, por fim, é observado o sentido, critério adotado pela gramática

tradicional, que constitui um resultado da função e da classe. Esse último critério está sujeito a generalização excessiva, por isso é inseguro, embora se tenha que reconhecer que a unidade formada tem uma unidade de conteúdo. Neves (2006) acrescenta a esses critérios os contextos de recurso e situação.

A estudiosa trata da necessidade de adotar mais de um critério, uma vez que, tomados isoladamente, tais critérios podem falhar. É o caso de se tomar a forma isoladamente para delimitação de classe. A autora apresenta o exemplo da palavra CLARO e DURO, na frase em português “Era um material claro e duro” essas palavras pertencem a classe de adjetivos, mas, na frase “Falava claro e duro” as palavras são advérbios. Vemos assim que elementos idênticos podem representar classes diferentes. No entanto, Neves (2006) salienta que em muitos casos a forma pode ser determinante.

A pesquisadora afirma que, em algumas línguas, se pode fazer a distinção entre verbo e substantivo, sendo que o substantivo não apresenta flexão de tempo. Em outras línguas o substantivo apresenta flexão de caso e o verbo não, como o latim. Assim, a forma, tomada juntamente com a sintaxe, compõe as categorias morfossintáticas pessoa, gênero, número, modo, tempo e aspecto, conforme apresentado anteriormente, podem contribuir para identificação de classes de palavras.

Segundo Neves (2006), não há como estabelecer quais critérios adotados para classificação de palavras, deve ser tomado em prioridade a outro. Dentre as dificuldades destacadas, está a das unidades lexicais (seres/entidades - substantivo, ações/processos – verbo e propriedades/atributos - adjetivo) e suas funções que não permitem uma fixação de conteúdo para classes. Comungamos com a afirmação da autora de que “as classes de palavras não podem ser pensadas como compartimentos de fronteiras absolutamente rígidas, como compartimentos estanques, fechados e impermeáveis, com conteúdo univocamente e imutavelmente estabelecido” (Neves, 2006, p.10).

A esse respeito, a pesquisadora dá como exemplo, na língua portuguesa, o caso de substantivos colocados em uma frase após outro substantivo tender a indicar propriedade, passando assim de substantivos a adjetivos. De acordo com seus estudos, isso se dá por causa dos critérios de categorização utilizados pelos falantes que, em geral, partem da distribuição e da função e, por si mesmos, vão marcando a forma da palavra com morfemas de flexão.

O uso do morfema flexional de plural pode indicar qual a classe da palavra, se no contexto da frase determinado substantivo concordar com o plural que o antecedeu, ele

passa a ser um adjetivo, na língua portuguesa. Como no exemplo dado pela autora, *Enviou-se o caso a todos os bispos membros das conferências episcopais*, a palavra *membros* concorda com o substantivo que a antecede *bispos*, revelando a categorização de *membros* com a função de adjetivo nessa distribuição.

Neves (2006) apresenta, ainda, alguns motivos pelos quais as classificações de palavras gramaticais serem mais complexas do que nas palavras lexicais. Primeiro, um elemento pode pertencer a mais de uma classe, como no caso das palavras MUITO e POUCO, ambas podem ser pronomes indefinidos (variáveis) ou advérbios de intensidades (invariáveis). Segundo motivo, algumas classes abrigam elementos que são de natureza e comportamento muito diversos. Como no caso do advérbio que pode ser um intensificador de verbo, de adjetivo ou de outro advérbio; um indicador de modo (qualificador) do verbo ou do adjetivo (de ação, processo, estado); um modalizador de termo, de oração, de frase, de discurso; e, uma palavra interrogativa de *lu* *gar*, de tempo, de modo, de causa, conforme demonstra (Neves, 2006, p.13-14).

O terceiro motivo apresentado por Neves (2006), da classificação de palavras gramaticais serem complexas, não podendo constituir uma repartição rígidas, é o fato de determinadas classes gramaticais tradicionais estabelecidas poderem ter propriedades comuns que as unem num grande grupo funcional, como os determinantes, que reúne, certos pronomes, artigos, numerais. Os determinantes produzem para os nomes uma função determinativa, ou seja, discursivizam os elementos nominais, “alavancam os nomes do nível da língua para o nível do discurso” (Neves, 2006, p. 14).

A linguista aponta, por fim, a importância de compreender as classes de palavras como altamente determináveis segundo o comportamento no enunciado como um todo. Assim, verifica-se que o funcionamento das classes de palavras está ligado às diversas funções da linguagem. As unidades da língua têm de ser analisadas com relação ao texto, além de suas composições isoladas mórfica e de sentido, sejam essas unidades lexicais ou gramaticais. Nessa direção, a pesquisadora apresenta o que se deve considerar em relação ao processo de classificação das palavras de uma língua:

Nesse sentido, o modo de operação tem base sintático-semântica, vista a semântica como construção de sentido da frase, bem como do texto, e a sintaxe, por outro lado, como responsável pelo arranjo construtor de sentido, tudo com determinação pragmática, pois toda organização do enunciado lingüístico é dependente da situação discursiva em que ele se insere e das intenções envolvidas na interação. É propor que, para essa tarefa, se parta do texto em sua organização semântica, bem como em sua organização interacional, depreendendo-se, daí o

funcionamento geral das classes de palavras e sua taxonomia (Neves, 2006, p. 15).

Na língua portuguesa as palavras estão categorizadas em dez classes, elas são: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Tais classes podem organizar palavras lexicais e gramaticais. Ao encontro do que já foi explorado nessa pesquisa, as palavras lexicais distinguem e nomeiam o mundo e seus objetos, seres, ações, dentre outros, e as palavras gramaticais reúnem um conjunto de informações que servem para o funcionamento da língua.

Os vocábulos nominais e verbais, denominação usada por Câmara Jr. (1970), são palavras lexicais, ao encontro de Azeredo (2008) que afirma que tais unidades lexicais compreendem as categorias, seres/entidades correspondente ao substantivo, ações/processos correspondentes ao verbo. Lemos em Câmara Jr.:

O nome e o verbo são deduzidos da mesma realidade objetiva ou mundo real, conforme ela se apresenta ao nosso espírito sob um aspecto ESTÁTICO ou sob um aspecto DINÂMICO (gr. *stásis* “posição em pausa”, *dúnamis* “força” em desenvolvimento). O semantema refere-se, assim, respectivamente, a um ser ou a um PROCESSO (Câmara Jr. 1970, p. 151).

Azeredo (2008) acrescenta às palavras lexicais, a categoria propriedades/atributos corresponde aos adjetivos. A respeito dos vocábulos nominais e verbais, também é sabido que esses submetem aos processos flexionais. Os nomes se caracterizam morficamente pela possibilidade de apresentar desinência de gênero e número. Já os verbos podem apresentar desinência de modo-temporal e número-pessoal.

Dentre as dez classes de palavras apresentadas na língua portuguesa, seis são variáveis, sendo elas: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral e verbo. Sendo que parte da literatura considera que o nome envolve as classes; substantivo, adjetivo, artigo, pronome e numeral. Dentre essas, as classes que são reconhecidas como principais são o substantivo e o adjetivo, visto que as demais classes, pronome, artigo e numerais podem variar de função, ou seja, só podem ter sua classe estabelecida, ou gramática resolvida, se considerarmos o seu papel de referência textual (Neves 2006, p. 19).

Outra classe a se dar atenção específica é o pronome. Morficamente os pronomes não se distinguem dos nomes, pois flexionam em gênero e número. No entanto, semanticamente os nomes representam o mundo e seus objetos e os pronomes os indicam,

ou seja, são dêiticos. Também, além de flexionar em gênero e número, os pronomes, flexionam também em pessoa e caso.

Embora se possa encontrar na literatura que os nomes flexionam em grau, aumentativo e diminutivo no substantivo, realizado geralmente através de sufixo, trata-se de derivação e não propriamente de flexão. E, os graus comparativo e superlativo, podem ocorrer tanto por meios processos derivacionais, quanto por processos de natureza sintática, sendo assim opcionais e não obrigatórios, Câmara Jr. (1970; 2002).

Nessa direção faz-se necessário levantar e selecionar critérios para analisar o processo de classificação de sinais, uma vez que pretendemos descrever as categorias dos determinantes e articuladores na Libras, a partir do contexto de fala de surdos docentes no ensino superior. Para essa tarefa trataremos dos sinais, com base em critérios morfológicos, sintáticos e semânticos. Uma vez que, a partir de tais critérios, conforme indica a literatura na área, é possível identificar nas línguas naturais as classes; verbos, substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, interjeições, advérbios e outros.

Retomemos características das categorias determinativas e combinatórias, apresentadas na seção anterior. Com Azeredo (2008) compreendemos que os determinantes não se referem a entidades estáveis no ‘mundo das coisas’, mas a informações apreendidas em situações discursivas. Os determinantes têm um amplo espectro de noções que, no português, são expressas por palavras que ordinalmente, geralmente, precedem os substantivos na construção dos enunciados e apresentam forma variável através de processos flexionais, como o uso de artigos. Os determinantes são indispensáveis à constituição do enunciado em uma língua.

Já as categorias combinatórias podem ser sintáticas ou semânticas. Azeredo (2008) define as categorias combinatórias sintáticas às que se referem aos mecanismos formais de constituição do enunciado, ou seja, as funções sintáticas. As categorias combinatórias semânticas estão relacionadas ao sentido, ou seja, as funções semânticas ou temáticas. Na língua portuguesa, podem estar relacionadas ao uso de algumas preposições como o ‘de’ e o ‘para’, em outros casos, pode envolver aos elementos articuladores, tais como as conjunções.

Dadas as características das categorias determinativas e combinatórias, relembradas aqui sucintamente, conforme Azeredo (2008), identificamos uma possibilidade de análise e descrição dessas com base em critérios semânticos e sintáticos. Por sua vez, Câmara Jr. (1970) destaca que os critérios semântico e mórfico estão

intimamente associados. Conforme o autor, o sentido não é independente, mas conjuga-se a uma forma. Referindo-se ao português, no capítulo *A classificação dos vocábulos formais* do livro *A estrutura da Língua Portuguesa*, o autor pontua que a união desses critérios, que chamamos de morfossemânticos é fundamental na classificação, sendo que aponta uma divisão dos vocábulos formais em nomes, verbos e pronomes.

Câmara Jr. (1970) argumenta que, semanticamente, os nomes representam as coisas, ou seres e os verbos representam processos, e que tal definição pode ser rejeitada por argumentos filosóficos que demonstram que é impossível separar no universo biosocial os seres e os processos. No entanto, a oposição entre forma separa nitidamente o nome do verbo, e o que caracteriza semanticamente o pronome limita-se a mostrar o ser no espaço. De forma similar, os pronomes semanticamente se diferem dos nomes, uma vez que não sugerem nada sobre as propriedades intrínsecas ao ser, mas que se limita a mostrar o ser no espaço, sendo morficamente distinto do nome.

Nas palavras de Câmara Jr. (1970):

Há a função de substantivo, que é a do nome ou pronome tratado como o centro de uma expressão. E há a função de adjetivo, em que o nome ou pronome é o termo determinante e modifica um nome substantivo ou tratado como determinado. Em português, o adjetivo se caracteriza por uma concordância em gênero, número com o seu determinado. Um terceiro conceito tradicional, de natureza funcional também, é o advérbio. Trata-se de um nome, ou pronome, que serve de determinante de um verbo (Câmara Jr., 1970, p. 78).

Os demais vocábulos que têm a função de relacionar uns com os outros, ou seja, que estabelecem conexão entre dois ou mais termos, sejam eles os nomes, verbos e pronomes, Câmara Jr. (1970) os denominou de vocábulos conetivos. Para o autor, os conetivos estão divididos em duas subcategorias, dos subordinativos que fazem de um termo o determinante do outro (sem necessitar de concordância) e dos coordenativos que apenas adicionam um termo a outro. Com base em Câmara Jr. (1970, p. 79-80), podemos depreender uma classificação das palavras no português como sendo: nos nomes e pronomes – substantivo (termo determinado), adjetivo (termo determinante de outro). Nos verbos - advérbio (termo determinante de um verbo). E nos conetivos – coordenativos (que adicionam um termo a outro) e subordinativos de vocábulos (preposições) subordinativos de sentenças (conjunções).

Conforme observado, as categorias determinantivas e combinatórias, no português, se relacionam com as classes gramaticais de artigo definido e indefinido,

numerais, pronomes demonstrativos, preposições, conjunções, dentre outras. No português, de maneira geral, são identificadas dez classes gramaticais, enquanto as pesquisas de referência na área descritiva da Libras tratam com frequência das classes gramaticais verbos, substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, interjeições e advérbios. Sendo que classes tais como, artigos, preposições, conjunções, geralmente não são amplamente mencionadas, o que torna necessário uma descrição da realização dessas classes gramaticais na Libras, a partir do fenômeno de classificação.

Conforme já mencionado, Neves (2006) elucida que determinadas classes gramaticais tradicionalmente estabelecidas poderem ter propriedades comuns que as unem num grande grupo funcional, como os determinantes que reúnem certos pronomes, artigos, numerais. Os determinantes produzem para os nomes uma função determinativa, ou seja, discursivizam os elementos nominais.

Esperamos que a análise e descrição da realização dessas categorias na Libras possam contribuir para compreensão das relações gramaticais de expressão na composição dos enunciados. É nesse sentido que apresentamos os nossos estudos sobre os aspectos linguísticos das línguas de sinais.

3.2 Breves apontamentos sobre os aspectos linguísticos das línguas de sinais

Antes de iniciarmos a tarefa de selecionar e estabelecer critérios para descrição e classificação de palavras nas línguas de sinais em geral, e na Libras, trataremos sobre algumas de suas especificidades. Isto se faz necessário devido às línguas de sinais possuírem características que as diferem das línguas orais, uma vez que pretendemos eleger critérios que sejam aplicáveis também às línguas orais, mas que respeitem as características individuais das línguas de modalidade espaço-visuais.

Inicialmente, é importante esclarecer que a estrutura de cada língua de sinais é independente da estrutura das línguas orais utilizadas no mesmo território. A língua de sinais utilizada por grande parte da comunidade surda brasileira, a Libras, é léxica, gramatical e tipologicamente diferente do português falado.

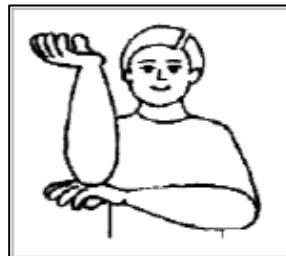
Nessa direção, as línguas de sinais mais conhecidas são predominantemente usadas pelas comunidades surdas em ambientes urbanos e existem como línguas minoritárias entre as línguas orais, faladas e escritas usadas pelas pessoas ouvintes. No entanto, reconhecemos que outros contextos menos recorrentes possam existir, em que as línguas de sinais são utilizadas amplamente tanto por surdos quanto por ouvintes, como

ocorre em comunidades das vilas com histórico de surdez hereditária, contextos relatados em pesquisas como as de Schwager e Zeshan (2008).

As línguas de sinais são de modalidade gesto-visual, por isso, nessas línguas, usamos as mãos e os braços, além de meios não manuais, como expressões faciais, movimentos da cabeça e posturas corporais para transmitir mensagens linguísticas ao invés de utilizar recursos sonoros e auditivos como nas línguas orais. Ao encontro dessas informações, Schwager e Zeshan (2008) pontuam que, nas últimas décadas, pesquisas têm demonstrado que as línguas de sinais são línguas humanas naturais, com uma organização complexa de sua gramática.

Outra característica específica das línguas de sinais, apresentada por Schwager e Zeshan (2008), é o fato de essas línguas terem muitos sinais icônicos ou motivados, divergindo das línguas de modalidade oral, ou seja, muitos sinais "parecem" com os referentes que eles significam até certo ponto. Dentre os exemplos, os autores apresentam o sinal que significa 'árvore', esse sinal representa visualmente partes do conceito. Na Libras, o sinal se realiza de forma motivada, também, com as raízes representadas pelos dedos da mão de apoio, o tronco da árvore pelo braço e os galhos da árvore pelos dedos da mão dominante, conforme ilustrado a seguir na Figura 2 que apresenta o sinal de ÁRVORE em Libras.

Figura 2 – Sinal de ÁRVORE em Libras



Fonte: Capovilla *et al* (2001)

Schwager e Zeshan (2008) classificam as línguas de sinais como sendo de um grau muito alto de fonossimbolismo. De acordo com os autores, essas características das línguas de sinais podem causar problema teórico no nível sub-lexical, uma vez que partes dos signos seriam unidades mínimas significativas, mas também poderiam ser consideradas fonemas e não morfemas.

Os pesquisadores explicam que, pelas línguas de sinais serem de modalidade gesto-visual, não há uma maneira satisfatória de registrar as propriedades dinâmicas e tridimensionais das declarações sinalizadas em papel. Portanto, na ausência de

publicações multimídia, como arquivos de vídeo integrados, são adotadas outras estratégias de registro, como a transcrição mais ou menos padronizada, que pode ser enriquecida por ilustrações para maior clareza.

Schwager e Zeshan (2008) pontuam que as transcrições podem ser realizadas na forma de um texto alinhado verticalmente, com várias linhas, não muito diferente das transcrições interlineares na linguística de línguas orais. No entanto, a linha de transcrição central consiste não em uma representação dos sinais em si, mas em vez disso, glosas que utilizam letras maiúsculas (de determinado alfabeto de língua oral) para representar parte do significado dos sinais.

Em sua pesquisa, os autores utilizaram glosas em alemão para sinais em Língua de Sinais Alemã e glosas em inglês para Língua de Sinais Kata Kolok. De acordo com os pesquisadores, esse processo de transcrição permite ao leitor reconstruir a ordem das palavras em um enunciado sinalizado e as imagens, a morfologia interna dos sinais. Mas não fornece nenhuma indicação do que realmente contempla o enunciado.

Por isso, é importante que a análise dos sinais, quanto à categorização ocorra com base na observação da realização dos sinais dentro do contexto, e não parta das glosas, a fim de evitar erros conceituais. Para ilustrar, apresentamos em Libras a sentença que está disposta no Quadro 3 com um excerto em Libras.

Quadro 3: Excerto em Libras



Fonte das imagens: Capovilla *et al* (2001)

O sinal glosado por CONVERSAR representa um verbo, porém, o sinal glosado por DOCE não pode ser um substantivo, considerando o contexto de produção de expressão. Visto que DOCE está atribuindo um atributo ao verbo CONVERSAR esse se constitui nessa sentença como um advérbio de modo, ou seja, a forma como a conversa é estabelecida, de forma agradável, demonstrando sensibilidade, tato.

Devido a essas questões de registro, bem apresentadas pelos autores supracitados, realizaremos a transcrição dos textos sinalizados pelos surdos participantes da pesquisa utilizando os sistemas em glosas de transcrição de enunciados e textos de línguas de sinais propostos por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004). O conteúdo será complementado com vídeos e texto de apoio ao entendimento em língua portuguesa. Essas medidas serão adotadas, tendo em vista o formato de registro impresso dessa tese, e na oportunidade de desenvolver um trabalho que alcance um público maior, favorecendo o entendimento da realização dos sinais em Libras, língua de modalidade espaço-visual.

Para dar continuidade à nossa reflexão, discorremos sobre os desafios para eleição de critérios de classificação de sinais nas línguas de sinais.

3.3 Desafios para eleição de critérios de classificação de sinais nas línguas de sinais

Um grande desafio de estabelecer critérios de classificação de sinais na Libras é definir a própria unidade sinal/palavra. Conforme amplamente difundido, os sinais são constituídos por cinco parâmetros que correspondem ao nível fonológico; configuração de mão, ponto de articulação, orientação, movimento e expressões não manuais (faciais e corporais). A definição parece simples, no entanto, conforme apresentado por Schwager e Zeshan (2008), a forma de realização desses parâmetros pode apresentar sobreposição entre funções formais e significativas de partes sub-lexicais de signos, o que pode gerar problemas teóricos na distinção entre fonemas e morfemas em línguas de sinais, o que levou alguns autores a cunhar novos termos como “fonomorfema” ou “íon-morfos” (Fernald e Napolli, 2000 *apud* Schwager e Zeshan, 2008).

Retomando o sinal de ÁRVORE para exemplificar a questão, Schwager e Zeshan (2008) apresentam seus fonemas: configuração de mão (braço e todos os dedos estendidos); movimento (torção no pulso); ponto de articulação (espaço na frente do assinante) e assim por diante. Pela característica icônica do sinal, o sinalizante pode, por exemplo, movimentar os dedos para simular os galhos balançando ao vento, ou então, deslocar a mão de apoio para realizar o sinal de pássaro, que, em contato com a mão dominante, pode simular o pouso, repousando a mão de apoio (agora ativa) em um dos dedos da não dominante. A Figura 3 apresenta a construção em Libras da frase “O pássaro pousou no galho da árvore”.

Figura 3 – Construção em Libras: O pássaro pousou no galho da árvore



Fonte: A própria autora

Conforme Schwager e Zeshan (2008), a configuração de mão é então claramente significativa (constitutiva) em tais sinais, enquanto, ao mesmo tempo, continua a funcionar como um bloco de construção do sinal no nível fonológico. A sobreposição de elementos nesses sinais, considerados pelos autores como morfologicamente complexos, pode dificultar a segmentação da sinalização e identificação de unidades, uma vez que elas se complementam e, portanto, estão interligadas.

Uma forma de lidar com essa questão apontada em Sandler (1999), é explorar a unidade de sinal em termos de uma série de restrições que normalmente se aplicam a sinais monomorfêmicos, caracterizados por uma unidade de sinal canônica. Tal condição inclui restrições para que o sinal canônico seja monossilábico, ou seja, possua um contorno de movimento único e use apenas um conjunto de dedos selecionados em sua configuração de mãos. Aplicando essas restrições se tornaria possível analisar e classificar os sinais.

A iconicidade nas línguas de sinais também é uma característica que dificulta o processo de classificação dos sinais. O desafio está em identificar determinados sinais em expressões sinalizadas específicas, que se realizam por meio de classificadores. De acordo com Schwager e Zeshan (2008), o problema analítico é mais visível em um subtipo em que determinadas configurações de mãos representam classes de referentes semelhantes. Como exemplo, na Língua de Sinais Alemã, um dedo indicador vertical PESSOA-CL é usado para referentes humanos, enquanto uma mão horizontal e plana pode representar veículos. Para ilustrar a Figura 4 apresenta em A, o classificador de pessoa, e em B, o classificador de veículo.

Figura 4 – A) Classificador de pessoa e B) Classificador de veículo



Fonte: A própria autora

O desafio da iconicidade pode ser somado ao da simultaneidade. Utilizando os sinais espaciais-icônicos, apresentados anteriormente, Schwager e Zeshan (2008) demonstram que é possível combinar os dois sinais em um, com a entidade na classe de veículos (por exemplo, um carro) representada na mão direita e uma entidade na classe de referentes humanos (por exemplo, um homem) representado na mão esquerda. O movimento e a localização dos classificadores mapeiam iconicamente suas entidades referentes, e essas construções podem ser usadas de maneira muito produtiva. Assim, a mão direita pode estar "se aproximando" de um lado e depois "colidir" com a outra, descrevendo a cena em movimento de um homem sendo atropelado por um carro. A Figura 5 apresenta essa construção classificadora em que um homem é atropelado por um veículo.

Figura 5 – Construção classificadora: Homem atropelado por um veículo



Fonte: A própria autora

As características das línguas de sinais apresentadas acima geram uma série de questionamentos levantados por Schwager e Zeshan (2008), tais como: Tendo em vista o exemplo mencionado acima, como decidir em quantos sinais/palavras essa sequência deve ser segmentada? Cada mão é uma palavra e ambas ocorrem simultaneamente? A parte "aproximada" do movimento da mão seria uma palavra separada da parte "colisão"

do movimento? A proposição toda está contida em um único sinal/palavra ou é apenas difícil identificar os limites da palavra em tal enunciado?

Assim, Schwager e Zeshan (2008) mostram que fazer uma descrição da estrutura morfológica interna de tais formações é um grande desafio. Portanto, assim como os referidos autores, para a presente pesquisa decidimos não analisar as construções classificadores e os sinais que possuem morfologia considerada complexa, a princípio. Reconhecemos que essa parte do léxico nas línguas de sinais são teoricamente desafiadoras de lidar e que deverão ser incluídas em uma análise mais específica e abrangente de classe de sinais/palavras.

Diante do exposto, a seleção de critérios morfológicos para classificação de sinais se constitui como um grande desafio, uma vez que as marcações morfológicas podem variar sendo difíceis relacioná-los para estabelecer um critério que seja recorrente estabelecido para distinguir classes de palavras.

A esse respeito, Schwager e Zeshan (2008) explicam que os processos morfológicos são frequentemente inaplicáveis por razões fonológicas, ou seja, devido à forma física do sinal. Por exemplo, se um processo morfológico exige que um sinal seja repetido em vários locais no espaço, em vez de ser sinalizado apenas uma vez em seu local neutro, o processo por definição não pode se aplicar a sinais que devem ser feitos em uma parte específica do corpo, como sinais tocando a cabeça ou a área do peito.

Após apontar a série de características da unidade de palavras nas línguas de sinais e questões teóricas associadas a ela, Schwager e Zeshan (2008) concluem que os tipos de morfologia que encontraram nas línguas de sinais são incomuns na maioria das línguas orais e que suas restrições (das línguas de sinais) podem operar de maneiras que obviamente não se relacionam aos critérios para as classes de palavras.

Em relação aos aspectos semânticos, os pesquisadores afirmam ter encontrado uma quantidade substancial de ambiguidade ou imprecisão sistemática em muitas línguas de sinais. Como exemplo, destacam a Língua de Sinais Indo-Paquistanesa (IPSL), em que muitos de seus sinais tendem a ter significados bastante gerais, limitados pelo contexto do enunciado, com isso, pode ser difícil definir a qual categoria gramatical determinado sinal pertence, embora seu significado seja inteiramente claro semanticamente.

Para ilustrar, Schwager e Zeshan (2008) apresentam que na IPSL, um pronome pessoal pode funcionar como pronome possessivo e os plurais nominais não precisam ser marcados de forma alguma. De um modo geral, os pronomes pessoais nas línguas de

sinais são signos indexais (portanto, denominados índice) orientados para um local no espaço de sinalização, mais comumente percebido como apontando com o dedo indicador (dêiticos).

Apesar dos desafios, Schwager e Zeshan (2008) afirmam que, embora alguns enunciados sinalizados sejam sistematicamente ambíguos no que diz respeito à relação dos signos individuais entre si, isso não significa que os signos em tais enunciados sejam lançados juntos sem restrições estruturais, ou seja, dependendo do enunciado, alterar a ordem das palavras podem resultar em expressões não gramaticais.

Nessa direção, os autores esclarecem o problema é que, mesmo onde podemos observar restrições sintáticas nas línguas de sinais, muitas vezes não é claro como exatamente essas regularidades se relacionam às classes de palavras ou qual o critério para determinar partes do discurso ou partes do sistema de fala. Como exemplo, os autores destacam alguns enunciados na IPSL que não fornecem pistas claras sobre se o trabalho do signo tem um caráter nominal ou verbal, e afirmam também que problemas semelhantes são encontrados em muitas línguas de sinais.

A seguir, apresentamos os processos de classificação nas línguas de sinais para aprofundar o nosso referencial teórico.

3.4 Os processos de classificação nas línguas de sinais

No artigo *Word classes in sign languages Criteria and classifications*, Schwager e Zeshan (2008) tratam das classificações ou tipologia de classes de palavras, (tradicionalmente conhecidas como partes do discurso) específicas das línguas de sinais a partir do estudo de duas delas, da Língua de Sinais Alemã (DGS) e da Língua de Sinais Kata Kolok (KK) utilizada pela comunidade da vila em Bali.

A fim de desenvolver o estudo comparativo entre o DGS e KK, destacando o contraste entre as duas línguas de sinais, uma terceira língua foi utilizada pelos autores, a Língua Gestual Russa (RSL). A RSL é uma língua tipologicamente semelhante a DGS, já foi descrita a nível morfológico por Schwager (2004), podendo ambas serem utilizadas em contraste com KK.

Com a pesquisa, os autores discutem critérios semânticos e estruturais para identificar classes de palavras nas línguas de sinais. Com base em um conjunto de dados de sinais, esses critérios foram sistematicamente testados como um primeiro passo em direção a uma classificação indutiva de sinais. As abordagens e análises relacionadas ao

problema das classes de palavras na tipologia linguística foram usadas para lançar uma nova luz sobre a questão das distinções de classes de palavras nas línguas de sinais. Isso ocorreu, de acordo com Schwager e Zeshan (2008) devido ao tópico das classes de palavras permanecer curiosamente sub-representado na literatura sobre as línguas de sinais apresentando muitos problemas linguísticos, teóricos e metodológicos.

O objetivo da pesquisa foi investigar as classes de palavras ou parte do discurso nas línguas de sinais de uma forma que produzisse resultados descritivamente adequados para cada uma das línguas, enquanto, ao mesmo tempo, desenvolvessem uma metodologia aplicável em vários idiomas. De acordo com Schwager e Zeshan (2008), essa foi uma tarefa muito desafiadora, visto que, até então, havia poucos precedentes na literatura de pesquisa sobre linguística das línguas de sinais. Conforme os pesquisadores, não apenas havia poucas tentativas de identificar classes de palavras em línguas de sinais individuais, mas também sérios problemas teóricos que precisavam ser resolvidos ao longo do caminho.

Um estudo que os linguistas destacaram foi o proposto por Supalla e Newport (1978) sobre a Língua de Sinais Americana (ASL). Nesse trabalho, se discute a distinção entre a relação do par substantivo e verbo. Com base no estudo, foi possível constatar a existência de diferenças sutis nos padrões de movimento entre pares de sinais da ASL, são exemplo, os pares: AVIÃO/VOAR DE AVIÃO, TESOURA/CORTAR COM A TESOURA e PORTA/ABRIR A PORTA.

A configuração de mão, a orientação e o ponto de articulação são os mesmos nos dois sinais de cada par, mas os padrões de movimento diferem, com substantivos (avião, tesoura, porta) sendo caracterizados por movimentos menores e repetidos. Essa diferenciação vale apenas para instrumentos e ações relacionadas, como ‘tesouras’ e ‘cortar com a tesouras’, ou seja, não se aplica a todos os substantivos e verbos em ASL. Outro trabalho na área mencionado superficialmente pelos autores é o de Johnston (2001 *apud* Schwager e Zeshan, 2008), que investiga se o mesmo processo se aplica também na Língua Gestual Australiana.

Ainda sobre a identificação de classes de palavras ou parte do discurso a partir de uma análise descritiva da ASL, relatada pelos autores, é o de Padden (1988). O referido autor discute uma série de testes de diagnóstico de classes de palavras, incluindo substantivos, adjetivos e três subclasses de verbos. Os principais critérios destacados são:

Primeiro, os substantivos podem ser modificados por quantificadores, por outro lado, um verbo não pode ser combinado com um quantificador.

O segundo critério, os adjetivos são definidos pela capacidade de flexionar para um aspecto intensivo, por exemplo, a forma de um sinal como 'vermelho' pode ser modificada e, em seguida, significa 'muito vermelho' ou 'vermelho intenso'. E, terceiro, os verbos não podem ser pré-modificadores de outros sinais, ou seja, não podem ocorrer como os modificadores, visto que sua aplicação torna a execução do verbo agramatical.

Sobre os trabalhos apresentados, Schwager e Zeshan (2008) salientam que a classe de verbos é definida apenas negativamente, pela incapacidade de pré-modificar outros sinais. Portanto, não é discutido nenhum conjunto convincente de critérios que identifiquem positivamente todas as subclasses de verbos e suas propriedades morfológicas específicas nas línguas de sinais. Além disso, esclarecem que é duvidoso que os critérios estabelecidos realmente se apliquem de maneira geral a todos os sinais que se destinam a ser membros de cada categoria, uma vez que não são sistematicamente testados contra uma ampla variedade de lexemas em ASL.

Schwager e Zeshan (2008) alertam que, embora os critérios acima sejam claramente específicos da ASL, eles foram frequentemente transferidos para outras línguas de sinais. Porém, outros trabalhos, tais como o trabalho de Zeshan (2000 *apud* Schwager e Zeshan, 2008), buscam seguir linhas diferentes para tentar identificar classes de palavras abertas e fechadas na IPSL. A pesquisa adotou procedimentos diferentes, uma vez que os testes diagnósticos empregados por Padden (1988) não foram funcionais para essa língua de sinais.

A forma de identificar classes de palavras ou parte do discurso proposto para IPSL é bem diferente do de Padden, classificando sinais de classes de palavras abertas em termos de comportamento espacial e de classes de palavras fechadas em termos de sinais com configuração de mão classificadoras e sinais indexais. Outro trabalho destacado a ser mais explanado que busca identificar classes de palavras ou parte do discurso na Língua de Sinais Alemã é o de Erlenkamp (2000 *apud* Schwager e Zeshan, 2008).

Em resumo, de acordo com Schwager e Zeshan (2008), o principal problema em todas as análises para identificar classes de palavras ou parte do discurso nas línguas de sinais, dos trabalhos identificados até então, está em não existir uma maneira baseada em princípios de identificar critérios para diferenciação. Existe uma carência de referência teórica-metodológica para o desenvolvimento dos trabalhos, um problema que é agravado

pela possibilidade de que critérios semânticos, morfológicos e sintáticos gerarem resultados conflitantes.

Assim, Schwager e Zeshan (2008) concluem que um estudo detalhado sobre as classes de palavras ou parte do discurso em línguas de sinais precisa ir além das categorizações tradicionais, a fim de se obterem alternativas que levariam a análises descritivamente adequadas, metodologicamente sólidas e teoricamente interessantes, e que tais estudos ainda não foram elaborados.

Na próxima subseção nos propomos a discutir sobre os critérios de classificação nas línguas de sinais.

3.5 Critérios de classificação nas línguas de sinais

Ao considerar o processo de desenvolvimento para a atribuição de classes de palavras em outro contexto linguístico, nas línguas de sinais, buscamos apoio nos estudos de Schwager e Zeshan (2008) que apresentam critérios aplicáveis tanto às línguas de sinais, quanto às línguas orais. Em relação à análise das partes do discurso, os autores se basearam em trabalhos de teóricos relevantes, tais como Sasse (1993) e Anward (2001). Como exemplo, Sasse (1993, *apud* Schwager e Zeshan, 2008, p. 518) afirma que “categorias lexicais são feixes de características específicas de línguas que têm aspectos formais e conceituais”. Portanto, os níveis semânticos, morfológicos e sintáticos das unidades de palavras são distintos e entram em uma parte da análise da fala sinalizada nas línguas de sinais.

Schwager e Zeshan (2008) afirmam que, ao discutir a atribuição de classes de sinais, é importante sempre ser preciso sobre qual dos níveis morfológico, semântico, sintático, entre outros, são relevantes no momento. Os autores defendem que, com demasiada frequência, o nível morfológico é confundido com o nível semântico ou sintático, e que para evitar definições confusas, as classes devem ser definidas apenas usando recursos que pertencem a um e ao mesmo nível.

Além disso, elucidam que é preferível que todos os recursos distintos sejam binários e que esses recursos de distinção binária não devem apenas ser colocados como tal, mas também devem ser estruturados hierarquicamente dentro de um pacote específico de recursos de uma classe. Para a diferenciação de classe de palavras ou partes do discurso em línguas de sinais e/ou línguas orais, é assumida a seguinte prioridade de níveis: primeiro, os critérios semânticos devem ser determinados de maneira independente da

língua e usados como um primeiro passo para a diferenciação das partes do discurso; segundo, os critérios sintáticos, morfológicos e pragmáticos do discurso devem ser determinados especificamente para a língua.

Nesse viés, pesquisadores pontuam que há muito tempo se reconhece que os critérios semânticos são problemáticos como ponto de partida para atribuir palavras a partes do discurso. Apoiados nos estudos de Evans (2000, *apud* Schwager e Zeshan, 2008) eles argumentam que sinônimos podem ser mapeados em diferentes classes de palavras em diferentes línguas, de modo que duas palavras de diferentes línguas expressam essencialmente o mesmo significado. Assim, podem pertencer a distintas classes de palavras em cada uma das línguas. Casos como esses também foram constatados nas línguas de sinais e se apresentam apenas no nível lexical, não no nível de características semânticas mínimas.

Diante disso, os autores esclarecem que, apesar do mapeamento semântico de unidades lexicais individuais ser específico de cada língua e, às vezes, culturalmente determinado, as características semânticas mínimas, como [humana], [concreta], [individualizada] e outras, são cognitivo-lingüísticas e, por assim dizer, com base pré-categorizada e, portanto, podem ser considerados independente da língua. Assim, os autores concluem que analisar as características semânticas mínimas constitui um bom ponto de partida para definir a associação de partes do discurso entre línguas.

Para Schwager e Zeshan (2008), esta é uma decisão teórica importante, particularmente adequada para comparar línguas tipologicamente distintas (*cf.* Croft, 2001). Os autores alertam sobre a prática comum, adotada por grande parte da literatura sobre pesquisa em língua de sinais, de impor as entidades de uma língua rótulos tradicionais como “substantivo”, “verbo” e outros, sem de fato encontrar um padrão de comparação baseado em princípios e aplicá-lo de forma consistente.

Sendo assim, explicam que, para análise das línguas de sinais, foram consideradas duas etapas: a primeira foi estabelecer os mesmos critérios de distinção, similares ou equivalentes, potencialmente relevantes para as classes de palavras ou partes do discurso no DGS (Língua de Sinais Alemã) e KK (Língua de Sinais KataKolok). A segunda etapa consistiu em trabalhar com análise comparativa das distinções das partes do discurso no DGS e KK com base nestes critérios.

Para analisar as distinções de PoS na KK, língua ainda não documentada e pouco estudada, Schwager e Zeshan (2008) decidiram iniciar o estudo piloto contando com a

maior variedade possível de critérios, incluindo os critérios estruturais sintáticos e morfológicos. Porém, eles reconhecem, com base em outros estudos, que critérios sintáticos e morfológicos para diferenciação de partes do discurso em línguas de sinais têm se mostrado problemáticos por produzirem resultados ambíguos.

Em uma das conclusões da pesquisa de Erlenkamp (2000) e Zeshan (2000), eles afirmam que a maioria dos sinais na (Língua de Sinais Alemã) DGS e na (Língua de Sinais Indo-Paquistanesa) IPSL podem aparecer em um argumento ou em um slot do predicado, sem nenhuma marcação formal. Os estudos apontam que, assim como em muitas línguas orais, nas línguas de sinais, substantivos e adjetivos podem funcionar como predicados sem nenhum verbo ou cópula necessária na sentença.

Com isso, Schawarger e Zeshan (2008) afirmam que, de um modo geral, não tem sido fácil identificar testes sintáticos viáveis para línguas de sinais, uma vez que eles geralmente têm ordem de palavras relativamente livre e algumas de suas estruturas de frases não são familiares a partir de uma língua oral, incluindo sintaxe espacial e construções simultâneas. Sendo assim, reconhecem que atualmente mediante as pesquisas, não sabemos o suficiente sobre o comportamento sintático das línguas de sinais para confiar exclusivamente em critérios sintáticos.

Os autores também concluem que os processos morfológicos por si só não constituem critérios confiáveis para a atribuição de classes de palavras nas línguas de sinais. Dadas as circunstâncias, os autores postulam critérios sintáticos e morfológicos combinados a critérios semânticos para, em seguida, testar a viabilidade da abordagem aplicada a corpora das línguas de sinais selecionadas, focando principalmente nas línguas KK e DGS. Em relação aos critérios de classificação semânticos, Schawarger e Zeshan (2008) propõem realizar e explicar partes selecionadas do sistema de recursos semânticos em relação às classes conceituais de entidade, evento e propriedade.

Para tanto, ressaltamos que a classe de eventos é subdividida em subclasses de ação, processo e estado. Nesse caminho, os autores elegem essas classes, mas reconhecem a existência de outras classes de conceitos a serem identificadas, tais como, classe de horário (por exemplo, 'amanhã'), classe de local (por exemplo, 'aqui'), classe de quantidade (por exemplo, 'três', 'muito'), e algumas classes específicas, tais como; os déiticos, os classificadores e outros.

Em relação aos critérios de classificação no nível sintático, Schawarger e Zeshan (2008) apontam para a possibilidade de lexicalização em termos de partes do discurso,

por meio da combinação prototípica dessas classes semânticas e funções sintáticas. Citando Anward (2001) e Croft (2001), os autores apontam a existência de um mapeamento característico básico de classes semânticas para funções sintáticas entre línguas.

Schawarger e Zeshan (2008) apresentam três possibilidades de combinações sintáticas utilizando as classes de entidade, evento e propriedade. São elas, a combinação da classe de entidade com função de argumento é lexicalizada como substantivos; a combinação classe de evento com função de predicado como verbos; e as combinações de classe de propriedade com função modificadora são lexicalizadas como adjetivos na função modificadora de argumento (atribuível) e como advérbios na função modificadora de predicado (adverbial) (*cf.* Anward, 2001).

No entanto, Schawarger e Zeshan (2008) afirmam que uma língua pode lexicalizar qualquer combinação de classe semântica e função sintática que não seja a prototípica. Com isso, entendemos que as classes conceituais também podem ser multiplicadas lexicalizadas em funções sintáticas não prototípicas (*cf.* Anward, 2001). Para investigar quais classes conceituais podem ser lexicalizadas e em quais funções sintáticas, os autores utilizam as definições de Hengeveld (1992), de que os itens podem, sem marcação especial, ser usados com predicado; argumento; modificador de argumento; modificador de um predicado ou de outro modificador. Com base nesses conceitos, Schawarger e Zeshan (2008) sistematizam as ocorrências de conceitos de entidade, evento e propriedade em funções sintáticas nas línguas DGS e KK.

Diante do exposto, percebemos a complexidade que envolve o processo de classificação dos sinais, já que atribuir a um sinal uma categoria ou classe gramatical é uma tarefa desafiadora que requer considerar sua função na composição do enunciado, a partir dos aspectos sintáticos empregados na organização da mensagem. Estabelecer critérios para classificação de palavras/sinais envolve considerar que todas as unidades da língua têm vários recursos que a caracterizam.

A esse respeito, Schwager e Zeshan (2008) defendem que, para determinar as classes de palavras em qualquer língua de sinais, é preciso estudar os recursos individuais que caracterizam suas palavras/sinais. Destacam que existem possibilidades ilimitadas de atribuir unidades lexicais às classes, dentre essas, algumas são escolhas sensatas e outras não. Assim, em relação a quantas e quais classes serão identificadas, vai depender dos

critérios estabelecidos a partir de elementos potencialmente disponíveis no sistema da língua específica, a depender também dos objetivos da pesquisa proposta.

Nessa proposição, apresentamos nossos estudos sobre os critérios semânticos, sintáticos e morfológicos.

3.5.1 Critérios semânticos

Schawarger e Zeshan (2008) assumem os critérios semânticos como ponto de partida para estabelecer critérios de classificação de sinais. Os autores propõem explicar partes selecionadas do sistema de recursos semânticos em relação às classes conceituais de entidade, evento e propriedade. Sendo que a classe de eventos é subdividida em sub-classes de ação, processo e estado. Assim, os autores esclarecem que existem outras classes de conceitos a serem identificadas que não entram na discussão na pesquisa, como: classe de horário (por exemplo, 'amanhã'), classe de local (por exemplo, 'aqui'), classe de quantidade (por exemplo, 'três', 'muito'), e algumas classes específicas, tais como; os dêiticos, classificadores e outros.

Para realizar essa tarefa, os autores, adotam a definição de classe conceito em Sasse (1993) como um conjunto de conceitos relacionados que podem ser definidos por uma característica superordenada, geralmente um "hiperônimo". Adotam também, Anward (2000), para abordar uma caracterização de significados lexicais que podem ser usados em várias línguas como ponto de partida para a análise da pesquisa ao considerar pacotes de recursos mínimos que caracterizam uma classe semântica, inerentes às propriedades dos recursos semânticos (que podem ser categóricos ou graduais). Conforme os autores, em nível semântico, podem ser adotadas classes de conceitos tais como; para entidades [animado x inanimado] e [concretas x abstratas], para eventos [dinâmico x estático] e [pontual x continuativo] entre outras.

Com base em Löbner (2002), Schawarger e Zeshan (2008) apresentam as características distintivas das classes de conceito sempre devem ser binárias. Nesse sentido, é importante observar que nem todos os recursos são aplicáveis a todas as classes de conceitos. Como exemplo, citam um recurso binário [\pm dinâmico] que define uma diferenciação específica entre 'dinâmico' e 'estático', sendo totalmente compatível com a classe semântica de eventos, mas não aplicável à classe de entidade. Portanto, os autores defendem que, ao tabular os recursos semânticos mínimos das classes de conceito, o

recurso [dinâmico] pode ser positivo ou negativo dentro da classe de conceito de eventos, mas é zero, ou seja, inaplicável, dentro da classe de conceito de entidades.

Seguindo parcialmente a prática tradicional de classificação ontológica conhecida desde a época de Aristóteles e Dionísio Thrax (*cf.* Lehmann e Moravcsik, 2000), Schawarger e Zeshan (2008) produzem o sistema de recursos hierárquicos para a classe de conceito e entidades, incluindo recursos novos e refinados. Eles desenvolvem uma matriz sistemática de recursos semânticos estruturados hierarquicamente para as classes de entidade, eventos e propriedade. Os autores esclarecem que não é comumente encontrada na literatura tais recursos para classificar conceitos e entidades, portanto, embora muitos dos rótulos sejam bem conhecidos, eles foram reorganizados em matrizes abrangentes de recursos semânticos.

Compilando os recursos de classes de entidade, evento e propriedade em uma única matriz de recursos, a distribuição semântica de recursos nessas três classes principais foram listados na Tabela 1, apresentada a seguir. Conforme explicado pelos autores, um valor 'zero' significa que um recurso não é logicamente compatível com uma classe de conceito. Isso geralmente significa que o recurso pode ser negligenciado em uma análise mais aprofundada, porque não esperamos que ele tenha qualquer relevância lexical ou gramatical para o conceito (classe) em questão.

Na Figura 6 apresentamos a distribuição de recursos semânticos entre as classes entidade evento e propriedade.

Figura 6. Distribuição de recursos semânticos entre as classes entidade evento e propriedade

binary semantic features	entity	event			property
		action	process	state	
[proper]	±	0	0	0	0
[concrete]	±	0 / –	0 / –	0 / –	0 / –
[homogeneous]	± / 0	0	0	0	0
[individuated]	±	0	0	0	0
[countable]	±	0	0	0	0
[animate]	±	0	0	0	0
[human]	±	0	0	0	0
[dynamic]	0	+	+	–	0 / –
[agentive]	0	+	–	±	0 / –
[punctual]	0	±	±	–	0
[qualitative]	–	–	–	–	+
[gradable]	–	±	±	±	±

Fonte: Schawarger e Zeshan (2008, p. 524)

Na primeira coluna da tabela de distribuição de recursos semânticos entre as classes entidade evento e propriedade, podemos identificar os recursos semânticos binários, a saber: Para classe de entidades, sete categorias: **Próprias** (nomes de pessoas, lugares e coisas específicas) ou **comuns** (nomes não específicos que podem se referir a coisas ou ideias de qualquer entidade); **Concretas** (percebidas pelos sentidos) ou **abstratas** (conceitos não físicos, que não pode ser apreendidos pelos sentidos); **Primitivas** (que dão origem a outras palavras) ou **derivadas** (que são derivadas das primitivas); **Individuais** (que não tem caráter coletivo) ou **coletivas** (referente a uma classe ou grupo, como a palavra ‘matilha’); **Contáveis** (que aceita forma plural) ou **massivas** (não aceita forma plural). **Animadas** (envolve seres dotados de vida, como plantas, animais e pessoas) ou **inanimadas** (seres sem vida, como objetos); e, por fim, **humanas** (relativo à espécie humana) ou **não-humanas** (relativos a outras espécies, não-humanas).

Para a classe de eventos, podemos perceber três recursos semânticos: **Dinâmico** (envolve movimento e atividades físicas ou mentais, transmitem o sentido de ação e podem ser vistas ou imaginadas) ou **estático** (não indicam ação ou movimento, mas podem indicar condições ou estados, podem ser empregados para transmitir posse, sentidos, emoções e estados mentais); **Agentivos** (envolvem ação levando seus sujeitos a agente) ou **temáticos** (podem ser usados como objeto para fornecer um tema); e, **Pontuais** (que corresponde a um intervalo de tempo e espaço regular) ou **continuativos** (que está acontecendo no momento, ou aconteceu antes ou depois de um dado tempo ou ação, ou ainda, que continua por um tempo).

Na classe de propriedades, podemos identificar dois pares binários de recursos semânticos; **Qualitativas** (descrevem entidades diretamente, denotando sua forma, tamanho, cor ou outras características) ou **relativas** (descrevem entidades indiretamente, por meio de suas relações com outros objetos, como ‘de prata’ ou ‘de madeira’); **Graduáveis** (que podem ter diferentes níveis de qualidade como ‘muito frio’ ou ‘extremamente quente’) ou **não-graduáveis** (não graduáveis, tais como ‘acabado’ e ‘morto’).

Schawarger e Zeshan (2008) utilizam uma abordagem metodologia de metalinguagem semântica, o que possibilitou aos autores selecionar, por meio da identificação da tipologia de classes de palavras, uma base de dados compostas de 250 palavras. As classificações semânticas adotadas na pesquisa tornaram possível

estabelecer conjuntos de dados que atendessem a dois critérios; primeiro, atender às principais categorias conceituais, incluindo as não discutidas em detalhes no artigo; e, segundo, escolher, na medida do possível, sinais com conteúdo semântico semelhante ou equivalente as duas línguas de sinais de destino - DGS e KK.

Schawarger e Zeshan (2008) esclarecem ainda que características semânticas e classes de conceitos foram postuladas com o objetivo de serem válidas em várias línguas, de modo que uma comparação tipológica de línguas no nível semântico em termos de unidades iguais, semelhantes ou equivalentes seja possível. E que, embora o objetivo de estabelecer os recursos semânticos hierárquicos, como tal, envolva obter uma base multilíngue válida, isso não significa que todos os recursos devem estar presentes em todas as línguas. Em vez disso, certas características podem ser léxicas-gramaticalmente relevantes em uma determinada língua, mas irrelevantes e, portanto, ausentes, em outra.

Podemos considerar aspectos importantes no estudo de Schawarger e Zeshan (2008) sobre os processos de classificação. Segundo os pesquisadores, as classes semânticas são caracterizadas por pacotes de características distintivas que não devem se mostrar limitados ou difusos. Ainda com base em Löbner (2002), os pesquisadores assumem que classes ou categorias semânticas têm uma estrutura interna, com membros de valores diversificados, em outras palavras, mais ou menos 'protótipicos' de uma categoria, e o significado de signo/palavra também pode ser flexível/vago.

No entanto, Schawarger & Zeshan (2008) alertam que os limites de uma determinada categoria semântica, não podem ser nebulosos e, a associação de itens lexicais em categorias semânticas não podem ser gradiente, mas sim binária, ou seja, as classes/categorias semânticas têm limites variáveis, mas não confusos. Por fim, definiram uma hierarquia estruturada para os recursos semânticos mínimos, questão crucial para uma categorização semântica bem formada, conforme ordenado na tabela apresentada.

Schawarger e Zeshan (2008) esclarecem que dentro da estrutura da metalinguagem semântica, o fato de haver membros "melhores" e "menos bons" de uma classe conceitual não é inesperado e pode ser explicado com referência a razões diacrônicas, como gramaticalização e lexicalização. Essas unidades podem adotar parcialmente novos recursos de uma classe conceitual, mas ainda preservam alguns recursos anteriores de outra classe. Assim, a mudança semântica pode, para certos itens lexicais, causar "interferência" semântica com uma classificação puramente sincrônica de uma língua, mas não compromete a abordagem em geral.

Para dar prosseguimento às nossas discussões, os critérios sintáticos são apresentados a seguir.

3.5.2 Critérios sintáticos

A partir das três principais classes de conceitos apresentadas anteriormente, classe de entidade, evento e propriedade, Schawarger e Zeshan (2008), tratam da possibilidade de lexicalização, por meio da combinação prototípica das classes semânticas e funções sintáticas. Embasados por Anward (2001) e Croft (2001), os pesquisadores apontam para a existência de um mapeamento de características básicas de classes semânticas para funções sintáticas entre línguas.

Nessa direção, Schawarger e Zeshan (2008) estabelecem, a partir desse mapeamento, um esquema; a combinação da classe de entidades e funções de argumento é lexicalizada como substantivo, a combinação da classe de eventos e função predicativa é lexicalizada como verbos, a combinação da classe de propriedade e função modificadora de argumento é lexicalizada como adjetivo e, a combinação da classe de propriedades e função modificador predicativa é lexicalizada como advérbio.

Para refletir sobre isso, apresentamos o Figura 7 com as combinações de classes semânticas e sintáticas para identificação de classe de sinais.

Figura 7 – Combinações de classes semânticas e sintáticas para identificação de classe de sinais

(11)	a. [entity; argument]	Noun
	b. [event; predicate]	Verb
	c. [property; argument modifier]	Adjective
	d. [property; predicate modifier]	Adverb

Fonte: Schawarger e Zeshan (2008, p. 528)

Schawarger e Zeshan (2008) afirmam que uma língua pode lexicalizar qualquer combinação de classe semântica em função sintática que não seja a prototípica listada acima. Para os autores, a associação de classes conceituais e funções sintáticas podem ser lexicalizadas de forma variadas, não prototípicas. Para investigar quais classes conceituais que podem ser lexicalizadas e em quais funções sintáticas, os autores utilizam as definições de Hengeveld (1992), como apresentado na Figura 8 com as categorias sintáticas não prototípica que podem ser lexicalizadas.

Figura 8 – Categorias sintáticas não prototípicas que podem ser lexicalizadas

(12) a. predicate use (p): items can, without special marking, be used as a predicate,
 b. argument use (a): items can, without special marking, be used as an argument,
 c. argument modifier use (am): items can, without special marking, be used as an argument modifier,
 d. predicate modifier use (pm): items can, without special marking, be used as a modifier of a predicate or of another modifier.

Fonte: Schawarger e Zeshan (2008, p. 528 e 529)

As definições de Hengeveld (1992 *apud* Schwager e Zeshan, 2008), apresentam quatro conceitos: Uso de predicado (p) - os itens sem marcação especial podem ser usados como predicados; Uso de argumento (a) - os itens sem marcação especial, podem ser usados como argumento; Uso de modificador de argumento (am): os itens sem marcação especial, podem ser usados como modificador de argumento; E, uso de modificador de predicado (pm): os itens sem marcação especial, podem ser usados como modificador de um predicado ou de outro modificador.

Com base no referencial teórico apresentado aqui, dentre outros utilizados pelos pesquisadores, os sinais da DGS e KK tiveram suas funções sintáticas mapeadas. Um pequeno número de sinais foi selecionado do léxico das línguas e sistematizado em uma tabela. A partir das análises foi possível constatar que alguns itens lexicais na DGS não têm equivalência na KK, portanto, os slots correspondentes aparecem vazios na tabela. Também, pontos de interrogação em alguns itens da KK são utilizados para indicar que, apesar da ocorrência relativamente frequente do sinal, ainda não foram encontradas evidências conclusivas nos dados sobre sua semântica e/ou status estrutural nos enunciados, ou seja, não foi possível identificar a função sintática do sinal na frase.

Para compreender sobre as ocorrências de conceitos de entidade, evento e propriedade em funções sintáticas nas línguas DGS e KK, apresentamos a Tabela 2. Nessa tabela é possível identificar que a classe semântica de entidades pode se realizar nas funções sintáticas de predicado e argumentos, mostrando assim, que nessas línguas é possível identificar entidades que se lexicalizam em verbos ou substantivos. A classe semântica de eventos, nas línguas analisadas se manifestam em sua maioria na função sintática de predicado, salvo uma exceção em DGS. A classe semântica de propriedades

se manifestou na função sintática de predicado, mas principalmente como modificador de argumento, e apenas uma ocorrência como modificador de predicados.

Na Figura 9 apresentamos as ocorrências de conceitos de entidade, evento e propriedade em funções sintáticas fundamentadas nos estudos de Schawarger e Zeshan (2008).

Figura 9: Ocorrências de conceitos de entidade, evento e propriedade em funções sintáticas

		DGS				Kata Kolok			
semantic classes	sign examples	p	a	am	pm	p	a	am	pm
entity	DEAF / HEARING	+	+			+	+		
	FEMALE	+	+				+		
	CAR		+				+		
	FRIEND	+	+				?		
	QUESTION		+						
	FOOD		+				?		
event	SIGN-TALK	+				+			
	ASK/REQUEST	+				+			
	STAY	+				+			
	DIE	+				+			
	CAR-DRIVE	+				+			
	EAT	+				+			
property	WORK	+	+			+			
	DEAF / HEARING			+					
	SMALL	+	+			+		?	
	BAD / GOOD	+	+	+	+	+			
	BLACK	+	+			+			

Fonte: Schawarger e Zeshan (2008, p. 531)

Os autores não entram em detalhes sobre quais categorias são lexicalizadas e mapeadas para quais funções sintáticas no DGS e KK, pois, isso exigiria uma análise extensa com base em um grande corpus de dados de ambos os idiomas, que ainda está para ser realizado. Porém, lançam alicerce para que consigamos identificar classe de palavras a partir da combinação das classes semânticas com as funções sintáticas, na oportunidade, também elucidam sobre a realização do fenômeno de gramaticalização ou lexicalização de itens em línguas de sinais.

Em seguida, discutiremos sobre os critérios morfológicos.

3.5.3 Critérios morfológicos

Schawarger e Zeshan (2008) afirmam que as línguas de sinais têm morfologias complexas, visto que muitos de seus processos morfológicos são incomuns e algumas nem foram analisados. Dada a diversidade de detalhes e os tipos de morfologia das línguas

de sinais, os autores propõem analisar e descrever, a partir de uma visão mais geral, os aspectos morfológicos, com o intuito de eleger critérios que auxiliem no processo de categorização da fala sinalizada.

Schawarger e Zeshan (2008) elaboram uma tabela listando um número substancial de processos morfológicos, comparando dados do DGS, RSL e KK. A tabela vincula classes semânticas a processos morfológicos. A classificação dos processos morfológicos na terceira coluna da tabela pressupõe que exista uma tipologia da representação da morfologia nas línguas de sinais, morfologia que é subdividida em três categorias, intrasegmentar, suprasegmentar e segmentar, esta última subdividida em sequencial (ou concatenativa) e simultânea (Schwager, 2004).

Conforme analisados pelos autores, as línguas de sinais têm tanto morfologia de construção de formulários para categorias gramaticais como concordância sujeito/objeto e marcação de aspecto/ação, quanto morfologia de construção de signos que cria novos sinais por composição, por exemplo. A Figura 10 apresenta o contorno de critérios morfológicos em DGS, RSL e KK a partir dos estudos de Schawarger e Zeshan (2008).

Figura 10- Contorno de critérios morfológicos em DGS, RSL e KK

Table 3. Outline of morphological criteria in DGS, RSL, and KK.

concept classes	grammatical categories	morphological processes	DGS	RSL	KK
event	subj./obj.	(1) affixation	+	+	-
	agreement	(2) featural alteration	+	+	-
	distributive	(3) reduplication	+	+	-
	reciprocal	(4) reduplication	+	+	-
	negation	(5) affixation	+	+	-
		(6) suprafixation	+	-	-
	aspect	(7) reduplication	+	+	-
		(8) affixation	-	+	-
		(9) featural alteration	-	-	-
entity	intensive	(10) featural alteration	+	+	+
	diminutive	(11) featural alteration	?	+	?
	mood	(12) suprafixation	+	+	+
	class agreement	(13) affixation	+	+	+
property	number	(14) reduplication	+	+	?
	locus (agreement)	(15) affixation	+	+	-
property	comparative	(16) featural alteration	+	+	+
		(17) suprafixation	+	+	+

Fonte: Schawarger e Zeshan (2008, p. 538)

Os tipos de processos morfológicos representados na Figura 10 incluem afixação (1, 5, 8, 13 e 15 na terceira coluna), alteração de característica (2, 9, 10, 11 e 16), reduplicação (3, 4, 7 e 14) e suprafixação (6, 12, 17). Eles relacionam com os três níveis

de representação morfológicas das línguas de sinais mencionados acima, da seguinte maneira:

- a) A alteração de característica é um processo morfológico intrassegmentar;
- b) A suprafixação é um processo morfológico suprasegmentar;
- c) Reduplicação e afixação são processos morfológicos segmentares que podem ser simultâneos ou sequenciais.

Conforme apresentado pelos autores, de modo geral a morfologia de construção de signos pode ser subdividida em três categorias. A primeira, **morfologia intrassegmentar**, ocorre pelo processo de alterações de características, por exemplo, em verbos de concordância, a orientação da palma da mão e dos dedos pode ser considerada uma característica da configuração da mão desse tipo de sinal. Com isso, percebemos que a alteração da orientação é equivalente a uma alteração na característica intrassegmentar.

A segunda, **morfologia suprasegmentar**, ocorre pelo processo de suprafixação, quando sinais manuais são combinados com sinais não manuais, sendo aplicáveis a mais de um sinal. Como exemplo, percebemos que nas línguas de sinais, a negação, sinalizada com movimento da cabeça de um lado para outro é combinada com o sinal predicado, e pode ser aplicada a outros sinais.

Por último, a **morfologia segmentar**, que pode ocorrer de maneira sequencial ou simultânea, pelo processo de afixação e reduplicação. A afixação ocorre quando a configuração de mão que representa a classe referente, humano e veículo, são morfemas vinculados ou combinados com morfemas de localização e movimento em um processo de afixação, por meio do qual um sinal multimorfêmico complexo é criado. Quando a localização espacial de um sinal é alterada para fins gramaticais, como realizar o sinal CASA não no local neutro em frente ao sinalizante, mas no lado direito. Nesse caso, a localização espacial é gramaticalmente significativa, portanto, pode ser considerado como um contrato de *locus* de sinalização de afixo, produzido simultaneamente.

Ao tratar sobre a morfologia das línguas de sinas DGS, RSL e KK, os autores lançam base para estabelecer critérios semânticos de identificação de classes gramaticais nas línguas de sinais, de um modo geral. Reconhecemos que as línguas de sinais possuem suas especificidades em relação aos aspectos morfológicos, sobretudo no processo de criação de sinais. Porém, compreender que a composição interna dos sinais a partir das morfologias intrassegmentar, suprasegmentar e segmentar (linear ou simultânea) nos

possibilita identificar e descrever estrutura complexas envolvendo categoria de sinais formados por composição (aglutinação e justaposição).

Para dar continuidade ao presente estudo, na próxima seção vamos apresentar as nossas considerações e um recorte teórico de pesquisas na área envolvendo as categorias determinativas e combinatórias nos processos classificatórios de sinais na Libras.

4 CATEGORIAS DETERMINATIVAS E COMBINATÓRIAS NOS PROCESSOS CLASSIFICATÓRIOS DE SINAIS NA LIBRAS

Na seção anterior levantamos os processos e critérios de classificação nas línguas naturais e nas línguas de sinais, de forma mais específica. Nessa seção iremos tratar sobre os processos classificatórios dos sinais da Libras com um olhar mais aprofundado nas categorias determinativas e combinatórias. Os determinantes e articuladores são fundamentais para a estruturação e interpretação dos enunciados de uma língua. São elementos essenciais para a clareza, a coerência e a coesão textual, pois são eles que estabelecem as relações entre os itens lexicais, sendo responsáveis pela referenciação, articulação e composição dos enunciados.

Tomados isoladamente, os itens lexicais, sem os determinantes e articuladores, diferem em sentido e significado da forma empregada em uma determinada estruturação ou organização frasal. Isso se dá por causa da relação que tais elementos estabelecem entre si no interior da cadeia sintagmática. Vilela (1994) destaca que o aspecto sequencial do conteúdo lexical é fundamental para obtenção de sentido a partir da organização dos signos na estrutura, denominando esse aspecto de solidariedade lexical. Desse modo, os itens com funções determinativas e combinatórias fazem a articulação dos itens lexicais que contribuem para esse aspecto solidário.

Uma vez que categorizar os elementos com funções determinativas e articuladoras envolve compreender os processos de classificação e como os sinais da Libras estão organizados, iremos tratar das categorias na Libras a partir de materiais já publicados, pesquisas basilares de referência na área e materiais didáticos produzidos a partir desses. Iniciaremos tratar dos três itens lexicais indispensáveis na Libras, que são os substantivos, verbos e adjetivos. Apresentaremos de maneira breve cada um desses itens para em seguida, discorrer sobre as categorias que estabelecem uma relação de determinação e combinação com esses itens lexicais.

Para fundamentar essa discussão, nos apoiamos em estudos que tratam sobre as categorias determinativas e combinatórias no processo classificatório de sinais na Libras.

4.1 As categorias lexicais na Libras

Conforme delineado pelos autores Azeredo (2008; 2018), Câmara Jr (1970; 2002) e Dubois *et al.* (2007), as classes de palavras podem ser organizadas em itens lexicais e gramaticais. Os itens lexicais são os que distinguem e nomeiam o mundo, que

compreendem os seres/entidades que correspondem ao substantivo; os que exprimem estado, ações e processos que correspondem ao verbo; e, os itens que expressam propriedades e atributos correspondentes ao adjetivo.

Estudos sobre o léxico da língua de sinais desenvolvidos por Brentari e Padden (2001), citados por Quadros e Karnopp (2004), demonstram que o léxico das línguas de sinais está estruturado em soletração manual ou alfabeto manual; léxico nativo que envolve os classificadores e, o léxico não-nativo. Quadros e Karnopp (2004), elucidam que a Libras apresenta estrutura semelhante à núcleo-periférica em que no núcleo está o léxico nativo e na periferia encontra-se o léxico estrangeiro, ou sinais não-nativos.

De modo geral, os sinais que são mais compartilhados entre as línguas de sinais e que compõem o léxico da Libras podem apresentar caráter mais icônico. Em outras palavras, que são mais motivados por apresentarem visualmente as características do seu referente, como os sinais dos substantivos CASA, CÂMELO, MESA, LIVRO; alguns verbos COMER, BEBER, CANTAR; e, adjetivos classificadores LISTRADO e MALHADO. Já outros sinais podem não apresentar explicitamente relação com o seu referente ou essa motivação se perdeu pelo processo de modificação dos sinais com o passar do tempo. Nesse caso, são exemplos os sinais PESSOA, EXPLICAR, ENSINAR, CONHECER.

Como exemplo de léxico não-nativo na Libras estão as palavras da Língua Portuguesa expressas em sinais soletrados com incorporação de movimentos próprios da Libras, como a realização rítmica do sinal soletrado NUNCA. É possível identificar também, a inicialização de sinais com letras do alfabeto manual, que é a representação das letras do alfabeto da Língua Portuguesa, como a utilização da representação da letra *P* na realização do verbo FALAR, originário da palavra ‘*parle*’ do francês. Tal realização retoma, a partir de registros históricos, o contato preponderante da Libras com a Língua de Sinais Francesa – LSF, atreladas pelo processo de educação dos surdos.

Nesse contexto, o empréstimo linguístico se apresenta como um recurso possível para ampliar o léxico e responder às necessidades de efetivação da comunicação de seus usuários. As línguas de sinais, assim como as outras línguas naturais, são dinâmicas e têm características inovadoras na possibilidade de ampliação do seu léxico, um sistema aberto, em constante mudança. A esse respeito, Sandmann (1997) pontua que o processo de ampliação do léxico de uma língua pode ocorrer de três formas; através da criação a partir do nada, de empréstimo de outras línguas orais e de sinais, conforme já mencionado.

Ainda, a partir de morfemas preeexistentes, sendo que esse último recurso linguístico apresentado é considerado pelo autor como o principal.

Reconhecemos que é indispensável considerar os processos de formação de sinais para se estabelecer critérios morfológicos para classificação desses na Libras. Ao encontro de Sandmann (1997), a nossa proposta é analisar o processo de formação de sinais a partir de morfemas pré-existentes. Atrelado a esse processo de formação de sinais estão dois fenômenos: os derivacionais e os flexionais. Considerando os processos flexionais na composição e formação de sinais, em Bernardes (2020), apresentamos um aporte teórico robusto, além de tratar dos processos de derivação, composição e incorporação.

Os processos de flexão estão mais relacionados não à formação de novos sinais, mas sim à inclusão de informações gramaticais aos itens lexicais já existentes, sendo que essas se relacionam às categorias morfossintática. A flexão produz variações da forma de um lexema, dando origem aos vocábulos morfossintáticos. Conforme Azeredo (2018) ilustra, esses itens gramaticais na Língua Portuguesa, nas categorias morfossintáticas, são: pessoa, gênero, número, modo, tempo e aspecto. Em Bernardes (2020) analisamos as categorias morfossintáticas de gênero e número nos processos flexionais em nomes da Libras.

Uma vez que, para o presente estudo vamos analisar as categorias determinativas e combinatórias/articuladoras, trataremos dos processos de formação dos sinais que podem se dar por derivação, composição e incorporação. A relevância de compreender os processos de formação de sinais está no fato de que os morfemas derivacionais podem alterar a classe gramatical da palavra que se unem. Portanto, para além de aspectos morfossemânticos, os morfemas derivacionais também podem determinar o valor das categorias morfológicas e morfossintáticas. Conforme já apresentado, a derivação é o processo que dá origem a novas palavras ou lexemas, a composição é a união de dois ou mais lexemas para criar uma unidade fixa, e a incorporação ocorre quando os componentes constitutivos são incorporados no interior do sinal.

Desse modo, a composição pode ocorrer por aglutinação e justaposição. Na composição por aglutinação sucede a organização dos elementos, em que um é adicionado a outro, em um sistema de concatenação. E no processo de justaposição os sinais que formam o composto são completamente sinalizados. A incorporação ocorre quando

outros itens, como de numeral e negação são incorporados no sinal principal, conforme defendem as autoras e Felipe (2006), Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004).

Dentre as referidas autoras, destaco o trabalho de Felipe (2006) que descreve os processos de formação de sinais a partir dos *inputs*, que são estruturas fonológicas que se constituem a partir da configuração de unidades discretas, feixes de traços distintivos, presentes também nas línguas orais, mas que nas línguas de sinais envolvem seus parâmetros. A autora pontua que os *inputs* podem determinar diferenças básicas entre regras de *modificação da raiz* (alterações sistemáticas de uma base por meio da adição ou supressão de afixos ou modificações internas) e as regras de *composição* (conjunto de duas ou mais bases, que se combinam para formar outra, a partir de outro elemento ou modificações concomitantes)⁵ (Felipe, 2006).

As categorias determinativas e combinatórias/articuladoras podem se realizar na Libras de forma implícita, ou seja, serem realizadas de forma articulada internamente a outros sinais. Uma análise da composição e formação dos sinais podem favorecer a visualização e compreensão de tais realizações. Os itens das categorias determinativas e combinatórias/articuladoras também podem se realizar de forma explícita ou se articular a partir de elementos de caráter morfossintáticos externos aos itens lexicais.

Ao considerar as possibilidades de realização implícita e explícita dos determinantes e articuladores mencionados, a seguir apresentaremos um apanhado geral das classes gramaticais já descritas na Libras que se constituem como categorias lexicais. O objetivo não é esgotar essa temática, ainda mais considerando que não é o nosso intuito apresentar todos os estudos que já foram publicados sobre cada uma das classes gramaticais da Libras. O nosso foco recai sobre a identificação e diferenciação dos itens que compõem os enunciados em Libras bem como os elementos que contribuem para a sua articulação.

4.1.1 Os substantivos

Assim como para as línguas orais os substantivos são imprescindíveis, o mesmo ocorre nas línguas de sinais, já que são eles que nomeiam os seres, objetos, lugares,

5 Para uma compreensão mais detalhada dos processos de formação dos sinais com base na perspectiva de Ferreira Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e Felipe (2006) em Bernardes (2020) organizamos uma síntese no formato de quadro. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31252/3/EstudosL%a9xicoLibras.pdf> Acesso em: 20 dez. 2023

sentimentos e conceitos do mundo real e imaginário. É por meio deles que é possível estabelecer relações e dar nome aos elementos do mundo. Conforme Vilela (1994), o léxico como repositório do saber linguístico é a janela através da qual um povo vê o mundo, é um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade.

Assim como na Língua Portuguesa, podemos classificar os substantivos na Libras pelo menos por nove tipos ou critérios, a saber:

1. Substantivos comuns, que nomeiam seres e objetos de maneira geral, como os sinais de PESSOA e LIVRO;
2. Substantivos próprios, que nomeiam seres ou lugares específicos, como o sinal ou nome visual utilizado para se referir a cada pessoa na Libras, e os sinais de instituições como INES e FENEIS;
3. Substantivos coletivos, que nomeiam conjunto de seres e objetos, como o sinal de FAMILIA, GRUPO e CONGRESSO.
4. Substantivos Simples, formado por apenas um item ou base lexical como em ÁRVORE, FLOR, NUVEM;
5. Substantivos Compostos, formados por dois ou mais itens ou bases lexicais, como os sinais de ESCOLA, GRAMA e IGREJA.
6. Substantivos Concretos, nomeiam seres ou objetos que possuem existência própria, tais como, CASA, MUNDO e CARRO;
7. Substantivos Abstratos, relacionados a sentimento, qualidade ou estado, como os sinais FELIZ, CORAGEM e BOM. Na Libras esses sinais quando caracterizadores de outros seres e entidades podem ser articulados a outros substantivos e exercer a função de adjetivos, divergindo da classe dos substantivos.
8. Substantivos Primitivos, que não derivam de outras palavras, como o sinal ÁRVORE e PAPEL;
9. Substantivos Derivados, formados de outro substantivo, tais como FLORESTA, MADEIRA e TEXTO, ARTIGO ACADÊMICO, JORNAL de papel.

Os substantivos são elementos fundamentais nas sentenças em Libras e podem ser facilmente identificados, pois geralmente são núcleo do sujeito e predicado nominal como em **MARIA ELA INTELIGENTE**. Observe que mesmo com a ausência de verbo de

ligação, o substantivo próprio aceita um estado (permanente, provisório ou aparente) atribuído ao sujeito, o atributo inteligente. Outro exemplo semelhante ao anterior é a frase **MARIA ROSTO TRISTE**. Os substantivos também podem estar presentes nas sentenças em Libras como complementos em predicados verbais e verbo-nominais como em **MINHA MÃE COMPROU TELEVISÃO GRANDE** e **ESTUDAR IMPORTANTE CONHECIMENTO AUMENTAR**.

A relevância de identificar os substantivos é que acompanhados a esses podem estar outros itens de categorias determinativas. Na Língua Portuguesa, acompanham o substantivo os artigos, adjetivos, pronomes e numerais com o objetivo de especificar ou qualificar o ser nomeado. Na Libras, junto aos substantivos podem ser encontrados adjetivos que exercem as funções determinativas e qualificativas ao atuarem como caracterizadores. Sendo que, ao qualificar o substantivo, o adjetivo também pode atuar como um determinante atribuindo-lhe característica específica, como na sentença **BANANA AMAREL@ JÁ, BOM COMER PODE**.

Para compreender melhor a relação entre substantivos e adjetivos é necessário um olhar mais aprofundado por meio de pesquisas sobre os determinantes. Outra questão que requer um olhar mais aprofundado é a relação entre os substantivos e os pronomes adjetivos, sobretudo os demonstrativos com função de determinantes. Observamos isso na sentença **PESSOAS DUAS, ESSA** (tocando o dedo indicador/apontando a primeira pessoa) **PRIMEIRO RESPONSAVEL FALAR**.

Mesmo que não seja nosso intuito investigar as categorias morfossintáticas, é importante apresentar que os substantivos na Libras também podem variar em gênero, número e grau. Conforme apresentado em Bernardes (2020), os nomes, o que inclui os substantivos, podem flexionar em pelo menos gênero e número. Com essa pesquisa foi possível constatar que a Libras possui um sistema de flexão de gênero caracterizado por ser geralmente regular, ter concordância e ser obrigatório, conforme Aronoff (1997), Câmara Jr. (1970), Felipe (1998) e Rocha (2008). Com isso, sempre que houver a necessidade de concordância de gênero, ela será exigida.

Em relação aos processos de flexão de número, com Bernardes (2020) identificamos o processo de modificação interna da raiz pelo mecanismo de incorporação de numerais de um até quatro. Além disso, o estudo da autora contribuiu para observar as alterações no movimento e direcionalidade pela anteposição ou posposição de numerais e dos sinais **VÁRIOS**, **GRUPO**, **MAIORIA**, **ALGUNS**, e também do sinal **MUITO**.

indicado por Ferreira Brito (1995). Outra contribuição da pesquisadora foi em relação à anteposição ou posposição de classificador e, também pela repetição do sinal.

Sobre os processos de flexão em grau nos substantivos, com Ferreira Brito (1995; 2010) compreendemos que os graus aumentativo e diminutivo também podem ser expressos pelos sinais MUITO/POUCO ou GRANDE/PEQUENO geralmente pospostos aos nomes. E, em relação ao adjetivo, expressões faciais podem ser acrescidas para indicar aumentativo e diminutivo.

Conforme apresentado, os substantivos na Libras podem ser considerados como uma classe variável. Porém, não é possível distinguir os substantivos apenas considerando seu caráter como classe variável, já que de forma bem específica, as alterações morfossintáticas podem determinar, inclusive a função que determinada palavra exerce na sentença, passando de substantivo a verbo. Na Libras, por meio de derivação, um novo sinal pode se formar para utilizar o significado de um sinal já existente em um contexto que requer uma classe gramatical diferente.

Conforme Quadros e Karnopp (2004), pelo processo de concatenação é possível derivar nomes de verbos, o que também é conhecido como nominação. Felipe (1998) utiliza o termo derivação zero ao tratar sobre esse fenômeno. A autora destaca que há muitos sinais que apresentam forma invariável com essa característica, em que somente no contexto é possível perceber se estão sendo utilizados com função de verbo ou de nome.

A esse respeito, Godoi (2021a) acrescenta que na Libras um mesmo sinal pode ser utilizado para representar diferentes classes gramaticais a partir do processo de derivação. Como exemplo, a autora destaca o sinal TRABALHAR que pode ser utilizado nas funções de substantivo, adjetivo ou verbo, podendo ser entendido como ‘trabalho’, ‘trabalhador’ ou ‘trabalhar’, a depender do contexto de uso e a ordenação desses itens nos enunciados. O que torna pungente compreender a relação dos determinantes e combinadores com os itens lexicais, uma vez que essas categorias podem alterar a função que esses itens exercem na produção dos enunciados.

Conforme apresentado, os substantivos desempenham uma função indispensável na comunicação e por meio deles podemos formar enunciados com significado compartilhados pelos usuários da língua. Porém, não é possível considerá-los de forma isolada da sentença. Em relação a esse assunto, Godoi (2021a) pontua que enquanto línguas analíticas, as línguas de sinais tendem a depender bastante do contexto e de

considerações pragmáticas para se interpretar a informação da oração, diferindo das línguas sintéticas que aplicam mecanismos formais de concordância e a referencialidade de maneira a distinguir de forma mais “precisa” sua função e classificação.

4.1.2 Os verbos

O verbo é o item lexical que pode expressar ação, processo, estado, fenômeno, fato, entre outros acontecimentos no enunciado. O predicado verbal indica uma **ação** e é constituído por um verbo nocional sem a presença de predicativo de sujeito. O verbo constitui o núcleo do predicado, são exemplos os verbos CAMINHAR e ESTUDAR. O predicado nominal indica **estado** e é composto (na língua oral - português) do verbo de ligação (SER/ESTAR) e do predicativo do sujeito que complementa o sujeito atribuindo-lhe qualidade. O predicado verbo-nominal, indicação **ação** do sujeito e informa seu **estado**, ao mesmo tempo, compõe um dos dois núcleos do predicado (predicado constituído de dois núcleos, um nome e um verbo). Assim, os verbos exercem uma função primordial no processo de composição dos enunciados.

Quadros e Karnopp (2004) identificam que os verbos na Libras se dividem em pelo menos duas classes, a dos verbos sem concordância e os verbos com concordância. Os verbos sem concordância ou verbos simples são aqueles que não apresentam flexão de pessoa e número, e também não incorporam afixos locativos. Nesse caso, alguns exemplos são os verbos CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER E GOSTAR. Alguns desses verbos podem apresentar flexão de aspecto, como em CASA PAGAR, sendo o sinal de casa estabelecido em um ponto no espaço, e o sinal do verbo realizado sob o mesmo ponto tomando a expressão conclusiva. Esses verbos exigem argumentos explícitos, uma vez que não possuem nenhuma marcação no verbo com os argumentos da frase.

Já os verbos com concordância, conforme elucidam Quadros e Karnopp (2004), estão associados às marcações não-manuais e ao movimento direcional, como ocorre com os verbos espaciais que possuem afixo locativo, como os sinais COLOCAR, IR e CHEGAR. Porém, as autoras ressaltam que Padden (1988) faz distinção entre os verbos com concordância e os verbos locativos. Assim, podem ser considerados verbos com concordância, segundo Quadros e Karnopp (2004), os que flexionam concordando com a pessoa, número e aspecto da sentença, mas não incorporam afixos locativos. Desse modo,

são exemplos os sinais AJUDAR, PERGUNTAR e PROVOCAR. Esses verbos apresentam direcionamento e orientação específicos, são realizados do sujeito para o objeto das sentenças e vice-versa, variando de acordo com a posição das pessoas do discurso no contexto.

Outra categoria de verbos na Libras apresentadas em Quadros e Karnopp (2004) são os verbos manuais, que envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto. Por exemplo, situação em que uma pessoa segura um rolo de pintura, possibilitando pelo contexto a compreensão como PINTAR A CASA COM UM ROLO. Esse verbo parece ter seu significado atrelado ao contexto do discurso. Sobre isso, as pesquisadoras pontuam que “a classe dos verbos manuais poderia incluir os classificadores que incorporam informação verbal na sentença, pois também incorporam o objeto quando este é o caso” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 205).

Essa classe de verbos parece incluir os verbos conhecidos como instrumentais, que expressam ações que exigem o uso de instrumentos. Dependendo do formato do instrumento, a configuração de mão se modifica para atender o sentido. Como exemplo, o verbo “cortar”, esse verbo se modifica de acordo com o instrumento utilizado na ação. Pode ser cortar com uma tesoura, com uma faca, entre outros objetos. É desse tipo de verbo que podem derivar substantivos e vice-versa.

Para Felipe (2002), esses tipos de verbos não são classificadores, apenas apresentam especificadores de instrumento. Ela explica que não são classificadores porque não podem ser considerados morfemas que anaforicamente concordam com um referente ou argumento de um verbo classificador. Nesse contexto, a autora difere os verbos que utilizam configurações de mãos que representam mimeticamente um objeto, dos que utiliza a forma de se pegar um objeto, pelos processos de formação destes.

Em relação ao primeiro caso, Felipe (2002) descreve que a configuração de mão que representa o objeto é, juntamente com outros parâmetros, itens nominais. Mas, que por meio do processo de derivação zero, esses itens lexicais nominais passam a exercer a função de verbo, trazendo implicitamente o caso instrumental. Assim sendo, a incorporação é semântica e não morfossintática. Como ocorre no verbo anteriormente mencionado, no verbo “cortar”, que semanticamente incorpora o instrumento, sendo a coisa que corta o próprio verbo.

O segundo caso também não se trata de um classificador, já que a forma de segurar o objeto (instrumento), utiliza da configuração de mão como um dos semas do significado

do verbo, se realiza também a nível semântico e não morfo-semântico. Como as configurações de mão mostram iconicamente a manipulação dos objetos, uma vez que esses sinais são mais transparentes ou motivados, devido a modalidade espaço-visual da língua, são rotulados como classificadores. Felipe (2002) pontua que esses itens podem ser enquadrados no que Friedrish (1970) conceituou como verbos classificadores encobertos, ou seja, em nível semântico.

Os verbos na Libras também compõem uma classe de palavras variáveis. Felipe (2002) argumenta que as gramáticas tradicionais descrevem as línguas indo-europeias a partir da tradição greco-latina proposto para as línguas latinas. Assim, considerando os aspectos morfossintáticos para os substantivos, adjetivos e pronomes ocorreria a declinação (desinência para gênero, número e grau) e, para os verbos, ocorreria a conjugação (desinência de número, pessoa, tempo, modo). Para a autora, mesmo as línguas classificadoras, como a Libras, apresentam um sistema para representarem morfossintática e semanticamente as características das coisas e eventos; porém, utilizando um sistema específico de morfemas obrigatórios – os classificadores.

Na Libras, verbos com concordância de gênero (animado/inanimado) podem ser considerados verbos classificadores porque concordam com o sujeito ou objeto da sentença. Felipe (2002) defende que nas línguas de sinais ocorrem a concordância de gênero partindo de morfemas específicos que compõem o sistema de gênero *animado*: pessoal e não-pessoal (*animal*), e gênero *inanimado*: veículo e coisas relacionadas às categorias classificadoras formato (objetos planos, longos, arredondados) e tamanho (grande, médio, pequeno). Para a autora, quando uma configuração de mão estiver representando uma entidade *animada*, anaforicamente concorda com o referente *animado* (pessoa) que, em verbos intransitivos será o sujeito, e em verbos transitivos, poderá ser sujeito (agente) ou o objeto (tema).

Felipe (2002) apresenta que pode ocorrer, ainda, o sincretismo das categorias de classificação, assim o sistema de gênero pode se relacionar a outras categorias representadas na raiz movimento, ou na orientação, ou no ponto de localização. Por exemplo, no grupo dos verbos com flexão de gênero (animado/inanimado) se encontram os subgrupos coleção, mudança de posse e movimento. De acordo com a pesquisadora, no subgrupo dos movimentos, verbos de movimento com direcionalidade implícita, quando em um contexto transitivo, incorporam ao evento por meio do movimento direcional as noções preposicionais; por isso, foram classificadas como: verbos com raiz

“de_”; verbos com raiz “_para”; e, verbos multidirecionais. Tais noções podem estar relacionadas às categorias combinatórias. Ao encontro de Azeredo (2008), “trata-se de unidades que se contraem no contexto da frase, na medida em que um se acha na presença da outra: ‘agente de’, ‘paciente de’” (Azeredo, 2008, p.146).

As pesquisas sobre a realização dos verbos na Libras são amplas e bastante produtivas, aqui não temos a intenção, e nem a possibilidade, de esgotar tudo que já foi publicado na área. O nosso objetivo é compreender as características desses itens e suas funções na composição dos enunciados, sendo que esses itens vão estabelecer alguma relação com as categorias determinativas e combinatórias.

4.1.3 Os adjetivos

Parece haver um consenso entre os pesquisadores (Felipe, 2007; Figueira, 2011; Godoi, 2021b; Pereira 2010) de que na Libras os adjetivos são sinais que formam uma classe específica e que se apresentam sempre na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), nem para número (singular e plural). Conforme Godoi (2021b), esses sinais denotam características, condições e qualidades das pessoas, coisas e animais, tais como os sinais: BOM, GRANDE, PEQUENO, BONITO, FEIO e MAGRO, dentre outros.

Os adjetivos na Libras se destacam pela característica icônica, uma vez que são descritivos e caracterizadores. Felipe (2007) pontua que no português os adjetivos também podem ser descritores por apresentarem as características de um objeto, por exemplo, se ele é arredondado, listrado ou quadrado. Mas na Libras, essa característica nos adjetivos é mais aparente ou, nas palavras da autora, mais “transparentes”, isso porque, o formato ou textura de um objeto (animado ou inanimado) é mostrado por meio de traços “no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua” (Felipe, 2007, p. 121).

Pereira (2010) pontua que, na Libras, muitos adjetivos são descritivos e classificadores, uma vez que expressam qualidades do objeto a que fazem referência, podendo ser desenhados no ar ou mostrados no objeto ou no corpo do emissor. Em Godoi (2021a) encontramos como exemplo, a descrição classificadora para roupas de bolinha, listrada ou xadrez, que são desenhados no próprio corpo do emissor. Nesse contexto, esses

classificadores apresenta a função de adjetivos, descrever ou caracterizar um objeto (animado ou inanimado).

Porém, para Felipe (2002), esses traços feitos no espaço neutro são lexemas nas línguas de sinais, ou seja, itens lexicais que podem ter função de adjetivos ou expressões adjetivas. Divergindo da categoria dos classificadores, por não serem afixos obrigatórios, para a autora, funcionam como morfemas livres, como modificações que qualificam um nome, em sintagma nominal. Nessa direção, conforme exemplifica a autora, os atributos em CAMISA LISTRADA e PLANÍCIE ONDULADA são adjetivos que possuem raiz mimética. Uma vez que, é por meio das suas configurações de mão que produz imitação do atributo de um determinado objeto (Felipe, 2002).

Para Felipe (2007), na Libras as qualidades, assim como algumas ações, podem ser comparadas, ou seja, a Libras apresenta graus comparativos de superioridade, inferioridade e igualdade. Conforme a autora, para as expressões comparativas de superioridade e inferioridade, usa-se o sinal MAIS e MENOS, antes do adjetivo ou verbo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE. A autora apresenta vários exemplos dessas sentenças na Libras, dentre elas, grau comparativo de superioridade: VOCÊ MAIS VELH@ DO-QUE EL@ e, grau comparativo de inferioridade: ELE FUMAR MENOS 3S DO-QUE 2S VOCÊ. A expressão comparativa DO-QUE apresenta flexão para pessoas do discurso, assim a orientação para onde o sinal aponta indica o segundo elemento (pessoa, objeto ou animal) comparado.

Diante disso, é possível encontrar também variações dessas estruturas frasais, como as sem a adição do MAIS e MENOS, como em VOCÊ MELHOR DO-QUE EU e VOCÊ PIOR DO-QUE EU, porém sempre apresentando a flexão para pessoas do discurso. Algumas variações na ordenação dos elementos também podem ocorrer, como ao invés do MAIS ser anteposto ao verbo ou adjetivo ele pode ser posposto como em ELE IDADE AVANÇADA MAIS DO-QUE EU, ou ainda, de modo sequencial em que o primeiro é enaltecido em detrimento ao segundo elemento, conforme em ELE NASCER PRIMEIRO DO-QUE EU.

Felipe (2007) apresenta que para o grau comparativo de igualdade, podem ser utilizados o sinal de IGUAL em dois formatos: um indicando a relação de semelhança (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e outro indicando equidade (duas mãos em B, viradas para frente encostadas lado a lado), sendo que ambos geralmente aparecem no final da frase sinalizada. Dentre as frases de exemplo

apresentadas pela autora, temos: VOCÊ-2 BONIT@ IGUAL (me). Essa estrutura pode variar como NÓS-DUAS BONITAS IGUAL. Nessas frases percebemos também a concordância pronominal para com a pessoa do discurso.

O grau do adjetivo ainda pode expressar a intensidade com que caracteriza o substantivo. A esse respeito, Godoi (2021a) elucida que na Libras o grau superlativo indica que uma característica é atribuída em máxima intensidade ao substantivo. Conforme Ferreira Brito (1995), o grau superlativo e de comparativo de superioridade pode ser identificado nos adjetivos por meio de alterações no parâmetro movimento, a partir da modificação do movimento direcionando-o para cima e atribuindo-lhe maior intensidade e comprimento ou ainda por movimentos acelerado e encurtamento ou frouxo e leve.

Para Quadros e Karnopp (2004), a flexão de intensidade pode ocorrer também pela mudança na configuração de mão, aumentando os números de dedos para obter-se uma quantidade maior ou intensidade maior, acrescentando o sinal MUITO antes ou depois do item qualificado, ou ainda, a expressão facial também pode desempenhar a fusão de aumentativo e diminutivo como nos sinais, BONITINHO e BONITÃO. Dessa maneira, a flexão de grau nos adjetivos pode ocorrer de diferentes formas, o que inclui alteração dos seus parâmetros internos, alteração na duração, extensão e velocidade do movimento e expressões não manuais.

A colocação do adjetivo em uma frase na Libras, geralmente vêm após o substantivo que qualifica, porém, em alguns casos, essa ordenação pode ser alterada. Conforme apresentado, os adjetivos têm a função de qualificar os substantivos que acompanham e, em alguns contextos, classificadores podem exercer essa função nas sentenças. Desse modo, uma vez que determinantes acompanham substantivos os caracterizando, faz-se necessário identificar, levantar e analisar adjetivos e classificadores com essa função.

4.2 As Categorias Determinativas na Libras

Dubois *et al.* (2007) definem os determinantes como constituintes do sintagma nominal, obrigatórios na língua portuguesa. Esses itens se antepõem ao núcleo do sintagma nominal para o determinar. Sendo assim, os determinantes podem ser definidos pela posição exclusiva que eles têm nos sintagmas nominais, pois são eles que conferem

especificidade, qualidade e quantidade aos nomes, nos auxiliando na compreensão dos sentidos. Os determinantes tornam os substantivos entidades claras e distinguíveis nos enunciados. A alteração ou omissão dos determinantes alteram significativamente as informações transmitidas e recebidas pelos interlocutores, em certas línguas.

Como a Libras se diverge das línguas sintéticas, não apresenta a predominância de morfemas aglutinados ou fundidos aos itens lexicais de modo a denotar o caráter sintático das palavras. Sendo assim, determinados itens podem passar de substantivos a adjetivos, e até mesmo a verbos, o que torna a sua compreensão dependentes do contexto. A análise e classificação das categorias determinativas na Libras podem auxiliar a desambiguar certas construções enunciativas sinalizadas, tornando sua compreensão mais clara e elucidativa.

Conforme Azeredo (2008), os determinantes não se referem a entidades estáveis no ‘mundo das coisas’, mas a informações apreendidas em situações discursivas. Assim, determinantes não são itens lexicais, mas conforme mencionado, eles podem ser entendidos como componentes linguísticos que auxiliam a categorizar e interpretar as informações fundamentais na estruturação e interpretação dos textos enunciativos.

Ao encontro de Azeredo (2008), Neves (2006) afirma que os determinantes produzem para os nomes uma função determinativa que discursiviza os elementos nominais. Nessa direção, considerando que estamos tratando da fala sinalizada em Libras, propomos analisar o emprego dos determinantes na fala de surdos usuários da Libras como principal meio de comunicação e expressão que apresentam, por meio da enunciação, um entendimento mais aprofundado, em especial das nuances semânticas, sintáticas, morfológicas e pragmáticas da comunicação, fazendo uso mais crítico e detalhado da linguagem falada, pela elaboração de textos mais complexos e variados. Para tanto, buscamos em outros estudos o aporte necessário para a análise pretendida.

Neves (2006) corrobora que determinadas classes gramaticais tradicionais podem ter propriedades comuns que unem grandes grupos funcionais. Conforme a pesquisadora, esse é o caso dos determinantes. Para Neves (2006), os determinantes reúnem certos pronomes, artigos e numerais. Para Dubois *et al.* (2007), em sentido lato, os determinantes que são constituintes de sintagma nominal e que dependem do substantivo, cabeça ou constituinte principal, são os artigos, adjetivos e complementos nominais. Em sentido mais restrito, Dubois *et al.* (2007), tratam dos determinantes como uma classe de morfemas gramaticais que dependem do substantivo, entre esses estão os artigos

possessivos, demonstrativos, adjetivos interrogativos, relativos e indefinidos, e os numerais.

Azeredo (2018) restringe as categorias determinativas às que apresentam caráter gramatical, com exceção aos numerais que têm natureza lexical, uma vez que significam quantidades constantes e precisas. Já Câmara Jr. (1970), apresenta de forma mais ampla a categorização dos determinantes. Para esse autor, nos nomes e pronomes, os substantivos são os itens determinados e os adjetivos determinantes e, nos verbos, os advérbios são os determinantes de um verbo.

O subsídio teórico apresentado, mesmo que voltada à análise e classificação de línguas de orais, nos apresenta um vislumbre das classes de palavras que podem ter funções determinativas, o que nos fez realizar um apanhado geral das classes de palavras na Libras, e apresentá-las em seguida. Com o aporte teórico da Libras, a partir dos estudos de Felipe (2002), identificamos que as categorias determinativas podem ser relacionadas a alguns classificadores caracterizadores e referenciais, a certos pronomes e adjetivos (entre esses, o artigo como elemento dêitico), e, ainda, na realização de algumas construções como uso de numerais, conforme apresentado a seguir.

4.2.1 Os Classificadores

De um modo geral, os classificadores são compreendidos como morfemas ou afixos utilizados de forma específica em determinadas línguas para identificar a que classe nominal pertence certas palavras. Felipe (2002), com base em outras pesquisas, afirma que os classificadores estão presentes em todas as línguas. Porém, a estudiosa afirma que são consideradas línguas classificadoras apenas as línguas com sistemas obrigatórios de grafemas por formantes presos ou dependentes, como as línguas de famílias indígenas, africanas, australianas e asiáticas.

A esse respeito, Felipe (2002) destaca que os classificadores se constituem como sistemas de morfemas obrigatórios para classificar propriedades não mencionadas pelas gramáticas tradicionais. Ela destaca que essas gramáticas, baseadas na tradição greco-latina, descreveram as línguas indo-europeias a partir do modelo proposto para as línguas latinas. E isso deflagra o problema de propor categorias que sejam aplicáveis a todas as línguas, pois apesar de elas apresentarem características universais, também possuem suas especificidades, o que dificulta essa tarefa.

Felipe (2002) afirma que a Libras apresenta característica de língua classificadora, pois existe uma regularidade em relação à utilização dos classificadores, e que isso acontece pelo acréscimo de um radical nominal, por uma modificação interna da raiz verbal ou por marcadores discursivos. Como classificador quantificador, por exemplo, em que um numeral é acrescido ao substantivo para o contar ou especificar, como no sinal 4 HORAS, com ponto de articulação no rosto. Na composição de base desse sinal de horas, pelo processo de incorporação, é acrescido o numeral 4, indicando quantidade. Percebemos com isso que além de morfema, itens independentes em nível semântico, sintático e morfológico, também podem, em certos contextos, serem utilizados como classificadores quando incorporados à base de outros sinais.

Nesse contexto, Felipe (2002), visando identificar tipo de classificadores, cita diferentes estudos desenvolvidos com línguas consideradas classificadoras, dentre esses, ela ressalta as pesquisas de Allan (1977) e Lyons (1977). Em Bernardes (2020) apresentamos esses estudos de forma mais aprofundada. Dentre os estudos apontados por Felipe (2002), destacamos a de Lyons (1977), pois agrupa os classificadores com as categorias determinantes e quantificadores, analisando-os como modificadores.

Lyons (1977) divide os classificadores em: de espécie, que individualizam em termos de tipo de entidade; e os classificadores de medida, que individualizam e termos de quantidade. Para o teórico, os classificadores de espécie, em sua maioria, são nomes, embora um tipo particular e, na maioria das línguas classificadoras, eles podem ser usados também com função pronominal ou quase-pronominal em referência dêitica e anafórica.

Ainda sobre os classificadores de espécie, Lyons (1977) afirma que mais do que modificadores, podem exercer a função de núcleo do ponto de vista sintático. O teórico salienta que há uma relação sintática e semântica entre os classificadores de espécie e os determinantes e, entre os classificadores de medida e os quantificadores. Um olhar mais apurado na produção de classificadores na Libras nos permitiria identificar se eles também se realizam dessa forma, sob a perspectiva sintática como núcleo ou com função de referência pronominal dêitica ou anafórica.

Allan (1977), ao agrupar as línguas com base em seus classificadores, também apresenta outros tipos de morfemas classificadores que são realizados em diversas línguas, a saber: classificador numeral, utilizado em expressões de quantidade e expressões anafóricas e dêiticas; classificador concordante, afixado aos nomes e seus modificadores, predicados e pró-formas. O autor também discorre sobre o classificador

predicativo, que possui verbos classificadores e, por isso, varia seu radical de acordo com a característica da entidade que participa como argumentos do verbo (percebemos a semelhança deste com função adjetiva na Libras, conforme já apresentado); e o classificador intra-locativo, que é nominal embutido em expressões locativas que obrigatoriamente acompanha os nomes em muitos contextos.

Com o agrupamento apontado por Allan (1977), podemos identificar que tais classificadores apresentam uma relação estreita com nomes (mais especificamente, substantivos), na perspectiva sintática atuando também como argumento, e semanticamente caracterizando ou fazendo referência ao substantivo, um excelente candidato a item com função determinativa. Assim, ao considerarmos como se realizam as categorias determinativas, considerar classificadores com essas propriedades é relevante.

Em seus estudos, Felipe (2002) percebe a necessidade de tratar das outras línguas classificadoras que possuem morfemas livres, porém, dependentes. Isso se dá em função de a pesquisadora fazer um levantamento de outros trabalhos que apresentam definições de classificadores e de classificações das línguas classificadoras, apenas em línguas que apresentam formas presas. Diante disso, surgiu a necessidade de identificar os morfemas livres nas línguas classificadoras.

Neste rol, a autora apresenta os estudos de Kiyomi (1992), que propõe a divisão dos classificadores em morfemas livres (que incluem os classificadores de número e não-numerais) e morfemas presos (que incluem os classificadores coordenastes, de predicado nos verbos classificadores e os intra-locativos). Compreendemos com isso que o conceito de classificador é bastante amplo e, apesar desses sistemas estarem presentes nas línguas compondo universais, existem particularidades linguísticas para cada uma delas.

Diferindo das línguas orais, as línguas de sinais, além da morfologia sequencial (em que um item é realizado após o outro), apresentam também morfologia simultânea, isso devido à modalidade espaço-visual dessas línguas. Nos processos simultâneos, os morfemas ou itens classificadores são realizados juntamente com os itens lexicais ao mesmo tempo. Aronoff, Meir e Sandler (2005) exemplificam essa questão destacando que cada mão do enunciador pode funcionar como um morfema independente, o que permite ser realizado ao mesmo tempo ou concomitantemente. Os autores defendem que a morfologia simultânea das línguas de sinais pode ser amplamente flexional, como

ocorre na concordância verbal pela construção classificadora, mas também reconhecem a presença da morfologia sequencial com estruturas lineares.

Outra característica que os pesquisadores apontam nas línguas de sinais são as representações iconicamente motivada de certas funções conceituais. Para Aronoff, Meir e Sandler (2005), a flexão representada por meio da iconicidade motivada está presente, senão em todas, na maioria das línguas de sinais, portanto, são estruturas universais. Assim, eles relacionam as categorias com morfologia simultânea complexas com as que são representadas iconicamente. Com isso, reconhecem que os classificadores podem ser iconicamente motivados e que compõem um tipo de morfologia complexa nessas línguas.

Porém, Aronoff, Meir e Sandler (2005), destacam que não necessariamente a morfologia simultânea das línguas de modalidade espaço-visual deve ser icônica. A partir de um levantamento de pesquisas da área, os autores identificaram alguns processos que são simultâneos, mas não icônicos, por exemplo, os adjetivos característicos em American Sign Language (ASL). Com isso, compreendemos que certos classificadores que possuem morfologia simultânea podem ser, ou não, iconicamente motivados.

Ainda com Aronoff, Meir e Sandler (2005), os pesquisadores tratam de três tipos de classificadores: classificadores de tamanho e forma, classificadores de entidade, e classificadores de manipulação. Os classificadores de entidade que parecem estar relacionados aos determinantes, segundo os autores, atuam nos referentes de acordo com a categoria semântica, podendo expressar vertical humano, humano sentado, veículos, dentre outros. Esses classificadores possibilitam um número potencialmente vasto de construções icônicas, desde que a forma da língua permita, e, também, não-icônicas. Contudo, compõem um sistema convencional e restrito, ou seja, gramatical.

Apesar de reconhecer os aspectos de iconicidade nos processos de formação de sinais, Felipe (2002) alerta para a necessidade de diferenciar os classificadores e os processos icônicos ou miméticos. A autora explica que os processos icônicos são uma forma linguística que representa economicamente o referente a partir de parâmetros de configuração de mãos em nível sintático. Contudo, tais processos miméticos não exigem acréscimos de morfema obrigatório à raiz, como ocorre nos classificadores. Ao encontro do pensamento de Aronoff, Meir e Sandler (2005), Felipe (2002) concorda que a modalidade espaço-visual das línguas de sinais não restringe os morfemas classificadores como sendo exclusivamente icônicos e motivados.

Nas pesquisas em Libras, os classificadores descritos são de vários tipos, podendo apresentar iconicidade e morfologia simultânea ou sequencial. Ferreira Brito (1995) defende que, assim como em outras línguas de sinais, na Libras os classificadores são do tipo classificador-predicado. Subdividem-se em cinco categorias nas línguas de sinais: descriptivos, especificadores, plural, instrumental, e de corpo, que podem se manifestar em nível semântico, sintático e morfológico. Entre as subcategorias apresentadas pela autora, podemos conjecturar que os descriptivos e especificadores podem se relacionar aos determinantes. Embora, uma análise dos aspectos sintáticos da realização de classificadores na fala sinalizada de surdos poderia indicar se as demais subcategorias também podem ser relacionadas a determinação de nomes em predicados nominais ou a predicativos.

Com base nos estudos de Felipe (2002), na Libras são identificadas sete categorias classificadoras ou tipos de classificadores: material, formato, consistência, tamanho, localização, arranjo e quanta. A pesquisadora destaca que a categoria material pode ser sub-classificada em gênero animado e inanimado, sendo que a categoria material de gênero animado pode ser dividida em pessoas e animais; e a categoria material de gênero inanimado pode representar objetos, coisas e veículos. De acordo com esse estudo, os classificadores podem combinar duas ou mais categorias podendo até mesmo ser subdivididas. Por exemplo, a categoria material de gênero inanimado geralmente sincretiza com as categorias formato, tamanho, consistência e textura, ou seja, conectam determinados morfemas a outros.

Para Felipe (2002), a categoria material pode reunir morfemas classificadores indicadores de gênero animado e inanimado que se realizam por meio de morfemas classificadores que são afixados à raiz verbal ou nominal. Por exemplo, conforme apresenta a autora as configurações de mão “G” (CM 14) ou “D” (CM 16) podem arbitrariamente representar entidades de gênero animado, uma vez que, anaforicamente, irão concordar com o referente animado (pessoa).

Conforme apresentado, as construções classificadoras podem ser produzidas pela articulação de um item ou um morfema como a configuração de mão que combina simultaneamente local e movimento, entre outros aspectos. Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004) destacam que os classificadores compõem um sistema que participa densamente na formação de novas palavras. Já para Felipe (2002), os classificadores podem atuar como marcadores de flexão, assim como em outras línguas de sinais. A

compreensão dessas estruturas envolve condições de produção, percepção e processamento, portanto, são bem complexas.

Conforme observado por Felipe (2002), nos estudos que consultou, todos apresentaram aspectos fonológicos, morfológicos ou sintáticos dos classificadores como afixos ou itens lexicais. A pesquisadora buscou analisar os classificadores que se realizam em funções desinências e apresentam sempre afixadas a raízes verbais, e, anaforicamente, estabelecem concordância de gênero com o referente que é o argumento do verbo. Nessa perspectiva, observando em específico o fenômeno de concordância, Edmondson (1990), citado por Felipe (2002), defende que classificador é uma categoria semântica que se concretiza em itens lexicais ou em tipos de morfemas específicos para cada língua. Porém, tal perspectiva se atém aos aspectos semânticos, desconsiderando as funções sintáticas, em detrimento do objeto de pesquisa analisado.

Com base nas pesquisas supracitadas, é possível observar a recorrência da menção dos classificadores com propriedades de referenciação e caracterizadores de nomes, apresentando a função de determinantes. Faz-se necessário considerar tal aporte teórico ao analisar as propriedades desses itens em contexto de fala sinalizada.

4.2.2 Os itens pronominais com referências dêiticas e anafóricas

Conforme apresentado no decorrer dessa seção, entre as classes de palavras que se realizam como determinadores estão os pronomes. Os aspectos morfológicos dos pronomes (de modo geral) não diferem dos nomes, pois também possuem a capacidade de flexionar geralmente em gênero, número, pessoa e caso. No entanto, semanticamente, os nomes representam os seres e entidades, e os pronomes os indicam, ou seja, possuem características dêiticas que apontam para algo presente no contexto; e anafóricas, que retomam ou apontam para algo mencionado anteriormente.

Câmara Jr. (1970; 2002) apresenta três noções gramaticais que distinguem os pronomes dos demais nomes, a saber: primeiro, a noção de pessoa grammatical, em situações de referência o pronome pode indicar o falante (1^a pessoa), o ouvinte (2^a pessoa) e a pessoa fora da alcada dos interlocutores (3^a pessoa). A noção de pessoa grammatical caracteriza essencialmente os pronomes ditos pessoais (eu, tu, ele, nós, vós eles), seja na função de substantivo (substituindo o nome) ou adjetivo (caracterizando o nome). A mesma noção também se aplica aos possesivos (meu, teu, seu, nosso, vossa, seus) e,

ainda, aos pronomes demonstrativos (este, esse, aquele) que indicam respectivamente, posição junto ao falante, junto ao ouvinte, ou à parte dos interlocutores.

A segunda noção apresentada por Câmara Jr. (2002) é a do gênero neutro em funções substantivas que podem ocorrer de três formas: quando faz referência a coisas inanimadas (se destacam) os pronomes demonstrativos (isto, isso, aquilo); quando se referem de forma específico a humanos os pronomes substantivos (alguém, ninguém, outrem). E, por fim, quando os pronomes indefinidos se aplicam a terceira pessoa gramatical (algum, nenhum e outros) podendo se referir tanto a seres animados, como inanimados.

A terceira noção apresentada pelo autor supracitado é o uso privativos dos pronomes na categoria de caso. Segundo Câmara Jr. (2002), essa forma é bem formal e se diferencia dos casos nominais em latim em relação aos seus aspectos funcionais e semânticos. Nesse caso, os pronomes pessoais, de emprego no substantivo, distinguem a forma reta do sujeito e a forma oblíqua quando aglutinados ao verbo, como em “falou-me” ou com complemento rígido de preposição “falou a mim”. Para o autor, as formas retas e obliquas dos pronomes para a mesma pessoa gramatical são vocábulos em si mesmo.

Na Libras, Ferreira Brito (1995) também trata dos pronomes pessoais como sendo os itens que marcam as pessoas do discurso. De acordo com a pesquisadora, as três primeiras pessoas do singular podem ser marcadas por apontamento (dêiticos). Assim, são estabelecidos pontos no espaço, isso durante o discurso, que marcam a localização do referente presente e/ou ausentes. O mesmo ocorre nas pessoas do plural, porém, com acréscimo de movimentos semicircular e circular. Nesse caso, são utilizados movimentos semicirculares para a segunda pessoa (VOCÊS) e movimentos circulares para a primeira pessoa (NÓS).

Ferreira Brito (1995) destaca que na Libras os pronomes possesivos também possuem marcação de pessoas do discurso, de forma semelhante aos pronomes pessoais, mas podem apresentar configurações de mãos diferentes, como em MEU e SEU. Ainda tratando dos processos flexionais, Ferreira Brito (1995) elucida que os pronomes podem flexionar em número pela incorporação de numerais acrescido aos movimentos com direcionalidades dêiticas como em VOCÊS-DOIS, NÓS-DOIS, NÓS-TRÊS e outros.

Na Libras os pronomes podem ser incorporados aos verbos direcionais para flexionar em pessoa, uma vez que esses verbos alteram seu movimento e sentido para

concordarem com os referenciais pessoais. Ferreira Brito (1995) explica que esses verbos podem flexionar também para o número de pessoas, ou seja, pode direcionar o movimento para concordar com várias pessoas (no plural) ou direcionar o sinal para cada uma das pessoas separadamente, ou ainda, direcionar o sinal para uma única pessoa e acrescentar quantidade utilizando os numerais.

Na mesma direção, Quadros e Karnopp (2004) apresentam as formas verbais para pessoas como sendo realizadas no espaço de sinalização por meio de apontação no início e no fim do movimento e da direção do verbo, realizando processo de concordância de pessoa. As autoras defendem que esses processos dêiticos ocorrem como uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados pelo verbo como parte de sua flexão. Como exemplo, destacam os pronomes pessoais de 1^a, 2^a e 3^a pessoa do singular e plural empregados no verbo flexional ENTREGAR, com as formas EU ENTREGAR VOCÊ; VOCÊ ENTREGAR EU; e ELE ENTREGA ELE.

No caso apresentado, a direcionalidade do verbo muda para concordar com o referente, marcado no espaço de sinalização. Com isso, Quadros e Karnopp (2004) demonstram os pronominais pessoais como os possíveis pontos estabelecidos no espaço que são as referências pessoais nesses verbos. Conforme Ferreira Brito (1995) pontua, certos enunciados na Libras podem apresentar sujeito nulo, quando o sujeito não se apresenta explicitamente. Nesses casos, os verbos direcionais podem marcar, em ordem fixa, o sujeito e objeto. Em outros casos, o objeto direto pode vir antes ou depois do verbo flexionado, e as pessoas do discurso também podem se apresentar por meio da flexão verbal ou por meio de pronomes isolados, sendo esse último caso o do nosso interesse, como categoria com função determinativa.

Ferreira Brito (1995) não mencionam a marcação de gênero (masculino e feminino) nos pronomes. Porém, por esses determinarem locais no espaço de sinalização, marcando referentes presentes e ausentes, a partir do contexto discursivo, podem ser conhecidos os interlocutores e de quem falam. Assim fica subentendido de forma implícita o gênero para a categoria animado (pessoa e animais). Porém, na categoria inanimado, ao se referir a seres e objetos, os pronomes não possuem concordância de gênero (masculino e feminino) ao encontro do que defendem Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004).

Conforme apresentado, os pronomes podem flexionar em número, e quando incorporados aos verbos, têm a função de flexioná-los em pessoa. A característica

preponderante desses elementos dêiticos é que podem ser utilizados de forma referencial motivada, por meio da apontação. Almeida-Silva (2021) analisa em específico esse item na Libras e apresenta uma discussão sobre variação na leitura categorial desses sinais.

Almeida-Silva (2021) afirma que os sinais de apontação na Libras podem ter suas categorias morfológicas identificadas a partir de dois níveis, a saber, o fonológico e o sintático. O pesquisador identifica três tipos de apontação em Libras que são fonologicamente distintas: as apontações que apontam literalmente para objetos no espaço real ou no espaço mental; as apontações adverbiais locativas que apontam em um plano transversal que seria distinto do plano horizontal; e as apontações laterais no plano horizontal que são idênticas entre si, ou seja, homófonas.

Dentre as apontações com mesma forma (homófonas) estariam os pronomes pessoais, os demonstrativos gramaticalizados e os artigos definidos. Almeida-Silva (2021) utiliza para diferenciar as formas homófonas o aspecto sintático, ou seja, a categorização destes itens de acordo com a ordem e distribuição sintática para identificá-los. Como exemplos de realização da apontação o pesquisador apresenta: **APONTAÇÃO** (ele) SABER LIBRAS, em apontação isolada em posição argumental de um verbo, como pronome pessoal; LIBRAS **APONTAÇÃO** (essa) IMPORTANTE SURDO, em posição pós-nominal acompanhando um nome em posição argumental, como um demonstrativo; e, EU QUERER-NÃO PREJUDICAR **APONTAÇÃO** (o) SURDO, em posição pré-nominal acompanhando um nome em posição argumental, como artigo definido.

Almeida-Silva (2021) discute se tal classificação proposta, em alguns outros contextos sintáticos ou discursivos, poderia ser questionada, ou se as mesmas apontações podem apresentar leituras convergentes com outras categorias morfológicas diferentes das que propôs, tendo em vista outros contextos de uso e aquisição dos usuários. Com base em algumas análises, o pesquisador identifica que quando a apontação com função de pronomes pessoais ocorre desacompanhada de nomes não há ambiguidade de entendimento. Assim, a problemática reside nos contextos anafóricos em que a apontação apresenta possível função de artigo ou de demonstrativo gramaticalizado.

Em seu estudo, com base nos dados analisados, Almeida-Silva (2021) identificou que, dependendo do contexto, a apontação pode apresentar função possesiva (utilizando a mesma configuração de mão), como apresentado em EU HISTÓRIA PASSADO. O que se aplica aos contextos de coordenação de nome, conforme exemplificado a seguir na Figura 11.

Figura 11: Apontação

ipsilateral	contralateral
GRUPO PROFESSOR	GRUPO PROFESSOR
ipsilateral	contralateral
IX-3.PL ALUN@18 BOM IX-3.PL ALUN@ RUIM	
‘Dois grupos de professores, {os/estes} alunos destes são bons, {os/estes} alunos destes são ruins’	

Fonte: Almeida-Silva (2021, p. 212)

De acordo com Almeida-Silva (2021), nos casos em que a apontação estiver sendo utilizada para retomar referentes já mencionados e que estão sendo contrastados, pode receber a leitura de pronome demonstrativo. Porém, essa condição pode ser variável para os contextos em que os referentes retomados não tenham sido anteriormente apresentados, ou para os quais não haja pistas suficientes para identificar a categoria da apontação.

A partir do resultado do seu estudo, Almeida-Silva (2021) conclui que ocorrem variações na leitura categorial dos sinais que devem ser consideradas nas pesquisas. Como na categoria de apontação que é influenciada não somente pela distinção fonológica e sintática proposta inicialmente pelo autor, mas pelo contexto em que a apontação ocorre (sentenças-raízes, contextos anafóricos, estruturas de coordenação, entre outros) e, ainda, pode ter a leitura influenciada pelos traços semânticos do sinal apontado.

A classe dos pronomes abriga elementos que são de natureza e comportamento muito diversos, sendo que esses poderiam ser organizados em mais de uma classe. Com isso, alguns autores como Bagno (2011) consideram os pronomes não como uma categoria, mas como uma função. Na gramática tradicional, além dos pessoais, possessivos e demonstrativos, ainda existem em muitas línguas os pronomes relativos, indefinidos e interrogativos.

Os pronomes indefinidos que se referem à pessoa da frase em quantidade indefinida (tudo, algum, um, nada, certo, mesmo, outro, cada, vários) podem estar presentes na Libras associados à categoria numeral, casos que carecem de ser investigados. Esses pronomes podem ser indefinidos substantivos quando substituem o nome ou indefinidos adjetivos quando estão antes dos nomes determinando-os.

Já os pronomes relativos, apesar de possuírem aspecto dêitico e anafórico, geralmente são utilizados para transpor orações, iniciando orações subordinadas adjetivas restritivas ou explicativas. Com isso, esse aspecto de elemento de coesão textual parece apresentar características que convergem mais com as categorias articuladoras e combinatórias, do que propriamente com os determinantes. Nessa mesma direção, os pronomes interrogativos, uma classe especial de pronomes indefinidos, apresentam caráter mais articulador, utilizados em frases interrogativas.

Em continuidade ao estudo proposto, apresentamos as nossas apreensões sobre os adjetivos determinativos e qualificativos.

4.2.3 Os adjetivos determinativos e qualificativos

Dubois *et al.* (2007) apresentam que, na gramática tradicional, o adjetivo é definido como a palavra que se une ao substantivo podendo ser qualificativo ou determinativo. Em vistas disso, o adjetivo qualificativo é utilizado para exprimir a qualidade do objeto ou do ser, ou da noção designada por esse substantivo e, o adjetivo determinativo é empregado para fazer com que esse substantivo seja atualizado em uma frase. A subclasse dos adjetivos qualificativos, conforme Dubois *et al.* (2007), é mais diversa, enquanto a subclasse dos adjetivos determinativos é relativamente mais restrita.

Agrupados entre os adjetivos com função determinativa, ao encontro de Dubois *et al.* (2007), estão os adjetivos numerais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos (e exclamativos) e indefinidos. Porém, os pesquisadores ponderam também, que se tomarmos apenas o critério do sentido, em muitos empregos, os adjetivos qualitativos podem, não apenas caracterizar (ou qualificar), mas também determinar. Como exemplo, apresentam a seguinte frase, *Ela vestia uma blusa vermelha*, em que “vermelha” é um adjetivo qualificador, todavia, também está distinguindo essa blusa das demais, de forma individualizada (Dubois *et al.*, 2007).

Em algumas classificações essas funções de indicar posse e apresentar características demonstrativas, relativas, indefinidas e interrogativas, podem ser atribuídas à classe dos pronomes, como ocorre no português pela Nomenclatura Gramatical Brasileira - NGB. Na língua portuguesa a classe dos pronomes parece ser bastante variada em relação às funções que exercem, e existem atualmente algumas propostas de reclassificação de itens da língua conhecidos pela gramática tradicional

como componentes da classe dos pronomes. Uma explanação da discussão pode ser encontrada em Araújo (2020) ao tratar do controverso conceito dos pronomes⁶.

Podemos distinguir os pronomes dos adjetivos por meio de conceitos que representam as classes. Por exemplo, etimologicamente, a palavra pronomo significa “substituto do nome”. Conforme Araújo (2020), a palavra veio do latim *pronomen*, de *pro* “em lugar de” e *nomen* “nome”. Os pronomes podem substituir um substantivo ou frase nominal, já os adjetivos (do latim *adjectīvus* - que se junta a um nome) sempre acompanham um substantivo para terem seu sentido completo. Esses adjetivos podem atuar como modificadores de substantivos, sendo que, quando colocados juntos a esses itens podem, além de acrescentar-lhes uma qualidade e atribuição, incluir também extensão lhes modificando o sentido, conforme fazem certos itens do português agrupados na classe dos pronomes adjetivos.

As classes dos pronomes e adjetivos podem ser diferenciadas pela presença ou ausência de substantivo como no inglês *Maria went to her school, which is the same as mine* (Maria foi para escola dela, que é a mesma que da minha), “her” (dela) está acompanhando “scholl” (escola) - adjetivo possessivo, já “mine” não acompanha nada, está substituindo “her scholl” – pronome possessivo. A posição também pode auxiliar a diferir as classes dos pronomes e adjetivos, se o item se encontrar antes do verbo, é um pronome, pois pode substituir um nome, e se é encontrado antes de substantivo é um adjetivo, como em *This is my book* (Este é meu livro) “this” pronome demonstrativo, e, *This book is mine* (Este livro é meu) “this” adjetivo demonstrativo.

Dubois *et al.* (2007) destacam que alguns gramáticos franceses preferem a denominação não-qualificativos para diferenciar os adjetivos com características determinativas. Segundo a obra de referência, a NGB os chama de pronomes substantivos e pronomes adjetivos, mas exclui da classe o artigo e o numeral, designados por esses nomes. Algumas gramáticas da língua portuguesa às vezes incluem entre os adjetivos determinativos o artigo como adjetivo articular.

Conforme pesquisa comparativa da estrutura entre línguas de sinais realizada por Lyons (1981), Godoi (2021b) pontua que, assim como as demais línguas de sinais, a Libras pode se enquadrar na perspectiva das línguas analíticas, caracterizadas por possuírem a maior parte dos morfemas livres, considerados lexemas com significado

⁶ Araújo (2020) em A Morfologia e a classificação dos vocábulos no livro Linguística Geral: os conceitos que todos precisam conhecer (Vol 3). Organizado por Lima, Soares e Cavalcante (2020)

próprio. Conforme mencionado anteriormente, a pesquisadora defende que devido a essa característica, a Libras tende a depender bastante do contexto e de considerações pragmáticas para tornar compreensível as informações das enunciações.

Godoi (2021b) se propõe a investigar a realização dos adjetivos na fala vernacular de estudantes surdas do ensino superior para compreender como são atribuídas as características, o estado e a qualidade dos seres quando em uso da Libras. Com o resultado de pesquisa, constatou-se que a língua utiliza intensificadores de substantivo e, em alguns casos, até verbos, para atribuir características ou qualidade ao sujeito. Como exemplo do uso de intensificadores e substantivos articulados na função adjetiva, a pesquisadora apresenta a construção frasal, EU MUITO SUSTO.

Concluindo-se que, apesar do baixo índice de realização de adjetivos na fala das participantes da pesquisa, os atributos na Libras se apresentam de modo diferenciado de realização nas línguas sintéticas, mostrando-se mais contextuais e menos marcados. O que indica que na Libras os adjetivos não se realizam apenas com função qualificadora de nomes, sendo assim sua classificação pode diferir do usual.

Outra característica da Libras apresentada por Godoi (2021b), é que raramente a estrutura das enunciações aplica mecanismos como a concordância e referencialidade entre diferentes partes da oração, divergindo com o que geralmente ocorre nas línguas sintéticas. Com isso, a Libras lança mão de inúmeros mecanismos de articulação em seu processamento. Assim, faz-se imprencedível analisar os mecanismos utilizados para fazer referência e investigar se alguns desses mecanismos possam estar associados as categorias determinativas.

Ainda nesse viés, ao encontro de Dubois *et al.* (2007), há a possibilidade de que adjetivos qualificadores, também possam distinguir e individualizar nomes. Ou ainda, pela função de modificadores, utilizem da caracterização como retomada ou substituição de nomes (substantivos e outros), passando de adjetivos a pronomes ou a substantivos; como ocorrem em “GOSTOSO *verbo classificador de cozinhar* JÁ”, referindo-se a comida ou “FAMOSO CANTAR BEM” referindo a pessoa. Assim, faz-se necessário analisar a recorrência do fenômeno dos adjetivos na Libras.

4.2.4 Os numerais

Conforme Dubois *et al.* (2007), na gramática tradicional por pura convenção, os numerais estão classificados entre os adjetivos, podendo ser adjetivos cardinais ou ordinais. Os numerais cardinais são pertencentes à classe dos determinantes, pois precedem o substantivo e podem por si mesmos constituir sintagmas nominais como em “Dois deles chegaram”. Já os numerais ordinais são considerados em Dubois *et al.* (2007), como adjetivos qualificativos, uma vez que antepostos aos substantivos indicam-lhe a ordem.

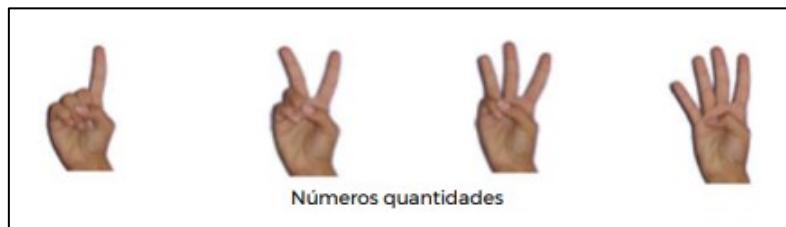
Tal distinção, assim como as demais categorias apresentadas, não se manifesta de modo estanque. Por exemplo, os numerais ordinais frequentemente são substituídos pelos numerais cardinais após atingir certa grandeza. Dubois *et al.* (2007), apresentam entre os numerais adjetivos os multiplicativos, como simples, dobro, triplo, quadruplo, dentre outros. Em compensação, se apresenta em locução formada pelo numeral cardinal e a expressão “cada um”, como em: um cada um, dois cada um, três cada um e assim por diante. Além de uma série de nomes estão relacionadas aos numerais, como os nomes de frações de unidades, meio, terço, quarto, assim sucessivamente.

Ao encontro de Dubois *et al.* (2007), os numerais na Libras podem representar a noção multiplicativa como em simples, DOBRO, TRIPLO, QUADRUPLO. Também podem estar associados a outras expressões como CADA-UM, DE-DOIS-EM-DOIS, DE-TRÊS-EM-TRÊS ou DE-DEZ-EM-DEZ, DE-QUINZE-EM-QUINZE, e conceitos fracionários MEDADE, UM-E-MEIO, dentre outros. Felipe (2007) elucida que na Libras há diferentes formas para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantitativos, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários.

Godoi (2021a) explica que há diferenças quanto à representação dos números cardinais e de números quantitativos, em relação a configuração de mão, especialmente quanto aos números de um a quatro. Assim, sempre que se referir aos números de quantidade, como quantidade de pessoas, de coisas e objetos os numerais UM, DOIS, TRÊS e QUATRO aparecem com a configuração de mão na horizontal, com a palma da mão voltada para o corpo do emissor.

A Figura 12 ilustrada por Godoi (2021a) apresenta a configuração de mão referente aos numerais um, dois, três e quatro.

Figura 12: Números quantidades



Fonte: Godoi (2021, p. 43)

Os numerais cardinais representam uma categoria de números utilizada no dia a dia para contagem e quantificação. Em vista disso, Godoi (2021a) pontua que, de modo geral, essa categoria é empregada para informar ou perguntar o número de telefone, o número da casa, as placas de carros, as páginas de livros, a idade e outras informações apresentadas e obtidas no cotidiano. A linguista informa que na Libras, os números cardinais são realizados na horizontal. Ainda de acordo com essa pesquisadora, os números cardinais 3 e 4 possuem a mesma configuração de mão que os números quantitativos.

A Figura 13 exemplifica a configuração de mão dos numerais cardinais de 0 a 9.

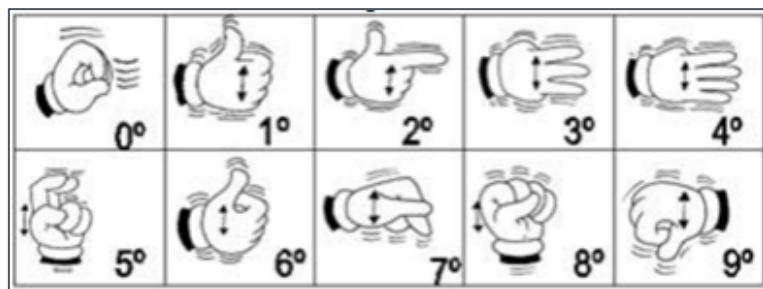
Figura 13: Numerais cardinais



Fonte: Godoi (2021, p. 44)

Godoi (2021a) elucida que a configuração de mão utilizada na sinalização dos números ordinais é a mesma dos cardinais. Porém, há uma alteração no parâmetro movimento, já que é necessário que o movimento seja trêmulo para significar ordenamento e/ou sequência. A Figura 14 exemplifica a configuração de mão com a tremulação dos números ordinais de 0 a 9.

Figura 14: Numerais ordinais



Fonte: Godoi (2021a, p.45)

Em se tratando dos números cardinais, quantitativos e ordinais na Libras, Felipe (2007) salienta que o numeral cardinal UM é diferente do quantitativo UM, que é diferente do ordinal PRIMEIRO. De acordo com estudos realizados por essa estudiosa, a realização dos numerais quantitativos pode variar bastante, uma vez que esses itens podem ser acrescidos na realização dos sinais, por meio do fenômeno da incorporação, conforme ocorre na realização dos sinais 1, 2, 3, 4-HORAS (com configuração de mão no rosto); 1, 2, 3, 4-DIAS; 1, 2, 3, 4-MESES; dentre outros sinais.

Conforme mencionado, os itens pronominais também podem incorporar quantidade (de 1 a 4) como em VOCÊS-DOIS ou NÓS-TRÊS. Divergindo do português, a classe dos numerais, não apresenta flexão de gênero (feminino/masculino), mas podem indicar sentido plural quando expressam quantidade.

Na possibilidade de identificar as categorias determinativas, consideramos analisar a categoria dos numerais cardinais e quantitativos, uma vez que tais numerais incorporados, antepostos ou pospostos a nomes podem determiná-los ou se articularem a outros itens determinativos. Para dar sequência a esta pesquisa, passamos a discorrer sobre as categorias combinatórias e articuladoras na Libras.

4.3 As Categorias Combinatórias e os Articuladores na Libras

Compondo as categorias combinatórias estão os articuladores, também conhecidos como conectores e juntadores. Esses podem ser compreendidos como unidades específicas responsáveis por unir os itens lexicais e organizá-los em enunciados com sequência lógica, contribuindo para compreensão fluida do encadeamento de ideias enunciativas. Os articuladores podem ser relacionados, sobretudo, com as preposições e conjunções, podendo incluir também advérbios. As categorias articuladoras, no português, são invariáveis, ou seja, não variam em gênero, número, grau, entre outros.

A respeito da combinação, Dubois, *et al.* (2007) a apresenta como o processo pelo qual uma unidade da língua entra, no plano da fala, em relação com outras unidades realizadas no enunciado. Tal processo envolve o sintagma e a combinação dos diversos elementos produzidos e articulados num enunciado. Para Dubois *et al.* (2007), as categorias combinatórias podem ser sintáticas envolvendo as relações estabelecidas entre os mecanismos formais de composição dos enunciados, tais como as relações entre sujeito, complemento e adjunto, ou podem ser semânticas, se atendo às relações de sentido, como a de agente, paciente e lugar.

Ao encontro de Dubois *et al.* (2007), Azeredo (2018) comprehende que as categorias combinatórias também podem ser sintáticas que se referem aos mecanismos formais de construção dos enunciados (funções sintáticas), ou semânticas, que se referem às relações de sentido (funções semânticas ou temáticas). Em ambos os tipos, se trata de valores sintagmáticos (ou combinatórios). Com esses processos combinatórios, as unidades se contraem no contexto da frase à medida em que cada uma se acha na presença da outra. Sendo assim, semanticamente (ou tematicamente) se manifestam como ‘agente de’, ‘paciente de’, ‘lugar de’, ou então, sintaticamente se manifestam como ‘sujeito de’, ‘complemento de’, ‘adjunto de’.

Em relação às funções sintáticas e semânticas, ao tratar sobre como as palavras se organizam em classes, Neves (2000) parte das tradicionais classes de palavras, propostas na gramática normativa, para estabelecer entre elas a ordem dos processos que dirigem a organização dos enunciados para obtenção do texto, a saber: a predicação, a referênciação, a quantificação e indefinição, e a junção. Sendo essa última relação, a de junção, que buscaremos aprofundar, no intuito de compreender os níveis de atuação dos diversos tipos de juntores relacionados às classes de palavras tradicionalmente conhecidas como preposições e conjunções.

A predicação é constituída por predicado, argumentos e satélites. Segundo Neves (2000), todas as palavras que constituem o léxico da língua podem ser analisadas dentro da predicação. A autora apresenta os predicados como “[...] semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou relações, e suas categorias são distinguidas segundo duas propriedades, formais e funcionais” (Neves, 2000, p. 23).

O predicado, que designa propriedades e relações, adota certos números de termos (que se referem a entidades) para produzir a predicação que atribui uma condição linguística utilizada pelos usuários de acordo com o contexto de fala. Neves (2000)

destaca, ainda, que uma predicação constitui um conteúdo proposicional, ou seja, que pode ser conhecido ou pensado, causar dúvida ou espanto, ser mencionado, negado, rejeitado ou lembrado. Assim, as proposições são operadores ilocucionários que se transformam em ato de fala, podem ser declarativos ou interrogativos, dentre outros.

Conforme Neves (2000), também estão implicados nessa relação os papéis semânticos e a perspectivação que organiza as funções sintáticas. Os argumentos são constituintes exigidos pela semântica do predicado. E, os satélites são constituintes que trazem informação suplementares, e que operam por meios gramaticais em todos os níveis. De acordo com Neves (2000), a predicação se transfere para o nível interno da oração, se ancorando, não somente aos verbos (que exprimem ação, processo, estado ou mudança de estado), mas também a nomes (substantivo ou adjetivo constituído com um verbo de ligação) que têm força predicativa.

Conforme a autora, a complementação e a adjunção podem ser feitas com orações introduzidas por conjunções integrantes ou pronomes relativos, respectivamente. Elementos esses que se transformam em termos ou em partes de termos da predicação matriz, compondo enunciados complexos.

Em meio à predicação, outras relações se estabelecem nas orações descritas em Neves (2000), são elas, a referenciação, a quantificação e a junção. A referenciação está relacionada às palavras fóricas, ao artigo definido e aos pronomes pessoais, pronomes possessivos e pronomes demonstrativos, que parecem estar mais relacionados às categorias determinativas. Pois, esses termos se remetem a alguns outros elementos da língua e tem a função particular de fazer a referenciação, sem denominar ou nomear como fazem os substantivos, podendo ser definidas como pronominais. Para Neves (2000), a função da referenciação é fundamental no uso da linguagem para a interlocução e remissão textual. Na interlocução usa-se as palavras fóricas para fazer a referenciação aos participantes do discurso, quando se fala de alguém, por exemplo. Na remissão textual, também, as palavras fóricas fazem referências às pessoas ou coisas que participam dos eventos.

A quantificação e indefinição, mencionadas pela autora, se relacionam às classes, artigo indefinido, pronome indefinido e numerais. Conforme Neves (2000), tanto os quantificadores quanto os indefinidos são não-fólicos (não buscam a recuperação semântica de elementos no texto) e, também, são não-descritivos (não dão informação sobre a natureza dos objetos).

De acordo com a autora, os quantificadores se combinam com os nomes para indicar o tamanho de um conjunto de indivíduos ou de uma referida substância. São, de certo modo, partitivos, visto que todos os elementos que operam quantificam uma porção de um todo, mas que, também, pode ser inteiro. Os elementos da língua que operam quantificação são os numerais quando exprimem quantidade definida e os pronomes indefinidos quando exprimem quantidade indefinida.

A junção se relaciona às preposições e às conjunções coordenativas e subordinadas adverbiais. Com Neves (2000), compreendemos que as junções pertencem à esfera semântica das relações e envolvem processos que atuam especificamente na junção dos elementos do discurso. As junções “ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem” (Neves, 2000, p. 601). Tais elementos, as preposições, conjunções coordenadas e conjunções subordinadas, podem exercer essa função de junção tanto dentro da estrutura da oração quanto dentro da subestrutura dela e, ainda, fora da estrutura oracional, no âmbito textual, sendo esse último caso o das conjunções coordenadas.

Ao encontro de Neves (2000), como exemplo de itens que expressam funções combinatórias, Azeredo (2018) destaca o “para”, em “para passear” e o “de”, em “de creme”, demonstrando que essas unidades estabelecem relação semântica entre as palavras, indicando finalidade e matéria respectivamente. Com isso, podemos identificar nas categorias combinatórias itens articuladores com função semântica e sintática de unir elementos para compor enunciados. Conforme observado em Azeredo (2018), as preposições possuem a função sintática de unir os itens lexicais e a função semântica de contribuir para composição do sentido atribuído a esses itens em um enunciado.

Nesse viés, Câmara Jr. (1970) trata dessas unidades como conectivos, podendo ser definidas como subordinativos e coordenativos. No primeiro caso, os subordinativos unem de modo dependente vocábulos (por meio das preposições) ou sentenças (por meios de conjunções). Já no caso coordenativos, adicionam um termo a outro. Na mesma direção, Dubois *et al.* (2007) define como articuladores do discurso, os morfemas ou as sequências de morfemas que indicam as relações lógicas entre as frases, ou no interior das frases, entre constituintes.

Como articuladores lógicos, Dubois *et al.* (2007) apresentam apenas, como exemplo, “as conjunções e, ou, mas, etc., os advérbios, entretanto, também, tampouco, etc.,” (Dubois *et al.* 2007, p. 68). Porém, os autores definem a preposição como uma

palavra invariável, cujo papel também é “ligar um constituinte da frase ou à frase toda, indicando, eventualmente, uma relação espaço-temporal” (Dubois *et al.*, 2007, p. 483).

Conforme Neves (2000), na subordinação estrita, ocorre a complementação e adjunção representadas pelo uso das preposições, o que ocorre entre sintagmas ou entre orações. Já as conjunções coordenadoras se apresentam como sequenciadores que, por sua vez, constituem uma evidência da dimensão textual e do funcionamento dos seus itens gramaticais, assim, possuem efeito de progressão textual.

Os juntores, longe de comporem uma categoria isolada, também apresentam caráter complexo. A autora dá como exemplo o uso do item “mas” que se distingue de elementos com significado semelhante “todavia” e “no entanto”, mas que se constituem, em si mesmos, como satélites adverbiais, e que também têm caráter fórico, ou seja, retomam algumas porções apresentadas anteriormente do texto.

Neves (2000) indica que essas relações estão determinadas por vários aspectos linguísticos interligados, como as escolhas de tema e rema, todas elas implicadas ao fluxo de informação do enunciado. Tal fluxo determina tanto a ordenação linear dos sintagmas na oração como a própria escolha de ordenação do arranjo da predição (escolhas da natureza do predicado, seleção dos argumentos e eleição dos satélites).

Uma análise das categorias combinatórias na Libras, em específico dos articuladores, considerando os aspectos apresentados, contribuirá para compreensão de como ocorre a seleção, organização e composição dos enunciados para proporcionar as trocas linguísticas. A seguir, iremos tratar de modo mais específico das preposições e conjunções como categorias articuladoras na Libras.

4.3.1 As preposições

Rocha Lima (1999; 2011), define as preposições como as palavras que subordinam um termo da frase a outro, ou seja, tornam um termo dependente a outro. Assim, as preposições ficaram conhecidas como certas palavras que são usadas para ligar elementos. Conforme Chini e Caetano (2020), quando possuem a função relacional, a preposição pode fazer com que um termo complete o sentido do outro, ou o explique, explicable, especifique dentre outros, ou seja, estabelece relações entre eles.

Sobre as condições semânticas das preposições, Rocha Lima (1999; 2011) apresenta dois tipos: as preposições fortes com significação em si mesmas; e, as

preposições fracas que não apresentam sentido isoladas, cumprem apenas a função de fazer a relação entre os termos.

Já para Cunha e Cintra (2001), todas preposições possuem significação funcional marcadas pelas expressões de movimento ou, na ausência de movimento, pela situação resultante e aplicável aos campos espacial, temporal e nocial. Conforme os autores defendem, a intensidade do valor significativo vai depender das relações sintáticas estabelecidas pela preposição.

Para Chini e Caetano (2020), a preposição pode atribuir a algum termo uma função morfossintática específica, isto pelo fato de precedê-lo. Em seu estudo, os pesquisadores afirmam que as preposições e as conjunções não têm funções sintáticas específicas em si mesmas. Porém, a partir de suas publicações, compreendemos que essas classes estabelecem diferentes relações sintáticas quando relacionadas com outras palavras. Por exemplo, a preposição estabelece relações da ordem da transitividade, quando introduz complementos a um verbo, por exemplo.

A respeito da transitividade, Neves (2000) vai ao encontro do que defendem Chini e Caetano (2020) ao elucidarem que as preposições podem ocorrer dentro do sistema da transitividade ao introduzir complemento.

Em acréscimo a esse pensamento, a autora argumenta que as preposições ocorrem também fora da transitividade, estabelecendo relações semânticas. A estudiosa pontua que as preposições introdutoras de argumentos na língua portuguesa são: a, até, com, contra, de, em, entre, para, por, sob, sobre. E as preposições que não são introdutoras de argumentos, são as preposições, ante, após, desde, perante e sem, no português. Neves (2000) denomina de junção esses aspectos que as preposições têm de se conectar as porções que as sucedem, ao de se relacionarem com outras classes de palavras.

Ainda com Neves (2000), a linguista esclarece que essas preposições que funcionam fora do sistema de transitividade, não introduzem complementos, elas estabelecem relações semânticas adverbiais no português. Conforme a pesquisadora, essas preposições são denominadas de preposições accidentais pela NGB. As preposições accidentais têm origem em outras classes gramaticais.

Com isso, de acordo com estudos de Neves (2000), esses elementos não funcionam apenas como preposições accidentais, mas também como elementos da sua classe de origem, como advérbios, adjetivos, conjunções e verbos em particípio, a depender do contexto de uso.

Assim, tais elementos que aparecem gramaticalmente como preposições são empregados em contextos restritos, na língua portuguesa. A partir dessas considerações, compreendemos que as preposições estão longe de ser uma categoria isolada, e que podemos considerar em certos contextos que atuam como juntores, ao encontro das categorias articulatórias.

Em relação às preposições que funcionam dentro do sistema da transitividade, com Felipe (2002) podemos depreender que essas ocorrem de forma implícita e se realizam de forma articulada internamente aos predicados. Conforme a autora, pode haver o sincretismo aos verbos transitivos de outras categorias representadas na raiz movimento, ou na orientação, ou no ponto de localização.

A esse respeito, Felipe (2002) pontua que no subgrupo dos movimentos, verbos de movimento com direcionalidade implícita, quando em um contexto transitivo, incorporam ao evento as noções preposicionais por meio do movimento direcional, por isso, foram classificadas como: verbos com raiz “de_”; verbos com raiz “_para”; e, verbos multidirecionais.

Já no português, Azeredo (2008) explica que essas unidades que incorporam locativos se contraem no contexto da frase, na medida em que se acham na presença de outras, sintaticamente unindo complementos e semântica indicando sentido de lugar.

De acordo com Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), na Libras, os recursos da sintaxe espacial são utilizados para a marcação de caso em Libras, sendo essa uma função essencial das preposições, conforme é apresentado na Figura 15.

Figura 15: Recursos da sintaxe espacial



Fonte: Lessa-de-Oliveira, 2023, p. 50, no prelo.

(1)

[O-locativoMESA] COLOC|ar|[copo][O-locativo]à esquerda/ COLOC|ar|[copo][O-locativo]à frente/
COLOC|ar|[copo][O-locativo]à direita/

‘Sobre a mesa, distribuiu-se um copo à esquerda, um no meio e outro à direita.’

(LESSA-DE-OLIVEIRA, 2023, p.148, no prelo)

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 08)

Na pesquisa desenvolvida por Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), encontramos a descrição da frase sinalizada apresentada na figura 15. Conforme descrevem as autoras, primeiramente, o enunciador realiza o sinal MESA no espaço neutro à sua frente, e em seguida, realiza o sinal COPO distribuindo-o em três locais sobre o primeiro sinal MESA. Assim, de acordo com esse estudo, a função de marcação de caso oblíquo, desempenhada pela preposição “sobre” usual no português, parece ser realizada pela marcação da posição da mesa no espaço de sinalização, sobre o qual, se distribuem os copos de forma imagética. Sob essas condições o sinal MESA constitui complemento locativo do verbo COLOCAR em Libras.

Em contexto próximo à Libras, Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), apresentam como aporte teórico da língua portuguesa, em Brito (2003), a categoria das preposições que marcam tematicamente seus argumentos com outros predicados. E como exemplo, Brito (2003) apresenta a atuação da preposição com determinados verbos de movimento na atribuição de papel temático ao argumento, como é o caso de *ir a* algum lugar ou *vir de* algum lugar, casos que preveem na sua entrada lexical os papéis temáticos de *meta* e de *fonte*, respectivamente. Desse modo, o verbo e a preposição contribuem para a marcação temática dos complementos.

Ao encontro de Felipe (2002), Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), relatam o uso do traço direcional do movimento, mais a distribuição de pontos no espaço de sinalização para destacar o recurso da sintaxe espacial na Libras. Ainda conforme as autoras, essa também é a forma espacial que os adjuntos (à esquerda, à frente e à direita) se estabelecem nessa língua de modalidade espaço-visual.

Ainda tratando de questões envolvendo a modalidade espaço-visual da Libras, Felipe (2002) explica a realização de certos verbos envolvendo as configurações de mão mostrarem iconicamente a manipulação dos objetos, sendo esses sinais mais transparentes ou motivados, considerados pela pesquisadora como especificadores de instrumento, conhecidos também como verbos manuais em Quadros e Karnopp (2004). Enquanto no português a preposição *com* pode estabelecer a relação de instrumento entre os elementos que ligam, como na frase “Cortou o cabelo *com* navalha”, na Libras esses itens parecem estabelecer relação com o uso de instrumentos pela composição e contexto frasal dispensando o uso da preposição “*com*”.

Ao classificar os elementos/mecanismos preposicionais na Libras de acordo com o tipo de relações que elas estabelecem entre os elementos que ligam, as relações de lugar

(pela sintaxe espacial) e de instrumento, que se realizam de modo implícito. As preposições também podem se realizar de forma explícita na Libras, a partir de elementos morfossintáticos externos aos itens. Porém, nem sempre o uso desses itens é obrigatório na Libras, o que os tornam dispensáveis em alguns contextos. Outra questão é que esses itens não podem ser considerados exclusivamente preposições, pois apesar de estabelecerem relações entre termos, podem se apresentar também, em outros contextos, como sinais pertencentes a outras classes gramáticas, tais como advérbios e até mesmo como substantivos, dentre outros, ao encontro das preposições ditas accidentais no português.

A seguir, apresentamos alguns desses sinais, que geralmente são considerados preposições e alguns contextos de uso na Libras.

- Companhia:

CINEMA JUNTOS VAMOS?

- Assunto:

PALESTRA TEMA/SOBRE LIBRAS, utilizando TEMA como preposição SOBRE

- Modo:

BEBER DIRIGIR NÃO-COMBINA (sentido de discordar)

FESTA DANÇAR COMBINA (sentido de concordar)

- Tempo

TRABALHAR SEGUNDA Á/ATÉ SEXTA

- Causa

ELA CASAR ACEITOU PORQUE AMOR

EMPRESA MANDOU-EMBORA POR-CAUSA ELE SURDO - Em alguns contextos esse mesmo sinal pode indicar sentido de “por isso” ou “com isso” indicando uma consequência do que foi dito ou feito, como em **COMEU** (repetição do sinal comer) **VÁRIOS POR-ISSO BARRIGA DÓI**. Apesar de ser transcrita com dois termos **POR** e **CAUSA/ISSO**, em Libras é constituída por um item ou palavra.

Conforme apresentado, os itens explícitos que apresentam função prepositiva, também podem ser relacionados a outras classes, conforme Neves (2000), apresentando mais características da classe preposicional accidental. As preposições que ocorrem de forma mais implícitas representam melhor a classe essencial (que exercem apenas a função de preposições), caso sejam consideradas preposições.

Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023) se propuseram a investigar a ocorrência da categoria preposicional na Libras, buscando evidências para a hipótese levantada por Lessa-de-Oliveira (2023) sobre o sistema de checagem de caso da Libras, a partir da análise de frases. As autoras analisaram os sinais em Libras classificados como preposição ou locução prepositiva presentes no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mão (Capovilla *et al.*, 2017), abreviado como DLSB. Capovilla *et al.* (2017) apontam 39 sinais categorizados como preposição. As pesquisadoras buscaram levantar alguns exemplos de aplicação dessas preposições em frases, apresentadas no próprio DLSB.

Para identificar, de forma segura, se os itens lexicais levantados no DLSB são, de fato, preposições ou locuções prepositivas, os linguistas partiram da observação da estrutura argumental de frases e das possibilidades de checagem de caso via recursos da sintaxe espacial. Nesse caso, foi considerada a hipótese levantada por Lessa-de-Oliveira (2023), de acordo com a qual recursos da sintaxe espacial são utilizados para a marcação de caso em Libras, como consta na figura 15, exemplo apresentado no referido estudo.

Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023) consideraram como apporte teórico, os estudos de Berg (1989) e Brito (2003). Como apresentado em sua pesquisa, Berg (1998) admite que uma mesma preposição pode ser vazia ou semântica, nesse caso, as preposições não são completamente destituídas de significado, mas também não possuem um conteúdo semântico pleno, elas apresentam uma contribuição semântica de segunda ordem. Berg (1998) destaca algumas dessas características em um grupo específico de preposições do português, as quais definiu como preposições verdadeiras, a saber: a, com, de, em, para, por, sobre. Outro grupo de preposições do português apresentado por esse pesquisador é definido como preposições com apenas um significado, a saber: ante, após, até, contra, desde, entre, perante, sem, sob. Por meio de testes sintáticos, Berg (1998) constatou que essas últimas preposições apresentam um comportamento atípico, aproximando-se da classe dos advérbios.

Já Brito (2003) classifica as preposições e locuções prepositivas em três tipos, primeiramente, conforme já mencionado, as que marcam tematicamente seus argumentos com outros predicadores, como a atuação da preposição com determinados verbos de movimento na atribuição de papel temático ao argumento, como é o caso de *ir a* algum lugar ou *vir de* algum lugar. Segundo, as preposições que são os verdadeiros itens predicativos e por si só marcam tematicamente os seus próprios argumentos, como ocorre na posição de predicativo do sujeito. E, outro tipo de preposição identificado por Brito (2003) se relaciona às que têm um papel secundário na marcação temática e que são essencialmente marcadores de caso, também conhecidas como preposições funcionais ou gramaticais, atuam fundamentalmente na atribuição de caso.

Ao analisar essas características prepositivas na Libras, com base no referencial teórico apresentado, considerando os sinais apontados pelo DLSB como preposições, Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023) constataram que não houve correspondência. As autoras identificaram que não houve itens que se manifestaram como obrigatórios como ocorre com as preposições *verdadeiras* ou *com apenas um significado* conforme o estudo de Berg (1989). Também não houve correspondência com os três tipos de preposições apontados por Brito (2003). Considerando que as características previstas para preposições não se concretizaram nos sinais apresentados, tal como a obrigatoriedade como requisito para composição de um sistema fechado nas línguas, as autoras tomam como evidência em favor da hipótese que não há a categoria das preposições em Libras.

Como apresentado, ainda não há um consenso entre os pesquisadores sobre a existência das categorias prepositivas na Libras. Porém, considerando que a Libras é uma língua de modalidade espaço-visual, defendemos que a realização da articulação de seus elementos ocorre de forma distinta das línguas de modalidade oral auditiva, como pela sintaxe espacial. Percebemos também que determinadas unidades são utilizadas para unir os elementos compondo os enunciados. Esses elementos apresentam a característica de não serem essencialmente obrigatórios, mas contribuem para elucidação dos sentidos nos enunciados, sendo que alguns isoladamente possuem significado próprio e podem se manifestar com funções adverbiais, dentre outras. Nesse sentido, optamos por tratar desses itens dentro das categorias combinatórias como articuladores, além de outros elementos articuladores na Libras, tais como as conjunções.

Nessa direção, comungamos com Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023, p. 13) que, “nas línguas de sinais, em especial, a falta de uma morfologia categorial torna a identificação da categoria gramatical de sinais fora de contexto sintático comumente impossível”. Por isso, procuramos analisar as categorias tanto determinativas quanto articuladoras na Libras dentro de um contexto enunciativo.

4.3.2 As conjunções

As conjunções são classes de palavras fundamentais para o processo de produção textual, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais. As conjunções são conhecidas como conectivos, conectores e operadores argumentativos, isso devido às relações de sentido que apresentam em determinados usos. Elas garantem uma articulação, uma ligação na produção textual dentro de um determinado contexto. As conjunções têm a função de conectivos e operadores argumentativos por funcionarem como elementos que amarram o texto. O próprio significado de conjunção tem relação com essa função, uma vez que significa ligação, união e junção.

Chini e Caetano (2020) apresentam a definição das conjunções de forma bem próxima à definição de preposições. Para os autores, as conjunções, assim como as preposições, ligam um termo ao outro ou uma oração à outra, relacionando-as. As preposições ligam as palavras em uma oração. De forma mais ampla, as conjunções podem fazer ligação entre elementos de uma oração, entre orações e, ainda, entre enunciados.

Na Língua Portuguesa, as conjunções são palavras invariáveis e tem por função ligar orações, ou termos, geralmente de mesmo valor gramatical. Conforme Rocha Lima (2011), as conjunções são palavras que podem relacionar entre si, dois elementos de mesma natureza, dois substantivos, dois adjetivos, dois advérbios, duas orações, assim por diante. Em reação às línguas de sinais, Silva (2019) defende que, assim como nas línguas orais, as conjunções coordenadas reúnem termos ou orações que pertencem ao mesmo nível sintático.

De modo geral, as conjunções são classificadas como coordenativas ou subordinativas. As conjunções coordenativas estabelecem uma relação de independência das estruturas verbais e ligam duas orações independentes. As conjunções coordenativas são ações, elementos, palavras que vão ligar as estruturas verbais, ligar as ações verbais. Já as conjunções subordinativas ligam duas orações dependentes, estabelecem relação de

sentido com o contexto, por isso, é importante analisá-las dentro de um contexto de uso. Assim, faz-se necessário olhar para o texto no qual a conjunção está presente para compreender o sentido que está sendo expresso, ao invés de analisar a conjunção de maneira isolada, independente.

Conforme Ferreira Brito (1995), aparentemente, tanto as orações subordinadas quanto as coordenadas apresentam a mesma forma nas línguas de sinais. A autora pontua que “não há marca explícita de subordinação como, por exemplo, a forma infinitiva e subjuntiva das frases-complemento em português” (Ferreira Brito, 1995, p. 64). Conforme essa pesquisadora, o valor semântico de cada frase nas estruturas complexas, já define a dependência ou independência entre duas sentenças.

Ferreira Brito (1995) discorre sobre as orações subordinadas ao tratar dos testes formais propostos por Padden (1980; 1982) utilizados para análise de estruturas complexas na Língua de Sinais Americana – ASL. Conforme Padden (1980, 1982 *apud* Ferreira Brito, 1995), usa-se conjunções entre as coordenadas, mas não entre uma principal e a subordinada em certas estruturas complexas. Como exemplo na Libras, Ferreira Brito (1995) apresentou: MAMÃE MANDAR FILHA “3DAR-BOLO2”. A estrutura complexa da frase (*A mamãe mandou que a filha desse o bolo a você*) em Libras não apresenta conjunção, porém estabelece subordinação à medida que “MAMÃE MANDAR FILHA” depende de “3DAR-BOLO2” (ela dar o bolo para você) para ter seu sentido completo.

Outro teste apresentado por Padden (1980; 1982), segundo Ferreira Brito (1995), consistiu em identificar se as orações são coordenadas ou subordinadas com introdução de negativa. A negativa NADA e não-manuais (como menear da cabeça), podem estar no fim de cada coordenada de forma indiferente, uma vez que negam apenas o termo imediato precedido. Já nas subordinadas, essas negativas negam sempre o verbo da principal mesmo que venham no final da subordinativa. Como pode ser percebido no exemplo dado por Ferreira Brito (1995), MAMÃE MANDAR FILHA “3DAR-BOLO2” NADA, mesmo a negativa aparecendo ao final, o que está sendo negado é o verbo mandar, ou seja, a mãe não mandou que ela (a filha) desse o bolo a você.

Ainda com os estudos de Ferreira Brito (1995), a autora cita Padden (1980; 1982) para apresentar três tipos de subordinadas em ASL, predicados do tipo MANDAR, DIZER e VER. Com uma análise comparativa desses predicados na Libras, Ferreira Brito (1995) observou que essas estruturas são complexas devido às relações gramaticais

(fonológica e morfológica). Tais relações envolvem o uso do espaço e da simultaneidade que ocupam uma posição fundamental na estrutura da Libras, contribuindo para estabelecer mecanismos de compensação que tornam um trecho discursivo tão eficaz quanto os utilizados nas línguas orais.

Ao encontro de Ferreira Brito (1995), Soares (2020) salienta que as línguas de sinais possuem um complexo sistema gramatical, assim como as línguas orais. Porém, a diferença é ressaltada pela dimensão espacial e a possibilidade de articulação visual, manual e não-manual como parâmetro linguístico, além da característica de simultaneidade presentes nas línguas de sinais. Para esse autor, nas línguas de sinais, o processo de produção linguística emprega mecanismos gramaticais, espaciais e referencias em uma construção visual do texto sinalizado.

Conforme Ferreira Brito (1995), as orações subordinadas parecem incompletas, se isoladas. Já as coordenadas não. Assim como no português, as conjunções coordenativas vão ligar orações independentes, sendo possível separá-las e manter o significado de ambas. Já as conjunções subordinativas adverbiais vão ligar duas orações, sendo que uma delas é dependente da outra. A oração dependente é nomeada como oração subordinada, e no português, geralmente é introduzida pela conjunção subordinativa.

Para Tang e Lau (2012), a coordenação nas línguas de sinais geralmente envolve a combinação por meio de dois processos, de justaposição ou de conjunção. O emprego de conjunções envolve o uso de itens lexicais ou sinais específicos. E a justaposição envolve marcas não manuais com valor gramatical, utilizadas na ausência de conjunções, essas podem ser movimentos com a cabeça e corpo, expressões faciais e outros. Silva (2019) destaca que as produções de Tang e Lau (2012) têm sido uma grande referência para os estudos de articulação de orações em línguas de sinais.

Ainda com Silva (2019), essa pesquisadora aponta a ocorrência na Libras de coordenações aditivas sem o uso de conjunção, por meio de justaposição de itens marcados pelo movimento do corpo, o que procura investigar mais a fundo em sua pesquisa. Com base em Tang e Lau (2012), dentre outros estudos, Silva (2019) analisa as orações coordenadas na Libras. A partir de uma metodologia qualitativa, ela seleciona 20 vídeos disponíveis na internet de surdos adultos que usam a Libras como primeira língua, no intuito de averiguar o uso das conjunções (itens lexicais, quanto ao contexto semântico) e a ocorrência de justaposição pela utilização de movimentos de corpo ou expressões faciais com valor gramatical.

Adotando a perspectiva da gramática gerativa, Silva (2019) se respalda em Kenedy e Othero (2018), assumindo a possibilidade de articulações de três tipos de orações encontradas nas línguas naturais: o encaixamento, a hipotaxe e a parataxe. O encaixamento consiste na organização dos constituintes sintáticos que incluem uma oração em outra, estabelecendo uma relação de subordinação. Silva (2019) explica que a oração subordinada corresponde à oração encaixada e a oração principal corresponde à oração matriz. As orações subordinadas ou encaixadas sempre estabelecem uma relação de dependência da principal/matriz.

A hipotaxe correspondem as orações subordinadas adverbiais que exercem a função de adjunto adverbial. Assim como as orações encaixadas vão unir duas orações, as hipotaxes produzem entre as orações o efeito sintático discursivo, que se dá de maneira mais livre, ou seja, fora das restrições estruturais impostas a argumentos e adjuntos adnominais.

A parataxe consiste na articulação de orações por justaposição que são caracterizadas pela disposição uma ao lado da outra, sem a existência de um item ou conjunção fazendo a ligação sintática entre elas, portanto, assindéticas. Essas também são conhecidas como orações coordenadas. Essa última relação apresentada constitui o objeto de estudo da dissertação de Silva (2019). A pesquisadora se propõe a analisar as coordenações (parataxe) aditiva e adversativa em Libras, em específico.

Em seu estudo, Silva (2019) pontua que a língua portuguesa também regista a possibilidade de coordenação aditiva a partir de justaposição, como o caso de frases aditivas, sem o uso da conjunção “e”, utilizando pontuação, por exemplo. A autora trata também da utilização na Libras de coordenações aditivas com o uso da conjunção “e” (equivalente a TAMBÉM) e “mas”, analisando suas realizações conforme apresentado em Capovilla e Raphael (2006).

Com resultado de pesquisa, Silva (2019) constatou que a articulação das orações com interpretação aditiva ocorreu na Libras, em sua maioria, por meio de justaposição. Sem restrições de significação, houve a predominância de orações sintaticamente independentes paralelas (coordenativas), sem o auxílio de conectivos (conjunções). Identificou ainda, o uso dos sinais TAMBÉM e MAIS nas orações coordenadas aditivas. Nesse caso, o TAMBÉM foi empregado quando a adição não implicou necessariamente em resultados, e o MAIS (adição matemática) quando implicado um resultado.

Em relação às orações coordenadas adversativas, essas ocorreram com emprego do sinal MAS. Silva (2019) constatou haver uma distinção discursiva no emprego das duas formas apresentadas por Capovilla e Raphael (2006). Nessas formas o MAS se apresenta como conectivo, porém com ambiguidade, em oposição sintática, parece atuar como articulador em orações coordenadas adversativas e como articulador em orações subordinadas concessivas.

Conforme Silva (2019) aponta, na Língua Portuguesa também ocorre um contexto em que a coordenação adversativa se assemelha à subordinação concessiva, considerando que ambas apresentam a ideia de oposição ou contraste (como concessão associada a uma restrição). A diferença consiste que nas coordenadas adversativas o sentido de restrição sobressai à concessão, e nas subordinadas concessivas o sentido de concessão é mais forte. No entanto, Silva (2019) salienta a necessidade de mais pesquisas na Libras para apresentar tal diferença de forma mais apurada.

Na língua portuguesa as conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais. As adverbiais indicam que a oração subordinada, por elas introduzidas, exercem a função de adjunto adverbial da principal. As integrantes indicam que a oração subordinada, por elas introduzidas, completa ou integra o sentido da principal. No português, as conjunções integrantes introduzem orações que equivalem a substantivos, sendo elas “que” e “se”. Tais relações também precisam ser analisadas na Libras a partir de pesquisas da produção dessas conjunções em contextos de uso.

Com base nos autores Rocha Lima (2011) e Chini e Caetano (2020), no Português, ao realizar a ligação de orações coordenadas entre si, a conjunção coordenativa pode ser: aditiva, adversativa, conclusiva, alternativa ou explicativa. Por outro lado, ao realizar a ligação de uma oração subordinada a uma principal, a denominada conjunção subordinativa pode ser classificada como causal, comparativa, condicional, conformativa, consecutiva, concessiva, final, proporcional, temporal e integrantes. Para cada um desses tipos de coordenadas e subordinadas são apresentadas listas de conjunções que estabelecem tais relações.

Rodrigues e Souza (2019) salientam que ao contrário do que se vê na língua portuguesa, a Libras não dispõe de uma lista de conjunções causais, explicativas e conclusivas, dentre outras. As autoras apresentam como hipótese que um mesmo sinal possa atuar como conjunção ou advérbio circunstancial nesses tipos de sentenças na Libras. As pesquisadoras ponderam sobre essa questão a partir de um estudo preliminar

do sinal MOTIVO na Libras. Os dados da pesquisa foram obtidos a partir de contextos de fala reais de surdos sinalizantes, publicados em vídeos da internet. Rodrigues e Souza (2019) constataram que o referido sinal foi utilizado tanto como item lexical (substantivo) quanto item gramatical (com função de conjunção).

Em seu estudo, as autoras identificaram que mesmo nas línguas orais que possuem sistematizadas listas de conjunções causais, como na língua portuguesa, apresentam a situação em que uma mesma conjunção, como a conjunção *porque*, pode ser usada em sentenças em vários domínios (explicativa, causal, conclusiva). Destacam que, nesse aspecto, a Libras não difere do português, uma vez que o sinal MOTIVO articula sentenças com sentidos relacionados à explicação, causa e conclusão.

Rodrigues e Souza (2019) postulam a hipótese de que os diferentes usos do sinal MOTIVO coexistem sincronicamente, podem ser entendidos como reflexos do deslizamento categorial, passando de nome a advérbio e, por fim, a conjunção. Essa trajetória é compatível com o fenômeno de gramaticalização, conforme mencionado, em que um item lexical passa a desempenhar funções gramaticais. Para Rodrigues e Souza (2019), o uso como advérbio circunstancial explicita o caráter gradual da mudança por gramaticalização com efeito de deslizamento categorial.

Essas estudiosas observaram que o sinal MOTIVO apresenta valores semânticos distintos, considerando seu uso nas sentenças analisadas. O sinal se apresentou nas sentenças com valores causais, explicativas e conclusivas que atuam no contexto dos atos de fala. Destacam também a ocorrência, na coleta dos dados, do sinal PORQUE, geralmente utilizados nas sentenças interrogativas, também apresentou a função de conjunção causal.

Além de manifestarem o interesse em analisar o uso de PORQUE para contrastar resultados e aprofundar os estudos das relações de causas na Libras, Rodrigues e Souza (2019) demonstraram interesse em investigar também aspectos relacionados aos usos de marcadores não-manaus envolvendo sentenças causais na Libras. E, ainda, consideraram a possibilidade de analisar as orações de causa justapostas, considerando que esse modo de vinculação sintática é mais produtivo nas línguas de sinais.

A ocorrência de sinais utilizados como conjunções na Libras com valor semântico distintos também foi constatado por Rodrigues (2019) a partir de uma análise da adversativa, MAS. De acordo com esse estudo, a literatura da área linguística sobre língua de sinais apresenta a relativa frequência com que o sinal MAS aparece. Dentre as

pesquisas ressaltadas estão os estudos de Tang e Lau (2012) sobre a Língua de Sinais Australiana (Auslan), Língua de Sinais Americana (ASL) e Língua de Sinais Britânica (BSL). Pfau (2016) também sustenta que em muitas línguas de sinais aparece a referida conjunção manual. Já a pesquisa de Zorzi (2018) desenvolve uma análise sobre coordenação na Língua de Sinais Catalã (LSC), que apresenta o uso do MAS utilizando marcadores não manuais. Em contrapartida, os estudos das conjunções adversativas na Libras ainda são incipientes, o que demanda a necessidade de mais investigações sobre a ocorrência dessa conjunção especificamente nessa língua.

Com o objetivo de apresentar uma análise das propriedades sintáticas e semânticas das orações adversativas com a conjunção manual MAS na Libras, Rodrigues (2019) analisa a fala espontânea de surdos brasileiros, disponível em blogs sinalizados do Facebook e Youtube. Como resultado da análise, a fala sinalizada dos participantes apontou uma variação na configuração morfossintática dessas orações e nas suas propriedades semânticas.

Como resultado do seu estudo, Rodrigues (2019) concluiu que as orações adversativas na Libras têm um comportamento semelhante às adversativas descritas nas línguas orais, uma vez que subjaz a todos os tipos de adversativas uma noção de contraste, que está, de certo modo, presente em todas as pesquisas apresentadas. As orações adversativas na Libras, com o uso da conjunção MAS apresentou valores de contraste, contra expectativa, refutação ou correção, comparação e, até mesmo negação. Rodrigues (2019) aponta para necessidade de mais pesquisas na área, considerando também o uso de expressões não-manais nas adversativas em Libras.

Em relação aos mecanismos e elementos de articulação da Libras, Soares (2020) contribui para a compreensão desses aspectos sobre a perspectiva da Linguística Textual. O autor pondera que nessa área, até então, praticamente ainda não havia sido tratada nas pesquisas referentes às línguas de sinais, com exceção de Winston (1991) e Morgan (1998; 2000), que abordaram a coesão da forma referencial-espacial na Língua de Sinais Americana - ASL. Com isso, sua pesquisa objetivou analisar a coesão lexical e grammatical na Libras sob a luz de relações textuais e procedimentos que resultam em recursos capazes de evidenciar maior clareza das ideias em textos sinalizados.

Ao considerar que o texto tem a função comunicativa e social, em relação a Libras, Soares (2020) pontua:

O mais consensual tem sido admitir que um conjunto ocasional de palavras/sinais ou de frases não constitui um texto. A comunicação e produção linguística não se resumem apenas em unidades isoladas como fonemas, morfemas, mas se configuram em um plano maior, formado pela expressão oral/sinalizada ou escrita, ou seja, situações comunicativas, em blocos que expressam sentidos, denominado texto. (Soares, 2020, p. 23)

Dessa maneira, para uma exposição verbal ter tessitura é necessário o uso de mecanismos textuais de modo que os sinais não se apresentem como um conjunto aleatório de itens ou frases. Para além da ação linguística, Soares (2020) destaca as dimensões social, histórica e cognitiva na produção textual, consideradas no âmbito da situação comunicativa.

Conforme apresentado em Soares (2020), os processos de produção textual, ao encontro de Beaugrande e Dressler (1981) citados por Marcuschi (2008), envolvem contextualidade no nível de conhecimento linguístico pelos critérios de coesão e coerência. E no nível comunicacional, a contextualidade envolve os critérios de aceitabilidade, informatividade, intencionalidade, intertextualidade e situacionalidade.

Considerando a necessidade de compreender as relações entre as unidades para produção do sentido geral, no âmbito da contextualidade linguística, Soares (2020) apresenta a diferença entre os processos de coesão e coerência. Conforme o autor, a coesão refere-se ao modo como os elementos linguísticos se organizam e se interligam ao nível da superfície textual para formar a tessitura que define o texto. Já a coerência no sentido global do texto aponta para a necessidade de os conceitos estarem relacionados entre si e em consonância com o conhecimento de mundo dos interlocutores, favorecendo a lógica da interpretação. Soares (2020) opta por se ater aos processos de coesão na Libras, sem desconsiderar a gama de aspectos envolvendo a tessitura textual, considerando textos falados (pelos usuários de modo sinalizado).

Ainda com Soares (2020), o pesquisador buscou investigar os mecanismos de coesões gramaticais e lexicais em Libras a partir de três vídeos sinalizados, que compuseram os dados da pesquisa. Um dos vídeos de uma pessoa ouvinte fluente em Libras, extraído de plataformas digitais, com duração média de 06 minutos, tem a cultura surda como temática. E os outros dois vídeos componentes do Corpus de Libras da UFSC, do Inventário Nacional de Libras, especificamente do Projeto Surdos de Referência. Um deles com duração média de 19 minutos e o outro com duração média de 49 minutos, em

ambos os participantes da pesquisa apresentam relatos pessoais de vida e experiências educacionais com a Libras.

Soares (2020) se embasou, sobretudo, na abordagem funcionalista de Halliday e Hasan (1976). Esses autores propõem a existência de duas grandes modalidades de coesão. A coesão grammatical, expressa por meio da gramática, envolvendo aspectos com mais elementos conectivos. E a coesão lexical, expressa por meio do vocabulário, envolvendo aspectos mais especificamente semânticos.

Dos cinco tipos de mecanismos coesivos propostos por Halliday e Hasan (1976), três se relacionam à coesão grammatical, a saber: **a referência** (por meio de itens pronominais, demonstrativos, comparativos e artigo definido); **substituição e elipse** (nominais, verbais, causais e oracionais); e, **as conjunções** (aditivas, adversativas, causal e temporal). E na coesão lexical em dois tipos: **reiteração** (por repetição) e **colocação** (hiperônimo/hipônimo, dentre outras palavras).

Na coesão referencial o efeito de referência está na recuperação da informação, utilizando das estruturas gramaticais já mencionadas. Conforme Soares (2020), são utilizados para essa função pronomes pessoais, demonstrativos, comparativos, construções lexicais e até advérbios. Apresentamos os itens que realizam retomada como tendo a função determinativa, porém também se constituem como itens coesivos, contribuindo para composição dos sinais em enunciados pronunciáveis e entendíveis.

Soares (2020) pondera que a coesão está na continuidade do referencial que entra no discurso em um segundo momento e permanece mais tempo. A coesão referencial pode ser exofórica se ocupando da coesão que está além do texto, para relacioná-lo a oração, ou pode ser endofórica se ocupando da coesão que está dentro do texto em uma perspectiva intratextual. Como exemplo de tipos de coesão referencial na Libras, Soares (2020) apresenta no corpus da pesquisa, os referenciais dêiticos: pessoal, EU, VOCÊ, ELE; possessivos, MEU/MINHA, SEU/SUA, DELE/DELA; demonstrativo, AQUELE/AQUELA, ISTO; advérbios pronominais, AÍ, LÁ, AQUI; artigo definido por apontação; e, comparativo ACIMA/ABAIXO.

A coesão por substituição e elipse são similares, pois ambas são mecanismos intrínsecos ao texto. A coesão substitutiva possui relação linear grammatical com os termos substitutivos, na qual não há alteração de sentido. Os termos substitutivos podem ser de três categorias: nominal, verbal ou sentencial. A coesão substitutiva difere da referencial, sendo que os termos utilizados na substituição têm significado igual, mas são termos

diferentes. A coesão por elipse ocorre quando alguns termos são omitidos por identidade superficial do texto. A elipse envolve quaisquer omissões na fala do locutor, onde os interlocutores as percebem e realizam a pressuposição do que não foi comunicado. Essas ocorrem pela omissão de termos nominais, verbais e locuções verbais.

Como exemplo de coesão por substituição na Libras, Soares (2020) apresenta a sintaxe espacial em que o sinalizante/enunciador toma a perspectiva de outra pessoa para relatar uma atitude proposicional. Esse mecanismo das línguas de sinais é conhecido como *role shift*. Conforme explica o autor, o *role shift*, também utiliza, além da marcação no espaço por meio do posicionamento do corpo, movimentos da face e expressões faciais que funcionam como referente ao longo de todo o período sinalizado que é mantido. O que nos recomenda analisar se também estão relacionados aos mecanismos conjuntivos, conforme o fenômeno de justaposição.

Como exemplo de coesão por elipse na Libras, conforme corpus da pesquisa, Soares (2020) aponta a omissão do verbo copular É. Além dos verbos EXPLICAR e TER apresentarem elipse também em nomes, como um caso de omissão do pronome pessoal EU antecedido do verbo TER. Mesmo com essas omissões, conforme Soares (2020), não há prejuízo quanto ao entendimento, considerando que pelo contexto e elementos gramaticais visuais, a mensagem é compreendida.

A coesão lexical envolve as relações semânticas como sinônimia e antônimia, colocação criadas por itens lexicais específicos. Essa coesão abrange a escolha de vocabulário para produzir o texto. Pode ocorrer por dois mecanismos, pela reiteração e pela colocação. A reiteração se remete à repetição de informações ligadas aos termos de mesmo sentido (sinônimos, hipônimos ou hiperônimos). A colocação se relaciona à associação de itens no campo lexical, em que cada item tem sua própria identidade, o que contribui para a significação geral do texto. Assim, a coesão lexical por reiteração, geralmente ocorre pela repetição do item lexical, pela sinônimia e pela relação hipônimo/hiperônimo, e por colocação ocorre pela associação semântica.

Como aparece no corpus analisado, para ilustrar o caso de coesão lexical por reiteração (ou repetição), Soares (2020) apresenta a repetição do substantivo CULTURA, e do item COMO, apresentado em:

CULTURA O-QUE CULTURA É COMUNIDADE COMPLEXO TER PONTOS PRINCIPAIS MAS COMO AQUISIÇÃO BOIA-2 COMO DESENVOLVER COMO CULTURA DESCENDENTE.

PB: Cultura é um complexo conjunto de aspectos que precisa pensar em como adquiri-la, em como desenvolvê-la, em como disseminá-la. (Soares, 2020, p. 138)

Já na coesão lexical por colocação, podemos perceber a associação de dois sinais ou mais por conceber que partem do mesmo conjunto para produzir o efeito coesivo, como na colocação por antônimo identificado por Soares (2020) em:

É PRÓPRIA NATURAL É INTERAÇÃO SOCIAL CONVERSAÇÃO AQUISIÇÃO, MAS INFERÊNCIA NÃO SEPARAR CULTURA POPULAR ESPAÇO CULTURA ERUDITA E (negação).

PB: É natural que a sociedade como um todo interaja, mas é preciso ressaltar que a intenção não é separar a cultura popular da cultura erudita (Soares, 2020, p. 140).

Outros mecanismos coesivos tratados pelo pesquisador, que vêm ao encontro das pesquisas anteriormente apresentadas, são as conjunções e alguns advérbios utilizados para conectar proposições em sentenças próximas (vizinhas), de acordo com certas relações semânticas aditivas, adversativas, causais e temporais. Para Soares (2020) conforme Donnelly (1994), as conjunções servem para reforçar ou destacar as relações entre os elementos do texto. De acordo com esse pesquisador, a coesão por conjunção se realiza na fronteira entre gramática e léxico. Pois, gramaticalmente, realizam ligações estruturais entre partes do texto, tecidas por coordenação ou subordinação. Mas também açãoam o léxico para explicitar as relações de sentido que há entre esses trechos.

Soares (2020) cita Halliday e Hasan (1976) para destacar que as relações coesivas estabelecidas pelas conjunções não são anafóricas ou catafóricas, e por isso, divergem das coesões por referência, substituição e elipse. Ao considerar complexa a enumeração dos tipos de relações estabelecidas pelas conjunções, ainda com base nos estudos de Halliday e Hasan (1976), Soares (2020) trata de quatro categorias básicas: aditivas, adversativas, causais e temporais.

No corpus analisado, o estudioso percebeu a ocorrência de conjunções aditivas que estabelecem a relação lógica de adição de argumentos ou ideias, pelo uso dos sinais TAMBÉM, BOIA (item utilizado para enumerar coisas) e ritmo sinalização; indicando a relação de contraste e oposição, pela ocorrência do sinal MAS. Com relação de explicação ou justificativa, com sentido causal, identificou os sinais PORQUE, COMO, QUE e MOTIVO/POR-CAUSA. Também, identificou conjunções temporais, estabelecendo relações de localização de tempo, nos itens ANTES, DEPOIS, AGORA, ONTEM. As

conjunções subordinadas que apresentaram a relação de dependência entre orações foram os conectivos POR-CAUSA, PORQUE, O QUE e COMO.

Com resultado de pesquisa, Soares (2020) constatou a ocorrência de 26 pontos de coesão sinalizada em três vídeos produzidos pelos participantes da pesquisa. Nessas ocorrências identificou 94 referências, 5 substituições, 32 elipses, 70 conjunções e 60 utilizações de mecanismos de coesão lexical. Conforme observado pelo pesquisador, o uso das conjunções como elementos coesivos foi preponderante, o que torna a análise da realização desses itens em contexto de uso pertinente. De acordo com o seu estudo, a coesão gramatical envolveu referênciação, substituição, elipse e as conjunções; enquanto a coesão lexical envolveu laços de vocabulário pela repetição, sinonímia, hiponímia e colocação.

Em seu estudo, Soares (2020) enfatiza que ainda são escassas as pesquisas a respeito da coesão e coerência em língua de sinais. Conforme o pesquisador, as pesquisas na área descritiva da Libras ainda “não exploram as questões da coesão e da coerência de forma satisfatória e a **função/identificação dos conectores** na organização do texto sinalizado como um todo” (Soares, 2020, p.19). Nessa direção, desenvolvemos o presente estudo no intuito de contribuir para a identificação na estrutura da Libras, de mecanismos e elementos de combinação e articulação utilizados na composição dos enunciados, tais como as conjunções, dentre outros conectivos.

Todas as pesquisas aqui apresentadas são relevantes para compreendermos a realização das conjunções na Libras. Além disso, os estudos que compõem nosso aporte teórico são fundamentais no processo de análise de dados. Conforme Padden (1980), citado por Ferreira Brito (1995), e Silva (2019), compreendemos que tanto as orações coordenadas quanto as subordinadas podem utilizar de mecanismos de omissão das conjunções, tornando necessário a análise do contexto de produção e o fenômeno de justaposição dos itens. Com Rodrigues e Souza (2019), percebemos que itens de outras categorias são utilizados como conectores ou advérbios circunstanciais e até mesmo substantivos, sendo tênue a linha que os separa.

Rodrigues (2019) reforçou o entendimento de que uma mesma conjunção pode apresentar valores semânticos distintos e variados. Tudo indica que, ao encontro do que defende Soares (2020), é preciso analisar as conjunções dentro de um contexto comunicativo. De modo geral, identificamos diferentes convergências e divergência entre a realização das conjunções na língua portuguesa e na Libras. Sendo assim, podemos

utilizar parte do referencial teórico das línguas orais, enquanto línguas naturais, para analisar fenômenos na Libras, porém com cuidado para não desconsiderar suas especificidades.

Após apresentar os pressupostos teóricos que orientaram o desenvolvimento da nossa pesquisa e subsidiaram as nossas discussões, na próxima seção vamos discorrer sobre os procedimentos metodológicos desta tese.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa. O presente estudo se insere no campo das pesquisas qualitativas de base descritiva cujos procedimentos metodológicos foram as pesquisas bibliográfica e teórica. Os dados foram coletados a partir do instrumento de entrevista semiestruturada aplicada aos docentes surdos que ministram a disciplina de Libras, no ensino de segunda língua, em cursos de licenciatura em uma instituição de Ensino Superior - IES, sendo o contexto acadêmico o cenário de coleta de dados. Ainda, consideramos também os discentes surdos que cursam Pós-Graduação em educação ou linguística na referida instituição.

De início, delineamos os caminhos metodológicos da pesquisa desenvolvida. Em continuidade, apresentamos a natureza da pesquisa. Posteriormente, o cenário de pesquisa, os participantes e as trajetórias da pesquisa são apresentados.

5.1 A Natureza da pesquisa

Entendemos que a metodologia fundamentada na abordagem qualitativa de base descritiva contribui para o êxito em realizar a descrição da estrutura e funcionamento da Libras em uso corrente. Em específico, na análise de como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as classes dos determinantes e articuladores, presentes na fala sinalizada dos participantes da pesquisa.

Com a pesquisa bibliográfica, realizamos o levantamento de referências teóricas, a rigor científico na área descritiva da Libras, que tratam dos processos de classificação dos sinais na Libras. Como procedimento técnico, utilizamos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados.

A partir do aporte teórico, buscamos analisar as categorias determinativas e combinatórias na fala espontânea de docentes surdos que ministram a disciplina Libras nos cursos de licenciatura ou cursam Pós-Graduação na Universidade Federal de Uberlândia, estando lotados ou vinculados em duas unidades acadêmicas da instituição: a Faculdade de Educação (FACED) e o Instituto de Letras e Linguística (ILEEL).

Uma vez que objetivamos gerar conhecimentos novos para o avanço dos estudos linguísticos da Libras, ainda sem aplicação prática prevista, a natureza desta pesquisa é básica.

A esse respeito, Demo (2000) defende que esse tipo de pesquisa tem o seu enfoque na reconstrução de teorias, ideias, conceitos, ideologias, polêmicas, com o intuito de aprimorar os fundamentos teóricos. Partindo dessa premissa, a natureza da presente pesquisa é básica, já que o seu objetivo é sistematizar, sem aplicação prévia prevista, novos conhecimentos para contribuir com o avanço da Libras no que se refere aos estudos linguísticos da língua de sinais.

Após definir a natureza da pesquisa, adotamos a pesquisa teórica no sentido de sedimentar os conhecimentos acerca dos estudos linguísticos da Libras. Sobre esse tipo de pesquisa, Maldonado (2011, p. 294-295) explica que

A pesquisa teórica não pode ser reduzida a mera revisão literária para ser editada em resenhas rápidas repetitivas; pelo contrário, exige a problematização constante das ideias e dos raciocínios as questões e os aspectos do problema/objeto em fabricação (Maldonado, 2011, p 294-295)

Em concordância com o autor, buscamos desenvolver uma pesquisa teórica crítica para subsidiar a análise dos dados à luz das teorias. Em consonância com a teoria, a abordagem descritiva possibilita descrever o processo classificatório de sinais da Libras ao identificar as categorias determinativas e combinatórias considerando a fala sinalizada dos surdos que se dispuseram a participar da pesquisa. Esse processo favorece a produção de novos conhecimentos no intuito de contribuir com a disseminação e o avanço dos estudos descritivos das línguas de sinais, de maneira específica, da Libras.

No que se refere à abordagem da pesquisa, utilizamos a pesquisa qualitativa de base descritiva. Sobre esse assunto, Silva e Menezes (2000, p. 21) explicam que,

[...] a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento (Silva; Menezes, 2000, p. 21).

Diante disso, consideramos que a pesquisa qualitativa de base descritiva busca contribuir para a pesquisa social, já que a língua é um fenômeno social que favorece uma observação sistemática. A partir de uma concepção de que a língua é heterogênea e sócio historicamente constituída, é clara a condição de que não pode ser quantificada, mas necessita ser analisada e descrita em suas especificidades e condições de uso. Quando se trata da língua de sinais, esse processo se torna ainda mais pungente (Bernardes, 2020).

Outro aspecto da pesquisa descritiva é apontado por Gil (2007) ao destacar que favorece o acesso às informações em fontes diferentes sobre a temática pesquisada. Nesse ponto, buscamos convergir esse tipo de pesquisa com a abordagem qualitativa e com a utilização da pesquisa bibliográfica e teórica como procedimento metodológico para desenvolver a análise dos dados coletados por meio da entrevista semiestruturada.

A partir do levantamento de estudos publicados na área descritiva da Libras que tratam sobre as categorias determinativas e combinatórias, utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Nesse contexto, Fonseca (2002) elucida que as referências teóricas pesquisadas contribuem para a coleta de informações científicas que vão dar significado na aplicação da pesquisa teórica e favorecer o conhecimento científico.

Para dar continuidade aos aspectos metodológicos, apresentamos a descrição do cenário de pesquisa.

5.2 Descrição do cenário de pesquisa

O contexto acadêmico em que se encontram inseridos os participantes da pesquisa constitui-se como o cenário de pesquisa. Os docentes surdos que ministram a disciplina de Libras nos cursos de licenciatura e/ou discentes surdos que cursam Pós-Graduação em educação ou linguística na UFU, estão lotados ou vinculados em duas unidades acadêmicas da instituição: a Faculdade de Educação (FACED) e o Instituto de Letras e Linguística (ILEEL).

Nos âmbitos de ensino, pesquisa e extensão, a Libras contemporânea é utilizada como meio de comunicação e produção de conhecimento pelos docentes e discentes surdos que têm a língua de sinais como sua base linguística. Nesse sentido, o contexto acadêmico é considerado como um ambiente profícuo para a coleta de dados, uma vez que favorece a disseminação da Libras e a sua utilização em contextos formal e informal.

Como marco histórico no reconhecimento linguístico da Libras como língua, a Lei 10.436 de 2002 possibilitou um estreitamento da relação entre a Universidade e a língua de sinais, que foi consolidada por meio do Decreto 5.626 de 2005 ao prever a inclusão da Libras como disciplina curricular. De acordo com esse decreto,

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do

magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (Brasil, 2005).

Essa conquista da comunidade surda reverberou no contexto acadêmico científico culminando na difusão da língua de sinais e na formação de futuros profissionais. Tal fato contribuiu de maneira significativa para a presença de docentes surdos no espaço acadêmico, o que favoreceu e ampliou as possibilidades de acesso ao conhecimento científico para os discentes surdos também.

Nessa esfera de relação com a língua de sinais no contexto acadêmico como docentes surdos que ministram a disciplina de Libras e/ou discentes surdos que cursam Pós-Graduação estando lotados ou vinculados em duas unidades acadêmicas da instituição: a Faculdade de Educação (FACED) e o Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), é que se encontram inseridos os participantes da pesquisa. Uma vez que são usuários da Libras como meio de comunicação em espaços formativos, no caso do contexto acadêmico, e informais, no uso cotidiano, os possíveis participantes podem contribuir para os estudos descritivos do léxico da Libras, já que apresentam uma sinalização contemporânea representativa do povo surdo.

Quando se trata da Libras, os docentes surdos que estão presentes nesse contexto têm a possibilidade de inserir a língua de sinais e a sua produção de conhecimento em um espaço fértil para a discussão, argumentação e reflexão envolvendo o uso da Libras de modo articulado e elucidativo. É nesse sentido que consideramos que os participantes da pesquisa possuem um arcabouço lexical apurado e contextualizado, o que possibilita a sua contribuição nos estudos linguísticos da Libras no que concerne ao processo classificatório de sinais da Libras nas categorias determinativas e combinatórias.

A seguir, apresentamos a Faculdade de Educação (FACED) e o Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia como cenário de pesquisa, uma vez que docentes surdos participantes da pesquisa estão lotados ou vinculados nessas unidades acadêmicas.

5.2.1 Faculdade de Educação – FACED

Ao ser fundada em 1977, a Universidade Federal de Uberlândia foi organizada sob a Lei 5.540/68 e estruturada em três Centros, – Ciências Humanas, Letras e Artes (CEHAR); Ciências Exatas e Tecnologia (CETEC); Ciências Biomédicas (CEBIM), que agrupavam Departamentos baseados em subáreas específicas. Inicialmente, a área de educação estava concentrada no antigo Departamento de Pedagogia, que também incluía docentes da Filosofia. Em 1987, esse Departamento foi dividido em três unidades acadêmicas, resultando na criação do Departamentos de Filosofia (DEFIL), de Fundamentos da Educação (DEPFE) e de Princípios e Organização da Prática Pedagógica (DEPOP).

Em janeiro de 2000, após quatro anos de estudos, discussões e reflexões dentro da Universidade, a UFU implementou o Estatuto e Regimento Geral em vigor, que levou à extinção das antigas unidades e ao surgimento de novos Centros e criação de novas Unidades Acadêmicas na forma de Institutos, Faculdades ou Escolas. A FACED é definida como uma instância acadêmica que, de maneira colaborativa dentro da UFU, assume a responsabilidade pela formação de profissionais nas áreas de educação e comunicação social, abrangendo ensino, pesquisa e extensão.

No que diz respeito ao ensino de graduação, essa instância tem a seu cargo a responsabilidade os cursos de Pedagogia nas modalidades presencial e a distância, além do curso de Jornalismo. A oferta das disciplinas de formação pedagógica em todos os cursos de licenciatura da UFU também é de responsabilidade da FACED, de modo específico os componentes curriculares na área de Didática, Políticas e Gestão da Educação, a disciplina de Libras, História da Educação e o Estágio de Prática Educativa em Enfermagem.

Os docentes surdos lotados na FACED estão vinculados ao Núcleo Temático Educação Especial e Libras. Atualmente essa unidade acadêmica conta com o quadro efetivo de sete professores surdos. O referido núcleo é responsável pelos seguintes componentes curriculares da graduação, a saber, Educação Especial, Libras I, Libras II, Ensino de Libras no curso de Pedagogia e nos demais cursos de licenciatura da UFU.

5.2.2 Instituto de Letras e Linguística - ILEEL

É uma Unidade Acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia, dedicada a promover atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito de Letras e Linguística. O instituto foi criado pela Resolução nº 05 de 21 de dezembro de 1999 do Conselho Universitário da UFU que dispõe sobre a criação das Unidades Acadêmicas, a nomeação dos seus Diretores *pro tempore*, a adequação da vida universitária ao novo Estatuto, e dá outras providências. De acordo com a resolução, faz parte do Instituto de Letras e Linguística o Departamento de Ciências da Linguagem e o Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas.

De acordo com o site do instituto⁷, o ILEEL tem como compromisso social oferecer uma formação acadêmica robusta, além de desenvolver as competências e habilidades necessárias para a atuação docente, que incluem uma reflexão crítica sobre a inserção do indivíduo no contexto social em que está inserido e seu papel como cidadão global, moldado pela linguagem. Para tanto, oferece cursos de graduação nas modalidades presencial e a distância.

Os cursos de graduação em Letras - Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola, Letras – Francês e Literaturas de Língua Francesa, Letras – Inglês e Literaturas de Língua Inglesa, Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Letras – Língua Portuguesa com Domínio de Libras, Tradução (Inglês/Português); são ofertados na modalidade presencial. O curso de Letras – Inglês é oferecido também na modalidade de educação a distância.

No que tange ao curso de Letras – Língua Portuguesa com Domínio de Libras, o ILEEL afirma o reconhecimento da importância de promover a inclusão de surdos no sistema educacional formal. Para tanto, o referido curso busca atender à necessidade de formação de professores visando o ensino de Língua Portuguesa tanto para surdos quanto para ouvintes nas escolas de Educação Básica.

Atualmente o instituto conta com o quadro efetivo de dois professores surdos que estão vinculados ao Núcleo de Língua Portuguesa com Domínio de Libras (NUPLIB). O aludido núcleo é responsável pela oferta das disciplinas de Língua Brasileira de Sinais III, Língua Brasileira de Sinais IV, Língua Brasileira de Sinais V, Língua Brasileira de

⁷ Disponível em: <http://www.portal.ileel.ufu.br/unidades/unidade-academica/instituto-de-letras> Acesso em: 10 dez. 2024.

Sinais VI, Aspectos Gramaticais de Libras I, Aspectos Gramaticais de Libras II, Variação e Mudança em Libras, Estágio Supervisionado em Libras, Metodologia de Ensino e Pesquisa em Libras como L1, Metodologia de Ensino e Pesquisa em Libras como L2, Interpretação em Libras, O Gesto Articulatório em Língua de Sinais.

No âmbito do ILEEL são promovidos três Programas de Pós-Graduação: o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), ao qual se vincula a presente tese; o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGELIT); o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETROS). O Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, oferece qualificação a pesquisadores em várias vertentes dos Estudos Linguísticos e a docentes para o ensino universitário, médio e fundamental.

O PPGEL é constituído pelos cursos de Mestrado e Doutorado acadêmicos. O Curso de Mestrado em Linguística foi implementado pela Resolução 06/94 de 04/03/1994 do Conselho Universitário da UFU e iniciou suas atividades em agosto de 1995. O curso de Doutorado teve o seu processo de criação em meados de 2007, o qual foi aprovado pela Resolução 12/07, de 30/11/2007, do Conselho Universitário da UFU, com início de suas atividades em março de 2009.

Atualmente, o PPGEL desenvolve pesquisas em uma área de concentração intitulada “Estudos de Linguística e Linguística Aplicada” que conta com três frentes ou linhas de pesquisa; Teoria, descrição e análise linguística (linha 1); Linguagem, sujeito e discurso (linha 2); e, Linguagem, ensino e sociedade (linha 3). Dentre as linhas de pesquisa, a primeira, “Teoria, descrição e análise linguística” congrega projetos de docentes e discentes que desenvolvem estudos analíticos-descritivos de línguas e suas variedades em diferentes planos e níveis de constituição. Vinculada a essa linha iniciou-se as primeiras pesquisas sobre Libras nas áreas da Linguística Descritiva e Aplicada na Universidade. E com o incentivo à promoção dessas pesquisas os surdos passaram a compor o corpo discente do programa.

As pesquisas da Linha 1 estão ligadas ao Grupo de Pesquisa em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELET). O grupo visa a produção de conhecimentos articulando estudos sobre os temas: Linguagens; Libras (Processo de ensino e aprendizagem; aspectos linguísticos, descrição e interpretação; educação, leitura e escrita do surdo; políticas e processos de escolarização do surdo); Educação Especial e Inclusão (teoria, prática pedagógica, legislação, currículo,

Atendimento Educacional Especializado – AEE, políticas; criação de objetos de aprendizagem, material didático adaptado para Educação Especial e Inclusiva e processos de escolarização da pessoa com deficiência na perspectiva da Educação Especial e a Distância); Educação a Distância (teoria, prática pedagógica, interfaces, colaboração, interação e interatividade, dispositivos e legislação, voltadas à formação docente, relação professor-aluno na sala de aula virtual (regular e especial); e Tecnologias (educação inclusiva e tecnologia assistiva).

O grupo de estudo GPELET se consolidou como uma referência na promoção e incentivo às pesquisas, sendo o pioneiro a tratar da Libras no âmbito do PPGEL. Vale destacar a necessidade de se desenvolver pesquisas descritivas e aplicadas na área da Libras e a carência de qualificação, em específico, para os professores que atuam no contexto do ensino superior. Nesse sentido, o PPGEL passou a atrair pesquisadores e professores surdos e atualmente conta com cinco discentes surdos matriculados no curso de Doutorado Acadêmico que, também atuam com o ensino de Libra no contexto de ensino superior. De modo geral, o PPGEL busca oferecer aos discentes dos cursos de Mestrado e Doutorado um grande leque de oportunidades de pesquisa e ensino nas diferentes áreas dos estudos da linguagem, com isso, esses estudantes surdos realizam pesquisas contemplando as três linhas de pesquisa apresentadas.

Por fim, ressaltamos que o PPGEL alcançou patamar de excelência entre os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* do Brasil na avaliação quadrienal (2017-2020) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) ao receber nota 6. Essa alta pontuação reforça que os estudos desenvolvidos no seio do Programa têm apresentado importantes contribuições para a educação brasileira.

Após uma breve descrição das unidades acadêmicas como cenário de pesquisa, na próxima seção passamos à apresentação dos participantes da pesquisa.

5.3 Os participantes da pesquisa

O presente estudo foi submetido para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP da Universidade Federal de Uberlândia via Plataforma Brasil⁸. Recebemos o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética sob o número 77576324.9.0000.5152 e a autorização por meio do Parecer Consustanciado do CEP nº

⁸ Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf> Acesso em: 02 jun. 2024.

6.728.738. Os participantes da pesquisa foram recrutados somente após a aprovação do Comitê de Ética.

Assim que recebemos a permissão do CEP, entramos em contato com a Coordenação da Faculdade de Educação (FACED) e do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) com o intuito de solicitar a lista dos docentes surdos que ministram a disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, objetivando o contato com os possíveis participantes para convite à pesquisa. Por meio do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) tivemos acesso ao endereço eletrônico dos professores cursistas. Esse primeiro contato teve o intuito de verificar a disponibilidade e o interesse de os professores agendarem um horário para um encontro presencial nas instalações da UFU em que seria apresentado o convite de participação da pesquisa e, conforme o aceite, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE seria assinado.

Como critério de seleção dos participantes da pesquisa, selecionamos os docentes surdos, da FACED, do ILEEL/PPGEL, que ministram a disciplina de Libras em cursos de licenciatura em instituição de Ensino Superior – IES, e/ou discentes surdos que cursam a Pós-Graduação em educação ou linguística. Esse critério se justifica em função de os participantes serem usuários da Libras em contextos formais e informais, além de a língua de sinais ser o seu principal meio de comunicação e expressão.

Dessa maneira, os professores surdos, além de ensinar a Libras em seu aspecto formal com abordagem de suas especificidades linguísticas, também fazem uso dessa língua como o seu principal meio de comunicação no cotidiano informal. Tais características contribuem para que os participantes da pesquisa possuam um arcabouço lexical apurado que favoreçam a investigação dos processos de classificação de sinais em contexto de uso, considerando as categorias determinativas e combinatórias na fala espontânea em Libras.

A partir disso, encaminhamos via endereço de e-mail institucional um convite para a participação neste estudo. Obtivemos a resposta de três docentes surdos sinalizando o aceite e, em seguida, agendamos um encontro presencial para explicar os objetivos de pesquisa e apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em função disso, os três professores surdos que ministram a disciplina de Libras nos cursos de licenciatura em instituição de Ensino Superior – IES e/ou que cursam Pós-Graduação em educação ou linguística na referida instituição, se constituíram como participantes da pesquisa, cujo número dependeu da quantidade que se disponibilizou a participar deste estudo.

Os professores responderam a uma entrevista semiestruturada com tempo de duração de aproximadamente trinta minutos. A entrevista foi realizada nas instalações da Universidade Federal de Uberlândia, de acordo com a disponibilidade de cada um. A entrevista foi direcionada por um roteiro flexível de perguntas principais elaboradas a partir de um assunto central – o processo de ensino e aprendizagem de Libras. É nesse contexto de fala sinalizada, em que o participante surdo e a pesquisadora ouvinte, fluentes em Libras, conversam sobre um tema previamente selecionado, em uma situação de fala monitorada, mas pouco controlada, que coletamos os dados da pesquisa.

Em relação à entrevista semiestruturada, Triviño (1987) defende que esse tipo de instrumento favorece a descrição dos fenômenos sociais. Assim, sendo a língua em uso o objeto dessa pesquisa, utilizamos esse procedimento metodológico no processo de coleta de dados. Com o amostral pretendido foi possível realizar a coleta, a análise de dados e a comparação de recorrências de padrões na língua em uso de acordo com o grau de especificidade que a pesquisa requer.

Uma vez que os participantes surdos são docentes que atuam com o ensino da Libras, tratar sobre o processo de ensino-aprendizagem dessa língua é algo recorrente, ou seja, é algo que sempre ponderam ou refletem sobre. Tratar sobre algo recorrente, porém complexo, pode reverberar em profícias discussões, o que envolve recorrer a um arcabouço lexical robusto. Além disso, é preciso lançar mão de uma argumentação expressa na boa organização das ideias, com o intuito de se conseguir expressar adequadamente, do modo que a interação comunicativa exige. Essas condições promovem um campo fértil para emergirem as categorias determinativas e combinatórias na fala sinalizada dos surdos participantes da pesquisa.

Os dez minutos iniciais da entrevista foram dedicados a conhecer os participantes que se dispuseram a participar da pesquisa, com o intuito de apresentá-los. Contudo, mantivemos o zelo pela integridade da sua identidade, conforme acordado no TCLE. Desse modo, não serão transcritos na íntegra nos dados da pesquisa, porém, serão apresentadas as informações pertinentes à compreensão da relação deles com a língua e contexto de fala sinalizada.

Direcionaram a apresentação dos participantes da pesquisa as seguintes perguntas: Como era seu contexto familiar na infância em relação ao uso da Libras? Como ocorreu seu processo de aquisição da Libras? Qual a importância da Libras para os surdos? Como se deu seu processo de escolarização? Uma vez que as perguntas são apenas para

direcionar a conversa, não ocorreram todas da mesma forma e na mesma ordem. Também foi resguardado aos participantes o direito a não responder perguntas, quaisquer que fossem, as quais os deixassem desconfortáveis ou que julgassem inapropriadas. As respostas contextualizadas dos participantes serão apresentados pela ordem de aceite e participação em entrevista.

O Participante 1 informou que nasceu ouvinte, mas com três anos de idade contraiu meningite. Desde então, houve a perda gradual da audição e, com isso, o domínio da língua oral também aos poucos se degradou. A família recorreu ao centro de referência que tratava da surdez, em uma cidade do estado de São Paulo, na época. E submetido ao exame de audiometria, foi constatada a surdez profunda, sem resquício auditivo. Souberam pelo médico que havia na cidade de Uberlândia/MG uma instituição que realizava atendimento a crianças surdas. Fizeram uma visita à instituição, que foi aprovada pela família, com isso, o Participante 1 passou a frequentá-la. Nessa instituição ele obteve atendimento fonoaudiológico, terapia para fala e foi alfabetizado na escrita do português. Nessa época não tinha o contato com a língua de sinais, visto que a instituição proibia o uso dessa língua.

O Participante 1 lembra que nesse período era comum os surdos utilizarem a língua de sinais para se comunicarem entre si, escondido. E nessa época teve acesso limitado a língua. O contato efetivo com a Libras se deu aos 8 anos de idade. E aos 16 anos passou a frequentar comunidades surdas, onde de fato se reconheceu como pessoa sinalizante, se apropriando da identidade surda e da Libras. Em relação à família, o Participante 1 informou que até hoje ela não tem o domínio da Libras. Isso ocorre em função à ausência de incentivo que as instituições de ensino e das clínicas propagaram que, com o acesso à língua de sinais, o progresso da aquisição da língua oral auditiva seria prejudicado. Mesmo sendo desmistificada tal informação, com o passar dos anos, a família perdeu o interesse na Libras, e até hoje não aprendeu a língua.

Após consolidada a alfabetização passou a frequentar uma escola nos moldes de integração. O Participante 1 pontua que naquela época ainda não havia a escola inclusiva. A escola então aceitou a matrícula, mas não estava preparada para dar o suporte ao ensino de pessoas surdas. Ele informou que essa instituição era particular, e que de início era aluno copista, uma vez que não tinha acesso aos conteúdos ministrados. Na época, também não tinha intérprete de Libras nas escolas. Esse profissional era visto apenas nas

igrejas e em raros eventos com surdos participantes, mediados em Libras, isso na década de 80, quando ainda era estudante da educação básica.

O Participante 2 informou que nasceu surdo devido a mãe ter adquirido rubéola na gestação. A família não obteve acesso a Libras, uma vez que a língua passou a ser mais amplamente divulgada após promulgação da Lei 10.436/2002. Ele estudou em Escola Especial onde o foco era a reabilitação da fala oral-auditiva e a língua de sinais era proibida. Na época, a família, assim como as demais, pensava que o importante era que os filhos oralizassem para obter domínio da Língua Portuguesa.

A descoberta da surdez veio após o nascimento. A mãe percebeu que o filho era muito quietinho e estranhou. Chamou uma tia dela que fez alguns testes, batendo panelas, fazendo barulho, utilizando instrumentos musicais, sem retorno algum, com isso identificou algo incomum. A família procurou atendimento médico e obtiveram o encaminhamento para fazer o teste de audiometria. Como esse exame não era oferecido no município onde moravam, foram para o Rio de Janeiro, e o resultado foi a constatação da surdez. O médico recomendou para a família que procurassem uma Escola Especial de reabilitação oral-auditiva como oportunidade para que quando crescesse conseguisse se comunicar oralmente.

A família encontrou uma Escola Especial que pudesse recebê-lo. O Participante 2 explicou que desde então iniciou o processo de reabilitação e alfabetização aos 3 anos de idade. A proposta da escola envolvia a metodologia oralista e alfabetização em Língua Portuguesa. O Participante 2 recorda os primeiros diálogos que estabeleceu utilizando a Libras quando tinha cerca de 7 ou 8 anos, ainda nessa instituição. Os gestores da escola (diretor, coordenador e professores) proibiam o uso de língua de sinais. Porém, em locais pouco monitorados, como no banheiro, os estudantes surdos interagiam entre si. Na primeira interação confessou que não compreendeu nada, porém, a outra criança de idade mais avançada adaptou os sinais com o uso de gestos para que pudesse se comunicar. O Participante 2 afirma que passou a inventar sinais, e por isso, os colegas deram a ele um folheto contendo o alfabeto manual. Levou o folheto escondido para casa e passou a identificar as letras e a entender os aspectos visuais das línguas de sinais.

Ele conta que ainda não tinha uma identidade construída e todos os colegas já se referiam uns aos outros utilizando sinais (nomes visuais). Os colegas faziam a datilologia dos nomes e apresentavam a ele os seus sinais pessoais de identificação visual (nome). Mesmo quando criança, percebeu um padrão na sinalização; uma característica física

(pinta, cicatriz, marca na face e no corpo) e a primeira letra do nome. Iniciou o processo de criação do seu próprio sinal. Como não gostou das sugestões dos colegas, utilizando a primeira letra do seu nome, inovou escolhendo outra configuração de mão. Todos os colegas aprovaram seu sinal pessoal de identificação. Com isso, mantém o mesmo sinal (nome visual) até hoje.

Fora do ambiente escolar, passou a se comunicar em Libras com os colegas. Relembra que no ponto de ônibus e durante o trajeto à escola era acompanhado por esses colegas surdos, isso já com 12 anos. De acordo com o Participante 2, a mãe sabia que ele utilizava língua de sinais para se comunicar com os colegas, só alertava para que restringisse o uso no espaço escolar. A Escola Especial mantinha os estudantes na mesma série por dois anos. Isso acabou ocasionando a distorção de série e idade. Relata que a metodologia oralista empregada na escola reforçava as diferenças entre surdos e ouvintes, sempre deixando os surdos em posição de desvantagem em relação aos ouvintes.

O Participante 3 informou que nasceu ouvinte, mas que com 3 anos de idade contraiu uma doença (não relatou qual seria) e, com isso, passou a fazer uso de medicamentos muito fortes. Em função disso e como efeito colateral, houve a perda gradual da audição. A mãe percebeu mudanças no comportamento dele, estava mais agitado e irritado. A mãe pensou que fosse a nível cognitivo e o levou ao neurologista, mas não foi constatado nada. Então, o levou ao psiquiatra. O médico pediu que a mãe soltasse a mãozinha dele, para que pudesse explorar o espaço do consultório, a mãe bem temerosa da bagunça que ele poderia fazer, soltou-lhe a mãozinha. O Participante 3 disse que no ambiente tinha vários brinquedos, mas que se interessou mesmo por um livro. Sentou-se ao chão para ver as imagens. O psiquiatra fez vários testes e assegurou a mãe que a criança estava tendo um desenvolvimento adequado, dentro do esperado. Porém, indicou que consultassem um otorrinolaringologista, que por fim veio constatar a perda total da audição, isso aos três anos de idade.

O médico otorrinolaringologista informou à mãe o que era a surdez e os possíveis desdobramentos da perda da audição, e falou da necessidade do estímulo precoce. E, por isso, o Participante 3 foi encaminhado a uma instituição de reabilitação e ensino aos 4 anos de idade. Ele passou a receber atendimento fonoaudiólogo e a frequentar duas instituições, uma de Ensino Especial e outra de escola particular. A interação com outras crianças também foi estimulada. A mãe contribuiu bastante para o desenvolvimento da oralidade do filho realizando treinamentos regulares em casa.

Na escola regular, sentava-se em dupla com um coleguinha para copiar as respostas. E no contraturno, na instituição especializada tinha aulas de reforço, atividades lúdicas e de musicalização com outras crianças surdas. Nessa instituição fazia terapia da fala. Relembra que nem ele e nem as outras crianças sabiam sinais, quando sem a supervisão de adultos, se comunicavam por meio de gestos. Conta que não sabia quem era e que se via como todas as demais pessoas.

Com o passar dos anos na escola regular, no Ensino Médio, foi orientado a se sentar separado dos colegas. Nesse período começou a receber críticas negativas, mas não entendeu nada, pois anteriormente era bem-conceituado, considerado bom aluno, e em seguida passou a ser negativado. Sem compreender a situação, se dedicou mais ainda aos estudos. Mesmo com todo esforço não conseguia ter um bom desempenho acadêmico, com isso surgiram as crises de ansiedade, depressão e o desejo de abandonar a escola. Momentos de tensão aconteceram também no seio familiar pelo desinteresse de frequentar a escola.

Relembra que tinha vergonha da escrita, se saía mal nas provas, além da rejeição dos professores do ensino regular. Os professores da Escola Especial decidiram ir à escola de ensino regular para levar orientação sobre as especificidades da surdez e sobre como se dá o processo de ensino-aprendizagem e avaliação de crianças surdas. Assim houve uma melhora no tratamento que recebeu, em específico na aceitação da escrita na interlíngua Libras/Língua Portuguesa. As escolas não aceitavam a Libras como língua ainda, mas reconheciam que ele tinha uma forma distinta e peculiar de comunicação.

Atualmente, no Brasil, a maioria das pessoas surdas usuárias da Libras são filhas de pais ouvintes e adquirem a Libras por meio do contato com seus pares surdos. Nesse sentido, a língua de sinais representativa no Brasil é desse perfil de falantes. Vale destacar que os três participantes da pesquisa se inserem nesse mesmo contexto.

Após apresentar de maneira breve os participantes da pesquisa, passamos aos percursos que nortearam o presente estudo.

5.4 Trajetórias da pesquisa

Para esta pesquisa, a metodologia fundamenta-se na abordagem qualitativa de base descritiva, e como procedimento metodológico utilizamos a pesquisa bibliográfica e teórica. Ao encontro de Silva (1999), objetivamos descrever a fala sinalizada em uso corrente, sem prescrever normas ou fazer julgamento de valor quanto ao que seja correto

ou incorreto no uso da Libras. Buscamos analisar e descrever a língua na forma que ela se apresenta na fala sinalizada dos participantes da pesquisa.

Nessa direção, conforme mencionado, se constituíram participantes da pesquisa três pessoas surdas adultas, usuárias da Libras, que fazem uso diário da língua de sinais como principal meio de comunicação e interação. Tendo como cenário de coleta de dados o ensino superior, os participantes da pesquisa são docentes que ministram a Libras como segunda língua nos cursos de licenciatura. Sendo assim, os usuários conhecem os aspectos metalingüísticos da língua e são capazes de dissertar sobre o processo de ensino e aprendizagem de Libras.

A esse respeito, a entrevista semiestruturada é um método que favorece a comunicação de modo mais natural, mesmo que em situação de fala monitorada, de forma semiespontânea. A partir de um roteiro flexível sobre um assunto central foram elaboradas algumas perguntas, mas apenas para direcionar uma conversa. Desse modo, a fala ocorre sem ser planejada com antecedência. O intuito foi acessar os mecanismos de elaboração de enunciados produzidos em contexto de uso corrente. O roteiro das perguntas elaboradas encontra-se anexo no Apêndice B.

A entrevista semiestruturada foi aplicada pela própria proponente da pesquisa, uma vez que, por ser também intérprete de Libras, possui fluência na língua, sendo essa sua segunda língua. As entrevistas ocorreram de forma individual, no contexto em que sinalizador (surdo participante da pesquisa) estabeleceu uma conversa com outro sinalizador (pesquisador usuário fluente na Libras) sobre um tema previamente selecionado (o processo de ensino e aprendizagem da Libras) em uma situação de fala pouco monitorada.

A entrevista semiestruturada aplicada aos docentes surdos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi gravada em vídeo, devido a modalidade espaço-visual da língua. Para atender a Resolução 510/16 (Capítulo VI, Art.28; IV), manteremos os vídeos da entrevista em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Com a finalidade de desenvolver o projeto, nos conformes apresentados acima, foram utilizados equipamentos (celular e computador) pessoais da proponente do projeto.

Em nenhum momento os participantes foram identificados. Os 10 minutos iniciais da entrevista foram destinados a conhecer os participantes da pesquisa, compreender o seu contexto de fala sinalizada, bem como a relação que possuem com a Libras. Todos os

participantes atendem ao critério de ser surdos adultos usuários da Libras em contextos formais e informais, e a utilizarem como principal meio de comunicação. Com a aplicação do roteiro de entrevista semiestruturada conseguimos alcançar algumas informações específicas, porém complementares, com o intuito de traçar o perfil dos participantes.

Esse tempo de fala não foi transscrito, a fim de preservar informações particulares que poderia resultar na identificação dos participantes. A partir da tradução da fala sinalizada dos participantes, apresentamos as informações que julgamos pertinentes para apresentar as características linguísticas dos participantes da pesquisa e como se deu o processo de aquisição da língua de sinais. O restante da fala sinalizada (cerca de 20 minutos de cada vídeo) foi manualmente transscrito em português, utilizando o sistema de glosas proposto por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), anexo à tese.

Conforme apresentado em Bernardes (2020, p. 143), “a glosa é um sistema de transcrição que utiliza as palavras de uma determinada língua oral grafadas com letras maiúsculas que representam sinais manuais de sentido próximo”. Optamos pela utilização das glosas para que nosso trabalho alcance um público maior, visto que atualmente o processo de escrita da Libras ainda é pouco difundido.

Tendo em vista o formato de registro impresso dessa tese, e considerando também que a Libras é uma língua de modalidade espaço-visual, apresentamos trechos do registro em vídeos. Os vídeos sinalizados utilizados nessas apresentações foram reproduzidos pela pesquisadora, no intuito de preservar a identidade dos participantes.

Nesta tese, foram utilizados recursos de vídeo disponíveis por meio de QR code⁹ para ilustrar e apresentar os aspectos gramaticais identificados, associados a cada um dos excertos apresentados na análise de dados. Para visualizá-los, é necessário acessar cada QR code que está disposto ao lado da transcrição dos excertos da fala sinalizada dos participantes da pesquisa. Para tanto, abra o aplicativo de câmera do seu smartphone, aponte a câmera para o QR code e aguarde a leitura. Após acessar o código por meio da câmera do celular é necessário realizar o download do vídeo.

Utilizamos a plataforma QR Plus, em função de que os códigos gerados não expiram e o prazo de validade é ilimitado. Essa alternativa foi elencada como a mais eficiente para apresentar os excertos em uma língua de modalidade espaço visual, já que o formato em texto de apresentação da tese poderia apresentar algumas limitações. Desse

⁹ QR codes gerados por meio do site QR Plus. Disponível em: <https://www.qrplus.com.br/> Acesso 01 de fev. 2025

modo, uma vez que as análises se pautaram nos vídeos das entrevistas aplicadas aos participantes da pesquisa e que a transcrição por meio de glosas restringe o acesso à maneira visual e dinâmica da Libras, realizamos a sinalização dos excertos analisados e colocamos à disposição para download nos QR codes.

Além de recursos visuais, dentre as glosas, inserimos informações delimitadas entre parênteses, com o objetivo de contextualizar a realização da produção sinalizada. Após as glosas, apresentamos uma breve descrição do conteúdo do excerto em língua portuguesa para contextualizar e complementar os sentidos da sinalização não contemplados na transcrição. Porém, é importante frisar que o conteúdo a ser analisado será o que foi disposto em Libras a partir dos vídeos produzidos pelos participantes da pesquisa. Os dados foram interpretados e analisados qualitativamente, à luz da teoria.

Os procedimentos metodológicos adotados no tratamento dos dados estão sistematizados no Quadro 4.

Quadro 4: Síntese dos Procedimentos Metodológicos

TRATAMENTOS DOS DADOS OBTIDOS NA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	
1º	A fala sinalizada dos participantes da pesquisa foram separadas em enunciados, de acordo com o modo como foram proferidas, considerando os aspectos de entonação para marcar início e término de fala;
2º	Registraramos tais enunciados no formato de excerto utilizando o sistema de transcrição em glosas, recorrendo ao recurso da interlíngua.
3º	Considerando que a transcrição das glosas poderia limitar as possibilidades de análise na modalidade visual e gestual da língua, realizamos a sinalização dos excertos para disponibilizar em formato de QR code;
4º	Sobre a transcrição das glosas, utilizamos os sinais de pontuação como recursos gráficos no intuito de recuperar recursos específicos da língua sinalizada, tais como, perguntas diretas, dúvidas, pausas, dentre outros;
5º	Ainda em relação ao sistema de glosa, fizemos um consenso entre os itens semelhantes presentes em ambos os Sistemas de Transcrição de Ferreira Brito (1995) e de Quadros e Karnopp (2004), de acordo com a necessidade de transcrição dos excertos, conforme pode ser observado no Apêndice C ao final da pesquisa;
6º	Empregamos o sistema de glosa, organizada em excertos, apenas para fins de registro, considerando a modalidade textual da tese, porém, o levantamento e análise dos processos de classificação dos sinais ocorreram conforme a função que os sinais exerceram no contexto de fala sinalizada (considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos). A categorização dos sinais com função determinativas e articuladoras pautou-se nos vídeos, os quais recorremos repetidas vezes a fim de visualizar, à luz do referencial teórico, as realizações especificamente na Libras;
7º	Visto que a glosa não se concretiza nem como um texto na língua portuguesa nem na Libras, mas como um texto em interlíngua, elaboramos um

parágrafo na língua portuguesa após cada excerto, registrado em interlíngua (glosa), com o intuito de articulá-los proporcionando ao leitor a contextualização a respeito do que se trata a fala sinalizada.

Fonte: elaborado pela própria autora, baseado em Bernardes (2020)

5.4.1 Critérios de análises

Para análise dos dados coletados, utilizamos o aporte teórico que subsidia a pesquisa. Em relação aos processos de identificação dos itens lexicais e gramaticais, nos embasaremos em Azeredo (2008; 2018), Câmara Jr. (1970; 2002) e Neves (2006; 2000). Para uma análise mais aprofundada em relação de aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos das línguas de sinais recorremos a Schwager e Zeshan (2008) e Quadros (2004), entre outros.

Conforme apresentado na terceira seção desta tese, estabelecer critérios para classificação de palavras/sinais não é uma tarefa simples, uma vez que envolve analisar aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos. Por isso, conforme apontado como condições aceitáveis e favoráveis em Azeredo (2008), inicialmente operaremos com a identificação das unidades lexicais fundamentais, a saber, dos seres/entidades correspondentes aos substantivos; ação, processos e estado correspondentes aos verbos; e, propriedades, atributos correspondentes aos adjetivos. Com base em Neves (2006) e Schwager e Zeshan (2008), analisaremos essas unidades da língua considerando seus aspectos sintáticos em relação ao texto e, também, suas composições isoladas mórficas e de sentido.

Podemos identificar as categorias determinativas, considerando que esses itens acompanham os nomes em Sintagmas Nominais (SN), que geralmente são formados por um determinante, seguido de um substantivo. Ao encontro de Dubois *et al.* (2007), os Sintagmas Verbais (SV) são formados de um verbo seguido de um Sintagma Nominal. Outro item lexical essencial que pode estar relacionado as categorias determinativas são os verbos, que conforme Felipe (2002), incorporam pronominais e locativos, utilizados como expressões anafóricas e dêiticas para fazer referência. Conforme o aporte teórico apresentado na quarta seção deste estudo, identificamos nas classes de palavras já descritas na Libras, entre as categorias com função determinativa, certos classificadores, os itens pronominais, os adjetivos determinativos e qualificativos, e os numerais.

Já as categorias articuladoras, podem estar relacionadas a introdução de itens prepositivos a certos verbos. Conforme Brito (2003), os verbos de movimento podem

atribuir papel temático ao argumento, como no caso do verbo “ir a” ou “vir de”, compondo papéis temáticos de *meta* e *fonte*. Ao encontro de Felipe (2002), esses verbos de movimento com direcionalidade implícita, foram classificados como verbos com raiz “*de_*”; verbos com raiz “*para*”; e, verbos multidirecionais. Felipe (2002) trata também dos verbos especificadores de instrumento, a autora explica que a realização desses verbos envolvendo as configurações de mão mostrarem iconicamente a manipulação dos objetos. Na Libras esses itens parecem estabelecer relação com o uso de instrumentos pela composição e contexto frasal dispensando o uso da preposição “*com*”.

Nesse mesmo rol, tratando da sintaxe espacial da Libras, Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023) demonstram que a função de marcação de caso oblíquo, desempenhada pela preposição “sobre” usual no português, é realizada na Libras pela marcação da posição dos itens no espaço de sinalização sobrepostos a outros itens imagéticos. Conforme as autoras, nessa mesma direção estão os adjuntos (à esquerda, à frente e à direita). Além dos mecanismos de incorporação de locativo aos verbos (estabelecendo relação de lugar e direcionalidade), recursos da sintaxe espacial utilizados na marcação de caso e especificadores de instrumentos, alguns itens foram identificados com função combinatórias e articuladoras. Eles não são de uso obrigatório e também podem exercer outras funções relacionadas as suas classes de origem, aos quais estamos nomeando de preposições accidentais.

Ainda tratando das categorias articuladoras relacionada aos demais itens da língua ou bloco de itens estabelecendo relações entre eles, podemos analisar as conjunções e elementos conectivos na Libras. Tais conjunções ou mecanismos conectivos podem estabelecer a relação de coordenação (independência) ou subordinação (dependência) entre os termos unidos por elas. As conjunções adverbiais indicam que a oração subordinada, por elas introduzidas, exercem a função de adjunto adverbial da principal. Compondo as categorias combinatórias na Libras, com base no referencial teórico, foram identificados os seguintes mecanismos conectivos: Conjunções coordenativas - por itens lexicais/gramaticais e pelo processo de justaposição (parataxe); Conjunções subordinativas - (itens lexicais/gramaticais por encaixamento e hipotaxe); além do emprego de mecanismos gramaticais, espaciais e referenciais.

Realizamos um levantamento dos critérios de classificação de palavras nas línguas de sinais. Com base nas classes de palavras já descritas na Libras que se relacionam as categorias determinativas e combinatórias, identificamos os aspectos sintáticos,

semânticos e morfológicos empregado na realização dos itens que compõe essas categorias, de modo abrangente. À luz desse referencial teórico, fizemos o levantamento e análise dos processos de classificação a partir da função que os sinais exercem no contexto de fala, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos. Em seguida, categorizamos os sinais com funções determinativa e articulatória na fala sinalizada dos participantes surdos da pesquisa.

A seguir, o Quadro 5 apresenta uma síntese dos procedimentos metodológicos adotados na análise de dados da pesquisa.

Quadro 5: Síntese dos Procedimentos Metodológicos
Análise dos dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas

DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	
1º	Reiteramos que, devido à glossa ser uma produção da interlíngua, ao analisarmos os vídeos nos desvencilhamos das glosas. Analisamos apenas a Libras em específico, uma vez que a identificação de classificação dos sinais deve ocorrer a partir do contexto de fala sinalizada.
2º	<ul style="list-style-type: none"> a) Apresentação de vídeo referente aos excertos, a partir de QR code; b) Transcrição dos textos em Libras sinalizados pelos participantes surdos da pesquisa, com algumas informações complementares delimitadas por parênteses; c) Breve descrição do conteúdo do excerto em língua portuguesa para contextualizar e complementar os sentidos da sinalização não contemplados na transcrição.
3º	Com base na produção da enunciação identificamos a função que os sinais receberam ao serem empregados no contexto, quanto a se referirem dentro da categoria lexical à classe dos seres/entidades correspondentes aos substantivos, à classe das ações, processos e estado correspondentes aos verbos, e à classe propriedades e atributos correspondentes ao adjetivo.
4º	Em seguida, buscamos identificar nesses itens essencialmente lexicais as relações com itens gramaticais, envolvendo as classes de palavras correspondentes às categorias determinativas e articulatórias, à luz do referencial teórico, sistematizado no Instrumento Conceitual.
5º	Levantamos e analisamos os processos de classificação a partir da função que esses sinais exerceram no contexto de fala, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos.
6º	Por fim, classificamos os sinais com funções determinativas e articuladoras.

Fonte: elaborado pela própria autora, baseado em Bernardes (2020)

Dessa maneira, a coleta e análise dos dados consideraram os seguintes elementos:

- 1) Entrevista semiestruturada elaborada a partir de um roteiro flexível, aplicado aos três docentes surdos que ministram a disciplina de Libras ofertada em cursos de licenciatura em instituição de Ensino Superior – IES, e/ou discentes surdos que estudam na Pós-Graduação em educação ou linguística na Universidade Federal de Uberlândia;
- 2) Aporte teórico que trata sobre a classificação de palavras nas línguas orais, em específico da Língua Portuguesa, e de classificação nas línguas de sinais tais como; Azeredo (2008), Câmara Jr. (1970), Neves (2006), e Schwager e Zeshan (2008), entre outros estudos.

A coleta e análise dos dados consideraram a seguinte ordem:

- 1) Elaboração de um roteiro flexível para a entrevista semiestruturada realizada com os docentes surdos que ministram a disciplina de Libras no contexto acadêmico e os discentes surdos que cursam Pós-Graduação em educação ou linguística, que têm essa língua como seu principal meio de comunicação e expressão;
- 2) Levantamento e contato com os docentes surdos, após a autorização do CEP;
- 3) Aplicação da entrevista semiestruturada para os professores surdos que se dispuseram a participar da pesquisa;
- 4) Descrição dos participantes da pesquisa com base em sua apresentação pessoal, realizada a partir das perguntas iniciais na entrevista, considerando o tempo limite de 10 minutos;
- 5) Tratamento dos dados obtidos na entrevista semiestruturada: transcrição manual dos 20 minutos restantes de cada uma das entrevistas, utilizando os sistemas em glosas de transcrição de enunciados e textos de línguas de sinais propostos por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004); acréscimo de informações complementares delimitadas por parênteses; breve descrição do conteúdo do excerto em língua portuguesa para contextualizar e complementar os sentidos da sinalização não contemplados na transcrição; apresentação de trechos do registro dos vídeos, a partir de QR codes;

- 6) Levantamento dos sinais que se realizaram na fala semiespontânea dos surdos voluntários do estudo. Com base em Azeredo (2008), buscamos identificar os sinais empregados em contextos, quanto às categorias lexicais, a saber; dos seres/entidades correspondentes aos substantivos; das ações, processos e estados correspondentes aos verbos; e, das propriedades e atributos, correspondentes aos adjetivos;
- 7) Identificação das relações entre itens essencialmente lexicais e itens gramaticais, envolvendo as classes de palavras correspondentes às categorias determinativas e articulatórias, à luz do referencial teórico, sistematizados no Instrumento Conceitual;
- 8) Levantamento e análise dos processos de classificação a partir da função que esses sinais exerceram no contexto de fala, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos;
- 9) Por fim, classificação dos sinais com funções determinativas e articuladoras.

Como um dos recursos para a análise de dados, utilizamos o Instrumento Conceitual, doravante IC, que se constitui em quadros que organizam e sistematizam o aporte teórico da pesquisa, assumindo o papel de um parâmetro central para a análise de dados. Essa ferramenta metodológica foi utilizada pela primeira vez na pesquisa de Leite (2018), que inaugurou a utilização do IC no campo científico, realizada sob a orientação da Professora Dra. Eliamar Godoi, que foi responsável por sua criação.

O IC foi elaborado a partir da fundamentação teórica do presente estudo com base nos trabalhos de Allan (1977), Almeida-Silva (2021), Araújo (2020), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Berg (1998), Brito (2003), Câmara Jr. (1970; 2002), Chini e Caetano (2020), Cunha e Cintra (2001), Dubois *et al.* (2007), Felipe (2002; 2007), Ferreira Brito (1995), Godoi (2021b), Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), Halliday e Hasan (1976), Kenedy e Othero (2018), Kiyomi (1992), Lyons (1977), Neves (2000), Padden (1980; 1982 *apud* Ferreira Brito, 1995), Quadros e Karnopp (2004), Rocha Lima (1999; 2011), Rodrigues e Souza (2019), Silva (2019), Soares (2020) e Tang e Lau (2012).

A seguir, os Quadros 6, 7, 8, 9, 10 e 11 apresentam o Instrumento Conceitual que serviu de parâmetro para a análise dos dados coletados na entrevista semiestruturada aplicada aos docentes surdos. No Quadro 6, o Instrumento Conceitual apresenta um compilado teórico das categorias determinativas na Libras com ênfase nos classificadores

Quadro 6: Instrumento Conceitual – Categorias Determinativas na Libras

Classe de palavra correspondente	Classificadores
Tipos	<ul style="list-style-type: none"> Classificador numeral, utilizado em expressões de quantidade e expressões anafóricas e dêiticas; Classificador concordante, que são afixados aos nomes e seus modificadores, predicados e pró-formas; Classificador predicativo, que possuem verbos classificadores e, por isso, variam seu radical de acordo com a característica da entidade que participam como argumentos do verbo; Classificador intra-locativo, que são nominais embutidos em expressões locativas que obrigatoriamente acompanham os nomes em muitos contextos (Alan, 1977); Classificadores de espécie, que individualizam em termos de tipo de entidade. Na sua maioria, são nomes, embora um tipo particular e, na maioria das línguas classificadoras, ele pode ser usado também com função pronominal ou quase-pronominal em referência dêitica e anafórica (Lyons, 1977); Classificadores de entidade que atuam nos referentes de acordo com a categoria semântica, podendo expressar vertical humano, humano sentado, veículos, dentre outros (potencialmente vasto de construções icônicas) (Aronoff; Meir; Sandler, 2005); Ferreira Brito (1995) subdivide os classificadores em cinco categorias nas línguas de sinais; descriptivos, especificadores, plural, instrumental, e de corpo; Felipe (2002) identifica sete categorias classificadoras ou tipos de classificadores na Libras: material (animado e inanimado), formato, consistência, tamanho, localização, arranjo e quanta.
Aspecto semântico	<ul style="list-style-type: none"> Utilizados para classificar propriedades não mencionadas pelas gramáticas tradicionais (Felipe, 2002); Edmondson (1990 <i>apud</i> Felipe, 2002) defende que classificador é uma categoria semântica que se concretiza em itens lexicais ou em tipos de morfemas específicos para cada língua; Semanticamente caracterizam ou fazem referência ao substantivo (Lyons, 1977 <i>apud</i> Felipe, 2002).
Aspecto morfológico	<ul style="list-style-type: none"> Os classificadores podem ser afixos ou itens lexicais; Sistemas de morfemas ou grafemas obrigatórios constituídos por formantes presos ou dependentes; Esses classificadores também possuem morfemas livres, porém dependentes; Ocorrem pelo acréscimo de um radical nominal, por uma modificação interna da raiz verbal ou por marcadores discursivos; A categoria material pode reunir morfemas classificadores indicadores de gênero animado e inanimado que se realizam por meio de morfemas classificadores que são afixados à raiz verbal ou nominal. (Felipe, 2002). De morfemas livres (que incluem os classificadores de número e não-numerais) e morfemas presos (que incluem os classificadores coordenantes, de predicado nos verbos classificadores e os intra-locativos). (Kiyomi, 1992 <i>apud</i> Felipe, 2002)

	<ul style="list-style-type: none"> • Podem ter morfologia sequencial ou simultânea. Os autores defendem que a morfologia simultânea das línguas de sinais pode ser amplamente flexional, como ocorre na concordância verbal pela construção classificadora, mas também reconhecem a presença da morfologia sequencial com estruturas lineares. • Classificadores que possuem morfologia simultânea podem ser ou não iconicamente motivados (Aronoff, Meir e Sandler, 2005).
Aspecto sintático	<ul style="list-style-type: none"> • Agrupados entre as categorias determinantes e quantificadores, atuam como modificadores; • Os classificadores de espécie, mais do que modificadores, podem exercer a função de núcleo do ponto de vista sintático; • Atuando também como argumento. (Lyons, 1977 <i>apud</i> Felipe, 2002). • Os classificadores que se realizam em funções desinênciais se apresentam sempre afixadas a raízes verbais, e, anaforicamente, estabelecem concordância de gênero com o referente que é o argumento do verbo (Felipe, 2002).

Fonte: elaborado pela própria autora

O Quadro 7 apresenta o Instrumento Conceitual em relação às categorias determinativas na Libras com o foco nos itens pronominais com referências dêiticas e anafóricas.

Quadro 7: Instrumento Conceitual – Categorias Determinativas na Libras

Classe de palavra correspondente	Itens pronominais com referências dêiticas e anafóricas
Tipos	<ul style="list-style-type: none"> • Pronomes Pessoais; • Pronomes Demonstrativos; • Pronomes Possessivos; • Artigo definido (por apontação); • Pronomes indefinidos substantivos (quando substituem o nome); • Pronomes indefinidos adjetivos (quando estão antes dos nomes determinando-os).
Aspecto semântico	<ul style="list-style-type: none"> • Semanticamente os nomes representam os seres e entidades e os pronomes os indicam, ou seja, possuem características dêiticas que apontam para algo presente no contexto e anafóricamente retomam ou apontam para algo mencionado anteriormente.
Aspecto morfológico	<ul style="list-style-type: none"> • De modo geral, não diferem dos nomes, pois também possuem a capacidade de flexionar geralmente em número, pessoa e caso. • Os pronomes podem flexionar em número, e quando incorporados aos verbos tem a função de flexioná-los em pessoa; • Ao se referir a seres e objetos, os pronomes não possuem concordância de gênero (masculino e feminino). Porém, por estes determinarem locais no espaço de sinalização, marcando referentes presentes e ausentes, a partir do contexto discursivo, podem ser conhecidos os interlocutores e de quem falam, assim fica subentendido de forma implícita o gênero (sexo) e a categoria de gênero animado (pessoa e animais). (Quadros e Karnopp, 2004; Ferreira Brito, 1995); • Elementos dêiticos, que podem ser utilizados de forma referencial motivada, por meio da apontação; • Dependendo do contexto a apontação pode apresentar função possessiva, utilizando a mesma configuração de mão encontradas nos pronomes pessoais;

	<ul style="list-style-type: none"> Os pronomes pessoais, os demonstrativos gramaticalizados e, os artigos definidos, possuem a mesma forma (são homófonos); Três tipos de apontação em Libras que são fonologicamente distintas; as apontações que apontam literalmente para objetos no espaço real ou no espaço mental; as apontações adverbiais locativas que apontam num plano transversal que seria distinto do plano horizontal; e as apontações laterais no plano horizontal que são idênticas entre si, ou seja, homófonas (Almeida-Silva, 2021); As três primeiras pessoas do singular podem ser marcadas por apontamento (dêiticos). O mesmo acontece com as pessoas do plural, porém com acréscimo de movimentos semicircular e circular. Assim, são estabelecidos pontos no espaço, isso durante o discurso, que marcam a localização do referente presente e/ou ausente; Os pronomes possessivos também possuem marcação de pessoas do discurso, de forma semelhante aos pronomes pessoais, mas podem apresentar configurações de mãos diferentes, como em MEU e SEU; Podem flexionar em número pela incorporação de numerais acrescido aos movimentos com direcionalidades dêiticas como em VOCÊS-DOIS, NÓS-DOIS, NÓS-TRÊS e outros; Os pronomes podem ser incorporados à verbos direcionais para flexionar em pessoa, uma vez que esses verbos mudam seu movimento e sentido para concordarem com os referenciais pessoais (Ferreira Brito, 1995); Os processos dêiticos ocorrem como uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados pelo verbo como parte de sua flexão (Quadros e Karnopp, 2004).
Aspecto sintático	<ul style="list-style-type: none"> A noção de pessoa gramatical caracteriza essencialmente os pronomes ditos pessoais (eu, tu, ele, nós, vós, eles), seja na função de substantivo (substituindo o nome) ou adjetivo (caracterizando o nome). A mesma noção também se aplica aos possessivos (meu, teu, seu, nosso, vossa, seus) e, ainda, aos pronomes demonstrativos (este, esse, aquele) que indicam respectivamente, posição junto ao falante, junto ao ouvinte, ou à parte dos interlocutores; Possuem a noção de pessoa gramatical, em situações de referência o pronome pode indicar o falante (1^a pessoa), o ouvinte (2^a pessoa) e a pessoa fora da alçada dos interlocutores (3^a pessoa); Possuem a noção de gênero neutro, ou seja, podem se referir a; coisas inanimadas, pronomes demonstrativos (isto, isso, aquilo); a humanos, pronomes substantivos (algum, ninguém, outrem); tanto a seres animados, como inanimados; pronomes indefinidos que referem a pessoa gramatical (algum, nenhum e outros); Usos privativos dos pronomes na categoria de caso. Para o autor as formas retas e obliquas dos pronomes para a mesma pessoa gramatical são vocábulos em si mesmos (Câmara Jr. 1970; 2002); Entre as formas (homófonas) estariam; os pronomes pessoais, os demonstrativos gramaticalizados e, os artigos definidos. Utiliza para diferenciar as formas homófonas o aspecto sintático: apontação isolada em posição argumental de um verbo, como pronome pessoal; em posição pós-nominal acompanhando um nome em posição argumental, como um demonstrativo; e, em posição pré-nominal acompanhando um nome em posição argumental, como artigo definido. Almeida-Silva (2021) identifica que quando a apontação com função de pronomes pessoais ocorre desacompanhada de nomes não há ambiguidade de entendimento. Sendo que a problemática reside nos contextos

	<p>anafóricos em que a apontação apresenta possível função de artigo ou de demonstrativo gramaticalizado;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nos casos nos quais a apontação estiver sendo utilizado para retomar referentes já mencionados e que estão sendo contrastados, ela pode receber a leitura de pronome demonstrativo (Almeida-Silva, 2021).
--	---

Fonte: elaborado pela própria autora

No próximo quadro apresentamos o Instrumento Conceitual com uma síntese teórica dos adjetivos determinativos e qualificativos nas categorias determinativas na Libras, pontuando sobre os aspectos semânticos, morfológicos e sintáticos.

Quadro 8: Instrumento Conceitual – Categorias Determinativas na Libras

Classe de palavra correspondente	Os adjetivos determinativos e qualificativos
Tipos	<ul style="list-style-type: none"> • Adjetivos qualificativos; • Adjetivos determinativos - adjetivos numerais, relativos e interrogativos; adjetivos/pronomes possessivos, demonstrativos, indefinidos.
Aspecto semântico	<ul style="list-style-type: none"> • Atribuem as características, o estado e a qualidade dos seres quando em uso da Libras; • Na Libras os adjetivos não se realizam apenas com função qualificadora de nomes, sendo assim sua classificação pode diferir do usual. (Godoi, 2021b); • O adjetivo qualificativo é utilizado para exprimir a qualidade do objeto ou do ser, ou da noção designada por esse substantivo e, o adjetivo determinativo é utilizado para fazer com que esse substantivo seja atualizado numa frase; • Tomando apenas o critério do sentido, em muitos empregos, os adjetivos qualitativos podem, não apenas caracterizar (ou qualificar), mas também determinar; • Os adjetivos com função determinativa, estão os adjetivos numerais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos (exclamativos) e indefinidos. (Dubois <i>et al.</i>, 2007); • Os adjetivos podem atuar como modificadores de substantivos, sendo que, quando colocados juntos a esses itens podem, além de acrescentá-lhes uma qualidade e atribuição, incluir também extensão lhes modificando o sentido (Araújo, 2020).
Aspecto morfológico	A Libras pode se enquadrar na perspectiva das línguas analíticas, caracterizadas por possuírem a maior parte dos morfemas livres, considerados lexemas com significado próprio. Devido a essa característica, a Libras tende a depender bastante do contexto e de considerações pragmáticas para tornar compreensível as informações das enunciações. (Godoi, 2021a).
Aspecto sintático	<ul style="list-style-type: none"> • Os adjetivos sempre acompanham um substantivo para terem seu sentido completo. (Araújo, 2020); • Raramente a estrutura das enunciações aplica mecanismos como a concordância e referencialidade entre diferentes partes da oração, divergindo com o que geralmente ocorre nas línguas sintéticas;

	<ul style="list-style-type: none"> Os atributos na Libras se apresentam de modo diferenciado da realização nas línguas sintéticas, mostrando-se mais contextuais e menos marcados (Godoi, 2021b).
--	--

Fonte: elaborado pela própria autora

A seguir, o Instrumento Conceitual do Quadro 9 apresenta os estudos que fundamentam os numerais como parte das categorias determinativas na Libras.

Quadro 9: Instrumento Conceitual – Categorias Determinativas na Libras

Classe de palavra correspondente	Os numerais
Tipos	<ul style="list-style-type: none"> Numerais cardinais Numerais ordinais Numerais quantitativos
Aspecto semântico	<ul style="list-style-type: none"> Na Libras há diferentes formas para apresentar os numerais, quando utilizados como cardinais, ordinais, quantitativos podem indicar medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários (Felipe, 2007); Os numerais cardinais, de modo geral, são utilizados para informar ou saber o número de telefone, número da casa, placas de carros, páginas de livros, idade e outras informações apresentadas e obtidas no dia a dia (Godoi, 2021a); Os numerais na Libras podem representar a noção multiplicativa como em simples, DOBRO, TRIPLO, QUADRUPLO. Também podem estar associados a outras expressões como CADA-UM, DE-DOIS-EM-DOIS, DE-TRÊS-EM-TRÊS ou DE-DEZ-EM-DEZ, DE-QUINZE-EM-QUINZE, e conceitos fracionários METADE, UM-E-MEIO, dentre outros (Dubois <i>et al.</i>, 2007).
Aspecto morfológico	<ul style="list-style-type: none"> A classe dos numerais, não apresenta flexão de gênero (feminino/masculino), mas podem indicar no gênero animado e inanimado, bem como sentido plural quando expressam quantidade (Felipe 2002); Entre os numerais adjetivos estão os multiplicativos, como simples, dobro, triplo, quadruplo, dentre outros. Em compensação, se apresenta em locução formada pelo numeral cardinal e a expressão “cada um”, como em: um cada um, dois cada um, três cada um e assim por diante. Além de que uma série de nomes estão relacionadas aos numerais, como os nomes de frações de unidades, meio, terço, quarto, assim sucessivamente (Dubois <i>et al.</i>, 2007); Há diferenças quanto à representação dos números cardinais e de números quantitativos, em relação a configuração de mão, especialmente quanto aos números de um a quatro. Sempre que se referir aos números de quantidade, como quantidade de pessoas, de coisas e objetos os numerais UM, DOIS, TRÊS e QUATRO aparecem com a configuração de mão na horizontal, com a palma da mão voltada para o corpo do emissor. Os numerais cardinais são realizados na horizontal, sendo que os números cardinais 3 e 4 possuem a mesma configuração de mão que os números quantitativos;

	<ul style="list-style-type: none"> As configurações de mão para os números ordinais é a mesma dos cardinais, porém há uma alteração no parâmetro movimento, são realizados com movimento trêmulo para ilustrar ordenamento e/ou sequência (Godoi, 2021a); A realização dos numerais quantitativos pode variar bastante, uma vez que esses itens podem ser acrescidos na realização dos sinais, por meio do fenômeno da incorporação; Os itens pronominais também podem incorporar quantidade (de 1 a 4) como em VOCÊS-DOIS ou NÓS-TRÊS (Felipe, 2007).
Aspecto sintático	<ul style="list-style-type: none"> Os numerais cardinais pertencem à classe dos determinantes, pois precedem o substantivo e podem por si mesmos constituir sintagmas nominais; Já os numerais ordinais são como adjetivos qualificativos, uma vez que antepostos aos substantivos indicam-lhe a ordem. Os numerais ordinais frequentemente são substituídos pelos numerais cardinais após atingir certa grandeza. (Dubois <i>et al.</i>, 2007).

Fonte: elaborado pela própria autora

Em seguida, as categorias combinatórias e os articuladores na Libras, com ênfase nos itens com função prepositiva e mecanismos prepositivos estão dispostas no Instrumento Conceitual do Quadro 10.

Quadro 10: Instrumento Conceitual – Categorias Combinatórias – os articuladores na Libras

Classe de palavra correspondente	Itens com função prepositiva e mecanismos prepositivos
Tipos	<ul style="list-style-type: none"> Preposições accidentais; Incorporação de locativos em verbos transitivos (relação de lugar e direcionalidade); Recursos da sintaxe espacial utilizados para a marcação de caso em Libras (relação espacial, posição dos objetos); Especificadores de instrumento (relação de instrumento).
Aspecto semântico	<ul style="list-style-type: none"> Rocha Lima (1999; 2011) apresenta dois tipos: as preposições fortes com significação em si mesmas; e, as preposições fracas que não apresentam sentido isoladas, cumprem apenas a função de fazer a relação entre os termos; Para Cunha e Cintra (2001), todas preposições possuem significação funcional marcadas pelas expressões de movimento ou, na ausência de movimento, pela situação resultante e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional; Neves (2000) esclarece que essas preposições que funcionam fora do sistema de transitividade, ou seja, não introduzem complementos, estabelecem relações semânticas adverbiais, no português. Com isso, esses elementos não funcionam apenas como preposições accidentais, mas também como elementos da sua classe de origem, ou seja, como advérbios, adjetivos, conjunções e verbos em particípio, a depender do contexto de uso; Para Berg (1998), uma mesma preposição pode ser vazia ou semântica, ou seja, as preposições não são completamente destituídas de significado, mas também não possuem um conteúdo semântico pleno, apresentam uma contribuição semântica de segunda ordem. O autor destaca dois tipos de preposições no português: preposições verdadeiras

	<p>e preposições com apenas um significado. Sendo que esse último grupo apresenta um comportamento atípico, aproximando-se da classe dos advérbios;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nem sempre o uso de alguns itens preposicionais é obrigatório na Libras, o que os tornam em alguns contextos dispensáveis. Também não podem ser considerados exclusivamente preposições, pois apesar de estabelecerem relações entre termos, podem se apresentar também, em outros contextos, como sinais pertencentes a outras classes gramaticais, tais como advérbios e até mesmo como substantivos, dentre outros, ao encontro das preposições ditas accidentais no português.
Aspecto morfológico	<ul style="list-style-type: none"> • Pode haver o sincretismo aos verbos transitivos de outras categorias representadas na raiz movimento, ou na orientação, ou no ponto de localização. Quando em um contexto transitivo, incorporam ao evento por meio do movimento direcional as noções preposicionais, por isso, foram classificadas como; verbos com raiz “de”; verbos com raiz “_para”; e, verbos multidirecionais. Essas unidades incorporam locativos (Felipe, 2002); • A função de marcação de caso oblíquo, desempenhada pela preposição no português, parece ser realizada na Libras pela marcação de posição no espaço de sinalização, como ocorre com os adjuntos (à esquerda, à frente e à direita); • Uso do traço direcional do movimento, mais a distribuição de pontos no espaço de sinalização para destacar o recurso da sintaxe espacial na Libras (Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira, 2023); • Brito (2003) apresenta a atuação da preposição com determinados verbos de movimento na atribuição de papel temático ao argumento, como é o caso de <i>ir a</i> algum lugar ou <i>vir de</i> algum lugar, casos que preveem na sua entrada lexical os papéis temáticos de <i>meta</i> e de <i>fonte</i>, respectivamente. Desse modo, o verbo e a preposição contribuem para a marcação temática dos complementos; • A realização de certos verbos envolvendo as configurações de mão mostrarem icônicamente a manipulação dos objetos, sendo esses sinais mais transparentes ou motivados, considerados pela autora como especificadores de instrumento, conhecidos também como verbos manuais (Felipe, 2002; Quadros e Karnopp, 2004); • As relações de lugar (pela sintaxe espacial) e de instrumento se realizam de modo implícito. As preposições também podem se realizar de forma explícita na Libras, a partir de elementos morfossintáticos externos aos itens; • Os itens explícitos que apresentam função prepositiva, também podem ser relacionados a outras classes, conforme Neves (2000), apresentando mais características da classe preposicional incidental. Enquanto as preposições que ocorrem de forma mais implícitas representariam melhor a classe essencial (que exercem apenas a função de preposições), como mecanismos prepositivos.
Aspecto sintático	<ul style="list-style-type: none"> • Subordinam um termo da frase a outro, ou seja, tornam um termo dependente a outro (Rocha Lima, 1999; 2011); • As preposições ligam as palavras em uma oração; • Quando possuem a função relacional, a preposição pode fazer com que um termo complete o sentido do outro, ou o explique, explique, especifique dentre outros, ou seja, estabelece relações entre eles (Chini e Caetano, 2020);

	<ul style="list-style-type: none"> • A intensidade do valor significativo vai depender das relações sintáticas estabelecidas pela preposição; • A preposição pode atribuir a algum termo uma função morfossintática específica, isto pelo fato de precedê-lo; • Essas classes estabelecem diferentes relações sintáticas quando relacionadas com outras palavras. Por exemplo, a preposição estabelece relações da ordem da transitividade, quando introduz complementos a um verbo (Cunha e Cintra, 2001); • Pode ocorrer em duas perspectivas; no sistema da transitividade introduzindo complementos, ou fora do sistema de transitividade, estabelecendo relações semânticas. A autora indica que as preposições podem ser introdutoras de argumentos ou não, caso que ocorre no português (Neves, 2000); • Brito (2003) classifica as preposições e locuções prepositivas em três tipos, as que marcam tematicamente seus argumentos com outros predicadores; as que são os verdadeiros itens predicativos e por si só marcam tematicamente os seus próprios argumentos, como ocorre na posição de predicativo do sujeito; as que têm um papel secundário na marcação temática e que são essencialmente marcadores de caso, também conhecidas como preposições funcionais ou gramaticais, atuam fundamentalmente na atribuição de caso.
--	---

Fonte: elaborado pela própria autora

Por fim, o Quadro 11 apresenta o Instrumento Conceitual das categorias combinatória, em específico dos articuladores na Libras com ênfase nos itens que se realizam na função das conjunções e os mecanismos conectivos.

Quadro 11: Instrumento Conceitual – Categorias Combinatórias – os articuladores na Libras

Classe de palavra correspondente	As conjunções e os mecanismos conectivos
Tipos	<ul style="list-style-type: none"> • Conjunções coordenativas (por itens lexicais e parataxe/justaposição) • Conjunções subordinativas (por encaixamento e hipotaxe); • Uso do espaço e da simultaneidade para estabelecer mecanismos de compensação; • Emprego de mecanismos gramaticais, espaciais e referenciais em uma construção visual do texto sinalizado; • Dos cinco tipos de mecanismos coesivos propostos por Halliday e Hasan (1976), três se relacionam a coesão gramatical, a saber: a referência (por meio de itens pronominais, demonstrativos, comparativos e artigo definido e outros que introduzem orações); substituição e elipse (nominais, verbais, causais e oracionais); e, as conjunções (aditiva, adversativa, causal e temporal). E na coesão lexical em dois tipos: reiteração (por repetição) e, colocação (hiperônimo/hipônimo, dentre outras palavras).
Aspecto semântico	<ul style="list-style-type: none"> • As conjunções têm a função de conectivos, operadores argumentativos por funcionarem como elementos que amarram o texto. O próprio significado de conjunção, tem relação com essa função, uma vez que significa, ligação, união e junção; • Conforme Soares (2020), para uma exposição verbal ter tessitura é necessário o uso de mecanismos textuais de modo que os sinais não se apresentem como um conjunto aleatório de itens ou frases. Para além

	<p>da ação linguística, destaca as dimensões social, histórica e cognitiva na produção textual, consideradas no âmbito da situação comunicativa;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Propõem a existência de duas grandes modalidades de coesão: A coesão gramatical, expressa por meio da gramática, envolvendo aspectos com mais elementos conectivos. E, a coesão lexical, expressa por meio do vocabulário, envolvendo aspectos mais especificamente semântico. (Halliday e Hasan, 1976); • A coesão referencial pode ser exofórica se ocupando da coesão que está além do texto, para relacioná-lo a oração, ou pode ser endofórica se ocupando da coesão que está dentro do texto, ou seja, numa perspectiva intratextual (Soares, 2020); • Soares (2020) identificou: nas conjunções aditivas, o uso dos sinais TAMBÉM, BOIA (item utilizado para enumerar coisas) e ritmo sinalização. Indicando a relação de contraste e oposição, pela ocorrência do sinal MAS. Com relação de explicação ou justificativa, com sentido causal, identificou os sinais PORQUE, COMO, QUE e MOTIVO/POR-CAUSA. Também, identificou conjunções temporais, estabelecendo relações de localização de tempo, nos itens ANTES, DEPOIS, AGORA, ONTEM. As conjunções subordinadas que apresentaram a relação de dependência entre orações foram os conectivos POR-CAUSA, PORQUE, O QUE e COMO; • As conjunções coordenativas estabelecem uma relação de independência das estruturas verbais, ou seja, ligam duas orações independentes. As conjunções coordenativas são ações, elementos, palavras que vão ligar as estruturas verbais, ligar as ações verbais; • As conjunções subordinativas ligam duas orações dependentes, estabelecem relação de sentido com o contexto, por isso, é importante analisá-las dentro de um contexto de uso; • O valor semântico de cada frase nas estruturas complexas, já definem a dependência ou independência entre duas sentenças; • As orações subordinadas parecem incompletas, se isoladas. Já as coordenadas não (Brito, 1995); • As conjunções coordenativas podem ser: aditiva, adversativa, conclusiva, alternativa ou explicativa. E, as conjunções subordinativas podem ser classificadas como: causal, comparativa, condicional, conformativa, consecutiva, concessiva, final, proporcional, temporal e integrantes. (Rocha Lima, 2011; Chini e Caetano, 2020); • A Libras não dispõe de uma lista de conjunções causais, explicativas e conclusivas, dentre outras; • Um mesmo sinal pode atuar como conjunção ou advérbio circunstancial nesses tipos de sentenças na Libras; • Conforme constatado na pesquisa o sinal MOTIVO articulou sentenças com sentidos relacionados à explicação, causa e conclusão. (Rodrigues e Souza, 2019); • A ocorrência de sinais utilizados como conjunções na Libras com valor semântico distintos também foi constatado por Rodrigues (2019) a partir de uma análise da adversativa MAS. As orações adversativas na Libras, com o uso dessa conjunção apresentou valores de contraste, contra expectativa, refutação ou correção, comparação e, até mesmo negação. A pesquisadora aponta para necessidade de mais pesquisas na área, considerando também o uso de expressões não-mánuas nas adversativas em Libras.
Aspecto morfológico	<ul style="list-style-type: none"> • Conforme Ferreira Brito (1995), aparentemente, tanto as orações subordinadas quanto as coordenadas apresentam a mesma forma, nas

	<p>línguas de sinais. A autora pontua que: “Não há marca explícita de subordinação”;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Usa-se conjunções entre as coordenadas, mas não entre uma principal e a subordinada em certas estruturas complexas; • A negativa NADA e não-manuais (como menear da cabeça) podem estar no fim de cada coordenada de forma indiferente, pois negam apenas o termo imediato precedido. Já nas subordinadas essas negativas negam sempre o verbo da principal mesmo que venham no final da subordinativa (PAdden, 1980; 1982 <i>apud</i> Brito, 1995); • As estruturas complexas de algumas frases em Libras não apresentam conjunção, porém estabelece subordinação à medida que uma depende da outra para ter seu sentido completo; • As estruturas são complexas devido as relações gramaticais que envolvem o uso do espaço e da simultaneidade que contribui para estabelecer mecanismos de compensação que tornam um trecho discursivo (Ferreira Brito, 1995); • Uso da dimensão espacial e da possibilidade de articulação visual, manual e de marcação não-manual como parâmetro linguístico, além da característica de simultaneidade presentes nas línguas de sinais (Soares, 2020); • Como exemplo de tipos de coesão referencial, na Libras estão os referenciais dêiticos; • Na coesão substitutiva, os termos utilizados na substituição têm significado igual, mas são termos diferentes; • Como exemplo de coesão por substituição, na Libras, Soares (2020) apresenta a sintaxe espacial da Libras, em que o sinalizante toma a perspectiva de outra pessoa para relatar uma atitude proposicional, mecanismo conhecido como <i>role shift</i>; • A exemplo de coesão por elipse na Libras, há a omissões de itens sem prejuízo ao entendimento, considerando que pelo contexto e elementos gramaticais visuais, a mensagem é compreendida; • A coesão lexical por reiteração, geralmente ocorre pela repetição do item lexical, pela sinônima e pela relação hipônimo/hiperônimo, e por colocação ocorre pela associação semântica dos itens de sua própria identidade; • Outro mecanismo de articulação são as conjunções e alguns advérbios utilizados para conectar proposições em sentenças próximas (vizinhas), de acordo com certas relações semânticas aditivas, adversativas, causais e temporais (Soares, 2020); • Halliday e Hasan (1976), Soares (2020) destacam as relações coesivas estabelecidas pelas conjunções que não são anafóricas ou catafóricas, e por isso, divergem das coesões por referência, substituição e elipse; • Para Tang e Lau (2012), a coordenação nas línguas de sinais geralmente envolve a combinação por meio de dois processos, de justaposição ou de conjunção. O emprego de conjunções envolve o uso de itens lexicais ou sinais específicos. E a justaposição envolve marcas não manuais com valor gramatical, utilizadas na ausência de conjunções, essas podem ser movimentos com a cabeça e corpo, expressões faciais e outros; • Kenedy e Othero (2018) assumem três tipos de orações encontradas nas línguas naturais: o encaixamento, a hipotaxe e a parataxe. O encaixamento consiste na organização dos constituintes sintáticos que incluem uma oração em outra, estabelecendo uma relação de subordinação. A hipotaxe correspondem as orações subordinadas
--	--

	<p>adverbiais, que exercem a função de adjunto adverbial. A parataxe consiste na articulação de orações por justaposição, ou seja, que são caracterizadas pela disposição uma ao lado da outra, sem a existência de conjunção;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Silva (2019) analisa as coordenações aditiva e adversativa na Libras, a partir do uso da conjunção “e” (equivalente a TAMBÉM) e “mas”, e, também sem o uso da conjunção, por meio da justaposição; • Silva (2019) também analisou as orações coordenadas adversativas. Essas ocorreram com emprego do sinal MAS, porém com ambiguidade, em oposição sintática pareceu atuar como articulador em orações coordenativas adversativas e como articulador em orações subordinativas concessivas; • Rodrigues e Souza (2019) constataram que o sinal MOTIVO foi utilizado tanto como item lexical (substantivo) quanto item gramatical (com função de conjunção). As autoras postulam a hipótese de que os diferentes usos do sinal coexistem sincronicamente, podem ser entendidos como reflexo do deslizamento categorial, passando de nome à advérbio e, por fim, à conjunção. Trajetória compatível com o fenômeno de gramaticalização. Destacam também a ocorrência, na coleta dos dados, do sinal PORQUE, geralmente utilizado em sentenças interrogativas, também apresentou a função de conjunção causal.
Aspecto sintático	<ul style="list-style-type: none"> • As conjunções podem fazer ligação entre elementos de uma oração, entre orações e, ainda, entre enunciados (Chini e Caetano, 2020). • Para Soares (2020), a coesão por conjunção se realiza na fronteira entre gramática e léxico. Pois, gramaticalmente, realizam ligações estruturais entre partes do texto, tecidas por coordenação ou subordinação. Mas, também, acionam o léxico para explicitar as relações de sentido que há entre esses trechos. • Conforme Rocha Lima (2011), as conjunções são palavras que podem relacionar entre si, dois elementos de mesma natureza, dois substantivos, dois adjetivos, dois advérbios, duas orações, assim por diante; • Silva (2019) defende que, assim como nas línguas orais, as conjunções coordenadas reúnem termos ou orações que pertencem ao mesmo nível sintático; • As adverbiais indicam que a oração subordinada, por elas introduzidas, exerce a função de adjunto adverbial da principal; • As integrantes indicam que a oração subordinada, por elas introduzidas, completa ou integra o sentido da principal. No português, as conjunções integrantes introduzem orações que equivalem a substantivos, sendo elas “que” e “se”.

Fonte: elaborado pela própria autora

O Instrumento Conceitual disposto nos Quadros 6, 7, 8, 9, 10 e 11, serviu de guia norteador das análises realizadas a partir da coleta de dados e se constituiu como um parâmetro para identificar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias determinativas e combinatórias na fala sinalizada de surdos docentes no ensino superior. Em função disso, o IC apresenta os aspectos principais

semânticos, morfológicos e sintáticos e os tipos das classes de palavras correspondentes aos determinantes e articuladores na Libras.

Compreendemos a importância de sistematizar os estudos referentes aos processos de classificação de sinais para identificar as categorias dos determinantes e articuladores. É nesse sentido que buscamos destacar entre as categorias determinativas certos classificadores, itens pronominais (com referenciais dêiticas e anafóricas), adjetivos determinativos e qualitativos, e alguns numerais. E entre as categorias combinatórias, itens com função prepositiva e mecanismos prepositivos e conjunções e mecanismos conectivos.

Com o intuito de alcançar o principal objetivo do presente estudo a trajetória de pesquisa foi assim delineada. Para tanto, buscamos analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, na fala espontânea de surdos docentes no ensino superior. Na perspectiva dos estudos linguísticos, essa análise se fundamenta não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se faz no uso corrente da Libras.

Após discorrer sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, apresentamos na próxima seção a análise dos dados à luz da teoria e metodologia apresentada no decorrer desta tese.

6 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção apresentamos nossas discussões dos resultados da análise dos dados coletados junto aos professores surdos que atuam como docentes de Libras em cursos de licenciatura no contexto de ensino superior. Compartilhamos a análise dos dados coletados por meio do instrumento entrevista semiestruturada a partir de um roteiro flexível aplicado aos professores surdos que têm a Libras como principal meio de comunicação e expressão, e ministram o seu ensino como segunda língua em cursos de graduação. Desse modo, os participantes da pesquisa fazem uso da Libras nos ambientes formais e informais.

Os dados foram analisados à luz do aporte teórico de estudos que norteiam o trabalho descritivo das línguas de sinais e da Libras, sobretudo evolvendo os aspectos sintáticos, semânticos e dos processos morfológicos de formação e composição dos sinais desenvolvidos por Aronoff (1997), Meir e Sandler (2005), Ferreira Brito (1995; 2010), Quadros e Karnopp (2004). Ainda, buscamos respaldo nos pressupostos teóricos dos processos de classificação de palavras nas línguas orais, em específico da língua portuguesa, e de classificação nas línguas de sinais desenvolvidos por Azeredo (2008; 2018), Câmara Jr. (1970), Neves (2006) e Schwager e Zeshan (2008).

Ainda como base das análises, utilizamos o Instrumento Conceitual (IC) como parâmetro para analisar o processo classificatório de sinais da Libras com ênfase nas categorias determinativas e combinatórias. De modo geral, pretendemos analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se faz no uso corrente da Libras.

Feitas essas considerações, passamos à reflexão de como ocorrem os determinantes e articuladores na Libras na fala sinalizada dos participantes da pesquisa.

6.1 As categorias determinativas e combinatórias na fala sinalizada em Libras dos participantes da pesquisa

Para investigar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias determinativas e combinatórias em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior, apresentamos as nossas análises. Em uma análise prévia durante a coleta de dados, observamos uma recorrência nas falas em como se realizam os determinantes e

articuladores na Libras. Vale mencionar que os três participantes que se dispuseram a participar da pesquisa apresentam perfis semelhantes.

Sendo assim, selecionamos por assunto vinte excertos representativos da fala dos participantes da pesquisa que apresentam os fenômenos de determinação e articulação e que possuem blocos de orações relacionadas entre si. Para tornar a leitura das glossas mais fluída foram inseridas adequações de gênero à alguns pronomes pessoais (ELE/ELA) e demonstrativos (MEU/MINHA). Porém, é importante frisar, conforme Ferreira Brito (1995), que tais pronomes não apresentam adequação de gênero masculino e feminino¹⁰. A seguir, apresentamos nove excertos em que o Participante 1 tratou sobre o seu processo de escolarização.



IX-EU PASSADO ESTUDAR DOIS PARALELO_(i)
EXEMPLO (de um lado) ESTUDAR ESPECIAL É AFADA
DE-MANHÃ_(ii) (de outro lado) A-TARDE IR ESTUDAR
INTEGRAÇÃO_(iii) (Excerto 1).

Eu estudava em dois contextos; estudava em escola especial no período da manhã e, à tarde em uma escola regular de integração (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são DOIS, AFADA, INTEGRAÇÃO. Os itens que representam ação, processos e estado são ESTUDAR, É e IR. E, os itens que representam propriedade/atributo PARALELO e ESPECIAL.

Itens gramaticais: Pronome pessoal EU; indicadores de tempo PASSADO, MANHÃ e TARDE; articulador EXEMPLO (substantivo).

Em (i) o predicator é o verbo ESTUDAR, nessa primeira oração o verbo apresenta dois argumentos, argumento externo EU (agente) e argumento interno DOIS PARALELOS (especificadores). A primeira oração não apresentou sentido completo. O item EXEMPLO foi realizado como articulador das outras duas orações complementares. Nessa segunda oração, (ii) o predicator continuou sendo o verbo ESTUDAR, repetido também na terceira oração, (iii) retomando a explicação da primeira oração.

¹⁰ Para mais informações sobre o sistema de glossas adotado consultar Apêndice C.

Em (ii) iniciando o uso de sintaxe espacial, movimento do tronco, de um lado apresentou o argumento interno de **ESTUDAR**, ESPECIAL É AFADA DE-MANHÃ e, em (iii) do lado oposto A-TARDE (argumento externo) IR **ESTUDAR** e INTEGRAÇÃO (argumento interno). Observamos a omissão da palavra ESCOLA, tendo seu sentido retomado pelo atributo ESPECIAL e pelo nome da instituição. O marcador de tempo MANHÃ foi utilizado para contrapor a dualidade, estabelecida com o PARALELO, TARDE. Observamos um novo verbo com indicação de movimento “*para*” em IR oposto à MANHÃ, anteposto ao predicador ESTUDAR, direcionando para o argumento externo INTEGRAÇÃO realizando a substituição e a omissão do substantivo ESCOLA.

Ao aproximar a análise do excerto ao IC, os itens que se manifestaram como determinantes foram o numeral quantitativo DOIS, que ao encontro de Dubois *et al.* (2007) se apresentou como constituinte do Sintagma Nominal (SN) DOIS PARALELO. Outro item que se apresentou como determinante foi o sinal ESPECIAL que como atributo, retomou e substituiu o substantivo omitido ESCOLA. Conforme Dubois *et al.* (2007), os adjetivos qualificativos também podem determinar ao qualificar, fazendo com que o substantivo seja atualizado na frase. No caso apresentado, o item que foi atualizado foi o substantivo ESCOLA, tema da discussão em questão.

Os dois itens identificados são tidos como essencialmente lexicais, mas também desempenharam função gramatical determinativa. Ainda de acordo com o IC, divergindo de Dubois *et al.* (2007), para Azeredo (2018), as características dos determinantes não são observadas nos numerais, visto que, embora ocupem a mesma posição dos determinantes na oração, têm natureza lexical, uma vez que significam as quantidades constantes e precisas.

Porém, considerando que a mesma situação, de itens lexicais exercerem funções gramaticais determinativas na Libras, pode ocorrer também em outras classes de palavras, consideramos certas realizações de numerais como determinativas. Assim, levaremos em conta o que o próprio autor pontuou, sobre um signo da língua gramaticalizar-se, ou seja, deixar de representar entidades do universo de nossas experiências, “e passar a funcionar na organização estrutural do texto e no processamento da comunicação” (Azeredo, 2018, p.143).

Entre as categorias combinatórias encontramos o mecanismo conectivo pelo uso do espaço de sinalização, pela organização da produção dos itens em dois planos, um ao lado do outro, indicando a dualidade e interdependência entre as duas orações. Desse

modo, são itens realizados com movimento do corpo inclinado para direita e outro para a esquerda. Conforme Ferreira Brito (1995), aproximando do IC, essas estruturas são complexas devido as relações gramaticais que ocorrem pela utilização do espaço de sinalização, mecanismo que contribui para tornar um trecho discursivo. Nessa mesma direção, Soares (2020) argumenta que a dimensão espacial possibilita a articulação visual e manual, e como no caso apresentado, não-manual como parâmetro linguístico.

Outro item conectivo identificado no primeiro excerto foi o substantivo EXEMPLO. O item apresentou a função de operador argumentativo, funcionando com função conjuntiva, e fazendo a ligação entre duas orações dependentes. O item possui significado independente, o significado do substantivo EXEMPLO pode ser modelo ou analogia. Porém, no excerto analisado, introduziu a segunda e terceira oração.

Em consonância com o IC, Rodrigues e Souza (2019) pontuam que um mesmo sinal pode atuar como conjunção ou advérbio circunstancial. No caso mencionado, apesar de não se tratar de um advérbio, o item apresentou função conectiva como adjunto da oração principal, ligando orações satélites complementares, de certo modo dependentes. Em outras palavras, o item atuou como conjunção em orações hipotáticas, utilizadas para organizar o discurso, estruturar a informação e construir a argumentação.

A esse respeito, Soares (2020) afirma que a coesão por conjunção se realiza na fronteira entre gramática e léxico, uma vez que realizam ligações estruturais entre partes do texto, mas também acionam o léxico para explicitar as relações de sentido que há entre os trechos. Em relação aos itens com funções prepositivas, ao encontro de Felipe (2002), identificamos a incorporação de locativos no verbo transitivo IR estabelecendo uma relação de direcionalidade.

Conforme defende a autora, pelo sincretismo aos verbos transitivos de outras categorias representadas pela raiz movimento, orientação e ponto de locação, são incorporados ao evento noções preposicionais, como no caso acima, apresentou verbo com raiz “*para*”. Observamos também que o verbo IR foi anteposto ao verbo ESTUDAR. Considerando a necessidade de complemento que os verbos transitivos têm, no caso do verbo IR a algum lugar, anteposto a outro verbo ESTUDAR (relacionado a escola), se destacou ainda mais a função direcional, conforme o uso da preposição “*para*” na língua portuguesa.



AULA/ESTUDAR PRONTO_(i) XI-EU **CHEGAR** CASA_(ii) pausa MAMÃE JUNTO **ENSINAR** 2ENSINAR1_(iii) XI-LÁ ESCOLA XI-EU CL-(realização do numeral 0 na testa)_ (iv) (Excerto 2).

Terminada a aula, quando chegava em casa, minha mãe me ensinava o conteúdo escolar, pois lá na escola eu não aprendia nada (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são CASA, ESCOLA e MAMÃE. Os itens que representam ação, processos e estado são TERMINAR, CHEGAR e ENSINAR. E, o item que representa propriedade/atributo é o CL (sinal de 0 na testa).

Itens gramaticais: Pronome pessoal EU, o item que indica companhia JUNTO, locativo IX-LÁ.

No segundo excerto, também identificamos uma relação de hipotaxe. Na primeira parte da construção, em (i), AULA/ESTUDAR PRONTO diz respeito a oração adverbial temporal que funciona como marca de tempo para oração matriz. Em (ii) vemos o reforço da informação temporal, EU **CHEGAR** CASA, o tempo na segunda oração adverbial temporal acontece depois do tempo da primeira oração e antes da oração matriz, contribuindo para o encadeamento de eventos que se sucedem em ordem cronológica, apresentado pelo contexto discursivo. A oração matriz (iii) apresenta o evento MAMÃE JUNTO **ENSINAR** 2ENSINAR1, o predicador é sinalizado duas vezes, a primeira vez de forma neutra e na segunda incorporando os pronomes direcionais na ação ELA-ENSINAR-A MIM. A oração (iv) apresenta uma causa para (iii).

Apesar de não apresentar conjunção subordinativa adverbial causal, percebemos discursivamente que (iv) XI-LÁ ESCOLA XI-EU CL (realização do numeral 0 na testa) é causa de (iii), ou seja, o fato de na escola ele não aprender nada é a causa ou motivo da mãe lhe ensinar em casa. Como itens determinativos identificamos os pronomes incorporados no verbo ENSINAR, o item direcional IX-LÁ e o atributo classificador (realização do numeral 0 na testa). Os itens pronominais incorporados ao verbo ENSINAR determinaram quem realiza a ação (agente) e quem recebe a ação (paciente). Aproximando do IC, a realização da incorporação dos pronomes pessoais ao verbo se deu, conforme apresentado por Ferreira Brito (1995), de modo que o verbo alterou seu movimento e sentido para concordar com os referenciais pessoais.

O item IX-LÁ determinou o substantivo escola, acompanhando o item no Sintagma Nominal (SN). Ao encontro de Almeida-Silva (2021), o elemento dêitico, foi utilizado de forma referencial motivada no plano transversal como locativo. E o item classificador, realização do numeral 0 na testa, foi utilizado para substituir e omitir o verbo APRENDER que também possui o ponto de articulação na testa. Conforme Allan (1977), o classificador numeral é utilizado em expressões de quantidades, anafóricas ou dêiticas. O classificador indicou a quantidade 0 no mesmo ponto de articulação que o sinal APRENDER omitindo-o. Na classificação de Ferreira Brito (1995), pode ser considerado um especificador, o item agrupado entre as categorias determinativas e quantificadoras, atuou como um modificador na função de propriedade/atributo, entre os itens lexicais, mas também com função gramatical.

Entre as categorias combinatórias, observamos o item com função prepositiva JUNTO e como mecanismo conectivo a organização sintática das orações hipotáticas. A preposição acidental JUNTO foi realizada com movimento de aproximação entre a palavra MAMÃE e o enunciador, estabelecendo relação entre esses. Assim com o IC, conforme Cunha e Cintra (2001), a preposição com significado funcional foi marcada pela expressão de movimento, e pela situação resultante aplicável ao campo espacial. Apesar de estabelecer relação entre termos, o item pode se apresentar, em outros contextos, como sinal pertencente a outra classe gramatical. O item JUNTO, de modo geral, pode exercer a função de adjetivo (unido ou ligado). Sobre esse assunto, Neves (2000) identifica como preposições accidentais esses itens que também funcionam como elementos da sua classe de origem (no caso acima como adjetivo), a depender do contexto de uso.

A relação de dependência das orações de (i) a (iv) se deu pelo mecanismo conectivo de hipotaxe. Com base no IC, conforme Kenedy e Othero (2018), a hipotaxe corresponde às orações subordinadas adverbiais. As orações hipotáticas apesar de funcionarem como adjunto da principal, não são exigidas pelo predicador, já que funcionam como satélites. A organização das orações considera o aspecto circunstancial da matriz. As orações (i) AULA/ESTUDAR PRONTO e (ii) MAMÃE JUNTO ENSINAR 2ENSINAR1 funcionaram como orações subordinadas adverbiais de tempo, em relação a oração matriz (iii) MAMÃE JUNTO ENSINAR 2ENSINAR1. E a oração (iv) XI-LÁ ESCOLA XI-EU CL (realização do numeral 0 na testa) em nível discursivo,

apresentou a relação de oração subordinada adverbial de causa, apesar de não introduzida pela conjunção PORQUE, embora esse item esteja disponível na Libras não foi exigido.



GRUPO OUVINTE IX-EU APRENDER NADA_(i) PORQUE PROFESSOR FALAR (simulação de pessoa conversando movendo os lábios)_(ii). XI-EU SÓ COPIAR (repetição do sinal copiar para reforçar o sentido)_(iii) VER (movimento direcionando o corpo para o lado direito) AMIGO_(iv) ESCREVER_(v) PROFESSOR XI-LÁ (movimento de retorno com o corpo para o eixo centro) EXPLICAR_(vi) QUASE (pouco) ESCREVER (no quadro)_(vii) SÓ ORALIZAR_(viii) IX-EU (expressão facial de pacificidade, olhando para o lado, vendo o caderno do colega) COPIAR_(ix) (Excerto 3).

Junto com os ouvintes eu não aprendia nada porque o professor só falava oralmente. Eu só copiava as informações do caderno de um colega. O professor só explicava oralmente e escrevia pouco no quadro, só oralizava. Só me restava ler e copiar (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são GRUPO e PROFESSOR, AMIGO. Os itens que representam ação, processos e estado são APRENDER, FALAR, COPIAR, VER, ESCREVER, EXPLICAR, ORALIZAR. E, os itens que representa propriedade/atributo são OUVINTE e QUASE/POUCO

Itens gramaticais: Advérbios NADA e SÓ, conjunção coordenativa explicativa PORQUE, locativo IX-LÁ e pronomes pessoais XI-EU e XI-ELE.

No terceiro excerto, a oração (i) apresenta sentido independente OUVINTE GRUPO EU APRENDER NADA. A oração seguinte (ii) PORQUE PROFESSOR FALAR oralmente, estabelece com (i) uma relação de coordenação assindética, ligadas por conjunção coordenativa explicativa PORQUE. As orações seguintes de (iii) a (ix) estão justapostas, sem a ligação por conjunção. As orações justapostas apresentam uma sequência de eventos que explicam (i). Em (iii) o locutor diz que só copiava as informações, (iv) olhava as informações no caderno do colega, (v) copiava, (vi) o professor explicava, (vii) pouco escrevia no quadro, (viii) só oralizava (falava oralmente), (ix) e ele copiava.

Os itens que apresentaram aspectos determinativos foram os itens: adjetivo OUVINTE que determinou GRUPO, o pronome pessoal XI-EU que determinou um indivíduo entre o GRUPO e o item locativo XI-LÁ. O adjetivo OUVINTE acompanha e qualifica o substantivo GRUPO. Conforme Dubois *et al.* (2007), alguns qualificadores

também determinam, como ocorre com OUVINTE que determina o GRUPO. O pronome pessoal XI-EU determina um indivíduo dentro do grupo, o que não aprende. Ao encontro de Almeida-Silva (2021), a apontação isolada em posição argumental de um verbo, como em XI-EU, indica realização como pronome pessoal. Já o item XI-LÁ que também se realizou como apontação, determinou o locativo do PROFESSOR.

Entre as categorias coordenativas, como articuladores encontramos os itens prepositivos de uso de instrumento ESCREVER com giz e locativo no quadro. Também identificamos o item conectivo PORQUE, o mecanismo de coordenação por justaposição e o domínio espacial. Aproximando do IC, conforme Felipe (2002), certos verbos utilizam da configuração de mão específica para mostrarem iconicamente a manipulação dos objetos, considerados pela autora como especificadores de instrumento. Tais itens, como o verbo ESCREVER com o giz apresenta relação prepositiva “com” de instrumento. Além da realização icônica do verbo ESCREVER com o giz, há também a presença do locativo “no quadro” que indica a relação de lugar, assim como a preposição “em/no” do português. Conforme Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), algumas funções desempenhadas pelas preposições no português, parecem ser realizadas na Libras pela marcação da posição no espaço de sinalização. A realização do verbo ESCREVER no quadro parece indicar um exemplo desse mecanismo, referido pelas autoras como sintaxe espacial da Libras.

O excerto analisado apresenta de forma mista a utilização de dois recursos conectivos. Assim, a partir do IC com Soares (2020), Rodrigues e Sousa (2019), e Silva (2019), identificamos na Libras a ligação das orações coordenadas pelo uso de conjunções. Estabelecendo relação explicativa, identificamos a conjunção PORQUE, ao encontro dos autores supracitados. O outro mecanismo conectivo identificado foi a justaposição.

Ainda com o IC, conforme Kenedy e Othero (2018), a parataxe consiste na articulação de orações justapostas, ou seja, organizadas pela disposição uma ao lado da outra, sem a existência da conjunção. Nos excertos de (iii) a (iv) identificamos a relação discursiva com sentido complementar entre as orações, porém sem o uso de conjunções. Identificamos também, ao encontro de Soares (2020), o uso do espaço e da simultaneidade para estabelecer mecanismos de compensação, expressos no item (iv a vi) pelo movimento e direcionamento do corpo do locutor enquanto sinaliza.

Pelo direcionamento do corpo, o sinalizador marcou os referentes no espaço de sinalização, o colega de quem ele observava as anotações e copiava, e o professor de quem observava a explicação oral do conteúdo. Nessa relação de ora olhar para o caderno do colega e ora olhar para explicação do professor, estabelece entre as orações relação coordenativa alternativa.



JUNTO AMIGO CONVERSAR MÍMICA APONTAÇÃO_(i)
 XI-EU CONVERSAR SÓ_(ii) APRENDER CHEGAR
 CASA_(iii) 1ºANO (incorporação de número 1 na indicação de série/ciclo/ano) XI-ELA MÃE 2ENSINAR1 REGULAR (modo como ensinava)_(iv) 1º 2º 3º 4º ATÉ 5º ANO, MÃE ENSINAR AO-LONGO-PERÍODO (duração de tempo) MAIS MÃE._(v)
 (Excerto 4).

Conversava com meu colega utilizando mímica e apontação. Só conversava, pois, aprender mesmo seria quando chegasse em casa. No primeiro ano do ensino fundamental, minha mãe me ensinava regularmente. Do 1º ao 5ºano minha mãe foi quem mais me ensinou (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são AMIGO, MÍMICA, APONTAÇÃO, CASA, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ANO e MÃE. Os itens que representam ação, processos e estado são CONVERSAR, APRENDER, CHEGAR, ENSINAR e REGULAR.

Itens gramaticais: Item prepositivo que indica companhia JUNTO, pronomes pessoais XI-EU e XI-ELA, advérbio de modo SÓ, advérbio de intensidade MAIS e marcador de tempo AO-LONGO-PERÍODO.

No quarto excerto, as orações de (i) a (v) apresentaram sentidos independentes. As orações (ii) e (iii) apresentam discursivamente sentidos complementares, uma vez que ‘só conversar implica’ em ter que ‘aprender em casa’. Essas duas orações estabelecem sentido complementar por justaposição, ou seja, estão dispostas uma ao lado da outra sem o uso de conjunção para estabelecer a coordenação. De modo semelhante o conteúdo de (iv) e (v) estão discursivamente relacionados, também por justaposição. Em (iv) o locutor explica que no primeiro ano do ensino fundamental sua mãe lhe ensinava regularmente e em (v) complementa a informação de que do 1º ao 5º ano quem mais lhe ensinou foi sua mãe. Ao aproximar do IC, de acordo com Soares (2020), entre as orações (ii) a (iv) observamos a coesão por substituição. O substantivo escola foi omitido e substituído

gradualmente. Independente do contexto de enunciação o conceito de ESCOLA foi apresentado em (iii) pelo uso do verbo APRENDER, em (iv) pelo substantivo 1ºANO do ensino fundamental e em (v) pelos itens 1º ao 5ºANO e ENSINAR.

Entre as categorias determinativas podemos identificar o pronome pessoal XI-ELA anteposto ao substantivo MÃE. E com a realização do item prepositivo JUNTO, pela direcionalidade do movimento, também fez referênciação pronominal ao sujeito, “comigo”. Além de determinar o sujeito, o item JUNTO se realizou como preposição estabelecendo relação de companhia entre o sujeito e o amigo. O verbo CHEGAR posposto ao verbo APRENDER indicou direcionalidade, conforme preposição de lugar e tempo “em”. Com a recorrência desse caso pela posposição do verbo REGULAR ao verbo ENSINAR, indicando modo, observamos a regularidade (locução prepositiva) ou regularmente (adjetivo). Entre os itens prepositivos identificamos também, o ATÉ que se realizou como indicador de limite de espaço de tempo.

Assim, conforme Neves (2000), Cunha e Citra (2001) que compõem a base teórica do IC, identificamos a articulação entre termos pelo uso de preposições, identificamos a preposição acidental JUNTO e a preposição essencial ATÉ. E ao encontro de Felipe (2002) e Brito (2003), identificamos mecanismos prepositivos no verbo de movimento CHEGAR com atribuição de papel temático de *meta*, e no caso junto a outro verbo.

Questionado sobre se houve alguma mudança de escola, o Participante 1 respondeu:



IX-EU 8º-ANO ATÉ ACABAR_(i) DEPOIS XI-EU
COMEÇAR ESCOLA INGRESSAR IX-LÁ (sinal da escola)
 A-NOITE_(ii) PORQUE PASSADO JÁ **COMEÇAR**
TRABALHAR (expressão facial de confirmação)_(iii) (Exceto 5).

Eu permaneci na mesma escola até o 8º ano/série, depois fui transferido para outra escola (nome da instituição). Passei a estudar a noite porque já tinha começado a trabalhar (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são 8º-ANO, NOITE e ESCOLA. Os itens que representam ação, processos e estado são ACABAR, COMEÇAR, INGRESSAR e TRABALHAR.

Itens gramaticais: Item marcadores de tempo são ATÉ (preposição), DEPOIS (advérbio), PASSADO (advérbio de tempo ou indicador de tempo), A-NOITE (substantivo) e JÁ (advérbio). Pronome pessoal XI-EU, locativo XI-LÁ e, a conjunção coordenativa explicativa PORQUE.

Observamos no quinto excerto a interdependência das orações. As orações coordenadas (ii) e (iii) foram introduzidas por itens conectivos. A oração (ii) é introduzida pelo item DEPOIS, que estabeleceu uma relação adverbial de tempo. Em consonância com os estudos de Soares (2020), fundamentação teórica do IC, algumas conjunções e alguns advérbios são utilizados para conectar proposições em sentenças próximas (vizinhas), de acordo com certas relações semânticas. Em seu corpus de pesquisa, Soares (2020) também identificou o item DEPOIS e o apresentou dentro da categoria das conjunções e advérbios temporais, pois este estabelece relações de localização de tempo, assim como os itens ANTES, AGORA, ONTEM. A oração (iii) foi introduzida pela conjunção coordenativa explicativa PORQUE que estabeleceu uma relação de causa entre os elementos que uniu. A conjunção PORQUE foi seguida pelos itens marcadores temporais ou adverbiais PASSADO e JÁ, sendo que esse último item também exerce a função de marcador aspectual. O item JÁ indicou um intervalo de tempo simultâneo a ação descrita anteriormente, estudava a noite porque já tinha começado a trabalhar.

Compondo as categorias determinativas, observamos a recorrência do item IX-LÁ, utilizado para fazer referênciação e atualização do substantivo ESCOLA. Estabeleceu a determinação por referênciação espacial. O elemento dêitico IX-LÁ foi utilizado, conforme Almeida-Silva (2021), como adverbial locativo, utilizado de forma referencial motivada por meio de apontaçāo. O advérbio temporal JÁ anteposto ao verbo TRABALHAR indicou, além de relação temporal, a relação aspectual. Porém, como não foi anteposto a um nome, não atendeu ao requisito de determinante que, ao encontro do IC e de Dubois *et al.* (2007), envolve relação de dependência com o substantivo como constituinte do Sintagma Nominal.

Desse modo, compreendemos que nem todos os itens da classe adverbial serão determinativos. O numeral 8 incorporado ao termo ano/séries, o determinou. Com base em Dubois *et al.* (2007), compreendemos que os numerais cardinais são como adjetivos qualificativos, pois antepostos aos substantivos indicam-lhes a ordem. No caso, o numeral

determinante do ciclo/série se realizou conforme descrito por Felipe (2007) por meio de incorporação.

Entre as categorias combinatórias identificamos a recorrência do item prepositivo ATÉ, que se realizou como indicador de limite de espaço de tempo. Posposto ao termo 8º-ANO, o item prepositivo indicou limite temporal. Observamos que o uso do item proposicional não se demonstrou obrigatório, o que torna dispensável seu uso. Nesse caso, retirando o item ATÉ, o sentido de limite seria transferido para o verbo acabar, em IX-EU 8º-ANO ATÉ ACABAR. Na língua portuguesa o item ATÉ pode ser utilizado também como advérbio de inclusão, ou seja, indicando que algo está sendo incluído, como em “ATÉ ELA FEZ AS ATIVIDADES”. Porém, ainda não identificamos essa variação de classe dessa palavra na Libras. Por isso, apesar de em alguns usos, como no caso acima, ter seu uso dispensável, a consideraremos como uma preposição essencial.



IX-LÁ ESCOLA (sinal da escola) TER GRUPO SURDO_(i), MAS INTÉPRETE NÃO-TER_(ii) TAMBÉM DEFICIENCIA TODOS SURDO REUNIR_(iii), XI-EU QUASE (pouco) NADA INTÉPRETE (marcador de passagem e muito tempo)_(iv) EXEMPLO 1º 2º 3º 8º- ANO NADA_(v) (Excerto 6).

Lá na escola tinha um grupo de surdos, mas não tinha intérprete. Também todas as pessoas com deficiência eram reunidas no mesmo grupo dos surdos. Quase não fui acompanhado por intérprete no decorrer da minha formação, isso do 1º ao 8º ano (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são ESCOLA, GRUPO, DEFICIÊNCIA, INTÉPRETE e 1º 2º 3º 8º- ANO. Os itens que representam ação, processos e estado são TER e REUNIR. E, os itens que representam propriedade/atributo são SURDO e QUASE/POUCO.

Itens gramaticais: Pronome indefinido TODOS, pronominal NADA, pronome pessoal IX-EU, e o locativo XI-LÁ, o marcador de tempo COM-O-PASSAR-DO-TEMPO, o substantivo EXEMPLO, as conjunções adversativa MAS e a aditiva TAMBÉM.

No sexto excerto, as orações (i) e (ii) são coordenativas e foram ligadas pela conjunção adversativa MAS. Apesar de estar em uma escola com outros surdos o Participante 1 relata que ainda não tinha tido acesso ao intérprete de Libras. A oração (iii) vem reforçar a adversativa, introduzida pela conjunção aditiva TAMBÉM, inclui o fato

de os alunos com diferentes tipos de deficiência estarem reunidos no mesmo ambiente e sem os recursos de acessibilidade adequado à cada tipo de necessidade. O item EXEMPLO foi realizado como articulador entre as orações (iv) e (v) que são complementares. Em (iv) o participante indica que quase não teve intérprete de Libras no decorrer da sua formação, em (iv) ele especifica que esse fato ocorreu do 1º ano ao 8º ano/série do Ensino Fundamental.

Entre as categorias determinativas identificamos o item com referência dêitica o locativo adverbial XI-LÁ, que acompanhou e determinou o substantivo ESCOLA. Identificamos que o item SURDO, nesse contexto qualificou o substantivo GRUPO, de forma a determiná-lo também. O pronome indefinido TODOS, além de estabeleceu uma relação de quantidade (plural), determinou o item que sucedeu DEFICIENCIA. O pronome indefinido NADA foi utilizado para indicar a ausência de INTÉRPRETE, também determinou esse item. Os numerais ordinais 1º 2º 3º 8º incorporados ao substantivo ANO/SÉRIE o determinou, uma vez que definiu o ciclo ao qual o participante estava se referindo.

Os itens determinativos no excerto analisado foram identificados à luz do referencial teórico. Conforme o IC e Dubois *et al.* (2014), os determinantes formam uma classe que dependem do substantivo que especificam. Com base nessa obra, confirmamos a presença, entre os determinantes, de pronomes indefinidos, adjetivos qualificativos e numerais. Além desses itens, identificamos locativos adverbiais semelhantes aos demonstrativos.



DEPOIS 3º-COLEGIAL NÃO-TER NADA INTÉRPRETE_(i)
SÓ (apenas) DEPOIS XI-EU INGRESSAR FACULDADE_(ii)
XI-LÁ COMEÇAR INTÉRPRETE_(iii) 6-MESES DEPOIS
LUTAR (repetição do sinal) CONSEGUIR INTÉRPRETE_(iv)
INGRESSAR POR-CAUSA DECRETO_(iv). (Excerto 7)

Já no 3º colegial ainda não tinha tido intérprete de Libras. Só fui ter intérprete depois que ingressei na faculdade. Depois de 6 meses lutando, consegui intérprete de Libras por causa do Decreto (determinação legal) (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são 3º-COLEGIAL, INTÉRPRETE, FACULDADE, 6-MESES e DECRETO. Os itens que

representam ação, processos e estado são NÃO-TER, INGRESSAR, COMEÇAR, LUTAR e CONSEGUIR.

Itens gramaticais: Advérbios DEPOIS e SÓ, pronominal NADA, pronome pessoal IX-EU, locativo adverbial IX-LÁ, item conectivo POR-CAUSA (MOTIVO).

No excerto de número sete, as orações de (i) a (v) se apresentaram dependentes e são hipotáticas. A oração (i) o adverbial de tempo DEPOIS antecedeu o substantivo 3º-COLEGIAL, e o verbo NÃO-TER, que possui uma forma distinta do verbo TER, teve sua negação reforçada pelo pronome indefinido NADA anteposto a INTÉRPRETE. A oração (ii) SÓ (apenas) DEPOIS XI-EU INGRESSAR FACULDADE, se demonstrou dependente da primeira para ter seu sentido completo, ou seja, só passou a ter intérprete de Libras após ingressar no Ensino Superior.

Nesse sentido, a oração (ii) se apresentou hipotática adverbial de tempo introduzidas pelos advérbios APENAS e DEPOIS. A oração (ii) ocorreu de forma dependente da oração matriz (i). A oração (iii) foi introduzida por locativo adverbial IX-LÁ que retoma e faz referência a FACULDADE presente em (ii), seguido do verbo transitivo direto COMEÇAR e de seu argumento interno, o substantivo INTÉRPRETE. Assim, como a oração (ii), a oração (iii) também apresenta dependência, por hipotaxe, pois também se apresentou como complemento ou adjunto da oração principal (i). A oração (iv) inicia com o substantivo incorporado com numeral, indicando tempo, 6-MESES, seguido pelo advérbio de tempo DEPOIS, dos verbos transitivos LUTAR e CONSEGUIR e de seu complemento INTÉRPRETE.

Na oração (v) observamos a omissão da repetição ou substituição do substantivo INTÉRPRETE como argumento externo do predicado INGRESSAR, o que torna o sentido de (v) dependente de (iv). Ainda em (v), observarmos a presença do item POR-CAUSA com função prepositiva pois está unindo dois termos INGRESSAR e DECRETO estabelecendo uma relação de sentido de causa e dependência entre eles.

Representando as categorias determinativas encontramos os itens DEPOIS que antecedeu 3º-COLEGIAL, o próprio numeral ordinal 3 incorporado ao substantivo COLEGIAL, o pronome indefinido NADA que acompanhou INTÉRPRETE, o item dêitico IX-LÁ que retomou e substituiu FACULDADE e o numeral 6 incorporado a MESES. Entre os itens correspondentes a determinantes, encontramos adverbiais, numerais, pronomes e referenciais dêiticos.

O item adverbial DEPOIS estabeleceu uma relação referencial de tempo anteposto a um substantivo determinando-o, ou seja, depois no 3º colegial. O item apesar de exercer também a função de advérbio de tempo se realiza ao encontro do que Azeredo (2018) pontua sobre a categorização determinativa se constituir como um amplo expecto de noções expressas pelas palavras que, de modo ordinal, precedem os substantivos na construção dos enunciados. Os demais itens identificados de modo mais usual estão previstos, ao encontro do IC e de Dubois *et al.* (2007), entre os determinantes, geralmente identificados como artigos, possessivos, demonstrativos, adjetivos interrogativos, relativos e indefinidos, os numerais.

Entre as categorias combinatórias, identificamos o item conectivo POR-CAUSA estabelecendo entre termos uma relação causal. Apesar de ser glosado utilizando dois termos, em Libras o item POR-CAUSA não é composto. Conforme Neves (2000), itens com função prepositiva, também podem ser relacionados a outras classes, apresentando mais características da classe preposicional acidental. Estudos como o de Soares (2020) identificaram esse mesmo item POR-CAUSA estabelecendo relação de ligação dependente, subordinação causal entre sentenças, ou seja, realizando a função de conjunção. Desse modo, analisando ambos os contextos compreendemos que o item é um conectivo articulador que corresponde as categorias combinatórias.

Outro item com mais de uma função é o sinal DEPOIS. No excerto analisado, a oração (i) se apresentou como determinante de 3º-COLEGIAL. Já na oração (ii), o item posposto ao advérbio temporal e aspectual APENAS, ao encontro da descrição de Soares (2020) se realizou como conjunção temporal, estabelecendo a relação de localização e tempo.



INTÉRPRETE FACULDADE ANTES, DECRETO NÃO-TER_(i) ANO 2005 COMEÇAR DECRETO_(ii) MAS IX-LÁ TER CL (pessoa) SINAL_(iii) pausa. CONHECER (sinal da pessoa)? NÃO?_(iv) NOME (soletração manual - gênero feminino identificado pela datilografia do nome da pessoa) XI-ELA JÁ LUTAR_(v) SURDO CRIAR IX-AQUI PREFEITURA_(vi) DEPOIS XI-LÁ FACULDADE INGRESSAR JÁ CONHECER_(vii) LUTAR CONSEGUIR 2000 ANTES DECRETO LEI É ISSO (indicação de direção com a mão aberta)_(viii) LUTAR CONSEGUIR ABRIR-AMENTALIDADE ANTES IX-ELA pausa LEI DECRETO DEPOIS_(ix) (Excerto 8)

[Correção], A oferta de intérprete de Libras na Faculdade ocorreu antes do Decreto. O decreto começou a vigorar em 2005. Mas lá na Faculdade tinha uma pessoa o sinal dela é... Você conhece? Não? O nome dela é... Ela lutou pelos surdos e criou um espaço (para discussão) na prefeitura. Assim, quando ingressei na faculdade eles já sabiam sobre os surdos. As lutas e conquistas vieram no ano 2000, antes do Decreto e Lei da Libras, é isso. Ela lutou para abrir a mente (dos gestores) antes da Lei e do Decreto, estes vieram depois (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são INTÉRPRETE, FACULDADE, DECRETO, ANO, 2005, SINAL, NOME, SURDO, PREFEITURA, 2000 e LEI. Os itens que representam ação, processos e estado são NÃO, NÃO-TER, TER, COMEÇAR, LUTAR, CRIAR, INGRESSAR, CONHECER, CONSEGUIR e ABRIR-A-MENTE.

Itens gramaticais: Advérbio de tempo ANTES e DEPOIS, conjunção adversativa MAS, classificador para pessoa direcional, expressão facial interrogativa, pronome pessoal IX-ELA, adverbial de aspecto e tempo JÁ, locativo adverbial XI-AQUI e IX-LÁ, pronominal demonstrativo ISSO.

No oitavo excerto, estamos tratando ainda sobre acessibilidade educacional por meio da oferta de intérprete de Libras. O excerto é composto por nove orações concatenadas combinadas entre coordenadas e hipotáticas. As orações de (i) a (iv) são independentes (coordenadas) e as orações de (v) a (ix) são dependentes hipotáticamente das orações anteriores. A primeira oração (i) se apresenta topicalizada, o tópico INTÉRPRETE é colocado no início da frase, o local é indicado pelo substantivo FACULDADE e o tempo marcado pelo advérbio de tempo ANTES indicando também a ordem dos acontecimentos, ou seja, intérpretes de Libras na Faculdade vieram antes ou primeiramente. O verbo TER com incorporação de negação é apresentado no final da sentença após DECRETO, marcando nessa sequência a ordem cronológica dos acontecimentos, sendo que, nessa época, ainda não tínhamos o DECRETO que determinava a obrigatoriedade da oferta de intérprete de Libras.

Assim, como a oração (i), a oração (ii) é independente e apresenta a marcação de tempo com os substantivos ANO e 2005, seguido do verbo COMEÇAR e seu objeto direto DECRETO. As orações (i) e (ii) estão discursivamente relacionadas apenas pelo

assunto. Estabelecendo a coordenação entre as orações de (ii) e (iii) observamos a conjunção adversativa MAS, indicando oposição e contraste, apesar de não ter o decreto tinhá outra pessoa que contribuiu para a oferta do serviço de intérprete de Libras. Ainda na oração (iii), identificamos a realização do classificador direcional na 3^a pessoa, indicando o pronome pessoal ELA. A oração (iv) é uma interrogativa, a expressão facial interrogativa é acrescida a realização do verbo CONHECER, também com movimento do tronco direcionado ao interlocutor fazendo referência a 2^o pessoa VOCÊ. E para discursivizar a sentença, em seguida é introduzida a negativa NÃO com as mesmas expressões não manuais.

Com a oração (v) inicia a resposta à pergunta (iv), por meio de soletração manual do nome da pessoa a quem se refere, que é ainda indicada pelo pronome pessoal em 3^a pessoa IX-ELA, seguida da marcação de tempo e aspecto com a adverbial JÁ, anteposto ao verbo LUTAR. O sentido da oração (v) é dependente de (vi) e funcionam de forma hipotática à medida que (vi) complementa o sentido de (v). Em (v) temos, ELA JÁ LUTAR. Mas lutou pelo que? A oração (vi) complementa SURDOS (sujeito) CRIAR (ação), locativo adverbial de local XI-AQUI e o local substantivo PREFEITURA. Como resultado de (v) e (vi), a oração (vii) é introduzida pelo advérbio de tempo DEPOIS e locativo adverbial IX-LÁ, seguidos pelo substantivo FACULDADE (local indicado).

Após itens referenciais de tempo e lugar se realiza o predicador INGRESSAR. Observamos a omissão do sujeito que ingressa, que discursivamente pode ser identificado como EU, uma vez que o discurso está em primeira pessoa. Retomando o locativo IX-LÁ FACULDADE foi inserido o advérbio de aspecto e tempo JÁ, anteposto ao verbo CONHECER. Assim, (v) IX-ELA JÁ LUTAR e (vi) SURDO CRIAR IX-AQUI PREFEITURA implicaram em (vii) DEPOIS IX-LÁ FACULDADE EU INGRESSAR JÁ CONHECER. Desse modo podemos identificar que (vii) também é hipotaticamente dependente das orações anteriores. Apesar de não apresentar conjunção adverbial consecutiva, (vii) expressa a ideia de consequência da ação das orações (v) e (vi).

As orações (viii) e (ix) também dependem das orações anteriores para terem seus sentidos completos. Em, (viii), temos **LUTAR CONSEGUIR 2000 ANTES DECRETO LEI É ISSO**. O sentido de CONSEGUIR é completado em (i) com o termo INTÉRPRETE. O verbo É indica estado e posposto a ele temos o pronominal demonstrativo ISSO que indicou conformidade ou concordância. A oração (ix) **LUTAR CONSEGUIR ABRIR-A-MENTALIDADE ANTES IX-ELA** pausa LEI DECRETO

DEPOIS, o pronome pessoal ELA é retomado de (iii) e (v). Os três verbos (**LUTAR** **CONSEGUIR ABRIR-A-MENTALIDADE**) indicam respectivamente ação, processo e estado, nesse sentido são complementares. O verbo ABRIR-A-MENTALIDADE apresentou incorporação de locativo, realizado próximo a testa, e, também, apresentou sentido metafórico.

Os itens que apresentaram características determinativas foram o advérbio de tempo ANTES com sentido de ordem (primeiro) posposto ao substantivo FACULDADE. O numeral 2005 que determinou o substantivo ANO. O advérbio de lugar IX-LÁ que retomou o substantivo FACULDADE. O classificador direcional para pessoa, que referenciou o substantivo PESSOA. O pronome pessoal ELA que atualizou o substantivo próprio, nome de pessoa. O adverbio de lugar IX-AQUI anteposto a PREFEITURA. O advérbio DEPOIS justaposto com o locativo IX-LÁ determinou o tempo e o lugar FACULDADE. O numeral 2000 anteposto ao advérbio ANTES que determinou o item omitido ANO. O pronome demonstrativo ISSO posposto ao verbo É, determinou o estado e as circunstâncias. Os advérbios de tempo ANTES justaposto com o pronome pessoal IX-ELA retomou o nome próprio apresentado nas orações (iii) e (v). O advérbio DEPOIS posposto a LEI e DECRETO determinou tempo e indicou a ordem.

Os itens que se apresentaram como determinantes foram majoritariamente os itens essencialmente gramaticais, com exceção dos itens híbridos (gramaticais e lexicais), a saber, os numerais e os classificadores. Em relação ao classificador, esse se apresentou, conforme descrito por Lyons (1977), como classificador de espécie, pois individualiza em termos de entidade, podendo ser utilizado também com função pronominal ou quase-pronominal em referência dêitica e anafórica. Certos numerais, ao encontro do IC ao citar Dubois *et al.* (2007), podem ser como adjetivos qualitativos, uma vez que antepostos ou pospostos aos substantivos indicam uma sequência ou ordem. Conforme mencionado, os numerais qualificaram e determinaram o ANO.

Compondo as categorias combinatórias na Libras identificamos o item conectivo MAS, introduzindo a oração (iii) como conjunção coordenativa adversativa. Também, identificamos o item DEPOIS que se realizou também como conjunção adverbial de tempo, introduzindo a oração dependente hipotática (vii) DEPOIS XI-LÁ FACULDADE **INGRESSAR JÁ CONHECER**. Conforme Rodrigues (2019), as orações adversativas na Libras têm um comportamento semelhante às adversativas descritas nas línguas orais, uma vez que subfaz a todos os tipos de adversativas uma noção de contraste.

Ao encontro do IC e dos estudos de Rodrigues (2019), a oração adversativa na Libras, com o uso da conjunção MAS, apresentou os valores de contraste e comparação. Já a oração hipotática (vii) com uso da conjunção accidental DEPOIS com função adverbial, se realizou em consonância com o aporte teórico de Kenedy e Othero (2018), como oração complementar, adjunta às anteriores. Destacamos como ponto interessante o sentido da consecutiva apresentada na adverbial DEPOIS, expressando a ideia de consequência às ações anteriores.



FACULDADE IX-ELA CL (pessoa) JÁ **CONHECER BEM**_(i) IX-ELA MÃO **TRABALHAR** DENTRO IX-LÁ_(ii) **LUTAR** ÁREA (indicação de espaço neutro)_(iii) DIRETOR HIERARQUIA **CONHECER** IX-LÁ PORQUE PROFESSORA (gênero feminino identificado pela datilologia do nome da pessoa, realizada no excerto anterior) pausa_(iv) IX- LÁ DIRETOR, COORDENADOR PEDAGÓGICO IX-LÁ JÁ **CONHECER**_(v) **LUTAR** ABRIR OPORTUNIDADE GERAL FACULDADE (soletração do nome e sinal da universidade) **LUTAR**_(vi). (Exerto 9)

Ela já conhecia bem (a Faculdade). Trabalhava lá, era professora na instituição, conhecia a hierarquia, o diretor e o coordenador pedagógico, por isso conseguiu trabalhar e lutar pela área. Lutou para abrir espaço de oportunidades em vários campos na faculdade de modo geral (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são FACULDADE, MÃO, ÁREA, DIRETOR, HIERARQUIA, PROFESSORA, COORDENADOR e OPORTUNIDADE. Os itens que representam ação, processos e estado são CONHECER, TRABALHAR, LUTAR e ABRIR. E, os itens que representam propriedade/atributo são BEM, PEDAGÓGICO e GERAL.

Itens gramaticais: Pronome pessoal IX-ELA, classificador para pessoa direcional, adverbial de aspecto e tempo JÁ, locativo adverbial DENTRO e IX-LÁ, conjunção explicativa PORQUE.

O excerto de número nove, trata sobre como ocorreu a inclusão do Participante 1 no contexto acadêmico. A primeira oração, se isolada, apresenta sentido completo. As demais orações de (ii) a (vi) apresentam dependência por referenciação do sujeito que

pratica a ação e do locativo que indica a FACULDADE. Se isoladas, ambos os itens referenciais ficariam indefinidos. Se produzidas de forma descontextualizada, mesmo com sentido de sujeito e locativo indeterminados ou indefinidos, boa parte do conteúdo das sentenças seria mantido e poderiam ser consideradas como orações independentes. Como é nosso intuito analisar nos excertos as relações estabelecidas entre as orações, vamos considerar a necessidade de definição do sujeito e locativos.

Na oração (i), o item FACULDADE é topicalizado e seguido por IX-ELA JÁ CONHECER BEM. Nessa oração identificamos o sujeito expresso pelo pronome pessoal IX-ELA, seguido do advérbio de tempo e aspecto JÁ, como itens do argumento interno do verbo transitivo direto CONHECER. O complemento do verbo CONHECER é FACULDADE embora a ordem dos itens não seja linear. Posposto ao verbo CONHECER temos o adjetivo que funcionou como advérbio de modo BEM. A oração (ii) complementa (i), apresenta sentido explicativo, mas de forma hipotática sem o uso de conjunção, IX-ELA MÃO TRABALHAR DENTRO IX-LÁ. O sujeito é atualizado com a pronominal IX-ELA, seguido do substantivo MÃO que é uma indicação de quem pratica ação TRABALHAR. Após o verbo, identificamos o item adverbial com função prepositiva DENTRO que, assim como o “no” (contração da preposição em + artigo o) na língua portuguesa, indica que algo está dentro. Finalizando a sentença, retoma o substantivo FACULDADE por substituí-lo pelo advérbio de lugar IX-LÁ.

Na oração (iii), se considerarmos o sujeito como indeterminado LUTAR ÁREA, a oração se apresenta de forma independente. No entanto, a oração está discursivamente relacionada ao cerne da discussão, a inserção dos surdos no espaço acadêmico. Relacionada de forma hipotática às orações anteriores (i) e (iii), apresenta como sujeito que luta ELA (pronominal omitida). Como lutar é verbo transitivo seu complemento ou argumento interno é ÁREA, ou seja, ela luta pela área. A oração (iv) DIRETOR HIERARQUIA CONHECER IX-LÁ PORQUE PROFESSORA é dependente apenas pelo item locativo IX-LÁ. Apresenta topicalidade dos itens DIRETOR e HIERARQUIA, seguido do verbo CONHECER e seu locativo IX-LÁ, apesar de se referir a um lugar anteriormente mencionado também pode ser indeterminado. Ainda, a oração apresenta a conjunção coordenativa explicativa PORQUE seguida do substantivo PROFESSORA, desse modo ela conhece a hierarquia e direção da escola porque é professora lá (nesse lugar). A oração (v) IX-LÁ DIRETOR, COORDENADOR PEDAGÓGICO IX-LÁ JÁ

CONHECER, também se apresenta dependente, considerando que a definição do locativo IX-LÁ FACULDADE depende da oração (i).

Observamos na oração (v) a repetição das informações anteriores, como que reforçando o sentido. A oração é composta pelo locativo adverbial IX-LÁ, e a topicalização dos termos DIRETOR, COORDENADOR PEDAGÓGICO, repetição do locativo IX-LÁ, inserção do advérbio de aspecto e tempo JÁ anteposto ao verbo CHONHECER. Já a oração (vi) **LUTAR ABRIR OPORTUNIDADE GERAL** FACULDADE (soletração do nome e sinal da universidade) **LUTAR**, pode ser considerada dependente se aceitarmos que a definição do sujeito que luta está sendo determinado nas orações anteriores. O verbo **ABRIR OPORTUNIDADE** está completando o sentido de **LUTAR**, o termo **GERAL** está determinando **FACULDADE** seguido do nome próprio da instituição. O verbo **LUTAR** por fim é repetido com entonação de ênfase.

Os itens relacionados aos determinantes são o pronome pessoal IX-ELA e o classificador direcional que indica 3^a pessoa determinando de quem se fala. O locativo adverbial IX-LÁ que no decorrer do excerto atualizou o substantivo **FACULDADE**. O adjetivo **PEDAGÓGICO** que, além de qualificar, também determinou **COORDENADOR** e o adjetivo **GERAL** que qualificou e determinou **OPORTUNIDADE**. Conforme Almeida-Silva (2021), os pronomes pessoais e os demonstrativos (semelhantes aos advérbios de lugar) apresentam formas semelhantes de apontação. Porém, conforme Câmara Jr. (1970), os pronomes pessoais apresentam a noção de pessoa gramatical. Desse modo, em situação de referência o pronome indicou a pessoa de quem se fala, fora da alçada dos interlocutores.

Aproximando a análise do IC que conta com Godoi (2021b), na Libras os adjetivos não se realizam apenas com a função qualificadora de nomes, sendo assim, a sua classificação pode diferir do usual. Conforme pudemos constatar na análise do excerto, os adjetivos além de qualificar também determinaram o sinal **PEDAGOGIA**, que geralmente ocorre como um substantivo, foi utilizado na função adjetiva do item **COORDENADOR**. E o item **GERAL** com o sentido de abrangente além de qualificar também determinou, conforme Dubois *et al.* (2007), estão entre os adjetivos determinativos os indefinidos.

Entre as categorias coordenativas identificamos o item prepositivo **DENTRO** que, ao encontro de Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023) autoras integrantes do IC,

estabelecem uma relação espacial de posição dos objetos. Conforme Neves (2000), alguns itens apresentam a característica de não serem essencialmente obrigatórios, mas contribuem para elucidação dos sentidos nos enunciados, dentre esses o item DENTRO isoladamente possui significado próprio e podem também se manifestar com funções adverbiais.

Entre os itens conectivos identificamos a conjunção explicativa PORQUE unindo os termos internos de uma oração. Rocha Lima (2011) elucida que as conjunções são palavras que podem relacionar entre si, dois elementos de mesma natureza. Conforme observado no excerto, a conjunção coordenativa ligou termos semelhantes da mesma oração a saber, o primeiro termo DIRETOR também é um substantivo como o último termo PROFESSOR. O DIRETOR e a HIERARQUIA da escola eram conhecidos porque ela era PROFESSORA na referida instituição. Desse modo, a conjunção estabeleceu uma relação de sentido explicativo entre os termos conectados-os.

A seguir apresentamos a análise dos dados do Participante 2. Selecionei excertos em que ele tratou sobre os processos de profissionalização e ingresso no ensino superior.



IX-EU ABANDONAR FACULDADE PARTICULAR_(i)
PORQUE IX-LÁ NÃO-TER INTÉRPRETE_(ii) PARTICULAR
DEIXAR-PRA-LÁ DESPREZAR DISCUTIR_(iii) IX-LÁ
FALAR QUERER OFERECER INTÉRPRETE DEPOIS_(iv)
XI-EU NÃO OBRIGADO/AGRADECER VOLTAR NÃO
OBRIGADO (oraliza a palavra obrigado)_(v) (EXCERTO 10)

Eu abandonei a faculdade particular porque lá não tinha intérprete. Eu resolvi deixar a escola particular porque só gerava discussão. Eles até quiseram oferecer intérprete depois que eu decidi sair da escola. Mas aí eu agradeci e recusei o convite. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são FACULDADE e INTÉRPRETE. Os itens que representam ação, processos e estado são ABANDONAR, NÃO-TER, DEIXAR-PRA-LÁ, DESPREZAR, DISCUTIR, FALAR, QUERER, OFERECER e VOLTAR. E o item que representa propriedade/atributo ou interjeição é OBRIGADO (agradecido).

Itens gramaticais: Pronome pessoal IX-EU, a conjunção explicativa PORQUE, locativo adverbial IX-LÁ, advérbio de negação NÃO e advérbio de tempo DEPOIS.

No excerto 10, a oração (i) IX-EU **ABANDONAR** FACULDADE PARTICULAR apresentou sentido independente, o predicador ABANDONAR exigiu argumentos interno EU (agente) e externo FACULDADE PARTICULAR (objeto direto). A oração (ii) **PORQUE IX-LÁ NÃO-TER INTÉRPRETE**, se realizou como coordenativa explicativa, por ser uma oração que explica, ou justifica o motivo de abandonar a faculdade particular. As orações seguintes giram em torno dessa justificação. Em, (iii) PARTICULAR **DEIXAR-PRA-LÁ DESPREZAR DISCUTIR**, introduzida pelo adjetivo atualizando e substituindo o substantivo FACULDADE, apesenta em sua sequência três verbos que complementam o sentido um do outro. O verbo DEIXAR-PRÁ-LÁ equivale ao valor de expressão, com sentido de esquecer ou não dar importância. O uso do verbo transitivo direto DESPREZAR reforça o sentido de desconsiderar, como sinônimo de DEIXAR-PRÁ-LÁ. O verbo DESPREZAR complementou o sentido pronominal, uma vez que sua direção apresentou o referente ou sujeito que sofre a ação. O verbo também transitivo direto DISCUTIR, com sentido de levantar questões a respeito e causar discussão, se apresentou com possibilidade de gramaticalização para substantivo DISCUSSÃO. Uma vez que posposto ao verbo DESPREZAR que já realizou a tarefa de predicador, o verbo DISCUTIR se realizou como complemento, na oportunidade de justificar a ação anterior.

A oração (iv) **IX-LÁ FALAR QUERER OFERECER INTÉRPRETE DEPOIS** se apresentou de forma dependente, pois fez referênciação ao item FACULDADE apresentado em (i), sendo introduzida pelo adverbial locativo IX-LÁ, esse item atualizou, recuperou e fez referênciação a FACULDADE. Porém, se isolada, a oração fica com sentido incompleto, mas apenas em relação ao sentido de IX-LÁ. Em seguida ao locativo, são introduzidos três verbos, com sentidos também complementares. O verbo transitivo FALAR exigiu como argumento externo o item locativo IX-LÁ, indicando quem pratica a ação, e QUERER OFERECER INTÉRPRETE DEPOIS é a ação praticada por IX-LÁ. O verbo QUERER é transitivo direto e expressa vontade ou intensão. OFERECER completa o sentido de QUERER, que também é verbo transitivo, e exprime a ação de proporcionar ou colocar à disposição, também apresenta aspecto pronominal, uma vez que como verbo direcional indica quem receberá essa ação. O substantivo INTÉRPRETE se apresentou como complemento direto de OFERECER, e foi precedido pelo advérbio de tempo DEPOIS, que indicou o tempo da ação.

A oração (v) IX-EU NÃO OBRIGADO/AGRADECER **VOLTAR** NÃO OBRIGADO/AGRADECER, é dependente de (iv) e indica uma resposta irônica ao que a antecedeu. Devido a ausência de intérprete decidiu abandonar a faculdade, depois dessa decisão, a instituição resolveu oferecer o intérprete. A resposta foi (v), IX-EU NÃO OBRIGADO **VOLTAR** NÃO OBRIGADO. Nessa oração observamos o sujeito IX-EU, a omissão do verbo falar, substituída pelo direcionamento do corpo ao referente ausente, sucedido pela negativa e do adjetivo OBRIGADO. O verbo VOLTAR foi sucedido pelo advérbio de negação NÃO. Observamos também a repetição do adjetivo/interjeição OBRIGADO, que diferente da forma verbal OBRIGAR, se aproxima mais do verbo AGRADECER, apresenta mais como um sinal de recusa com respeito, apesar de estar supostamente agradecido por algo proposto, prefere recusar.

Em consonância com o IC, de modo coincidente com Cunha e Tavares (2016), observamos que certos itens lexicais, quando usados em contextos altamente específicos, podem codificar categorias gramaticais mais abstratas. Esse processo de gramaticalização envolve a mudança de itens principais categoriais lexicais (substantivo, verbo e adjetivo) para categorias menores (preposição, advérbios e auxiliares). Ao encontro das autoras e conforme observado acima, com a recorrência da utilização de dois a três verbos sequencialmente na sentença, o fenômeno tem em seu escopo verbos intransitivos ou destransitivizados e ocorre em posição pós-verbal, com outras funções tais como auxiliares, substantivo, adjetivos e adverbiais de modo.

Os itens determinativos identificados foram a adverbial locativa IX-LÁ que atualizou e substituiu o substantivo FACULDADE. O adjetivo PARTICULAR que qualificou e determinou FACULDADE. Entre as categorias combinatórias identificamos o item PORQUE que realizou a função de conjunção coordenativa explicativa na oração (ii). Conforme o IC, Rodrigues e Souza (2019) salientam que ao contrário do que se vê na língua portuguesa, a Libras não dispõe de uma lista de conjunções causais, explicativas e conclusivas, dentre outras. Porém assim como na língua portuguesa uma mesma conjunção, como a conjunção *porque*, pode ser usada em sentenças em vários domínios (explicativa, causal, conclusiva). A conjunção PORQUE na Libras pode aparecer como advérbio interrogativo em sentenças interrogativas, com a função de conjunção causal em orações subordinativas, ou conforme apresentado acima como conjunção em orações coordenativas explicativas.



CURRÍCULO DISCIPLINA LEVAR OUTRA FACULDADE_(i) COMEÇAR ESTUDAR_(ii) NÃO-TER INTÉRPRETE TAMBÉM expressão facial de desânimo NÃO-TER_(iii) IX-EU TENTAR ENTRAR DESENVOLVER expressão facial de frustração_(iv) RECLAMAR COLEGIADO PEDAGOGIA_(v) RECLAMAR INTÉRPRETE NÃO-TER_(vi) relembra fala IX-EU SINAL SURDO IX-AQUI PÚBLICO PRECISAR_(vii). (EXCERTO 11)

Peguei o currículo das disciplinas e levei para outra faculdade. Comecei a estudar, mas nessa faculdade também não tinha intérprete. Eu me esforcei para desenvolver ao máximo, mas realmente era muito difícil. Reclamei no colegiado do curso de pedagogia, falei que não tinha intérprete e expliquei que era surdo e como estava numa instituição pública precisava ser atendido. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são CURRÍCULO, DISCIPLINA, FACULDADE, INTÉRPRETE e COLEGIADO. Os itens que representam ação, processos e estado são LEVAR, COMEÇAR, ESTUDAR, NÃO-TER, TER, TENTAR, ENTRAR, DESENVOLVER, RECLAMAR, SINAL e PRECISAR. E, os itens que representam propriedade/atributo são PEDAGOGIA, SURDO e PÚBLICO.

Itens gramaticais: Pronome indefinido OUTRA, advérbio de inclusão TAMBÉM, pronome pessoal IX-EU e advérbio de lugar IX-AQUI.

No excerto 11, apresentado acima, identificamos pelo menos 7 orações. As orações (i), (ii) e (iii) são independentes e apresentam uma relação de parataxe por justaposição. Desse modo, Silva (2019) elucida que a parataxe consiste na articulação de orações por justaposição que são caracterizadas pela disposição uma ao lado da outra, sem a existência de um item ou conjunção fazendo a ligação sintática entre elas, portanto, assindéticas. A oração (i) CURRÍCULO DISCIPLINA LEVAR OUTRA FACULDADE, possui como predicador o verbo LEVAR como argumento externo temos os itens substantivos CURRÍCULO e DISCIPLINAS. Esses dois últimos itens estão semanticamente relacionados, uma vez que o currículo acadêmico envolve um conjunto de disciplinas. E como argumento interno do verbo LEVAR temos o pronome indefinido OUTRA que acompanha e determina o substantivo FACULDADE. A segunda oração (ii), COMEÇAR ESTUDAR, apresenta dois verbos complementares o verbo transitivo

COMEÇAR que é complementado pelo verbo ESTUDAR que se apresenta neste contexto como intransitivo, pois não exige complemento, apenas indica a ação realizada. A terceira oração (iii) **NÃO-TER INTÉRPRETE TAMBÉM** expressão facial de desânimo **NÃO-TER**, possui verbo transitivo TER com incorporação de negativa com alteração nos parâmetros ponto de articulação e movimento, exigiu o complemento INTÉRPRETE, esse substantivo é precedido pelo advérbio TAMBÉM que indica comparação ou similitude, acrescida de expressão facial de desânimo e a repetição do verbo NÃO-TER como ênfase.

A oração (iv), **IX-EU TENTAR ENTRAR DESENVOLVER**, apresenta sentido dependente, uma vez que isolada, não apresenta sentido completo. Desse modo, o verbo ENTRAR requer complemento para ter seu sentido completo, assim o excerto depende de (i) para tornar comprehensível que o lugar onde se pretende ENTRAR é a FACULDADE. O sujeito da oração (iv) que pratica a ação é IX-EU, precedido do verbo TENTAR que exprime ação que deseja realizar, é um verbo transitivo que tem seu sentido completado por outro verbo intransitivo ENTRAR que indica ação de ingressar. O verbo TENTAR também é complementado pelo verbo DESENVOLVER que indica ação de progredir e, também, necessita da referência pronominal EU, que é quem pratica a ação.

As orações (v), (vi) e (vii) são dependentes umas das outras e apresentam uma relação hipotática. A esse respeito Silva (2019) explica que as hipotaxes produzem entre as orações o efeito sintático discursivo, que se dá de maneira mais livre, ou seja, fora das restrições estruturais impostas a argumentos e adjuntos adnominais. O que diverge das orações subordinadas ou encaixadas que sempre estabelecem uma relação de dependência da principal/matriz. Dessa forma, a oração (vi) complementa o sentido da oração (v). Na oração (v) observamos **RECLAMAR COLEGIADO PEDAGOGIA**. O verbo RECLAMAR sucedido pelos itens COLEGIADO e PEDAGOGIA indicou o órgão ao qual se direcionou a reclamação. E, em (vi) **RECLAMAR INTÉRPRETE NÃO-TER**, com a repetição do verbo RECLAMAR sucedido pelos itens INTÉRPRETE NÃO-TER indicou qual foi a reclamação. O verbo NÃO-TER foi utilizado de forma impersonal, com sentido de existir, substituindo o verbo haver.

A oração (vii) **IX-EU SINAL SURDO XI-AQUI PÚBLICO PRECISAR**, também é dependente, uma vez que depende de (vi) para completar o sentido de PRECISAR com o item INTÉRPRETE. A oração apresentou sentido de causalidade. Visto que IX-EU (sujeito) SINAL/SER (verbo copular) SURDO (adjetivo) e IX-AQUI

(pronome demonstrativo) é uma instituição PÚBLICA, a instituição precisa oferecer intérprete. Portanto, a oração (vii) é hipotática adverbial causal. Conforme Silva (2019), a hipotaxe pode corresponder as orações subordinadas adverbiais que exercem a função de adjunto adverbial. Apesar de não apresentar conjunção subordinativa causal, a oração semanticamente causa, de forma semelhante as orações parataxe que não apresentam conjunção, mas estabelecem relação de coordenação.

Aproximando do IC, os itens correspondentes aos determinantes foram o pronome indefinido OUTRA que determinou FACULDADE. O adjetivo PEDAGOGIA que qualificou e determinou o substantivo COLEGIADO. O adjetivo SURDO que qualificou e determinou o pronome pessoal IX-EU, sujeito enunciador. O pronome demonstrativo IX-AQUI que atualizou e substituiu FACULDADE. E o adjetivo PUBLICO que qualificou e atualizou o substantivo FACULDADE. Conforme observado acima, muitos desses itens passam de substantivos a adjetivos, ao encontro do IC e de Azeredo (2008), compreendemos que a fronteira entre itens lexicais e itens gramaticais não é enrijecida. Conforme o autor, basicamente, um signo qualquer, como uma palavra, pode se gramaticalizar e deixar de significar entidades e passar a funcionar gramaticalmente na organização estrutural do texto e no processamento da comunicação.



TRÊS-MESES NADA INTÉPRETE_(i) IX-EU APRENDER NADA_(ii) TEMPO JOGAR-FORA_(iii) APRENDER NADA_(iv) COMO FUTURO TRABALHAR SURDO_(v) (boa) 1º CHAMAR TELEVISÃO ENTREVISTAR_(vi) 2º CHAMAR JORNAL DIVULGAR_(vii) 3º PROCESSAR MINISTÉRIO PÚBLICO_(viii) IX-ELES: (*role shift*) NÃO NÃO pausa ESPERAR POUCO_(ix) DEPOIS TRÊS-MESES CONSEGUIR INTÉPRETES_(x) TRÊS BOLSISTAS DENTRO UNIVERSIDADE FEDERAL SABER LIBRAS_(xi). (EXCERTO 12)

Três meses aguardando intérprete e nada, eu não aprendia nada. Sensação de tempo perdido, não aprendia nada. Pensava em como poderia, dessa forma, me formar e trabalhar sendo surdo. Decidi 1º divulgar a situação por meio de uma emissora de televisão, 2º divulgar também no jornal e, 3º entrar com processo no Ministério Público. A instituição pediu que aguardasse um pouco e depois de três meses contratou três bolsistas, pessoas na Universidade que sabiam Libras. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são TRÊS-MESES, INTÉPRETE, TEMPO, FUTURO, TELEVISÃO, JORNAL, MINISTÉRIO PÚBLICO, TRÊS, BOLSISTAS, UNIVERSIDADE e LIBRAS. Os itens que representam ação, processos e estado são APRENDER, JOGAR-FORA, TRABALHAR, CHAMAR, ENTREVISTAR, DIVULGAR, PROCESSAR, ESPERAR, CONSEGUIR e SABER. E, os itens que representam propriedade/atributo são SURDO e FEDERAL.

Itens gramaticais: Pronome indefinido NADA, advérbio de quantidade POUCO, pronomes pessoais IX-EU e IX-ELE, advérbio interrogativo COMO, advérbio de negação NÃO, boia, *role shift*, advérbio de tempo DEPOIS, advérbio DENTRO.

O excerto 12 apresenta pelo menos 11 orações que são independentes e estão discursivamente relacionadas, sem o uso de conjunção de forma justapostas em sequência lógica. Na sentença (i) 3-MESES NADA INTÉPRETE, temos a marcação de tempo com o substantivo MÊS com incorporação de numeral indicando quantidade de tempo, ou seja, durante três meses. Seguindo a marcação de tempo temos o pronome indefinido NADA, indicando ausência, fazendo referência ao verbo omitido NÃO-TER, com necessidade de complemento INTÉPRETE. A oração (ii) IX-EU APRENDER NADA, apresenta como sujeito IX-EU, verbo APRENDER, e pronome indefinido NADA. A oração (iii) TEMPO JOGAR-FORA, apresenta como tema TEMPO e verbo circunstancial JOGAR-FORA. A oração (iv) APRENDER NADA, discursivamente relacionada as anteriores, reforça o sentido, com o verbo APRENDER e pronome indefinido NADA. A oração (v) se apresenta como um questionamento, COMO FUTURO TRABALHAR SURDO. Nessa oração identificamos o advérbio interrogativo COMO, marcação de tempo com o substantivo FUTURO, seguido da ação com o verbo TRABALHAR, e a circunstâncias indicado pelo adjetivo SURDO.

As orações (vi), (vii) e (viii) estão interligadas pelo recurso de boia ou listagem de recursos empregados como um conjunto ou associação de itens ou frases. Os itens da lista envolvem os recursos utilizados pelo participante da pesquisa para fazer valer seu direito de acesso a intérprete de Libras. O primeiro item (vi) é CHAMAR TELEVISÃO ENTREVISTAR, com esse item observamos um verbo transitivo CHAMAR o argumento (objeto direto) TELEVISÃO, com o intuído de propor uma ENTREVISTA. Apesar de também poder ser verbo transitivo ENTREVISTAR não exigiu um complemento, de modo que apesentou a possibilidade de gramaticalização para

substantivo. Segundo item (vii) **CHAMAR JORNAL DIVULGAR**, de forma semelhante ao primeiro, inicialmente apresentou o verbo transitivo CHAMAR, seguido do objeto direto JORNAL, com o intuito de DIVULGAR a situação, ou de fazer a DIVULGAÇÃO. E, terceiro (viii) item, **PROCESSAR MINISTÉRIO PÚBLICO**. O verbo PROCESSAR, com sentido de mover uma ação judicial contra alguém, também necessita de um complemento. Nesse caso o complemento, que é quem poderia sofrer a ação está ausente, pelo contexto é identificado como FACULDADE. O verbo é sucedido pelo substantivo MINISTÉRIO PUBLICO com função locativa, onde se realiza a ação. Devido à ausência de complemento, podemos compreender o verbo como um substantivo PROCESSO, desfazendo assim essa ambiguidade. Podemos perceber também a possibilidade de gramaticalização desse item.

A oração (ix) se apresenta de modo independente, e utiliza do recurso de *role shift*. Esse recurso envolve o sinalizador assumir a posição dos referentes ausentes (de quem se fala), alternando a posição de sinalização para representar cada um desses referentes em uma situação de diálogo. No caso da oração (ix) a fala representada é da FACULDADE, identificada pelo contexto discursivo do excerto. Utilizando pronominal dêitico introduz a oração indicando IX-ELES, assume a posição deles, NÃO, NÃO, **ESPERAR POUCO**, observamos a repetição do advérbio NÃO, indicando negação, seguido após uma pausa do verbo ESPERAR e do advérbio de quantidade POUCO, indicando espera por um cuto período de tempo, porém indeterminado.

Na oração (x) **DEPOIS TRÊS-MESES CONSEGUIR INTÉRPRETES**, começamos a ver o desfecho da situação discursiva. A oração é introduzida pelo advérbio de tempo DEPOIS, seguido do substantivo com incorporação de numeral TRÊS-MESES, verbo CONSEGUIR, argumento interno INTÉRPRETE. A oração (xi) **TRÊS BOLSISTAS DENTRO UNIVERSIDADE FEDERAL SABER LIBRAS** é desdobramento da (x), iniciada como numeral TRÊS indica a quantidade do substantivo BOLSISTA. Local onde atua esses bolsistas é indicado pelo advérbio DENTRO, que se realiza como item prepositivo “no/na”, local UNIVERSIDADE (substantivo) FEDERAL (adjetivo). O verbo SABER seguido do substantivo LIBRAS, retoma e qualifica os bolsistas.

Entre os determinantes identificamos o pronome indefinido NADA que determinou INTÉRPRETE. O pronome pessoal IX-ELES que atualizou o substantivo FACULDADE. O numeral três que indicou tempo incorporado a MESES e quantidade

junto a BOLSISTAS, determinando tais itens. Em relação as categorias combinatórias, enquanto item prepositivo identificamos o advérbio de lugar DENTRO.

Ainda nas categorias combinatórias, identificamos os itens com função conectiva o advérbio interrogativo COMO. O advérbio de tempo DEPOIS que introduziu a oração (x). E, os recursos de boia, *role shift*. Ao encontro do IC e dos estudos de Soares (2020) o uso do mecanismo de boia, item utilizado para enumerar coisas, realiza a função de adicionar itens na Libras e equivale as conjunções aditivas, tais como MAIS e TAMBÉM. Também, como exemplo de coesão por substituição na Libras, Soares (2020) apresenta o mecanismo de *role shift*, esse mecanismo utiliza a marcação no espaço por meio do posicionamento do corpo, movimentos da face e expressões faciais que funcionam como referente ao longo de todo o período sinalizado. Na sentença (ix), a partir desses recursos supracitados, o sinalizante enunciador tomou a perspectiva em IX-ELES, e relata, NÃO, NÃO, ESPERAR POUCO.



COM-O-TEMPO IX-EU **FORMAR** PEDAGOGIA 2009_(i) IX-EU **ENTRAR** LETRAS/LIBRAS, **ENTRAR** 2008_(ii) ANO 2012 **FORMAR** IX-ESSE_(iii) MAIS (adição) INTERCÂMBIO IX-LÁ ESTADOS UNIDOS (sinal da universidade) 2011 PASSADO_(iv) EXPERIÊNCIA JÁ **VOLTAR** **FORMAR**_(v). (EXCERTO 13)

Com o tempo me formei em Pedagogia, em 2009. Em 2008 ingressei no curso de Letras/Libras. Conclui a graduação em Letras/Libras em 2012. Durante a segunda graduação, em 2011, tive a experiência de fazer intercâmbio em uma universidade nos Estados Unidos, quando retornei me graduei. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são PEDAGOGIA, 2009, LETRAS/LIBRAS, 2008, ANO, 2012, INTERCÂMBIO, ESTADOS UNIDOS, 2011 e EXPERIÊNCIA. Os itens que representam ação, processos e estado são FORMAR, ENTRAR e VOLTAR.

Itens gramaticais: Marcador de tempo COM-O-TEMPO, pronome pessoal IX-EU, pronome demonstrativo IX-ESSE, conjunção aditiva MAIS, locativo adverbial IX-LÁ, advérbio de tempo PASSADO e advérbio de tempo e aspecto JÁ.

O excerto acima apresenta cinco orações, elas estão ligadas discursivamente pelo assunto central, o processo de formação. A oração (i) COM-O-TEMPO EU **FORMAR PEDAGOGIA** 2009, apresenta sentido independente. A oração apresenta marcador de passagem de tempo COM-O-TEMPO, sujeito que é o pronome pessoal IX-EU, predicador FORMAR, complemento PEDAGOGIA, seguido pelo numeral 2009 que indica o ano. A oração (ii) também apresenta sentido independente, EU **ENTRAR LETRAS/LIBRAS, ENTRAR** 2008. A oração é composta por sujeito IX-EU (pronome pessoal), verbo ENTRAR, locativo LETRAS/LIBRAS (substantivo), repetição do verbo ENTRAR e indicação do tempo, ano 2008. Observamos a ausência do item CURSO que foi omitido e substituído por PEDAGOGIA e LETRAS/LIBRAS. Também observamos a ausência do item ANO que também foi omitido e substituído 2009 e 2008. Conforme IC, Soares (2020) denomina de coesão por elipse quando ocorre de alguns termos serem omitidos por identidade superficial do texto. Conforme o autor a elipse envolve quaisquer omissões na fala do locutor, onde os interlocutores as percebem e realizam a pressuposição do que não foi comunicado. Essas ocorrem pela omissão de termos verbais, locuções verbais e, como no caso acima, de termos nominais.

A oração (iii) ANO 2012 **FORMAR** IX-ESSE, não apresenta sentido independente e está hipotáticamente ligada a (ii) para completar seu sentido. A esse respeito Silva (2019) pontua que a hipotaxe corresponde as orações subordinadas adverbiais que exercem a função de adjunto adverbial. A oração é introduzida por marcador de tempo ANO 2012, verbo FORMAR, e pronome demonstrativo IX-ESSE indicando o curso anteriormente mencionado LETRAS/LIBRAS. A oração (iv) MAIS (adição) **INTERCÂMBIO** IX-LÁ ESTADOS UNIDOS (sinal da universidade) 2011 PASSADO, é independente e está estabelecendo uma relação de coordenação com (ii). A oração é introduzida pela conjunção coordenativa aditiva, realizada com o sinal de adição oriundo da matemática, na Libras. Com a intenção de exprimir acréscimo após a conjunção é realizado o item INTERCÂMBIO, precedido do advérbio locativo IX-LÁ, e do lugar ESTADOS UNIDOS (substantivo próprio) e o sinal da universidade o que especificou ainda mais o referente de lugar. Observamos também a marcação do tempo com indicação do numeral 2011 referente ao ano e advérbio de tempo PASSADO.

Na sentença (iv) observamos a ausência de verbo, tais como, ENTRAR, INGRESSAR e FAZER. Identificamos apenas a direcionalidade, como no verbo IR, no locativo adverbial IX-LÁ. Soares (2020) aponta a omissão de verbos como exemplo de

coesão por elipse na Libras. Dentre os identificados pelo autor estão o verbo copular É, EXPLICAR e TER, apresentam elipse. Também em nomes, como um caso de omissão do pronome pessoal IX-EU antecedido do verbo TER. Porém, conforme Soares (2020), essas omissões não prejudicam o entendimento da sentença, considerando que pelo contexto e elementos gramaticais visuais, a mensagem é compreendida.

A oração (v) **EXPERIÊNCIA JÁ VOLTAR FORMAR**, também se apresentou de forma independente, relacionada com as orações anteriores discursivamente. A oração é introduzida pelo substantivo **EXPERIÊNCIA** que é o tópico que faz referência a **INTERCÂMBIO**, precedido do advérbio de tempo e aspecto **JÁ**, que marca o término da atividade, ideia reforçada pelo verbo **VOLTAR** e concluída com a ação de **FORMAR**.

Representando as categorias determinativas identificamos os itens referenciais, pronome demonstrativo **IX-ESSE** que atualizou o item **LETRAS/LIBRAS** e advérbio de lugar **IX-LÁ** que antecedeu e determinou o substantivo **ESTADOS UNIDOS**. Ao encontro do IC e de Câmara Jr. (1970) esses itens apresentam a noção de gênero neutro, ou seja, podem se referir a; coisas inanimadas, pronomes demonstrativos (isto, isso, aquilo). Entre os itens com características combinatórias identificamos a conjunção aditiva **MAIS** que introduziu a oração (iv). Conforme os dados analisados, com base no IC, em Silva (2019), a conjunção aditiva **MAIS** (adição matemática), ocorreu quando implicado um resultado. Divergindo dessa forma, na sentença (iv) **MAIS** (adição) **INTERCÂMBIO IX-LÁ ESTADOS UNIDOS**, envolveu acréscimo de informação, implementando o aspecto discursivo.



DEPOIS MESTRADO **ENTRAR** 2010_(i) **ENTRAR**
 MESTRADO EDUCAÇÃO/ENSINAR_(ii) **COM-O-TEMPO**
FORMAR 2013 **TERMINAR** (informação separada por bloco)_(iii) CONCURSO PROVA **ESCREVER/ ESCRITA SÓ**
 2012 (expressão facial de dúvida) **NÃO, NÃO, 2013 IX-**
ISSO_(iv) 2013 **IX-EU CONCURSO PROVA**
ESCREVER/ESCRITA_(v) **UM-ANO DEPOIS ENTRAR**
MEU TRABALHAR/TRABALHO_(vi) (EXCERTO 14)

Eu ingressei no curso de Mestrado em Educação no ano de 2010. Conseguí concluir o mestrado em 2013. Ou será que foi em 2012? Não, foi em 2013 mesmo. Nesse mesmo ano fiz a prova escrita do Concurso em 2013. Um ano depois disso já estava trabalhando. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são MESTRADO, 2010, CONCURSO, PROVA, 2012, NÃO, 2013, UM, ANO e TRABALHO. Os itens que representam ação, processos e estado são ENTRAR, FORMAR, TERMINAR e FORMAR. E, os itens que representaram propriedade/atributo são EDUCAÇÃO e ESCRITA.

Itens gramaticais: Advérbio de tempo DEPOIS, o marcador de tempo COM-O-TEMPO, advérbio aspectual SÓ/APENAS, pronome demonstrativo IX-ISSO, pronome pessoal IX-EU, pronome possessivo MEU.

O excerto 14 é composto por seis orações independentes que estão ligadas discursivamente. As orações (i) e (ii) estão relacionadas por parataxe. A oração (i), DEPOIS MESTRADO ENTRAR 2010 é complementada por (ii) ENTRAR MESTRADO EDUCAÇÃO. A primeira oração é introduzida pelo advérbio de tempo DEPOIS, precedida do substantivo MESTRADO que completa o sentido de ENTRAR. Observamos o numeral 2010, sem o especificador ANO. Na segunda oração a ordem dos itens é alterada, o item que introduz a oração é o verbo ENTRAR seguido do seu complemento MESTRADO precedido do substantivo/verbo com função adjetiva nesse contexto EDUCAÇÃO/ENSINO/ENSINAR.

A oração (iii) COM-O-TEMPO FORMAR 2013 TERMINAR, também apresenta sentido independente. O marcador discursivo de tempo COM-O-TEMPO foi precedido pelo verbo FORMAR, pelo numeral 2013 (sem o especificador ano), e pelo verbo conclusivo TERMINAR de modo intransitivo. A oração (iv) CONCURSO PROVA ESCREVER SÓ 2012 expressão facial de dúvida NÃO, NÃO 2013 ISSO, também apresenta sentido independente, se isolada. A oração é introduzida pelos substantivos CONCURSO e PROVA, sendo que o sinal para concurso é derivado de prova. O verbo escrever se realiza com sentido adjetivo de prova, como em PROVA ESCRITA. Desse modo observamos a ausência do verbo FAZER. O advérbio SÓ/APENAS indicou aspecto de tempo precedido pelo numeral 2012, sem o especificador ano. Em, NÃO, NÃO 2013 IX-ISSO, identificamos discursivamente a necessidade de corrigir o que foi dito, revisando o texto sinalizado, retoma a informação e modifica o discurso indicando o ano corretamente 2013, precedido pelo pronome demonstrativo IX-ISSO que indicou confirmação.

A oração (v) 2013 EU CONCURSO PROVA ESCREVER, também se apresenta de modo independente. O numeral 2013 indicou o tempo, mesmo com a ausência do especificador ano. O pronome pessoal IX-EU indentificou o sujeito da oração. Observamos a ausência do verbo fazer. Desse modo, após o pronome pessoal, foram realizados os substantivos CONCURSO e PROVA. O verbo ESCREVER, assim como na oração (iv) se realizou com sentido adjetivo de prova, como em PROVA ESCRITA. A oração (vi) indica o resultado do concurso, porém se isolada, apresenta sentido completo, a saber: UM-ANO DEPOIS **ENTRAR MEU TRABALHAR**. Nessa oração identificamos como marcador de tempo o substantivo com incorporação de numeral UM-ANO, precedido do advérbio de tempo DEPOIS, também especificando o aspecto de tempo. O verbo ENTRAR foi sucedido pelo pronome possessivo MEU que modificou TRABALHAR (verbo) para substantivo TRABALHO.

Os itens com características determinativas foram o pronome demonstrativo IX-ISSO que foi posposto a 2013 determinando-o. E o pronome pessoal MEU que modificou o verbo TRABALHAR em substantivo TRABALHO e, o determinou. O advérbio de tempo DEPOIS especificou e determinou ainda mais o item UM-ANO, na oração (vi). Ao encontro do IC, Felipe (2007) explica que na Libras há diferentes formas para apresentar os numerais, uma delas é quando esses são utilizados como quantitativos para indicar medida. A realização dos numerais quantitativos pode variar bastante, ao encontro de Felipe (2007), esses podem ser acrescidos na realização dos sinais, conforme acima, por meio do fenômeno de incorporação. Para Dubois *et al* (2007), os numerais ordinais são como adjetivos qualificativos, sendo que antepostos aos substantivos indicam-lhe a ordem, observamos essa característica no item acima que, ao mesmo tempo que quantifica estabelece a ordem de tempo.

Ainda, compondo a base teórica do IC, Soares (2020), aponta a coesão referencial com o efeito de referência pela recuperação da informação. De acordo com o autor, são utilizados para essa função pronomes pessoais, demonstrativos, comparativos, construções lexicais e até advérbios. Identificamos esses itens que realizam retomada como tendo a função determinativa, porém também se constituem como itens coesivos, contribuindo para composição dos sinais em enunciados pronunciáveis e entendíveis. Percebemos que, nesse sentido, certos advérbios como o temporal DEPOIS, se apresenta nas duas formas como determinante e item conectivo, conforme apresentado a seguir.

Entre os itens com características combinatórias identificamos o marcador de bloco de informações realizado após oração (iii). O advérbio de tempo DEPOIS que introduziu a oração independente (i). Certos conectivos podem ser utilizados no início da sentença para apresentar e introduzir uma ideia, no caso do item DEPOIS enquanto conectivo estabeleceu também a relação temporal de posterioridade. Embora na língua portuguesa as conjunções temporais sejam introdutoras de orações subordinadas adverbiais temporais, no excerto acima em relação ao anterior, representou uma sequência do assunto anterior. Soares (2020) também identificou essas conjunções temporais na Libras, que estabelecem uma relação de localização de tempo nas sentenças.



COM-O-TEMPO DEPOIS DOUTORADO **ENTRAR**_(i)
 PORQUE MEU **TRABALHAR/TRABALHO**
PRECISAR/PRECISA_(ii) **ESPERAR** FILA_(iii)
 PROFESSORES **ESPERAR** conseguiram LICENÇA_(iv) 2-
 ANOS, 3-ANOS, **ESPERAR** PROFESSOR **SUBSTITUIR**_(v)
 LEI REGIMENTO **CONTRATAR** PROFESSOR
SUBSTITUIR_(vi) ANO 2021 **CONSEGUIR** LICENÇA
 DOUTORADO_(vii) **ENTRAR ESTUDAR** UNIVERSIDADE
 (sinal da universidade) **ESTUDAR**_(viii). (EXCERTO 15)

Com o passar do tempo consegui ingressar no curso de Doutorado. Optei por continuar estudando após o concurso porque meu trabalho queria essa formação. Tive que aguardar para obter aprovação da licença capacitação. A instituição segue uma ordem ou listagem para liberação. A universidade, também precisa seguir a legislação, o regimento, para a contratação do professor substituto. Devido a isso quem é professor efetivo fica aguardando 2, 3 anos para poder conseguir a licença para estudar. Em 2021 consegui a licença e comecei a estudar. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são TRABALHO, FILA, ANO, 2, 3, PROFESSOR, LEI, REGIMENTO, 2021, LICENÇA e UNIVERSIDADE. Os itens que representam ação, processos e estado são ENTRAR, PRECISAR, ESPERAR/AGUARDAR, CONTRATAR, CONSEGUIR, ENTRAR e ESTUDAR. E, os itens que representaram propriedade/atributo são SUBSTITUTO e DOUTORADO.

Itens gramaticais: O marcador de tempo COM-O-TEMPO, advérbio de tempo DEPOIS, pronome pessoal MEU e a conjunção explicativa PORQUE.

O excerto 15 trata sobre os processos de ingresso no curso de doutorado. A oração (i) **COM-O-TEMPO DEPOIS DOUTORADO ENTRAR**, se realiza com sentido independente. Nessa oração temos o marcador de passagem de tempo **COM-O-TEMPO** precedido do advérbio de tempo **DEPOIS**. O verbo **ENTRAR** é precedido pelo seu argumento interno, o substantivo **DOUTORADO**. A oração (ii) é hipotáticamente dependente de (i), uma vez que funciona como complemento de (i), a saber, **PORQUE MEU TRABALHAR PRECISAR**. A oração (ii) é iniciada pela conjunção **PORQUE** que exprime o sentido de causa. O verbo **TRABALHAR** é precedido pelo pronome possessivo **MEU**, e desse modo se realizou também com função substantiva **TRABALHO**, indicando a entidade e não a ação. Com base em Neves (2006) um elemento pode pertencer a mais de uma classe, esses sinais multifuncionais, parecem ser bem produtivos na Libras. O verbo **PRECISAR** aparece ao final da oração, indicando sentido de necessidade, também estabelece relação com **TRABALHO**.

A oração (iii), **ESPERAR FILA**, se apresenta de modo independente. A oração é composta pelo verbo **ESPERAR**, e o substantivo **FILA**, sem a necessidade de item prepositivo, uma vez que o substantivo já indica o local. A oração (iv) **PROFESSORES ESPERAR conseguir LICENÇA**, também apresenta sentido independente, está ligada as orações anteriores pelo contexto discursivo. A oração é introduzida com o substantivo **PROFESSOR** (agente) seguido do verbo **ESPERAR** e seu complemento **LICENÇA**. A oração (v) **2-ANO, 3-ANO, ESPERAR PROFESSOR SUBSTITUIR**, também possui sentido independente, mas está discursivamente ligada a oração anterior (iv) com função explicativa complementar não obrigatória. Iniciada com marcadores de tempo utilizando substantivos com incorporação de numerais **2-ANO** e **3-ANO**, seguido pelo verbo **ESPERAR** (retomado da oração anterior) e seu complemento **PROFESSOR SUBSTITUIR**. O verbo **SUBSTITUIR** inserido após **PROFESSOR** se realiza com função de adjetivo, ou seja, como atributo **SUBSTITUTO**. A oração (vi) **LEI REGIMENTO CONTRATAR PROFESSOR SUBSTITUIR**, também é independente sintaticamente, porém discursivamente complementa as orações anteriores (iv) e (v). A oração é iniciada pelo substantivo **LEI** seguido do seu especificador **REGIMENTO** e do verbo **CONTRATAR**, seguido do argumento interno **PROFESSOR SUBSTITUIR**. O verbo **SUBSTITUIR**, que precede o substantivo **PROFESSOR**, também se realiza com função de adjetivo, ou seja, como atributo **SUBSTITUTO**.

A oração (vii) ANO 2021 **CONSEGUIR LICENÇA DOUTORADO**, também se apresenta sintaticamente independente das orações anteriores e posteriores, mas ainda trata discursivamente das condições de acesso ao doutorado. A oração é introduzida por marcador de tempo, indicado pelo substantivo ANO seguido do numeral 2021. E, precedida pelo verbo CONSEGUIR e seu argumento interno LICENÇA DOUTORADO. O item DOUTORADO apesar de ser substantivo se realizou como adjetivo, acompanhando e qualificando o termo LICENÇA. Com essa construção a sentença dispensou o uso da preposição ‘para’ e do verbo ‘fazer’. A oração independente (viii) **ENTRAR ESTUDAR UNIVERSIDADE** (sinal da universidade) **ESTUDAR**, apresentou sentido conclusivo ou de desfecho. Introduzida pelo verbo ENTRAR e, apesar de não estar na sequência linear, foi precedido pelo substantivo UNIVERSIDADE e o sinal (substantivo próprio) da instituição indicando o local sem necessidade de uso de preposição. O verbo ESTUDAR foi realizado duas vezes, nessas duas vezes se realizou como verbo e, não como substantivo AULA, exprimindo ação, porém não exigindo complemento.

Aproximando a análise do IC, os itens que se apresentaram como determinativos foram o pronome possessivo MEU que determinou o verbo/substantivo TRABALHO. Os numerais 2 e 3 incorporado ao substantivo ANO, e o numeral 2021 que também determinou o substantivo ANO. O substantivo/adjetivo DOUTORADO que determinou LICENÇA. O verbo/adjetivo SUBSTITUTO que determinou o substantivo PROFESSOR. Araújo (2020) elucida que os adjetivos podem atuar como modificadores de substantivos, sendo que, quando colocados juntos a esses itens podem, além de acrescentar-lhes uma qualidade e atribuição, incluir também extensão lhes modificando o sentido. Nessa direção identificamos que DOUTORADO e SUBSTITUIR, apesar de serem palavras oriundas de outras classes realizaram essa função de modificadores de substantivo. Para Rodrigues e Souza (2019), essa trajetória é compatível com o fenômeno de gramaticalização, conforme mencionado, em que um item lexical passa a desempenhar funções gramaticais.

O item que apresentou função combinatória, relacionado aos itens conetivos foi a conjunção causal PORQUE apresentado na segunda oração, PORQUE MEU **TRABALHAR PRECISAR**. Conforme Kenedy e Othero (2018), autores integrantes do IC, as orações hipotáticas correspondem as orações subordinativas adverbiais que exercem a função de adjunto adverbial. De forma semelhante a conjunção adverbial

PORQUE estabeleceu uma relação de causa, em relação a sentença (i) COM-O-TEMPO DEPOIS DOUTORADO ENTRAR. Rodrigues e Souza (2019), afirmam que a língua portuguesa, apresentam a situação em que uma mesma conjunção, como a conjunção *porque*, pode ser usada em sentenças em vários domínios (explicativa, causal, conclusiva). Podemos constatar que na Libras o uso dessa conjunção, de forma semelhante, pode funcionar como conjunção coordenada explicativa e subordinativa adverbial causal.

Analisamos a fala sinalizada do Participante 3 ao descrever estratégias didática e metodologica que ele utiliza para ensinar Libras como primeira língua para ouvintes.



IX-EU CL (pessoa) PROFESSOR ESTUDAR/AULA OUVINTE 60 HORAS (marcação de tempo no rosto)_(i) ENSINAR 1-VEZ SEMANA POUCO_(ii) ENSINAR ADQUIRIR/AQUISIÇÃO FLUÊNCIA VERDADE (expressão facial de incerteza)_(iii) NÃO_(iv). (EXCERTO 16)

Eu ministro a disciplina [de Libras] para ouvintes que tem carga horária de 60 horas. A disciplina é ofertada apenas uma vez por semana. Dessa forma não dá para os alunos adquirirem fluência na língua. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são PROFESSOR, AULA, 60, HORAS, 1-VEZ, SEMANA, AQUISIÇÃO, FLUÊNCIA, VERDADE. Os itens que representam ação, processos e estado são ENSINAR, ADQUIRIR. E, os itens que representaram propriedade/atributo são OUVINTE e POUCO.

Itens gramaticais: Pronome pessoal IX-EU, advérbio de negação NÃO e classificador direcional para pessoa.

O excerto 16 apresenta quatro orações que são independentes, mas que apresentam discursivamente relação de sentido. A oração (i) IX-EU CL (pessoa) PROFESSOR ESTUDAR/AULA OUVINTE 60 HORAS marcação de tempo no rosto, é introduzida pelo pronome pessoal IX-EU na qualidade de sujeito, seguido do classificador para pessoa, que no caso se realizou com sentido de SER, pois indicou estado, complementado pelo substantivo PROFESSOR. O verbo ESTUDAR posposto a IX-EU PROFESSOR, apresentou sentido de substantivo AULA, considerando que o professor pratica a ação de DAR AULA nesse contexto discursivo, como opção de substituição do verbo ENSINAR.

O adjetivo OUVINTE posposto a AULA, indicou quem recebe ação, ou seja, para quem o professor da aula. E, 60 HORAS se realizou como aspecto de duração de tempo da ‘disciplina’ de Libras, sendo que o termo ‘disciplina’ embora exista na Libras foi omitido. A oração (ii) **ENSINAR** 1-VEZ SEMANA POUCO, foi introduzida pelo verbo ENSINAR, precedido pelo substantivos VEZ (com incorporação de numeral) e SEMANA, designou a ocorrência do evento, sucedido pelo item qualificador POUCO (adjetivo).

A oração (iii) **ENSINAR** AQUISIÇÃO/ADQUIRIR FLUÊNCIA VERDADE expressão facial de incerteza, se apresenta como uma interrogativa, uma pergunta retórica. Introduzida pelo verbo ENSINAR (ação realizada) verbo direcional realizado no espaço neutro em frente ao emissor, precedida por ADQUIRIR (ação recebida) realizada com direção voltada ao corpo do emissor. O substantivo FLUÊNCIA se realizou como complemento de ADQUIRIR. O substantivo VERDADE foi realizado com expressão facial de incerteza e com entonação de pergunta. A resposta óbvia é apresentada na frase (iv) NÃO.

Entre as categorias determinativas identificamos o classificador para pessoa que acompanhou o substantivo PROFESSOR e precedeu o pronome pessoal IX-EU. Ao encontro do IC e de Lyons (1977) o classificador acima foi utilizado de forma particular com sentido de SER (indicando estado), mas também função pronominal e com referência dêitica, se referindo ao locutor. O numeral qualitativo 60 que determinou o substantivo HORAS. Também, o numeral incorporado 01 que quantificou e determinou o substantivo VEZ. Os numerais acima foram utilizados também para indicar medida, conforme pontua Felipe (2007). Observamos que os numerais à medida que quantificam também determinam os substantivos que acompanham, compondo sintagmas. O item POUCO que também pode apresentar a função de pronome indefinido, qualificou e determinou 1-VEZ por SEMANA, apresentando sentido também adjetivo, à medida que complementou mais de um termo.

Entre as categorias combinatórias, identificamos o uso de perguntas como mecanismo de articulação. Na sentença, **ENSINAR** AQUISIÇÃO FLUÊNCIA VERDADE, a pergunta foi marcada pela expressão facial de incerteza do enunciador. Ao encontro do IC ao citar Soares (2020) os mecanismos conectivos podem ocorrer pelo uso da dimensão espacial e da possibilidade de articulação visual, manual e de marcação não-manual como parâmetro linguístico. A esse respeito conforme observado na sentença acima, a utilização dos sinais

se deu a partir de marcação não manual, considerando que a pergunta é retórica apresenta características conclusivas.



MINHA EXPERIÊNCIA ENSINAR FACULDADE (boia) 1º TEORIA, 2º PRÁTICA, 3º COMUNICAR BÁSICO (extensão do movimento, muito básico)_(i) IX-ELES ALUNOS FACULDADE APRENDER SÓ SABER SÓ_(ii), DISCIPLINA SABER QUEM É CL (pessoa) SURDO_(iii) FUTURO IX-ELES FORMAR RESPEITAR SURDO FORA_(iv) PORQUE IX-LÁ ESCOLA JÁ TER INTÉRPRETE IX-LÁ_(v) IX-ELES APRENDER (*role shift*) OI, BOM?_(vi) RESPEITAR SÓ_(vii) COMUNICAR, FLUÊNCIA NÃO_(viii). (EXCERTO 17)

Pela minha experiência com o ensino na faculdade são trabalhadas a parte teórica, prática e comunicação básica. Os alunos nessa disciplina vão aprender noções básicas só para ter conhecimento sobre. Com essa disciplina vão saber quem é o Surdo. Para que quando eles formarem, fora do contexto acadêmico, saibam lidar com o Surdo. Porque quando forem trabalhar na escola já vão ter acesso a intérprete de Libras. Mas vão tratar os surdos de forma respeitosa, cumprimentá-los. Mas, a disciplina não oportuniza possibilidade de os alunos adquirirem fluência. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são EXPERIÊNCIA, FACULDADE, TEORIA, PRÁTICA, ALUNO, DISCIPLINA, ESCOLA, INTÉRPRETE, FLUÊNCIA. Os itens que representam ação, processos e estado são ENSINAR, COMUNICAR, APRENDER, SABER, É, FORMAR, RESPEITAR e TER. Os itens que representam propriedade/atributo são BÁSICO e SURDO. E, os itens que correspondem a interjeições são OI e BOM.

Itens gramaticais: Pronome possessiva MINHA, indicador de tempo FUTURO, boia, pronome pessoal IX-ELES, advérbio aspectual SÓ/APENAS, pronome relativo QUEM, classificador direcional para pessoa, advérbio FORA, conjunção explicativa PORQUE, advérbio de tempo e aspecto JÁ, locativo adverbial IX-LÁ e advérbio de negação NÃO.

As orações no excerto 17 se apresentam com sentido independente, sendo que as orações de (i) a (iv) se apresentam justapostas. A oração (i) MINHA EXPERIÊNCIA ENSINAR FACULDADE (boia) 1º TEORIA, 2º PRÁTICA, 3º COMUNICAR BÁSICO, é introduzida pelo pronome possessivo MEU/MINHA que determina o substantivo EXPERIÊNCIA. O verbo ENSINAR foi precedido pelo substantivo

FACULDADE que indicou lugar, dispensando o uso de preposição. Com recurso de boia listou ou pontuou itens. Os itens foram realizados com a mão dominante, enquanto a mão de apoio enumerava e listava os itens simultaneamente. Primeiro item, substantivo TEORIA. Segundo item, substantivo PRÁTICA. Terceiro e, último item, verbo COMUNICAR precedido do adjetivo BÁSICO, realizado com extensão de movimento para indicar intensidade, com sentido de muito básico. O verbo COMUNICAR que foi precedido por um adjetivo que o qualificou, se apresentou com sentido mais próximo a substantivo COMUNICAÇÃO, pelo processo de gramaticalização.

A oração (ii) IX-ELES ALUNOS FACULDADE APRENDER SÓ SABER SÓ, apresenta sentido independente e está justaposta a oração anterior à medida que reafirma que o ensino de Libras é básico. Introduzida pelo pronome pessoal IX-ELES que determina o substantivo ALUNOS. O substantivo FACULDADE indica lugar e especifica a categoria de ALUNOS, com função locativa e adjetiva. O sujeito, os alunos da faculdade, realizam a ação de APRENDER. O item SÓ apresenta sentido de apenas e se realiza como advérbio aspectual. A informação é reforçada com o verbo SABER e advérbio aspectual SÓ/APENAS, com sentido de nada mais do que isso, apenas saber o básico, se inteirarem do assunto. A oração (iii) DISCIPLINA SABER QUEM É CL (pessoa) SURDO, apesar de independente está justaposta a anterior, e complementa o sentido sobre o que os alunos precisam aprender com a disciplina de Libras. Apresenta topicalizado o substantivo DISCIPLINA, e como objetivo desta apresenta a informação SABER QUEM É O SURDO. O verbo SABER foi precedido pelo pronome relativo QUEM, seguido do verbo É, com sentido de ser, ter identidade SURDO. O Classificador precedeu o adjetivo SURDO o determinando, de forma semelhante a um artigo definido.

A oração (iv) FUTURO IX-ELES FORMAR RESPEITAR SURDO FORA, apresenta sentido independente. A oração é iniciada pelo marcador de tempo FUTURO, precedido do pronome pessoal IX-ELES, sujeito da oração. O verbo intransitivo FORMAR apresenta sentido de terminar o curso universitário, precedido ao indicador FUTURO que apresenta aspecto de tempo, alterando o verbo de acordo com o momento em que a ação acontecerá. O verbo RESPEITAR indica a ação que se espera que IX-ELES façam. O verbo RESPEITAR seleciona como argumento interno o adjetivo SURDO, que é quem recebe a ação. O advérbio de lugar FORA relacionado a FORMAR, indica que a ação deve ocorrer fora do espaço acadêmico.

A oração (v) PORQUE IX-LÁ ESCOLA JÁ TER INTÉRPRETE IX-LÁ, apresenta uma relação de coordenação com (iv). A oração é introduzida pela conjunção coordenativa explicativa PORQUE. Apresenta também advérbio de lugar IX-LÁ antecedendo ESCOLA, determinando lugar. O item JÁ se apresenta como advérbio de tempo e aspecto anteposto ao verbo TER, que exige argumento interno INTÉRPRETE. O advérbio de lugar IX-LÁ é repetido para intensificar o sentido. Assim, o conteúdo da disciplina vai focar em compreender sobre a identidade Surda, poque na escola, espaço de atuação das licenciaturas, já terão acesso ao intérprete de Libras que irá mediar a comunicação.

A oração (vi) IX-ELES APRENDER (*role shift*) OI, BOM? apresenta sentido independente. O sujeito da oração é IX-ELES (pronome pessoal) que realizam a ação de APRENDER a cumprimentar os surdos. Utilizando o recurso de *role shift*, em que o enunciador assume a fala na terceira pessoa, pela alteração da posição no espaço, marcando o referente ausente IX-ELES. Relacionada a fala na terceira pessoa estão os itens OI e BOM que expressam um cumprimento positivo de boas-vindas, correspondentes a interjeições. A oração (vii) RESPEITAR SÓ, apesar de independente, complementa o sentido das orações anteriores. O verbo RESPEITAR é precedido pelo advérbio SÓ apresentou função de modo, com sentido de apenas ou nada mais que isso. Na oração (viii) COMUNICAR FLUÊNCIA NÃO, o item FLUÊNCIA apesar de ser substantivo apresentou função adverbial de modo ao preceder o verbo COMUNICAR, seguido da negativa, ou seja, os alunos não irão aprender a se comunicar fluentemente na Libras. Desse modo o sentido de (viii) apesar de isolada apresentar sentido independente, dentro do excerto adquire sentido mais amplo e completo.

Entre as categorias determinativas identificamos o pronome pessoal MEU/MINHA que determinou o substantivo EXPERIÊNCIA. O adjetivo BÁSICO que qualificou e determinou COMUNICAR/COMUNICAÇÃO. O pronome pessoal IX-ELES que acompanhou ALUNOS e que, também, atualizou esse substantivo o substituindo nas sentenças. O Classificador para pessoa que acompanhou SURDO o determinando. O advérbio FORA que fez referência a FACULDADE. E, o item IX-LÁ anteposto a ESCOLA. Os itens pronominais se realizaram ao encontro do IC e de Ferreira Brito (1995). O pronome possessivo MEU/MINHA também demonstrou a marcação da pessoa do discurso, no caso o interlocutor, e apresentou configuração de mão usual, sem ser a apontação dêitica. O pronome IX-ELES, no plural conforme Ferreira

Brito (1995), apresentou marcação por apontação dêitica acrescida de movimento semicircular. O classificador, ao encontro de Lyons (1977), também apresentou marcação pronominal direcionado na 3^a pessoa, que indificou e determinou SURDO.

Entre as categorias combinatórias identificamos o mecanismo conectivo de boia e *role shift*, e a conjunção explicativa PORQUE. Esses três elementos coesivos se realizaram ao encontro de Soares (2020), que também compõe a base teórica do IC. O referido autor apresenta o mecanismo *role shift* como exemplo de coesão por substituição, por meio da sintaxe espacial o sinalizante toma a perspectiva da outra pessoa para relatar uma atitude proposicional, como ocorrem em IX-ELES **APRENDER** (*role shift*) OI, BOM? Conforme Soares (2020), identificamos o uso do mecanismo de boia com função aditiva, uma vez que foi utilizada para introduzir itens 1º TEORIA, 2º PRÁTICA, 3º **COMUNICAR BÁSICO**. A conjunção PORQUE é descrita pelo autor como coordenativa explicativa e subordinativa adverbial causal. Nesse caso específico, se realizou conforme a primeira opção considerando sua relação com a oração principal e seu sentido independente; FUTURO IX-ELES **FORMAR RESPEITAR SURDO FORA**_(iv) PORQUE LÁ ESCOLA JÁ TER INTÉRPRETE IX-LÁ_(v).



EXEMPLO (boia) 1º TEORIA corpo direcionado para trás
FALAR ACONTECER PROIBIR LÍNGUA-DE-SINAIS_(i)
 2º SURDO **VIR COMO_(ii)** 3º SURDO **LUTAR_(iii)** 4º
 SURDO BARREIRA ACESSIBILIDADE INCLUSÃO_(iv)
 ENSINAR/EDUCAÇÃO BILÍNGUE_(v). (EXCERTO 18)

Por exemplo: Primeiramente, tratar sobre a proibição do uso das línguas de sinais; Segundo, falar sobre de onde vieram os surdos; Terceiro, tratar sobre a luta dos surdos; Quarto, falar sobre as barreiras que o Surdo enfrenta, questões de acessibilidade e inclusão; Educação bilíngue. (TRADUÇÃO DO EXCERTO EM PORTUGUÊS).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são TEORIA, LÍNGUA-DE-SINAIS, BARREIRA, ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO e EDUCAÇÃO. Os itens que representam ação, processos e estado são FALAR, ACONTECER, PROIBIR, VIR, LUTAR. E, os itens que representam propriedade/atributo são BILÍNGUE e SURDO.

Itens gramaticais: Item EXEMPLO (substantivo), mas que nesse contexto foi utilizado para introduzir oração, boia, direcionamento do corpo para trás indicando passado e advérbio interrogativo COMO.

O excerto 18 possui pelo menos 5 sentenças. As sentenças de (i) a (v) estão aditivamente interligadas pelo mecanismo de listagem enumerada, ou boia. A sentença (i) é introduzida pelo substantivo EXEMPLO, fazendo a articulação com o início da listagem, 1º TEORIA **FALAR ACONTECER PROIBIR LÍNGUA-DE-SINAIS**. O substantivo TEORIA foi topicalizado, sendo que as informações que se sucederam se referiram a esses aspectos teóricos. O movimento direcional do corpo do emissor para trás indicou ações já realizadas, ou seja, com tempo passado. Na sequência são realizados três verbos FALAR, ACONTECER, PROIBIR, cada um complementando o outro. O predicador FALAR nesse contexto, para ter seu sentido completo, necessitou de complemento, e quem realizou essa função foi o verbo ACONTECER que indicou um evento, seguido do verbo PROIBIR que também tende a substantivo, PROIBIÇÃO. Mas devido à ausência da preposição ‘da’, como em ‘proibição da língua de sinais’, se realizou como verbo PROIBIR que, por sua vez para ter seu sentido completo, exigiu o complemento LÍNGUA-DE-SINAIS.

O segundo item listado, 2º SURDO **VIR COMO** (ii), apresenta sentido de como surgiu, de onde vieram os surdos. A sentença apresenta o sujeito SURDO, verbo VIR direcional, com movimento de fora para dentro do espaço neutro a frente do enunciador, seguido do advérbio interrogativo COMO. O terceiro item listado, 3º SURDO **LUTAR**_(iii). O sujeito SURDO é agente e prática a ação de LUTAR. O quarto item é 4º SURDO **BARREIRAS ACESSIBILIDADE INCLUSÃO** (iv). Essa sentença não apresenta verbo. É introduzida pelo sujeito SURDO. Apesar da omissão do verbo, os itens que se seguem BARREIRA, ACESSIBILIDADE e INCLUSÃO indicam que o sujeito é paciente e recebe ou sofre a ação. Os três substantivos estão semanticamente relacionados e são complementares. BARREIRA implica em falta de ACESSIBILIDADE, desse modo BARREIRA pode estar qualificando ACESSIBILIDADE e consequentemente interferir na INCLUSÃO.

A sentença **EDUCAÇÃO BILÍNGUE** (v), também está listado. Porém não é numerado, devido a questões fonológicas, sendo que, geralmente, na Libras utilizamos os dedos indicador, médio, anelar e mínimo para enumerar itens, ao mesmo tempo que sinalizamos com a outra mão. Quando a condição de enumeração simultânea fica impossibilitada os itens continuam sendo adicionados por justaposição, por parataxe. Na sentença (v) o verbo ENSINAR sucedido do adjetivo BILÍNGUE, se refere a entidade e

não a ação, portanto, por gramaticalização se apresenta como ENSINO, vulgo EDUCAÇÃO.

No corpus analisado por Soares (2020), foram identificadas conjunções aditivas que estabelecem uma relação lógica de adição de argumentos ou ideias. Isso foi feito através do uso dos sinais TAMBÉM, BOIA (utilizado para enumerar coisas) e ritmo de sinalização. De modo similar, entre as categorias combinatórias/articuladoras, foi identificado a recorrência de uso do mecanismo conectivo boia, utilizado para listar itens.

Introduzindo as sentenças, em (i) identificamos o item substantivo EXEMPLO. Nos excertos anteriores, o substantivo EXEMPLO desempenhou a função de operador argumentativo, funcionando como um elemento conjuntivo que liga duas orações dependentes. No entanto, neste excerto, EXEMPLO atuou como uma conjunção introdutória de oração ou período. Nesse respeito, considerando o aspecto multifuncional desse e de outros itens, analisados nessa pesquisa, concordamos com Neves (2006), as classes de palavras não devem ser vistas como compartimentos de fronteiras rígidas, estanques e impermeáveis, com conteúdo estabelecido de forma unívoca e imutável.

Ainda ao encontro do IC e dos estudos supracitados, entre os itens determinativos identificamos o adjetivo BILÍNGUE que determinou o substantivo EDUCAÇÃO. O termo BILÍNGUE acrescenta uma dimensão ao verbo ENSINAR, transformando-o em ENSINO ou EDUCAÇÃO. Segundo Araújo (2020), os adjetivos podem modificar substantivos, adicionando-lhes qualidade/atribuição, também estendendo e alterando o seu sentido quando colocados junto a esses itens. No caso acima o item modificado foi um verbo que se gramaticalizou para substantivo.



LÍNGUA-DE-SINAIS ENSINAR/ENSINO_(i) EXEMPLO VÍDEO ESCOLHER DEBATER_(ii) CONVIDAR INTÉRPRETE_(iii) IX-ELES PERGUNTAR (repetição do sinal)_(iv) ACONTECER HISTÓRIA ENSINAR/ENSINO SURDO_(v) FAMÍLIA SOCIEDADE DISCUTIR_(vi) DAR SOMAR/NOTA_(vii). (EXCERTO 19)

Em uma aula de língua de sinais, por exemplo, eu escolho um vídeo para promover um debate. Com auxílio de intérprete os alunos devem fazer perguntas sobre o vídeo. São discutidos tema sobre a história da educação de surdos, família e sociedade. A atividade vale pontos. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são LÍNGUA-DE-SINAIS, ENSINAR, VÍDEO, ENSINO/EDUCAÇÃO, INTÉPRETE, HISTÓRIA, FAMÍLIA, SOCIEDADE e NOTA. Os itens que representam ação, processos e estado são ESCOLHER, DEBATER, CONVIDAR, PERGUNTAR, ACONTECER, DISCUTIR e DAR. E, o item que representa propriedade/atributo é SURDO.

Itens gramaticais: Item EXEMPLO (substantivo) com função de conjunção e pronome pessoal IX-ELES.

No excerto 19 o participante da pesquisa narra uma aula de Libras para ouvinte que geralmente propõe. Na oração (i) LÍNGUA-DE-SINAIS **ENSINAR/ENSINO**, o item ENSINAR/ENSINO apresenta ambiguidade de funções. Se tomado como substantivo, LÍNGUA-DE-SINAIS se apresenta como propriedade de ENSINO. Se tomado como verbo, LÍNGUA-DE-SINAIS se apresenta como argumento de ENSINAR. O excerto (ii) é introduzido pelo substantivo EXEMPLO que realiza articulação discursiva com a oração anterior, EXEMPLO VÍDEO **ESCOLHER DEBATER**. O substantivo VÍDEO é argumento do verbo ESCOLHER e o verbo DEBATER indica a ação que se pretende realizar com o vídeo escolhido, o objetivo de escolher um vídeo é realizar um debate. A oração (iii) CONVIDAR INTÉPRETE apresenta a apenas dois itens o verbo direcional indicando 3^a pessoa CONVIDAR e o seu argumento INTÉPRETE. Também na 3^a pessoa, mas com direção oposta é realizado o pronome pessoal IX-ELES, introduzindo a sentença (iv) IX-ELES **PERGUNTAR** (repetição do sinal). Nesse caso IX-ELES é o sujeito que pratica a ação de PERGUNTAR. O sinal para pergunta se repete várias vezes o que indica que serão realizadas várias perguntas. As sentenças (v) e (vi) estão relacionadas discursivamente a (iv), considerando que com elas, são estabelecidos os assuntos das perguntas a serem realizadas, o que também remete a (ii) escolha do vídeo.

A sentença (v), **ACONTECER HISTÓRIA ENSINAR/ENSINO SURDO**, é introduzida por dois itens que estabelecem relação de tempo passado, ACONTECER (verbo) e HISTÓRIA (substantivo). O sinal de HISTÓRIA também pode se realizar na função do verbo LEMBRAR, porém se realizou como substantivo, completando o sentido de ACONTECER (evento), adicionando o sentido de um conjunto de acontecimentos relacionados a uma época específica. Outro item multifuncional presente na sentença é o verbo/substantivo **ENSINAR/ENSINO (EDUCAÇÃO)**, porém, posposto a HISTÓRIA

e anteposto a SURDO. Nesse contexto o item EDUCAÇÃO se realizou na função de substantivo e SURDO como um adjetivo que o especificou ou determinou.

A sentença (vi) FAMÍLIA SOCIEDADE **DISCUTIR**, continua discursivamente se referindo ao tema do vídeo e da discussão. Os itens FAMÍLIA (substantivo) e SOCIEDADE (substantivo) estão topicalizados e antecedem a ação à se realizar com eles DICUTIR. Retomando discursivamente (i) ENSINAR, a sentença (viii) **DAR SOMAR/NOTA**, se realiza pelo verbo transitivo DAR que exige complemento, sucedido pelo item multifuncional **SOMAR/NOTA**. Precedido ao verbo DAR, na condição de argumento o item se realizou como substantivo.

Com base no aporte teórico do IC, itens que se realizaram como determinantes foram, o verbo direcional com incorporação de pronominal CONVIDAR. Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) destacam que os verbos com concordância envolvem a flexão em pessoa utilizando os processos dêiticos, ou seja, utilizam os referenciais pessoais ou espaciais. No caso do verbo CONVIDAR utilizou o referencial IX-EU que realiza a ação, e o referencial IX-ELES que recebem a ação. Assim, o verbo direcional contribuiu para a formação do enunciado coerente com os referenciais presentes na comunicação.

O verbo também direcional PERGUNTAR foi realizado com configuração neutra, sem referente aparente que recebe a ação, porém concordando com o pronominal IX-ELES que realiza a ação. Já a sinalização do pronome pessoal IX-ELES realizado antes do verbo direcional PERGUNTAR fez referência a pessoas (alunos). Ao encontro de Almeida-Silva (2021) a apontação isolada em posição argumental de um verbo, se realizou como pronome pessoal. Desse modo, conforme o autor, quando a apontação com função de pronomes pessoais ocorre desacompanhada de nomes não há ambiguidade de entendimento.

O substantivo SURDO determinou EDUCAÇÃO. Observamos a recorrência desse fenômeno em que um verbo como o ENSINAR precedido de um item que o qualifica, como no caso SURDO, se modifica e passa a se referir a uma entidade e não a uma ação. Desse modo, o item SURDO qualifica EDUCAÇÃO, conferindo lhe uma característica específica. A qualificação no caso de EDUCAÇÃO SURDA implica uma prática educacional adequada às necessidades específicas das pessoas surdas. O que ocorre ao encontro de Dubois *et al.* (2007), os adjetivos qualitativos podem, além de caracterizar, também determinar. Isso significa que eles não só descrevem uma qualidade,

mas também podem restringir ou especificar o substantivo. No exemplo, SURDO determina um tipo específico de educação, a educação para surdos, qualificando-a e ao mesmo tempo delimitando seu campo de atuação.

Entre as categorias combinatórias identificamos o fenômeno de justaposição, utilizado para relacionar as orações. O fenômeno correu conforme apresentado no IC e em Kenedy e Othero (2018), por parataxe com a estruturação de frases por justaposição, o que significa que elas foram colocadas lado a lado sem o uso de conjunções. E, identificamos também a recorrência do uso do substantivo EXEMPLO para introduzir e articular orações, adicionando informações complementares e explicativas. Neste excerto o substantivo EXEMPLO atuou como uma conjunção introdutória da oração ou período.



TRABALHAR/TRABALHO FINAL PRECISAR TEXTO LÍNGUA-DE-SINAIS_(i) DIFERENTE FRASE, PRECISAR FAZER TEXTO CERTO_(ii) (*role shift*) MEU NOME..._(iii) EU CASADO..._(iv) MINHA FAMÍLIA..._(v) TER FILHO..._(vi) MORAR CIDADE..._(vii) ONDE TRABALHAR_(viii) ESCREVER_(ix) DEPOIS FINAL CRIAR TEXTO SINALIZAR/LÍNGUA-DE-SINAIS PROVA FINAL_(x) CADA-UM IX-EU FILMAR_(xi). (EXCERTO 20)

Como trabalho final os alunos precisam produzir um texto em língua de sinais. Não são frases, precisam fazer um texto mesmo. No texto os alunos precisam se apresentar: Meu nome é tal, meu sinal é esse, sou casado, tenho tantos filhos, moro na cidade tal, trabalho com... Pode fazer um texto escrito para sinalizar depois. A criação desse texto sinalizado é a prova final. Eu costumo filmar cada apresentação. (Tradução do excerto em português).

Itens essencialmente lexicais: Os itens que representam seres/entidades são TRABALHO, FINAL, TEXTO, LÍNGUA-DE-SINAIS, FRASE, CERTO, NOME, FAMÍLIA, FILHO, CIDADE e PROVA. Os itens que representam ação, processos e estado são TRABALHAR, PRECISAR, FAZER, TER, MORAR, ESCREVER, CRIAR, SINALIZAR e FILMAR. E, os itens que representam propriedade/atributo são DIFERENTE e CASADO.

Itens gramaticais: Pronome possessivo MEU/MINHA, o pronome pessoal IX-EU, advérbio de tempo DEPOIS, advérbio de lugar ONDE e expressão de compensação CADA-UM.

Com o excerto 20, o participante da pesquisa continua tratando, sobre propostas de atividades para o ensino de Libras para alunos ouvintes. A sentença independente (i) **TRABALHAR/TRABALHO FINAL PRECISAR TEXTO LÍNGUA-DE-SINAIS**, trata sobre o trabalho final da disciplina de Libras. O item multifuncional **TRABALHAR/TRABALHO** foi precedido pelo substantivo **FINAL** que se adjetivou, desse modo, neste contexto se apresentou não como ação/processo, mas como entidade, realizando a função de substantivo **TRABALHO**. Esses itens **TRABALHO FINAL** foram topicalizados e precedidos pelo que se relacionaria a eles. O verbo **PRECISAR** apresentou sentido de necessidade e ação, devido a ausência do outro verbo que o complementasse, como o verbo **FAZER** ou **CRIAR**. O substantivo **TEXTO** se realizou como argumento de **PRECISAR** e foi qualificado ou determinado pelo substantivo **LÍNGUA-DE-SINAIS**.

A sentença (ii) **DIFERENTE FRASE PRECISAR FAZER TEXTO CERTO**, apresenta sentido completo se isolada, porém está discursivamente relacionada a oração anterior. O adjetivo **DIFERENTE** introduz a sentença e está anteposto ao substantivo **FRASE** o qual qualifica. **DIFERENTE** tem valor negativo, pois apresenta sentido de não ser igual ou não ser semelhante a **TEXTO**. O verbo **PRECISAR**, se realiza de modo intransitivo e indica necessidade, nessa sentença, seu sentido de ação foi complementado pelo verbo **FAZER**, que apresenta como argumento interno **TEXTO**. A sentença é finalizada com o **CERTO**, indicando confirmação, ou seja, tem que fazer um texto mesmo.

As sentenças de (iii) a (viii) são uma demonstração do texto que os alunos precisam produzir. As frases estão justapostas por parataxe e são realizadas utilizando o mecanismo de *role shift*. Em cada uma das sentenças (iii) **MEU NOME**, (iv) **IX-EU CASADO** e (v) **MINHA FAMÍLIA**, temos um pronome determinando um substantivo. Essas sentenças são simples, utilizadas na introdução do ensino de Libras. Com isso, observamos que a utilização dos determinantes é imprescindível para elaboração de textos sinalizados na Libras. As orações (vi) **TER FILHO** e (vii) **MORAR CIDADE**, são introduzidas por verbos simples e um complemento direto. A oração (viii) **ONDE TRABALHAR**, apresenta um advérbio de lugar e verbo intransitivo. São sentenças simples, considerando as necessidades dos estudantes que estão aprendendo Libras.

As orações seguintes retomam o passo a passo da atividade. Em (ix), **ESCREVER** está também justaposto e relacionado discursivamente a todo o conteúdo anterior. A sentença (x) **DEPOIS FINAL CRIAR TEXTO SINALIZAR/LÍNGUA-DE-SINAIS**

PROVA FINAL, é iniciada pelos marcadores de tempo, pelo advérbio DEPOIS e o substantivo FINAL com sentido de prévia do término da ação realizada. O verbo CRIAR é transitivo e necessitou do complemento TEXTO (substantivo). SINALIZAR precedido de TEXTO indicou a característica do texto, mas também exprimiu sentido de ação. Assim, SINALIZAR se realizou com função adjetiva SINALIZADO e verbal envolvendo a ação de SINALIZAR (utilizar a língua de sinais). O item FINAL qualificou PROVA e também se realizou como um adjetivo. Em (xi) CADA-UM EU **FILMAR**, a expressão de compensação CADA-UM indicou referentes ausentes e também a quantidade UM, esse item foi topicalizado e precedido do sujeito agente IX-EU que realiza a ação de FILMAR.

Entre os itens determinativos identificamos o substantivo FINAL que qualificou e determinou TRABALHO. De forma similar o substantivo LÍNGUA-DE-SINAIS qualificou e determinou TEXTO, ou seja, com sentido de TEXTO SINALIZADO. Conforme IC, Dubois *et al* (2007) elucida que o adjetivo qualificativo é empregado para expressar a qualidade de um objeto, ser ou ideia representada pelo substantivo, enquanto o adjetivo determinativo é utilizado para atualizar esse substantivo dentro de uma frase. Porém, conforme apresentado acima e ao encontro da obra, com base no critério semântico, em muitos contextos, os adjetivos qualificativos podem não apenas caracterizar (ou qualificar), mas também determinar.

Identificamos também a expressão de compensação CADA-UM que determinou o classificador para pessoa. Dubois *et al* (2007) indica que os numerais podem estar associados a expressões, tais como CADA-UM, DE-DOIS-EM-DOIS e assim por diante. Na Libras os numerais também podem estar assim relacionados. O item CADA-UM foi realizado de modo que o numeral ‘um’ que também se apresenta com a mesma configuração de mão utilizada em classificador para humano, acrescido de movimentos, marcou referentes ausentes no espaço de sinalização. Desse modo, com Allan (1977) identificamos esse item como classificador numeral, utilizado em expressões de quantidade e expressões anafóricas e dêiticas.

Entre as categorias combinatórias identificamos o mecanismo de *role shift* que conectou as falas na terceira pessoa a oração que precedeu: DIFERENTE FRASE, **PRECISAR FAZER** TEXTO CERTO_(ii) (*role shift*) _MEU NOME..._(iii) EU CASADO..._(iv) MINHA FAMÍLIA... Assim, consultando o IC, ao encontro de Soares (2020) o mecanismo de *role shift* utiliza da sintaxe espacial, para que o sinalizante adote

a perspectiva de outra pessoa para relatar uma atitude proposicional. Este processo ocorreu acrescido do mecanismo de listagem ou boia com função aditiva, sendo empregado para introduzir itens. Os itens não foram enumerados, porém foram inseridos um após o outro por justaposição, de modo assindético.

Ao concluir a apresentação da análise de dados da fala sinalizada dos participantes da pesquisa, passamos aos resultados e às discussões como uma síntese da análise de dados.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES: UMA VISÃO GERAL DA ANÁLISE DE DADOS

A partir dos estudos desenvolvidos nesta pesquisa, buscamos tratar sobre os processos de classificação dos sinais, considerando em específico as categorias determinativas e combinatórias na Libras. Para realizar essa tarefa, na seção anterior, em coleta e análise dos dados, fizemos o levantamento e a análise dos processos de classificação a partir da função que os sinais exercem na fala sinalizada. Ainda, identificamos e descrevemos na fala dos participantes da pesquisa, a organização dos sinais a partir do emprego de determinantes e articuladores.

Desse modo, a fim de compreender o significado dos dados encontrados por meio da análise proposta, nesta seção apresentamos a interpretação dos dados obtidos tomando como base o referencial teórico da pesquisa, além de considerar os aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos.

Conforme apresentado no referencial teórico, Schawarger e Zeshan (2008) estabelecem critérios semânticos para a identificação das classes de palavras. No âmbito semântico, os pesquisadores adotaram classes de conceitos para identificar as classes de entidade, de evento e de propriedade. Ainda com os mesmos autores, eles explicam que as características semânticas e as classes de conceitos foram criadas para serem aplicáveis a várias línguas, permitindo assim uma comparação tipológica das línguas no nível semântico com base em unidades iguais, semelhantes ou equivalentes.

Schawarger e Zeshan (2008) alertam que, embora o objetivo seja estabelecer recursos semânticos hierárquicos válidos para múltiplas línguas, isso não implica que todos os recursos devam estar presentes em todas as línguas. Respeitando essas condições, analisamos nos dados coletados, classes de conceito, conforme as características semânticas identificadas nas categorias determinativas e combinatórias. Desse modo, foi possível identificar e descrever os traços semânticos envolvidos no processo de categorização.

Como resultado da análise de dados em relação às classes de conceito ou traços semânticos das categorias determinativas, identificamos:

- a) A classe de conceito **referencial** é o item que remete ao signo linguístico que se refere a uma pessoa, objeto ou local. O referente pode estar presente ou ausente, referenciado no espaço não fisicamente, mas de modo representado;
- b) O traço semântico **substitutivo** envolve a característica de exercer a função de outro item em sua ausência para se remeter a esses itens ausentes, atualizando-os na sentença;
- c) O aspecto **antecedente** se refere às expressões linguísticas anteriores para as quais alguma outra expressão linguística aponta.;
- d) O aspecto **localizado** se refere à capacidade de recurso de determinação de local especificado;
- e) O traço **déitico** envolve as expressões linguísticas que apontam para os seres e as entidades do mundo real, tais como pessoas, coisas e lugares. Estabelece também uma relação de vínculo, participação e envolvimento;
- f) O aspecto **identificador** informa que o item a ser designado pelo substantivo é conhecido pelo interlocutor ou faz parte da situação comunicativa;
- g) O traço **remissivo** é o que remete ou faz referência a outro ponto;
- h) O aspecto **focalizado** confere ao item relevância especial na sua relação com o restante do enunciado;
- i) O traço semântico **indefinido** informa que o item designado tem uma referência imprecisa;
- j) O aspecto **quantificador** apresenta a quantidade massiva ou enumerável, indica posição ou ordem em uma escala de valor;
- k) O traço **qualitativo** atribui a outros itens aspectos qualitativos ou lhes apresenta uma característica que os especifica.

Para sistematizar essas considerações, apresentamos o Quadro 12 com a distribuição de recursos semânticos entre as categorias determinativas no que se refere aos classificadores, aos pronominais, aos adjetivos, aos numerais e aos adverbiais locativos. Como traços semânticos binários, consideramos o referencial, o substitutivo, o antecedente, o localizado, o déitico, o identificador, o remissivo, o focalizado, o indefinido, o qualitativo e, por fim, o quantitativo.

Quadro 12: Distribuição de recursos semânticos por meio de classe de conceitos (1)

Traços semânticos binários	Categorias Determinativas				
	Classificadores	Pronominais	Adjetivos	Numerais	Adverbiais locativos
Referencial	+	+	+	+	+
Substitutivo	+	+	+	+-	+
Antecedente	+-	+	+-	+-	+
Localizado	+-	+-	-	+-	+
Dêitico	+-	+	-	-	+
Identificador	+	+	+	+	+
Remissivo	+-	+	+	-	+
Focalizado	+	-	+	-	-
Indefinido	-	+	-	-	+-
Qualitativo	+	-	+	+-	-
Quantitativo	+-	+-	-	+	-

Fonte: a própria autora, elaborado a partir da proposta de Schwager e Zeshan (2008)

Conforme apresentado, o Quadro 12 destaca as características específicas identificadas em cada uma das classes de palavras correspondentes às categorias determinativas e aos recursos binários, a saber:

- classificadores [referenciais x não-referenciais] [substitutivos x não-substitutivos] [identificadores x não-identificadores] [focalizados x não-focalizados] [qualitativos x não-qualitativos];
- pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos com referenciais anafóricos [referenciais x não-referenciais] [substitutivos x não-substitutivos] [antecedentes x não-antecedentes] [dêiticos x não-dêiticos] [identificadores x não-identificadores] [remissivos x não-remissivos] [indefinidos x definidos];
- adjetivos [referenciais x não-referenciais] [substitutivos x não-substitutivos] [identificadores x não-identificadores] [remissivos x não-remissivos] [focalizados x não-focalizados] [qualitativos x não-qualitativos];
- numerais [substitutivos x não-substitutivos] [identificadores x não-identificadores] [qualitativos x não-qualitativos] [quantitativos x não-quantitativos];
- adverbiais locativos [referenciais x não-referenciais] [substitutivos x não-substitutivos] [identificadores x não-identificadores] [localizadas x não-localizadas] [dêiticos x não-dêiticos] [remissivos x não-remissivos].

Já em relação às classes de conceito ou traços semânticos das categorias combinatórias/articuladoras, os dados evidenciaram:

- a) **Direcional**: que é direcionado por uma ação, indica fonte ou origem “*de onde*” algo vem, e/ou também meta, alvo ou destino “*para onde*” algo vai;
- b) **Localizado**: referente ao recurso de determinação de local especificado, em que um evento ou situação ocorre, como o uso da preposição ‘*em*’, e locuções prepositivas “em frente ao” e “atrás do”;
- c) **Instrumental**: referente ao recurso de determinação de instrumento especificado, entidade utilizada por outra para realizar uma ação. Geralmente atribui ao SN a função de instrumento (adjunto) como ocorre no português pelo uso da preposição ‘*com*’;
- d) **Relativo**: descreve entidades indiretamente, por meio de suas relações com outros objetos, como ‘*de prata*’ ou ‘*de madeira*’;
- e) **Temporal**: referente ao recurso de determinação de tempo especificado;
- f) **Propositivo**: utilizada para pré ou pró pôr elementos que estabelecem algum tipo de relação como a de finalidade e de matéria;
- g) **Continuativo**: relativo à duração de tempo, se apresenta em sentido prolongado;
- h) **Dependente**: elemento que existe na presença de outro;
- i) **Concatenativo**: que são utilizados como elo para unir itens e sentenças enunciadas;
- j) **Coordenativo**: que estabelece relação de ligação, de orientação de itens e sentenças independentes;
- k) **Subordinativo**: que estabelece relação de co-dependência.

O Quadro 13 apresenta a distribuição de recursos semântico entre as preposições e mecanismos propositivos, e as conjunções e mecanismos conectivos como categorias articuladoras. Os traços semânticos binários são direcionais, localizados, instrumentais, relativos, temporais, propositivos, continuativos, dependentes, concatenativos, coordenativos e subordinativos.

Quadro 13: Distribuição de recursos semânticos por meio de classe de conceitos (2)

Traços semânticos binários	Categorias Combinatórias	
	Preposições e mecanismos prepositivos	Conjunções e mecanismos conectivos
Direcionais	+	+-
Localizados	+	-
Instrumentais	+	-
Relativos	+	-
Temporais	+	-
Propositivos	+	+
Continuativos	+	+
Dependentes	+	+
Concatenativos	+	+
Coordenativos	-	+
Subordinativos	-	+

Fonte: a própria autora, elaborado a partir da proposta de Schwager e Zeshan (2008)

Conforme exposto no Quadro 13, são destacadas as características específicas em cada uma das classes de palavras correspondentes às categorias articuladoras e recursos binários, a saber:

- preposições e mecanismos prepositivos [direcionais x não-direcionais] [localizados x não-localizados] [instrumentais x não-instrumentais] [relativos x não-relativos] [temporais x não-temporais] [propositivas x não-propositivas] [continuativas x pontuais] [dependentes x independentes] [concatenativas x não-concatenativas];
- conjunções e mecanismos conectivos [propositivas x não-propositivas] [dependentes x independentes] [concatenativas x não-concatenativas] [coordenativas x não-coordenativa] [subordinativas x não-subordinativa].

Ao tratar sobre a morfologia das línguas de sinais, Schwager e Zeshan (2008) lançam base para estabelecer critérios morfológicos que nos possibilita identificar e descrever estruturas complexas envolvendo as categorias de sinais e suas formações. Com os autores podemos compreender a composição dos sinais a partir das morfologias intrassegmentar, suprasegmentar e segmentar (linear ou simultânea). O processo de alterações de características de um sinal, como a alteração da orientação é equivalente a

uma alteração na característica **intrassegmentar**. A combinação dos sinais com elementos não manuais, como o menear da cabeça, indicando negação, corresponde a morfologia **suprassegmentar**, essa é aplicável a mais de um sinal. Quando os sinais são realizados de maneira sequencial/linear ou simultânea, ocorre a morfologia **segmentar**.

Em relação aos processos morfológicos da realização dos determinantes e articuladores, elaboramos uma síntese, apresentada no Quadro 14, sobre a morfologia utilizada no processo de formação de sinais correspondentes a determinantes e articuladores, bem como dos seus mecanismos de composição.

Quadro 14: Processos morfológicos da realização dos determinantes e articuladores

Determinantes	Morfologia	Articuladores	Morfologia
Classificadores	Segmentar sequencial	Preposições	Segmentar sequencial
Pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos com referenciais anafóricos	Segmentar sequencial	Mecanismos prepositivos	Intrassegmentar e segmentar simultânea
Adjetivos	Segmentar sequencial	Conjunções	Segmentar sequencial
Numerais	Intrassegmentar com incorporação de numerais; e segmentar sequencial sem incorporação	Mecanismos conectivos	Intrassegmentar, segmentar simultânea e suprassegmentar
Adverbiais locativos	Segmentar sequencial		

Fonte: a própria autora (2025) a partir da proposta de Schwager e Zeshan (2008)

Apesar das categorias determinativas e combinatórias apresentarem uso de recursos não-manais, com exceção dos usos em interrogativas, nos dados apresentados não houve a recorrência do uso gramatical destes. O uso dos recursos não manuais empregados em determinantes e articuladores se apresentaram preponderantemente com manifestação prosódica.

Em relação aos aspectos sintáticos, os resultados engendrados permitem afirmar que as categorias determinativas se apresentaram, em sua maioria, em sintagmas nominais acompanhando nomes. Além disso, as categorias combinatórias articuladoras preponderantemente apresentaram função sintática de complemento verbal ou adjunto.

Schawarger e Zeshan (2008) tratam da possibilidade de lexicalização ou gramaticalização de itens das línguas de sinais por meio da combinação protótipica das classes semânticas em funções sintáticas. Nessa direção, a combinação da classe de entidades e funções de argumento é lexicalizada como substantivo; a combinação da classe de eventos e função predicativa é lexicalizada como verbo; a combinação da classe de propriedade e função modificadora de argumento é lexicalizada como adjetivo; e a combinação da classe de propriedades e função modificadora predicativa é lexicalizada como advérbio. Conforme os autores, uma língua pode lexicalizar qualquer combinação de classe semântica em função sintática que não seja a protótipica.

Em relação a esses processos de lexicalização ou gramaticalização, na análise de dados foi possível constatar que a ausência da preposição faz com que itens próximos a substantivos que também são substantivos realizem a função de adjetivo. Observamos sentenças com o máximo de três verbos pospostos um após o outro em uma sequência linear, nesses casos, um dos verbos assumiu a função de predicador e os outros exerceram a função de complemento, até mesmo com função de atributo.

Verbos pospostos a pronome possessivo tenderam a se substantivar. Nesse mesmo caminho, alguns verbos seguidos de adjetivos tenderam a desempenhar a função de substantivo. Esses últimos exemplos demonstram uma proximidade com o que ocorre no português, em que muitas vezes o artigo (determinante) faz com que um item mude de função, como em “o porquê disso” o item “porque” passa de conjunção à substantivo. Na Libras, com a ausência do artigo definido, nos moldes da língua portuguesa, um pronome ou adjetivo determinante tende a substantivar um verbo como em TRABALHAR FINAL passa a TRABALHO FINAL e MEU TRABALHAR passa a MEU TRABALHO se referindo a entidade TRABALHO e não a ação TRABALHAR.

A seguir, apresentamos de forma mais explanada a interpretação da análise dos dados desta pesquisa.

7.1 Análise de Dados: discussões e resultados sobre as categorias determinativas

Os determinantes podem ser entendidos como um grande grupo funcional composto de palavras oriundas de várias classes que precedem um substantivo e específica algo sobre a sua quantidade, definição ou propriedade. Neves (2006) pontua que os determinantes produzem para os nomes uma função determinativa, ou seja, discursivizam os elementos nominais, alavancam os nomes do nível da língua para o nível

do discurso. Sintaticamente, ao encontro de Dubois *et al.* (2007), os determinantes são os constituintes do sintagma nominal que dependem do substantivo, cabeça ou constituinte principal do sintagma nominal.

Entre as classes de palavras que especificam os substantivos na língua portuguesa, conforme Dubois *et al.* (2014) e Neves (2006), estão os artigos, os adjetivos, os possessivos, os demonstrativos, os adjetivos interrogativos, relativos e indefinidos e os numerais. Em relação a Libras, entre os elementos que atualizam o substantivo, lhe dando determinação, ao encontro dos dados obtidos na pesquisa, foram identificados classificadores, adverbiais de lugar, pronomes, adjetivos e numerais. Estes se realizaram sintaticamente como sintagmas nominais e complementos nominais.

Para Azeredo (2018), as categorias determinativas não se referem a entidades estáveis no ‘mundo das coisas’, mas se referem a informações apreendidas em situações discursivas ou no espaço do tempo. Esse aspecto gramatical das categorias determinativas foi confirmado nesta pesquisa. Porém, muitos desses itens apresentaram também aspecto lexical, em específico os nomes (substantivos e adjetivos) que realizaram a função determinativa quando relacionados a outros substantivos.

Dentre as categorias determinativas que são itens lexicais e gramaticais estão os numerais. Os numerais quantificadores antepostos a nomes indicaram relação de quantidade como em 2 bolsistas e 60 horas. Os cardinais quando antepostos ou pospostos a substantivos os especificaram como em ANO 2021. Os numerais ordinais antepostos a nomes indicaram relação de posição e ordem como em 1º, 2º, 3ºANO. Alguns numerais antepostos a nomes atribuíram a especificação de tempo como em 6-MESES e 2-ANOS. Esses dois últimos fenômenos de determinação por utilização de numerais cardinais e quantitativos especificadores de tempo foram realizados por meio de incorporação, utilizando morfologia intrassegmentar, as demais recorrências se deram por morfologia segmentar sequencial.

Dubois *et al.* (2007) defendem que os numerais cardinais pertencem à classe dos determinantes, pois precedem o substantivo e podem por si mesmos constituir sintagmas nominais. E os numerais ordinais são como adjetivos qualificativos, uma vez que antepostos aos substantivos indicam-lhe a ordem. A ocorrência de realizações dos numerais reforça o aspecto determinativo dos numerais. A esse respeito, mesmo os numerais ordinais que atribuíram aspecto de ordem e quantitativos que atribuíram aspecto

de duração de tempo, ao mesmo tempo que qualificaram também especificaram atuando como determinadores dos substantivos que precederam.

Em relação aos adjetivos na Libras, ao encontro de Godoi (2021b), se apresentam mais contextuais e menos marcados. Desse modo, nos atentando a função dos adjetivos de classificar ou qualificar os substantivos que acompanham na sentença, encontramos a recorrência de nomes que também podem exercer a função de substantivo. Assim, sintaticamente constatamos a recorrência de:

- a) Substantivos acompanhando substantivos – um deles na função de qualificador. Como em: COLEGIADO PEDAGOGIA e GRUPO SURDO. O que sugere a utilização desses itens como determinantes devido à ausência da preposição ‘de’ e ‘da’ que ligam dois termos de uma sentença;
- b) Substantivos acompanhando verbos – esses verbos se referindo a entidade e não a ação, passando de verbos a substantivos. Desse modo os substantivos que acompanha esses verbos ao mesmo tempo que qualificaram modificaram o item ao qual acompanharam. Como ocorrem em: ENSINAR BILÍNGUE. O item qualificado passou de verbo a nome, ENSINAR/ENSINO, vulgo EDUCAÇÃO BILÍNGUE. O substantivo com função adjetiva que acompanhou esse verbo fez referência a entidade e não a ação/processo;
- c) Substantivos acompanhados de verbos, que passaram de verbos a substantivos e que qualificaram o substantivo ao qual acompanharam. Como em, PROFESSOR SUBSTITUIR. O item SUBSTITUIR se referiu a função de SUBSTITUIR, se realizando como atributo e não como a ação em si. Desse modo, atribuindo nome a esses sinais, conforme glossa em português teríamos PROFESSOR SUBSTITUTO.

A recorrência de realização desse fenômeno na fala sinalizada dos três participantes da pesquisa nos possibilitou confirmar que esses processos de gramaticalização ou lexicalização na Libras são bastante produtivos. Com Cunha e Tavares (2016), em uma perspectiva funcionalista, confirmamos a hipótese de que o processo de gramaticalização, não apenas ilustra a trajetória de um elemento linguístico do léxico à gramática, mas também de uma estratégia discursiva em uma determinada

estrutura sintática, considerando o contexto de produção para se manifestar como um nome ou verbo.

Outra classe tida como determinativa na língua portuguesa é a dos pronomes. Os dados analisados nos permitiram confirmar que itens pronominais da Libras também realizam funções determinativas. Dentre estes identificamos pronomes pessoais, possessivos, indefinidos, demonstrativos, além de pronomes incorporados a verbos. A recorrência sintática dos pronomes pessoais se deu na função de sujeito, semanticamente com papel temático de agente. Conforme em IX-ELA JÁ LUTAR e IX-ELES PERGUNTAR.

Identificamos também, dentre os pronomes pessoais, a incorporação desses em verbos 1CONVIDAR3 – EU CONVIDAR ELE e 3ENSINAR1 – ELA ENSINAR EU. Esses itens apresentaram morfologia intrassegmentar. Nesses casos, a direcionalidade dos verbos determinou a pessoa que pratica a ação (agente) e a pessoa que recebe a ação (paciente). Ao encontro de Cunha e Tavares (2016), a transitividade ocorreu como um fenômeno que envolveu as propriedades semânticas de agente, paciente e verbo na oração-evento. O que indica que esses verbos na verdade são orações complexas, em que seus demais itens estão neles incorporados.

A esse respeito, conforme Cunha e Tavares (2016), não são transitivos os verbos, mas sim as orações, correlacionando toda a sentença e associando função discursivo-comunicativa. Considerando as possibilidades de variação de padrões gramaticais prototípicos, em que os determinantes são os constituintes do sintagma nominal que dependem do substantivo, com a incorporação de pronomes pessoais ao verbo (SV com núcleo verbal - V), o movimento de direcionalidade do verbo determinou tematicamente agente e paciente. Do mesmo modo que os classificadores direcionais determinam seus referentes.

Identificamos também, um pronome possessivo que modificou o verbo que precedeu. Esse verbo se gramaticalizou em substantivos. Por fim, o pronome possessivo determinou esse substantivo. Trata-se da sentença MEU TRABALHAR que passou a se referir a MEU TRABALHO. O que sugere que o mesmo fenômeno pode ocorrer também com outros verbos tais como; SEU VIVER – SUA VIDA, MEU ESCREVER – MINHA ESCRITA e NOSSO MORAR – NOSSA CASA.

Com a análise de dados detecta-se também a presença de alguns pronomes indefinidos. Tais itens identificados foram TODO, NADA e OUTRO. Esses itens

acompanharam nomes em sintagmas nominais, como em: OUTRA FACULDADE. As realizações do pronome indefinido NADA, que também apresentou sentido negativo, ocorreram em sintagmas nominais como em NADA INTÉRPRETE e como complemento verbal em APRENDER NADA.

A expressão de compensação CADA UM apresentou morfologia intrassegmentar à medida que utilizou a configuração de mão classificadora de humano, para se referir a entidade pessoa e, também, com função dupla, a configuração de mão mencionou a quantidade específica UM. Além dessas características foram implementados ao sinal movimento e direcionalidade, fazendo indicação dêitica a referenciais ausentes, por meio de marcações no espaço de sinalização.

Com a realização do item CADA-UM nota-se que a Libras permite representar expressões envolvendo os numerais, assim como na língua portuguesa que com a noção de compensação, se apresenta em locução formada pelo numeral cardinal e a expressão “cada um”. No caso da Libras o numeral utilizado na expressão é quantitativo. Conforme Dubois *et al.* (2007), no português há uma série de nomes que estão relacionadas aos numerais, como as noções multiplicativas e fracionárias como os nomes de frações de unidades, meio, terço, quarto, assim sucessivamente.

De forma semelhante na Libras é possível identificar noções multiplicativas como DOBRO, TRIPLO e QUADRUPLO. Além de outras expressões como DE-DOIS-EM-DOIS, DE-TRÊS-EM-TRÊS ou DE-DEZ-EM-DEZ, DE-QUINZE-EM-QUINZE, e conceitos fracionários METADE, UM-E-MEIO, dentre outros. O numeral associado a expressão CADA-UM na Libras, ao encontro de Dubois *et al.* (2007), apresentou aspecto de quantidade. E foi realizado no espaço neutro, marcando referenciais pronominais ausentes, compôs sintagma nominal e se realizou como determinante.

Os pronomes demonstrativos identificados na fala sinalizada dos participantes foram IX-ESSE e IX-ISSO. Os itens acompanharam substantivos em sintagmas nominais como em, ‘2013 IX-ISSO’ se referindo a algo que foi mencionado logo após de ser dito, o ano. De forma semelhante o pronome demonstrativo IX-ESSE, se realizou aparentemente como complemento verbal em ‘FORMAR (concluir) IX-ESSE’, mas estava retomando o referente que substituiu ‘curso Letras/Libras’, algo que estava mais discursivamente distante do que as informações mais recentes apresentadas pelo sinalizante. Todos os itens apresentaram aspecto semântico de locativo pelo uso do referencial dêitico por apontação. De forma semelhante, os advérbios de lugar IX-AQUI

e IX-LÁ, também se realizaram com aspecto semântico de locativo indicado por apontação. Porém, o advérbio de lugar IX-LÁ apresentou maior recorrência na fala dos três participantes, apresentou 13 ocorrências.

Os itens pronominais e os adverbiais de lugar apresentaram característica dêitica e se realizam por apontação para algo presente no contexto ou anaforicamente retomado, algo mencionado anteriormente. Conforme Almeida Silva (2021), há pelo menos três tipos de apontação em Libras que são fonologicamente distintas; as apontações que apontam literalmente para objetos no espaço real ou no espaço mental; as apontações adverbiais locativas que apontam num plano transversal que seria distinto do plano horizontal; e as apontações laterais no plano horizontal que são idênticas entre si, ou seja, homófonas. Entre os itens que possuem a mesma forma (homófonos) estariam os pronomes pessoais, os demonstrativos gramaticalizados e, os artigos definidos.

Dentre os dados analisados, em conformidade com os estudos de Almeida Silva (2021), ocorreu a apontação literal direcionada para objetos no espaço mental, ou seja, para o ano em ‘2013 IX-ISSO’. E, também em ‘FORMAR IX-ESSE’, apontando para o referente ausente ‘curso Letras/Libras’, anteriormente mencionado e sintaticamente marcado no espaço de sinalização. Já as apontações adverbiais locativas que conforme o autor, apontam num plano transversal que seria distinto do plano horizontal, se realizam com variações de plano. Apesar da recorrência maior do item adverbial locativo IX-LÁ apontando para o plano transversal, o adverbial locativo IX-AQUI se realizou no plano horizontal, indicando a posição ou localização do sinalizante. Independente da forma os itens fizeram referência literal ou remissiva a nomes que representam o mundo e seus objetos, ou seja, se realizaram como determinantes.

Ainda entre os advérbios que precederam substantivos e os especificaram atribuindo-lhes definição ou propriedade, identificamos os adverbiais temporais DEPOIS e ANTES. Os itens precederam numerais e atribuíram-lhes aspecto de ordem, semelhante aos numerais ordinais, como em ‘UM ANO DEPOIS’ e ‘2000 ANTES’. Os adverbiais que foram pospostos ou antepostos a pronominais e nominais também indicaram aspecto temporal de ordem, como em ‘ANTES IX-ELA’ e ‘LEI DECRETO DEPOIS’. Apesar de os advérbios de tempo indicarem o período que uma ação acontece, na Libras apresentaram aspecto indicativo de ordem em entidades e seres também. Esses itens ordinais, semelhantes a certos numerais, ao encontro de Dubois *et al.* (2007), podem ser considerados como adjetivos qualificativos, uma vez que antepostos aos substantivos

indicam-lhe a ordem. Tendo em vista que, os adjetivos qualificativos em muitos empregos, não apenas caracterizam (ou qualificam), mas também determinam, conforme Dubois *et al.* (2007), considerando o contexto específico de produção, pudemos relacionar esses adverbiais temporais as categorias determinativas.

Entre os itens classificadores que apresentaram características determinativas identificamos a recorrência dos classificadores para pessoa que também estabeleceram concordância com o referencial pronominal por meio do parâmetro direcional. Esses itens precederam os pronomes IX-ELA e IX-EU os determinando. Também houve o caso em que esse classificador substituiu a realização do pronome, em [ela] CL SINAL (nome visual próprio da pessoa) e [eu] CL SURDO, indicando a quem o atributo é concedido. Outro classificador identificado foi a realização do numeral zero com ponto de articulação na testa. Esse classificador se apresentou como qualitativo, com sentido negativo, oposto ao sinal APRENDER.

Em relação aos aspectos do numeral referencial para pessoa, esse se enquadrou nas classificações de Allan (1977), como intra-locativo com nominais embutidos em expressões locativas que obrigatoriamente acompanham os nomes em muitos contextos. Se enquadrou também na definição de Lyons (1977) como classificador de espécie, que individualizam em termos de tipo de entidade, que na sua maioria são nomes e também podem ser utilizados com função pronominal ou quase-pronominal em referênciais dêiticos e a anafóricos. E, ainda, conforme Aronoff, Meir e Sandler (2005), como classificador de entidade que atualiza os referentes de acordo com a categoria semântica, apesar de ser direcional e vertical, não expressa construção icônica.

Apesar de serem morfemas livres os classificadores que representaram pessoas apresentaram caráter gramatical. Ao encontro de Azeredo (2018), esses não se referiram a entidades estáveis no ‘mundo das coisas’, mas se referiram a informações apreendidas na situação discursiva ou no espaço do texto. Já o classificador realizado com numeral zero com ponto de articulação na testa, esse se enquadrou como caracterizador ou qualificador do sujeito, indicando condição ou aspecto de estado. Esse classificador ao mesmo tempo que determinou o pronome IX-EU, como morfema livre se apresentou também como item lexical.

O Quadro 15 apresenta uma síntese dos itens que se realizaram como determinantes na fala dos participantes da pesquisa, indicando a função, a recorrência, os aspectos semânticos, morfológicos e sintáticos.

Quadro 15: Síntese dos itens que se realizaram como determinantes na fala dos participantes da pesquisa (1)

Função	Rec.	Item	Aspectos semânticos	Aspectos morfológicos	Aspectos Sintáticos
Numerais	3	DOIS TRÊS SESENTA	Quantitativo	Segmentar sequencial	SN - DOIS PARALELOS SN – TRÊS BOLSISTAS SN – 60 HORAS CL (no rosto)
	3	2005 2000 2021	Determinante de tempo	Segmentar sequencial	SN – ANO 2005 SN – ANTES [ano] 2000 SN – ANO 2021
	2	SEIS	Determinante de tempo e qualitativos	Intrasegmentar (incorporação)	SN- 6-MESES

Adjetivos		TRÊS			SN – 3-MESES
	3	OITO UM, DOIS, TRÊS e OITO TRÊS	Qualitativo e quantitativo	Intrasegmentar (incorporação)	SN – 8º-ANO SN - 1º 2º 3º 8º ANO SN – 3º COLEGIAL
	2	DOIS, TRÊS UM	Quantitativo	Intrasegmentar (incorporação)	SN - DOIS e TRÊS ANOS SN - UMA-VEZ
	1	ESPECIAL	Qualitativo e qualificativo	Segmentar sequencial	ESTUDAR ESPECIAL – verbo posposto a adjetivo que se substantiva ESCOLA ESPECIAL - (SN)
Adjetivos	1	SURDO	Qualitativo e qualificativo	Segmentar sequencial	GRUPO SURDO – substantivo SURDO qualificou o Substantivo GRUPO – (SN)

					<p>IX-EU SURDO – Substantivo SURDO qualificou o pronome pessoal IX-EU – (SN)</p> <p>SURDO EDUCAÇÃO – O substantivo SURDO qualificou ENSINAR substantivando-o para ENSINO/EDUCAÇÃO</p>
	1	OUVIR ou OUVINTE	Qualitativo	Segmentar sequencial	<p>SN – GRUPO OUVINTE o verbo OUVIR se realizou como um atributo de grupo</p>
	1	PEDAGOGIA	Qualitativo	Segmentar sequencial	<p>SN - COORDENADOR PEDAGOGIA – O substantivo PEDAGOGIA qualificou o substantivo COORDENADOR, se realizando como atributo.</p> <p>SN - COLEGIADO PEDAGOGIA – O substantivo PEDAGOGIA qualificou o substantivo COLEGIADO, se realizando como atributo.</p>

	1	GERAL	Qualitativo	Segmentar sequencial	SN - OPORTUNIDADE GERAL FACULDADE – o substantivo GERAL se realizou como atributo de FACULDADE
	2	PARTICULAR	Qualitativo	Segmentar sequencial	SN- FACULDADE PARTICULAR - o substantivo PARTICULAR se realizou como atributo de FACULDADE SN PARTICULAR [faculdade] – O item qualificado (faculdade) foi omitido e substituído por PARTICULAR por remissão.
	1	PUBLICA	Qualitativo	Segmentar sequencial	IX-AQUI [faculdade] PUBLICA – SN se realizou como atributo de FACULDADE (substituindo-o)
	1	FEDERAL	Qualitativo	Segmentar sequencial	SN- UNIVERSIDADE FEDERAL – o substantivo FEDERAL se realizou como atributo de UNIVERSIDADE

	1	DOUTORADO	Qualitativo modificador do substantivo	Segmentar sequencial	SN – LICENÇA DOUTORADO – o substantivo DOUTORADO se realizou como atributo de LICENÇA
	1	SUBSTITUTO	Qualitativo, modificador do substantivo	Segmentar sequencial	SN – PROFESSOR SUBSTITUIR – o verbo SUBSTITUIR posposto ao substantivo PROFESSOR se realizou como atributo
	1	BÁSICO	Qualificativo e qualificativo	Segmentar sequencial	COMUNICAR BÁSICO – O substantivo BÁSICO se realizou como atributo do verbo COMUNICAR o substantivando COMUNICAÇÃO BÁSICA
	1	BILÍNGUE	Qualitativo e qualificativo	Segmentar sequencial	EDUCAÇÃO/ENSINO/ENSINAR BILÍNGUE – SN - O substantivo BILÍNGUE se realizou como atributo do verbo ENSINAR o substantivando – EDUCAÇÃO BILÍNGUE
	1	FINAL	Qualitativo	Segmentar sequencial	TRABALHAR FINAL – SN – O substantivo FINAL adjetivou o verbo TRABALHAR substantivando-o – TRABALHO FINAL

	1	LÍNGUA DE SINAIS	Qualificativo	Segmentar sequencial	TEXTO LÍNGUA-DE-SINAIS – O substantivo LÍNGUA-DE-SINAIS adjetivou o substantivo TEXTO – (SN)
Pronomes incorporados a verbos	1	3ENSINAR1	Determina o agente e o paciente	Intrasegmentar	Verbo transitivo
	1	1CONVIDAR3	Determina o agente e o paciente	Intrasegmentar	Verbo transitivo
Pronomes pessoais	1	IX-EU	Experienciador	Segmentar sequencial	Sujeito – SN
	5	IX-ELA	Agente	Segmentar sequencial	Sujeito – SN IX-ELA (pronome) JÁ (adverbial) LUTAR (verbo) – Sujeito (SN)

					IX-ELA CL JÁ CONHECER – Sujeito (SN) IX- ELES (pronome) ALUNOS (substantivo) – sujeito (SN) IX-ELES PERGUNTAR – sujeito (SN)
Pronome Possessivo	2	MEU	Relação de posse e qualificativo	Segmentar sequencial	MEU TRABALHAR – SN, devido ao pronome que o antecedeu o verbo TRABALHAR se substantivou MINHA EXPERIÊNCIA – SN
Pronome indefinido	1	TODOS	Entidade a que se faz referência	Segmentar sequencial	DEFICIÊNCIA (atributo) TODOS [pessoas] (referentes indeterminados) - SN
	5	NADA	Sentido negativo	Segmentar sequencial	NADA INTÉRPRETE – SN (3x)

Pronome demonstrativo					APRENDER NADA – Complemento verbal (2x)
	1	OUTRO	Entidade a que se faz referência	Segmentar sequencial	OUTRA FACULDADE - SN
	1	CADA-UM	Expressão de compensação e entidade a que se faz referência	Intrasegmentar CL com incorporação de número	CADA-UM – (SN) (referentes indeterminados)
	1	IX-ESSE	Locativo	Segmentar sequencial	FORMAR IX-ESSE [letras/libras] – complemento
	1	IX-ISSO	Locativo – Concordância	Segmentar sequencial	2013 IX-ISSO – SN

Adverbio de lugar	13	IX-LÁ	Locativo	Segmentar sequencial	<p>IX-LÁ ESCOLA – (SN)</p> <p>IX-LÁ [na escola] PROFESSOR – (SN)</p> <p>INGRESSAR IX-LÁ [escola] – complemento adjunto adverbial</p> <p>IX-LÁ ESCOLA – (SN) (2x)</p> <p>IX-LÁ [faculdade] COMEÇAR – adjunto adverbial</p> <p>IX-LÁ FACULDADE – (SN)</p> <p>IX-LÀ FACULDADE – (SN)</p> <p>TRABALHAR DENTRO IX-LÁ – complemento adjunto adverbial</p>
-------------------	----	-------	----------	----------------------	---

					<p>CONHECER IX-LÁ - complemento adjunto adverbial</p> <p>IX-LÁ DIRETOR – (SN)</p> <p>PEDAGÒGICO IX-LÀ – (SN)</p> <p>IX- LÁ NÃO-TER - adjunto adverbial</p> <p>IX-LÁ FALAR - adjunto adverbial</p> <p>IX-LÁ ESTADOS-UNIDOS – (SN)</p>
	2	IX-AQUI	Locativo	Segmentar sequencial	<p>IX-AQUI [faculdade] PUBLICA – SN</p> <p>IX-AQUI PREFEITURA – (SN)</p>

Advérbio de tempo	4	DEPOIS	Relação referencial de tempo	Segmentar sequencial	<p>DEPOIS (advérbio) 3º (numeral) COLEGIAL (substantivo) – (SN)</p> <p>DEPOIS (advérbio tempo) IX-LÀ (advérbio de lugar) FACULDADE (substantivo) - (SN)</p> <p>UM-ANO DEPOIS – (SN)</p> <p>LEI DECRETO DEPOIS – (SN)</p>
	3	ANTES	Relação de ordem	Segmentar sequencial	<p>FACULDADE ANTES – (SN)</p> <p>2000 ANTES – (SN)</p> <p>ANTES IX-ELA – (SN)</p>

Classificador	1	Realização do numeral 0 com ponto de articulação na testa	Qualificativo, substitutivo de APRENDER	Segmentar sequencial	IX-EU CL – (SN)
	4	Classificador que faz referência pronominal por meio da direcionalidade [ela]	Qualificativo	Intrasegmentar com alteração de movimento e realizado em ordem segmentar sequencial	CL SINAL (substantivo próprio/nome visual da pessoa) – (SN) IX-ELA CL – (SN) IX-EU CL – SN CL SURDO – SN

Fonte: elaborado pela autora

Em seguida, apresentamos as discussões e os resultados obtidos a partir da análise de dados referentes às categorias combinatórias/articuladoras. Esta análise permitirá uma compreensão mais aprofundada sobre o papel e a função dessas categorias no contexto estudado, elucidando aspectos fundamentais para a interpretação dos resultados.

7.2 Análise de Dados: discussões e resultados sobre as categorias combinatórias, os articuladores

Azeredo (2018) denomina “agente”, “paciente”, “lugar” (entre outras funções semânticas) e “sujeito”, “complemento”, “adjunto” (entre outras funções sintáticas) de categorias combinatórias. Dentre os itens que apresentam funções combinatórias, o pesquisador destaca o ‘para’ em “para passear” (finalidade) e o ‘de’ em “de creme” (matéria). Ao encontro do que defende Azeredo (2018), Dubois *et al.* (2007) também comprehende que as categorias combinatórias podem ser sintáticas ou semânticas, e se apresentam como o processo pelo qual uma unidade da língua entra, no plano da fala, em relação com outras unidades realizadas no enunciado.

Nessa perspectiva, conforme Dubois *et al.* (2007), os articuladores do discurso podem envolver morfemas ou sequências de morfemas que servem para indicar as relações lógicas entre as frases, sendo seus constituintes; conjunções, advérbios e outros articuladores lógicos. Nesse mesmo viés, Neves (2000) trata em relação às funções sintáticas e semânticas, sobre como as palavras se organizam em classes. A autora apresenta a predicação, a referenciação, a quantificação e indefinição, e a junção. Em relação a junção, essa se relaciona as classes de palavras tradicionais preposição e conjunção. Destacando os aspectos gramaticais dessas categorias na composição de enunciados, os autores lançam espaço para tratarmos dentro das categorias combinatórias dos itens articuladores.

Diante deste contexto, partimos em direção a organização de um referencial teórico específico da Libras que tratasse sobre os itens preposicionais e itens conectivos que contribuíssem para elaboração de um Instrumento Conceitual que lançasse luz sobre os dados coletados para que pudéssemos analisá-los. Na análise dos dados constatamos dentre as categorias combinatórias, mais especificamente, dentre os articuladores, itens que se realizaram como preposições accidentais, mecanismos preposicionais, conjunções e mecanismos conectivos.

Entre os itens conectivos identificamos as conjunções EXEMPLO, PORQUE, DEPOIS, MAS, TAMBÉM, COMO e MAIS, que se realizaram como conjunções coordenativas e subordinativas. Os itens que, assim como na língua portuguesa realizam a função de conjunções são PORQUE, MAS, TAMBÉM, COMO e MAIS. Os itens EXEMPLO e DEPOIS também são utilizados como substantivo e advérbio de tempo respectivamente. No entanto, o item EXEMPLO foi utilizado para introduzir orações e ocorreu quatro vezes na fala sinalizada dos participantes da pesquisa. Uma vez foi utilizado para estabelecer relação de subordinação consecutiva e sintaticamente se realizou como adjunto adverbial. E três vezes foi utilizado como conjunção coordenativa explicativa também introduzindo orações sintaticamente independentes.

O item DEPOIS foi utilizado três vezes como articulador de orações estabelecendo relação adverbial de tempo, como conjunção subordinada adverbial temporal e sintaticamente como adjunto adverbial. Também foi utilizado uma vez para introduzir oração sintaticamente independente. Esse mesmo item foi apresentado anteriormente dentro das categorias determinativas, anteposto a nomes estabelecendo relação de ordem em itens. Porém, nesse caso, introduziu e articulou orações, demonstrando assim funções múltiplas.

O uso dos sinais EXEMPO e DEPOIS como articuladores de orações, confirma o que Neves (2006) pontuou sobre um determinado elemento pertencer a mais de uma classe. Desse modo, com a autora compreendemos que é preciso analisar os processos de classificação de palavras dentro de um contexto e não de forma isolada. Pois, conforme a autora, não há fronteiras rígidas, estanques e impermeáveis, com conteúdo estabelecido de forma unívoca e imutável. A análise dos dados reforça que o aspecto multifuncional de alguns itens da língua, são bem produtivos na Libras.

Nesse mesmo rol, o adverbial interrogativo COMO foi utilizado como conjunção coordenativa adversativa, apresentando relação de contraste em orações independentes. O que ocorreu, ao encontro de Rodrigues e Souza (2019), como um sinal que pode atuar como conjunção ou advérbio dependendo do contexto das sentenças na Libras. Também estabelecendo relação de contraste e comparação, a conjunção MAS ocorreu duas vezes em orações sintaticamente independentes, como conjunção coordenativa adversativa.

O uso do item PORQUE como conjunção também foi recorrente na fala dos participantes da pesquisa. Das seis vezes que ocorreu, três vezes se realizou como coordenativa explicativa em orações sintaticamente independentes e três vezes como subordinativa causal,

com função sintática de adjunto adverbial causal. A esse respeito, Rodrigues e Souza (2019) também indicam que, como na língua portuguesa, a Libras apresenta a situação em que uma mesma conjunção, como as conjunções ‘PORQUE’ e ‘MOTIVO’, podem ser usadas em sentenças em circunstâncias explicativas, causais e, ainda, conclusivas. Desse modo, nesse aspecto, a Libras não difere do português.

Entre as conjunções aditivas identificamos o uso das conjunções TAMBÉM e MAIS. O item TAMBÉM se realizou como conjunção coordenativa aditiva em orações sintaticamente independentes. A conjunção MAIS, realizada pelo sinal de adição com origem matemática, foi utilizada também em coordenativa aditiva, sintaticamente independente. Embora, conforme Rodrigues e Souza (2019), a Libras não dispõe de uma lista de conjunções causais, explicativas e conclusivas, dentre outras, com as autoras, e também com Soares (2020) e Silva (2019), podemos indentificar a recorrência do uso dos sinais como conjunções PORQUE (causal e explicativa), MAS (adversativa), TAMBÉM e MAIS (como aditivas).

Entre os mecanismos conectivos na Libras, com a análise dos dados da pesquisa, identificamos: a parataxe por justaposição; a subordinação por hipotaxe; movimentos de tronco na organização da disposição da informação; movimento do tronco, direção do olhar e incorporação de locativos em verbos; bóia, *role shift*; e, interrogativa retórica. Ao encontro de Kenedy e Othero (2018), identificamos dois dos três tipos de orações encontradas nas línguas naturais a hipotaxe e a parataxe. Conforme Silva (2019), a parataxe consiste na articulação de orações por justaposição, realiza a coordenação sem o uso de conjunção. Essas orações assindéticas são caracterizadas pela disposição uma ao lado da outra.

Identificamos também a ocorrência de cinco excertos que apresentaram orações sintaticamente relacionadas por parataxe por justaposição, apesar de independentes as orações justapostas complementaram o sentido umas das outras. Como no excerto 4 – [escola] IX-EU **CONVERSAR SÓ e APRENDER CHEGAR CASA**, a segunda oração explica o motivo de ele só conversar [na escola]. Conversar ocorria em oposição a aprender na escola, uma vez que ele só iria conseguir aprender quando chegasse em casa. Assim, as orações (ii) e (iii) apresentam discursivamente sentidos complementares.

A hipotaxe, conforme Silva (2019), correspondem às orações subordinadas adverbiais, que exercem a função de adjunto adverbial. Assim como as orações encaixadas vão unir duas orações, porém, as hipotaxes produzem entre as orações o efeito sintático discursivo, que se dá de maneira mais livre, ou seja, fora das restrições estruturais impostas a argumentos e adjuntos

adnominais. Como ocorreu no excerto 7 - 3º-COLEGIAL NÃO-TER NADA INTÉPRETE_(i) e SÓ (apenas) DEPOIS IX-EU INGRESSAR FACULDADE_(ii). A oração (ii) se demonstrou dependente da primeira para ter seu sentido completo, ou seja, só passou a ter intérprete de Libras após ingressar no Ensino Superior. Nesse sentido, a oração (ii) se apresentou hipotática, ou seja, ocorreu de forma dependente da oração matriz (i). E foi introduzida pelos adverbiais de aspecto e tempo SÓ (apenas) e DEPOIS.

Nos dados analisados também identificamos a utilização de sintaxe espacial para a construção de estruturas complexas na Libras. Em um desses excertos o mecanismo de articulação envolveu movimentos de tronco na organização da disposição das informações, como no excerto 1 - EXEMPLO (de um lado) **ESTUDAR ESPECIAL É AFADA DEMANHÃ**_(ii) (de outro lado) **A-TARDE IR ESTUDAR INTEGRAÇÃO**_(iii). As orações se demonstraram como coordenativas alternativas, sem o uso de conjunções, mas a partir da marcação de espaço produzida pelo movimento de tronco do sinalizante, dois locativos foram marcados de um lado **ESCOLA ESPECIAL** de outro **ESCOLA INTEGRAÇÃO**, indicando alternância de situação.

Outra estrutura complexa na Libras que apresentou movimento do tronco, direção do olhar e incorporação de locativos em verbos foi o excerto 3 – **VER** (movimento direcionando o corpo para o lado direito) **AMIGO**_(iv) **ESCREVER**_(v) **PROFESSOR IX-LÁ** (movimento de retorno com o corpo para o eixo centro) **EXPLICAR**_(vi). As orações se apresentaram sintaticamente independentes, como coordenativas de alternância com marcação de referentes no espaço, visto que ora o sinalizante olhava para o caderno do amigo e ora olhava para o professor que explicava o conteúdo.

Conforme Ferreira Brito (1995), nas estruturas complexas o valor semântico de cada frase já define a dependência ou independência entre as sentenças. Conforme a autora, as orações subordinadas parecem incompletas, se isoladas, já as coordenadas não. Desse modo, o valor semântico das orações acima se apresenta completo de forma independente, ou seja, se apresentaram como coordenativas. E, ao encontro de Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), as orações apresentam uso de traço direcional do movimento, mais a distribuição de pontos no espaço de sinalização para destacar os recursos da sintaxe espacial na Libras.

Outro mecanismo conectivo identificado na análise de dados foi o uso de *role shift*. Soares (2020) explica esse mecanismo a partir da sintaxe espacial da Libras, em que o sinalizante toma a perspectiva de outra pessoa para relatar uma atitude proposicional. Nesses

moldes identificamos a ocorrência de uso desse mecanismo em três excertos. Como ocorreu no excerto 12 - IX-ELES: (*role shift*) NÃO, NÃO pausa **ESPERAR POUCO**_(ix). Conforme observado foi alternada a posição de sinalização para representar os referentes em uma situação de diálogo. No caso da oração (ix) a fala representada é da FACULDADE, identificada pelo contexto discursivo do excerto. Em relação às demais orações, o mecanismo utilizado apresentou uma relação de explicação ou descrição da situação vivenciada ou imaginada.

O uso do mecanismo conectivo boia também foi constatado na pesquisa. Conforme Soares (2020), a utilização do mecanismo de boia envolve levantar ou listar itens, para cumprir a função de adição na Libras, de modo equivalente às conjunções aditivas MAIS e TAMBÉM. Desse modo, foram identificadas quatro ocorrências desse fenômeno na fala sinalizada dos participantes da pesquisa. Como ocorre em no excerto 17 - MINHA EXPERIÊNCIA **ENSINAR FACULDADE** (boaia) 1º TEORIA, 2º PRÁTICA, 3º **COMUNICAR BÁSICO**. Constatamos a recorrência desse mecanismo estabelecendo relação coordenativa aditiva, empregado com a função de adicionar itens.

O mecanismo de interrogação também apresentou função articuladora e se destacou pela morfologia suprasegmentar em consonância com a morfologia segmentar. No excerto 16, em - **ENSINAR AQUISIÇÃO FLUÊNCIA VERDADE** expressão facial de incerteza_(iii) NÃO_(iv), a sentença (iii) se apresentou interrogativa a partir do emprego de expressão facial, se realizando como uma pergunta retórica. Soares (2020) denota que os mecanismos conectivos podem ocorrer pelo uso da dimensão espacial e da possibilidade de articulação visual, manual e de marcação não-manual como parâmetros linguísticos. Desse modo, constatamos na sentença acima a utilização de marcação não manual, a partir da interrogativa que apresenta característica de coordenação conclusiva.

Os itens prepositivos identificados nos dados analisados foram: JUNTO, ATÉ, POR-CAUSA e DENTRO. Optamos por utilizar o termo itens prepositivos devido esses elementos também pertencerem a outras classes de palavras. Os itens apresentados também se realizam na função de adjetivo, advérbio e conjunção. A esse respeito, Neves (2000) esclarece que certas preposições, denominadas de acidentais pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, têm origem em outras classes gramaticais e podem funcionar também como elementos de suas classes de origem. Os dados analisados sugerem, que assim como no português alguns advérbios, adjetivos, conjunções e verbos em particípio podem funcionar como preposições acidentais, circunstâncias parecidas podem ocorrer também na Libras, a depender do contexto de uso.

Dentre os itens prepositivos identificamos o adjetivo/advérbio JUNTO que estabeleceu entre dois elementos de mesma natureza a relação semântica de companhia. Como em ‘MÃE JUNTO [eu]’ com movimento de aproximação ao enunciador e ‘IX-EU JUNTO AMIGO’. A conjunção POR-CAUSA ou MOTIVO, ligou os termos INGRESSAR e DECRETO estabelecendo uma relação com sentido de causa. Sintaticamente se realizou como adjunto em relação ao verbo INGRESSAR e em sintagma preposicionado. O também advérbio ATÉ apresentou duas ocorrências, semanticamente com papel temático de *meta* ou *alvo*, estabeleceu relação de limite temporal entre os ‘1ºANO ATÉ 5ºANO’ e entre ‘8ºANO ATÉ ACABAR’. O advérbio DENTRO, também apresentou duas ocorrências e estabeleceu semanticamente relação locativa. Estabeleceu relação prepositiva como adjunto em relação ao verbo ‘trabalhar’ em ‘TRABALHAR DENTRO IX-LÁ’ e locativo com função prepositiva em relação ao substantivo ‘universidade’ em, ‘DENTRO UNIVERSIDADE’.

Conforme defendem Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), uma das características que definem as preposições é a de se manifestarem como obrigatórias, como ocorrem com as preposições *verdadeiras* ou *com apenas um significado*. Os dados analisados apresentaram que o uso desses itens prepositivos, além de não poderem ser considerados exclusivamente preposições, em alguns casos se mostraram não obrigatórios ou dispensáveis, em alguns contextos na Libras, como o item DENTRO anteposto ao locativo IX-LÁ.

Os mecanismos prepositivos identificados nos dados analisados foram: especificador de instrumento incorporado a verbo e incorporação de locativos em verbos direcionais a partir do recurso da sintaxe espacial com marcação temática (*meta* ou *alvo*) na Libras. O verbo ESCREVER no quadro com giz apresentou morfologia intrassegmentar e simultânea. A realização do verbo apresentou relação prepositiva de instrumento “com uso de giz”. Indicou também de forma incorporada o locativo “no quadro” estabelecendo uma relação de lugar, assim como a preposição “em” na língua portuguesa.

Ao encontro dos estudos de Felipe (2002) e Quadros e Karnopp (2004), o verbo apresentado se enquadra na categoria dos verbos especificadores de instrumento, também conhecidos como verbos manuais. A realização desses verbos envolve as configurações de mão mostrarem iconicamente a manipulação de objetos. Desse modo, a realização do verbo ESCREVER apresentou esse caráter mais motivado ou transparente. Ainda considerando a marcação locativa, com Gurunga, Gonçalves e Lessa de Oliveira (2023), compreendemos que algumas funções desempenhadas pelas preposições no português, parecem ser realizadas na

Libras pela marcação da posição de referentes no espaço de sinalização. A realização do verbo ESCREVER com o giz no quadro indicou o uso do mecanismo de sintaxe espacial da Libras, conforme descrito pelas autoras.

Outro mecanismo prepositivo envolveu os verbos IR e CHEGAR que apresentaram incorporação de locativos, como verbos direcionais, a partir do recurso da sintaxe espacial e indicaram papel temático de *meta* ou *alvo* na Libras. Os verbos IR e CHEGAR podem envolver contexto transitivo e, portanto, apresentarem a necessidade de complemento, IR a algum lugar, de forma semelhante, CHEGAR em algum lugar. Esse é o contexto em que os verbos se manifestaram. Morfologicamente, com Felipe (2002), compreendemos que pode haver o sincretismo aos verbos transitivos de outras categorias representadas na raiz movimento, ou na orientação, ou no ponto de localização. A esse respeito, a autora elucida que certos verbos em um contexto transitivo, incorporam ao evento por meio do movimento direcional as noções preposicionais, por isso, foram classificadas como; verbos com raiz “*de_*”; verbos com raiz “*para*”; e, verbos multidirecionais.

De forma similar, Brito (2003) apresenta a atuação da preposição com determinados verbos de movimento na atribuição de papel temático ao argumento, como é o caso de IR a algum lugar ou VIR de algum lugar, casos que preveem na sua entrada lexical os papéis temáticos de *meta* e de *fonte*, respectivamente. Desse modo, a análise de dados corrobora com essas descrições, sendo que o verbo e a preposição incorporada contribuem para a marcação temática dos complementos.

A seguir, apresentamos o Quadro 16, que sintetiza os itens que se realizaram como articuladores na fala dos participantes da pesquisa.

Quadro 16: Síntese dos itens que se realizaram como articuladores na fala dos participantes da pesquisa (2)

Função	Rec.	Item	Aspectos semânticos	Aspectos morfológicos	Aspectos Sintáticos
Itens conectivos	4	EXEMPLO	Articulador – relação de consecução Relação de explicação	Segmentar sequencial	Subordinativa consecutiva utilizada para introduzir oração (adjunto adverbial) Coordenativa explicativa utilizada para introduzir oração (independente sintaticamente) (3x)
	6	PORQUE	Articulador – relação de explicação ou justificativa (3) Relação de causa (3)	Segmentar sequencial	Coordenativa explicativa (independente sintaticamente) (3x) Subordinativa causal (adjunto adverbial) (3x)
	4	DEPOIS	Articulador – relação adverbial de tempo	Segmentar sequencial	Subordinativa adverbial temporal

			Introdução de oração		(adjunto adverbial) (3x)
					Introdução de oração sintaticamente independente (1x)
2	MAS	Articulador – relação de adversidade Contraste comparação	Segmentar sequencial		Conjunção coordenativa adversativa (sintaticamente independente)
1	TAMBÉM	Articulador – relação de adição	Segmentar sequencial		Conjunção coordenativa aditiva (sintaticamente independente)
1	COMO	Articulador- relação de contraste	Segmentar sequencial		O adverbial interrogativo COMO foi utilizado com função de conjunção coordenativa adversativa
1	MAIS	Articulador – relação de adição	Segmentar sequencial		Conjunção coordenativa aditiva (oração sinteticamente independente)

Mecanismos conectivos	5	Mecanismo de justaposição - parataxe	Articulador – relação de complementação	Segmentar sequencial	Coordenativas complementares (independentes sintáticamente)
	3	Mecanismo de hipotaxe	Articulador – relação de dependência	Segmentar sequencial	Subordinativas (orações complementares dependentes)
	1	Movimento do tronco de um lado ESCOLA ESPECIAL de outro ESCOLA INTEGRAÇÃO	Articulador- locativo	segmentar simultânea	Coordenativa de alternância (independente sinteticamente) Sintaxe espacial
	1	Movimento do tronco, direção do olhar e incorporação de locativos no verbo VER	Articulador - locativo	Intrassegmentar e segmentar simultânea	Coordenativa de alternância com marcação de referentes no espaço (independente sintaticamente) Sintaxe espacial

Itens prepositivos	4	BÓIA	Articulador - adição	Segmentar simultânea	Coordenativa aditiva, função de adicionar itens
	3	ROLE SHIFT	Articulador – Descrever ação discursiva	Intrasegmentar e simultânea	Coordenativa explicativa
	1	INTERROGATIVA RETÓRICA	Articulador - conclusiva	Intrasegmentar e suprasegmentar	Coordenativa conclusiva Sentença independente sintaticamente
	2	JUNTO	Articulador- relação de companhia	Segmentar simultânea	Estabeleceu relação entre dois elementos de mesma natureza MÃE e IX-EU Estabeleceu relação entre dois elementos de mesma natureza IX-EU e AMIGO
	2	ATÉ	Articulador – relação de <i>meta</i> ou <i>alvo</i>	Segmentar sequencial	Estabeleceu relação de limite temporal entre dois elementos de mesma

				<p>natureza 1º, 2º, 3º, 4º ANO e 5ºANO</p> <p>Estabeleceu relação de limite temporal entre dois itens 8º-ANO e ACABAR</p>
1	POR-CAUSA	Articulador - relação de causa	Segmentar sequencial	<p>Estabelece relação de causa – INGRESSAR POR-CAUSA DECRETO - Sintagma preposicionado como adjunto em relação ao verbo</p>
2	DENTRO	Articulador - Locativo	Segmentar sequencial	<p>TRABALHAR DENTRO IX-LÁ – locativo adverbial com função prepositiva, adjunto em relação ao verbo</p> <p>DENTRO UNIVERSIDADE – locativo com função prepositiva em relação ao substantivo</p>

Mecanismos prepositivos	1	ESCREVER no quadro com um giz	Articulador - Locativo e instrumento	Intrasegmentar simultânea	Síntagma pre posicionado como adjunto em relação ao verbo
	1	Verbo direcional IR com locativo <i>para</i>	Articulador – relação de <i>meta</i> ou <i>alvo</i>	Intrasegmentar simultânea	IR ESTUDAR Síntagma pre posicionado como adjunto em relação ao verbo, complementado por locativo
	1	Verbo direcional CHEGAR com locativo <i>em</i>	Articulador – relação de <i>meta</i> ou <i>alvo</i>	Intrasegmentar simultânea	CHEGAR CASA Síntagma pre posicionado como adjunto em relação ao verbo, complementado por locativo

Fonte: elaborado pela autora

Conforme observado no Quadro 16, como resultado da análise de dados, dentre as categorias determinativas identificamos classificadores, adverbiais, pronomes, adjetivos e numerais. A classe dos adverbiais não foi listada entre as categorias determinativas por Dubois *et al.* (2014) e por Neves (2006), destoando um pouco da língua portuguesa. Entre as categorias combinatórias, mais especificamente, dentre os articuladores, identificamos itens que se realizaram como preposições accidentais, mecanismos preposicionais, itens conectivos e mecanismos conectivos.

Nesse respeito, também identificamos itens oriundos de outras classes gramaticais realizando a função de unir itens e introduzir orações. Essa situação foi prevista em Neves (2006) que também demonstrou na língua portuguesa a possibilidade de elementos que pertencem a mais de uma classe, dentro de um determinado contexto, se realizarem com função de conjunções. Sobre esse aspecto, a Libras não diferiu do português.

Dentre os mecanismos conectivos articuladores, a parataxe com justaposição (coordenação de orações sem o uso de conjunções) e a realização de orações subordinadas adverbiais de forma mais livre, fora das restrições estruturais impostas a argumentos e adnominais, por hipotaxe, se assemelharam as ocorrências na língua portuguesa. Porém, na Libras esses mecanismos foram implementados pela morfologia simultânea. Como mecanismos articuladores específicos da Libras, devido a sua modalidade espaço-visual, identificamos o uso de sintaxe espacial para a construção de estruturas complexas na Libras; o *role shift*; boia ou listagem de itens; e, interrogativas retóricas.

Os mecanismos prepositivos específicos da Libras identificados foram: especificadores de instrumento incorporado a verbo e incorporação de locativos em verbos direcionais a partir do recurso da sintaxe espacial com marcação temática (*meta* ou *alvo*) na Libras. A utilização desses mecanismos também envolveu aspectos específicos das línguas de sinais, utilizando morfologia intrassegmentar na incorporação de numerais, aspectos da iconicidade e da simultaneidade da língua.

Como um dos princípios da organização gramatical e codificação linguística das estratégias gramaticais, a iconicidade, ao encontro de Cunha e Tavares (2016), é entendida como a correlação natural e motivada entre forma e função, ou seja, entre código linguístico (forma) e conteúdo (significado). Nesse mesmo viés, Schwager e Zeshan (2008) pontuam que em estruturas altamente icônicas a forma de realização dos

parâmetros das línguas de sinais podem apresentar sobreposição entre funções formais e significativas de partes sub-lexicais de signos. Observamos esse fenômeno nos verbos VER, IR e ESCREVER. Por exemplo, o verbo ESCREVER no quadro com um giz, sobrepõe funções de instrumento e locativos, a partir de uma produção altamente icônica.

Outra característica observada no emprego desses verbos foi a simultaneidade. Identificamos na realização desses verbos vários elementos sinalizados juntos ao mesmo tempo. Assim, mesmo com poucos sinais, aparentemente, é possível desencadear uma sentença bem complexa, envolvendo expressões não manuais, e a colocação dos termos no espaço indicando uma relação toponímica, conforme defendem Schwager e Zeshan (2008), e Cunha e Tavares (2016).

Ainda tratando sobre o princípio da iconicidade, Cunha e Tavares (2016) destacam o subprincípio da topicalidade que envolve a compreensão de que a informação mais importante ou mais acessível tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática. Esse aspecto se confirmou em alguns contextos de fala analisados, como ocorreu no excerto 8 - INTÉRPRETE FACULDADE ANTES, DECRETO NÃO-TER_(i), em que o tópico INTÉRPRETE foi colocado no início da frase. Conforme as autoras, a ordem dos elementos no enunciado tem relação entre a importância ou acessibilidade da informação vinculada pelo elemento linguístico e sua colocação na oração.

A topicalização na Libras, também se apresentou associada à categoria do discurso (figura e fundo), apresentados por Cunha e Tavares (2016), como componente do princípio da transitividade. Segundo essas pesquisadoras, o falante organiza seu texto a partir de seus objetivos comunicativos e de sua percepção acerca das necessidades de seu interlocutor. Para que a comunicação se efetive, o falante orienta o ouvinte quanto ao grau de centralidade (figura) e perifericidade (fundo) dos enunciados que compõem seu discurso. Nessa direção, as estruturas topicalizadas, embora não sejam o cerne da nossa pesquisa, trouxeram os tópicos ou as informações principais para a posição inicial nas sentenças, e levaram para a posição subsequente as informações pertinentes a esses tópicos.

Outro fenômeno que nos saltaram aos olhos nos processos de classificação de sinais é o de gramaticalização, que se apresentou bem produtivo na Libras. Godoi (2021a) afirma que a Libras pode se enquadrar na perspectiva das línguas analíticas,

caracterizadas por possuírem a maior parte dos morfemas livres, considerados lexemas com significado próprio. Devido a essa característica, a Libras tende a depender bastante do contexto e de consideração pragmáticas para tornar compreensível as informações das enunciações. A nosso ver, isso se dá devido a produtividade do processo de gramaticalização. Com esse processo os itens da língua podem apresentar multifuncionalidade. Conforme os dados analisados, verbos podem se substantivar, substantivos podem se adjetivar, e o mesmo pode ocorrer com outros itens de outras categorias, como as de segunda ordem, tais como os advérbios, dentre outros.

Devido a esse processo, divergimos da distinção que Azeredo (2018) faz entre itens lexicais e gramaticais, apenas nesse aspecto. Embora o autor apresente a possibilidade de itens, como os numerais estarem nos dois planos, lexical e grammatical, distingue as categorias determinativas e combinatórias como sendo gramaticais. Na Libras os itens apresentaram maior recorrência de dupla articulação, lexical e grammatical, o que inviabilizou tal distinção. Com isso a divisão se mostrou incompatível com o fenômeno de gramaticalização, conforme mencionado, em que um item lexical passa a desempenhar funções gramaticais.

Desse modo, nos aproximamos mais da perspectiva apresentada por Vilela (1994) de solidariedade lexical. O autor destaca que o aspecto sequencial do conteúdo lexical é fundamental para obtenção de sentido a partir da organização dos signos na composição dos enunciados, denominando esse aspecto de solidariedade lexical. Os dados analisados sugerem que certos itens lexicais, tomados isoladamente, sem o uso de determinantes e articuladores, diferem em sentido e significado da forma empregada em uma determinada estruturação ou organização frasal. O que ao encontro de Vilela (1994) sugere que isso se dá por causa da relação que tais elementos estabelecem entre si no interior da cadeia sintagmática.

Apresentado o panorama geral das principais discussões e resultados obtidos em nossa pesquisa, passamos às considerações finais deste estudo.

8 CONSIDERAÇÕES FNAIS

No caminho de apresentar as nossas ponderações finais do estudo proposto, não é demais destacar que buscamos analisar os aspectos típicos da Libras tomando como referência conhecimentos sobre as produções e percepções das línguas orais, como a língua portuguesa. Conforme relatado, a Libras, assim como outras línguas de sinais, é uma língua natural, regida por princípios universais. Devido à sua especificidade, possui diversas propriedades que podem ou não ser encontradas nas línguas orais, manifestando-se de maneira única e distinta das línguas orais.

Em razão dessas circunstâncias, nossa análise utilizou aspectos teóricos das línguas orais apenas como comparativos de princípios e parâmetros, com o objetivo de identificar e descrever os fenômenos linguísticos da Libras que ocorrem na língua portuguesa, como o processo de organização das palavras em classes no contexto da comunicação por sinais. Todavia, reconhecemos que as línguas possuem modalidades distintas e gramáticas próprias.

Com base nos estudos apresentados no decorrer desta tese, é evidente que o tema do processo de classificação de sinais é altamente produtivo na Libras. Observamos que diferentes trabalhos enfocam algumas categorias de palavras/sinais relacionando-as ao ensino de uma segunda língua e o processo de interlíngua na Libras. No intuito de contribuir com a produção científica que envolve as pesquisas em línguas de sinais, e de modo mais específico, com os estudos linguísticos da Libras, esta tese se concentra no fenômeno da classificação na Libras contemporânea a partir da fala sinalizada dos participantes da pesquisa.

Por meio desta pesquisa, buscamos sistematizar os estudos descritivos sobre o processo de classificação na Libras, considerando em específico as categorias determinativas e combinatórias. Mediante a análise da fala sinalizada dos participantes da pesquisa, colocamos ênfase nos classificadores, nos itens pronominais com referências dêiticas e anafóricas, nos adjetivos determinativos e qualificativos, nos numerais, nos itens com função prepositiva e mecanismos prepositivos e, nas conjunções e nos mecanismos conectivos.

Nesse contexto, adotamos a premissa de que o léxico das línguas de sinais, como a Libras, possui uma gramática própria e uma estrutura complexa de combinação, articulação e organização nos enunciados, que difere significativamente das línguas orais. Ao considerar as particularidades da Libras, percebemos que os processos de classificação dos sinais são únicos e específicos. Essa questão nos permitiu explorar as nuances da gramática da Libras e compreender como esses processos de classificação influenciam a construção e interpretação dos enunciados na comunicação sinalizada, destacando a riqueza e a complexidade dessa língua.

Diante disso, no início deste estudo levantamos a seguinte questão: **Como o fenômeno da classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, se realiza na fala do surdo?**

Após desenvolver nossas análises, buscamos refletir sobre esse questionamento indicando possíveis respostas. Os dados coletados e analisados à luz do referencial teórico mostraram que a classificação de sinais na Libras, assim como demais línguas naturais, envolve preponderantemente aspectos semânticos, sintáticos e morfológicos. A nível semântico é possível identificar as classes primordiais lexicais de entidade, evento e propriedade correspondentes às classes de palavras substantivos, verbos e adjetivos.

Isso se dá considerando que essas classes de palavras representam as entidades estáveis no mundo real e imaginário de seus usuários. Nessa direção, o léxico arquiva ou inventaria todo material lexical representativo da realidade extralingüística de um povo, segundo a sua origem, costumes e história. Desse modo, o nível semântico destaca as propriedades de significado e sentido ao léxico, que são atribuídos a esses dentro do contexto de fala sinalizada.

Já o nível morfológico envolve a forma da língua, inclusive o formato em que a comunidade linguística vai receber, tomar e se apropriar das questões com possibilidade de articulação desse léxico para poder se comunicar. Para articular essas entidades essencialmente lexicais e elevá-las ao nível do discurso, são utilizados itens gramaticais. Para realizar essa tarefa, além dos aspectos semânticos e morfológicos, esses itens/elementos gramaticais também empregam recursos sintáticos.

Nesse movimento, reconhecemos que esses processos de articulação e combinação dos sinais precisavam ser investigados, considerando os aspectos

semânticos, sintáticos e morfológicos empregados na organização de textos sinalizados. Esse trabalho envolveu identificar a atribuição de determinados sinais às categorias ou classes gramaticais a partir da função que exerceram na composição de enunciados. Entre os itens que possibilitam a combinação e articulação dos sinais para a produção de enunciados, as categorias determinativas e combinatórias/articuladoras passaram a receber um enfoque especial nesta pesquisa.

Agrupando grandes grupos funcionais, foram identificadas nas categorias determinativas da Libras os classificadores, os adverbiais, os pronomes, os adjetivos e os numerais. Vale destacar que a classe dos adverbiais ainda não tinha sido listada entre as categorias determinativas, ao contrário das outras classes previstas em referenciais teóricos citados no decorrer deste estudo, que abordam as línguas naturais.

Entre as categorias combinatórias, mais especificamente entre os itens prepositivos, identificamos itens que se manifestaram como preposições acidentais. Além disso, observamos mecanismos preposicionais, como especificadores de instrumento incorporados a verbos, e a incorporação de locativos em verbos direcionais, utilizando o recurso da sintaxe espacial com marcação temática (*meta* ou *alvo*) na Libras.

No que se refere às categorias combinatórias com função conectiva, identificamos conjunções e itens que se realizam com função de conjunção. Além disso, observamos mecanismos conectivos de parataxe com justaposição (coordenação de orações sem o uso de conjunções) e a realização de orações subordinadas adverbiais de forma mais livre, fora das restrições estruturais impostas a argumentos e adnominais, ou seja, por hipotaxe. Por fim, destacamos o uso de sintaxe espacial para a construção de estruturas complexas na Libras, *role shift*, boia ou listagem de itens e interrogativas retóricas.

Esses itens, elementos e mecanismos se mostraram essenciais para a compreensão de que na Libras o processo de classificação de sinais está condicionado ao aspecto sequencial do conteúdo lexical. Nesse caso, se a organização sequencial desses sinais for desmembrada ou desarticulada da enunciação, perderia o efeito de sentido apreendido no contexto discursivo. A esse respeito, como princípios da organização gramatical, se apresentaram nos dados analisados, a iconicidade, a simultaneidade, em alguns casos a topicalidade e, a multifuncionalidades das entidades lexicais em funções gramaticais.

Diferentemente da abordagem clássica, que categoriza elementos com base em um protótipo sem considerar a proximidade e o afastamento em termos de traços ou características. Em nossa análise, partimos dos processos de classificação baseados nas relações de similaridade e distinção entre as classes de palavras tradicionais.

Considerando os aspectos semânticos, nos determinantes identificamos os seguintes traços nos classificadores; referenciais, substitutivos, identificadores, focalizados e qualitativos. Nos pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos com referenciais anafóricos, encontramos traços referenciais, substitutivos, antecedentes, dêiticos, identificadores, remissivos e indefinidos. Nos adjetivos observamos traços referenciais, substitutivos, identificadores, remissivos, focalizados e qualitativos. Nos numerais identificamos traços substitutivos, identificadores, qualitativos e quantitativos. E, os adverbiais locativos apresentaram traços referenciais, substitutivos, identificadores, remissivos, localizadas e dêiticos.

Quanto aos traços semânticos dos articuladores, identificamos preposições e mecanismos prepositivos que se manifestam como direcionais, localizados, instrumentais, relativos, temporais, propositivos, continuativos, dependentes e concatenativos. Em relação às conjunções e mecanismos conectivos, observamos traços propositivos, dependentes, concatenativos, coordenativos e subordinativos.

Considerando os aspectos morfológicos identificamos nas categorias determinativas nos classificadores, adjetivos, adverbiais locativos, pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos com referenciais anafóricos, a preponderância de morfologia segmentar sequencial. Nos numerais, além da morfologia segmentar sequencial, houve também a utilização de morfologia intrassegmentar com incorporação de numerais. Nas categorias combinatórias/articuladoras identificamos nas preposições e conjunções, a morfologia segmentar sequencial. E nos mecanismos prepositivos e conectivos, as morfologias intrassegmentar, segmentar simultânea e, uma ocorrência de morfologia suprassegmentar.

Quanto aos aspectos sintáticos, os resultados apontaram que as categorias determinativas se apresentaram em sua maioria em sintagmas nominais acompanhando nomes. Já as categorias combinatórias articuladoras apresentaram predominância de função sintática como complementos verbais e adjuntos.

Com base no princípio da prototípicidade envolvendo processo de categorização de palavras, na perspectiva apresentada, constatamos a necessidade de analisar as classes de palavras/sinais da Libras dentro do contexto de produção. Pois, percebemos que assim como em outras línguas naturais, na Libras não há fronteiras rígidas ou compartimentos fechados contendo blocos de palavras que possuem os mesmos traços e as mesmas características sem variação. Levamos em conta esse critério por analisar as nuances de certos itens lexicais e gramaticais da Libras, quanto a sua estrutura sintática, morfológica e semântica na fala sinalizada dos participantes da pesquisa em contexto de uso. Nessa perspectiva, devido ao processo de gramaticalização muitos itens da língua apresentaram multifuncionalidade.

Observamos que em alguns casos com a ausência da preposição, itens próximos a substantivos, que também são substantivos, realizaram a função de adjetivo pelo processo de gramaticalização, como em ‘GRAMÁTICA LIBRAS’, divergindo de como ocorre no português com uso de preposição, “a gramática *da* Libras”. De modo semelhante, em outros casos, observamos que verbos seguidos de adjetivos tenderam a fazer a função de substantivo e, os substantivos que precedem esses verbos tenderam a fazer a função de adjetivo, como em ‘ENSINAR BILÍNGUE’, com sentido de “Educação Bilíngue”. Identificamos a ocorrência de verbo direcional próximo à verbo transitivo indicando direção, em que um dos verbos assume a função de adjetivo do outro ou lhe complementa o sentido.

Ainda por meio da análise de dados, observamos que alguns verbos são realizados um ao lado do outro na mesma sentença, como em ‘ESCOLHER DEBATER’ e ‘DAR SOMAR’. Nesse sentido, o segundo item tende a se substantivar, como “escolher [o tema do] debate” e “dar/atribuir nota”. Do mesmo modo, em alguns casos, verbo precedido por item com função adjetiva passaram de verbo a substantivo como em ‘TRABALHAR FINAL’, passa a ser ‘TRABALHO FINAL’.

A recorrência desses casos nos dados analisados nos levou a compreender que, na Libras, os itens apresentaram uma maior frequência de dupla articulação, tanto lexical quanto gramatical. Isso diverge da distinção feita por Azeredo (2018) entre itens essencialmente lexicais e gramaticais, aproximando-nos mais da perspectiva de solidariedade lexical proposta por Vilela (1994). Esse pesquisador destaca a importância

do aspecto sequencial do conteúdo lexical para a composição dos enunciados. Tomados isoladamente, os itens com significado lexical, sem o uso de determinantes e articuladores, diferem em sentido e significado da forma empregada em uma determinada estruturação ou organização frasal.

Com vistas a alcançar o objetivo geral, a trajetória da pesquisa foi delineada por meio da elaboração do Instrumento Conceitual, a partir da fundamentação teórica que serviu de parâmetro para a análise de dados; da elaboração e aplicação das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes da pesquisa e, por fim, da análise dos excertos de fala sinalizada à luz do IC. De modo geral, a análise se pautou no objetivo primeiro desta tese que foi o de analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, em contexto de fala de surdos docentes no ensino superior, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se faz no uso corrente da Libras.

Para tanto, buscamos levantar os processos de classificação de sinais realizados na fala dos surdos participantes da pesquisa; analisar esses processos de classificação a partir da função que os sinais exercem no contexto de fala, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos; e, por fim, identificar e descrever na fala sinalizada dos participantes da pesquisa, as regras de combinação e organização dos sinais a partir do emprego de determinantes e articuladores.

Os contornos e a direção dessa discussão reforçam a necessidade de dar continuidade aos estudos, uma vez que há uma necessidade futura de desenvolver mais pesquisas sobre o processo classificatório de sinais da Libras e as categorias determinativas e combinatórias. Ampliar a amostra e explorar essas categorias com maior profundidade permitirá uma compreensão mais abrangente e detalhada dos fenômenos linguísticos envolvidos.

Durante a trajetória do presente estudo, colocamos em destaque a presteza dos participantes que se dispuseram a participar das entrevistas e a contribuir para os estudos em relação ao processo classificatório de sinais da Libras. O uso da Libras como principal meio de comunicação pelos participantes em contextos formais e informais, além do

vocabulário extenso com argumentação bem estruturada, gerou dados para uma análise produtiva.

Essas condições criaram um ambiente propício para a análise das categorias determinativas e combinatórias/articuladoras na fala sinalizada dos surdos participantes da pesquisa. A valiosa colaboração dos participantes contribuiu de maneira significativa para permitir avanços substanciais no âmbito dos estudos linguísticos da Libras. A dedicação e o compromisso demonstrados foram inestimáveis e denotaram um profundo engajamento com a língua de sinais.

No que tange às limitações da pesquisa, um ponto importante já destacado, diz respeito à apresentação da fala transcrita dos participantes da pesquisa em língua portuguesa, dada a distinção das línguas, e a modalidade viso-espacial da Libras. Tal dificuldade foi amenizada pela descrição da realização dos sinais na íntegra e o uso de vídeos ilustrativos para auxiliar na visualização dos fenômenos de classificação.

Em função disso, a abordagem adotada de descrever a realização dos sinais na íntegra e utilizar vídeos ilustrativos para auxiliar na visualização dos fenômenos de classificação, se apresentou como uma solução efetiva para contornar a dificuldade inicial detectada. A utilização do recurso visual contribuiu significativamente para a compreensão dos sinais, permitindo uma visualização mais detalhada e precisa dos fenômenos linguísticos observados na Libras. Adicionalmente, a pesquisa foi realizada de maneira criteriosa focando na análise das falas sinalizadas dos participantes da pesquisa, coletadas por meio de entrevista semiestruturada. A análise não se pautou nas glossas em português, as utilizamos apenas para realizar a transcrição dos vídeos, o que favorece o meio de divulgação da pesquisa, atendendo o formato impresso de disponibilização da tese.

Ao discorrer sobre os reveses dessa pesquisa, é relevante considerar que têm surgido diversos trabalhos analisando a fala sinalizada dos surdos, levando em conta diferentes aspectos das línguas de sinais, sobretudo, pesquisas voltadas ao campo da sociolinguística ou na utilização da língua vernácula dos surdos para descrever os processos de mudança e variação linguística da Libras. No entanto, as investigações no campo dos estudos linguísticos da Libras ainda demandam aprofundamento e maior divulgação.

Há, ainda, pontos que merecem novas pesquisas. Ao identificar o aspecto multifuncional dos sinais com dupla articulação (lexical e gramatical), observamos que a Libras possui estruturas específicas em que os signos são combinados entre si para produzirem sentidos, considerando as estruturas sintagmáticas. Porém, também existe a possibilidade da troca de alguns sinais e outros não, na estrutura paradigmática, considerando que a Libras apresenta certas expressões fixas condicionadas ao aspecto sequencial do conteúdo lexical. Nesse contexto, as combinações de signos para se conseguir efeitos de sentidos nos enunciados, considerando as estruturas paradigmáticas da língua, carecem de serem aprofundadas em estudo de descrição e análise linguística.

É fundamental que esses estudos se tornem mais conhecidos e acessíveis aos linguistas, pesquisadores e demais interessados em explorar essa área. Esse avanço permitirá o desenvolvimento de uma compreensão mais sólida e ampla das características linguísticas da Libras, promovendo um enriquecimento contínuo do conhecimento sobre a língua de sinais.

Levando em conta a amplitude do campo de investigação do processo classificatório de sinais da Libras, notadamente das categorias determinativas e combinatórias, compreendemos que tal fato demanda uma abordagem aprofundada e contínua de pesquisa, de modo a descrever e documentar teoricamente as nuances e complexidades inerentes a esses processos. Esse trabalho é essencial para disseminar o conhecimento existente sobre a Libras, contribuindo para uma maior valorização e difusão da língua, além de proporcionar uma compreensão mais abrangente das suas estruturas linguísticas.

Vale salientar que a pesquisa desenvolvida nesta tese não pretendeu dar conta de exaurir os dados da variedade do processo classificatório da Libras. Ao contrário, reconhecemos a necessidade de dar continuidade ao trabalho investigativo nessa seara. Contudo, é oportuno colocar em evidência que os dados indicaram que as categorias determinativas e combinatórias são fundamentais para a articulação dos sinais na produção dos enunciados. São indispensáveis também para o processo de classificação dos sinais, uma vez que na presença desses itens, entidades lexicais passam a se gramaticalizar para dar conta da função comunicativa, o que aponta para a relevância do presente estudo.

Esses itens, elementos e mecanismos se mostraram essenciais para a compreensão de que na Libras o processo de classificação de sinais está condicionado ao aspecto sequencial do conteúdo lexical. Nesse caso, se a organização sequencial desses sinais for desmembrada ou desarticulada da enunciação, perderia o efeito de sentido apreendido no contexto discursivo.

Nessa linha de pensamento, lançamos luz ao fato de que a investigação proposta levanta hipóteses para o aspecto da solidariedade lexical, dada a importância do aspecto sequencial do conteúdo lexical para composição dos enunciados. Apesar de não termos a pretensão de apresentar uma pesquisa conclusiva, este estudo proporcionou uma importante contribuição para os estudos linguísticos das línguas de sinais ao tratar de categorias pouco mencionadas nas línguas de sinais e sua relação com os demais subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise de estruturas internas do léxico, nas suas inter-relações, uma vez que oportunizou profícias discussões em relação às categorias determinativas e combinatória no processo classificatório de sinais da Libras.

Diante do exposto, esperamos que esta pesquisa contribua para a melhor compreensão dos processos de classificação dos sinais da Libras, em específico das categorias determinativas e articuladoras, não apenas das características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas no uso corrente da língua. É nossa expectativa também contribuir para a difusão e reconhecimento científico do *status* linguístico da Libras e pavimentar o caminho para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALLAN, K. (1977) Classifiers. **Language**, 53: 285-311.
<https://doi.org/10.1353/lan.1977.0043>

ALMEIDA-SILVA, A. Analisando efeitos de diferentes contextos sintáticos e discursivos sobre as funções dos sinais de apontação em libras. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 15, n. 32, p. 201-221, 2021. <https://doi.org/10.47456/cl.v15i32.35927>

ARAÚJO, F. J. N. D. A morfologia e a classificação dos vocábulos. In: Álison Hudson Veras Lima; Maria Elias Soares; Sávio André de Souza Cavalcante. (Org.). **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer** - volume 3. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 3, p. 125-155.
<https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2020.113.125-155>

ARONOFF, M. **Gender agreement as morphology**. v.1 Allomorphy, compounding, inflection, 1997. p.7-18. SUNY Stone Brook. Mediterranean Morphology Meetings (MMM).

ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. The Paradox of Sign Language Morphology. **Language**. v V.81, n.2, June 2005, pp. 301-344. Published by Linguistic Society of America. <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0043>

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 4^a ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BAKER, C.; PADDEN, C. **American sign language: a look at its history, structure and community**. Silver Spring: TJ. Publishers, Inc., 1978.

BELL, R. T. (1991). **Translation and translating: theory and practice**. Longman.

BERG, M. B. A natureza categorial da preposição. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.107-124, jan./jun. 1998. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.7.1.107-124>

BERNARDES, R. **Estudos do léxico da Libras**: realização dos processos flexionais na fala do surdo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia – MG, 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/02 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais: Libras. Brasília, DF. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 21 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília – DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 21 dez. 2024.

BRENTARI, D. e PADDEN, C. (2001) A lexicon of multiple origins: native and foreign vocabulary in American Sign Language. In: D. BRENTARI (ed.), **Foreign vocabulary in sign languages: A crosslinguistic investigation of word formation**. Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates, p. 87-119.

BRITO, A. M. Categorias Sintáticas. In: MATEUS, M. H. M *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho - Lisboa, 2003.

CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 44^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987; 2002.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte (eds.). **Dicionário encyclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira**. 2. ed. Ilustrações de Silvana Marques. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001. 1 v.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário encyclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. **Volume II: Sinais de M a Z** (3a. edição, Vol. 2, pp. 1345-1430). São Paulo, SP: Edusp, MEC-FNDE, 2006.

CHINI, A.; CAETANO M. M. **Gramática normativa da língua portuguesa: um guia completo do idioma**. – Brasília: Conselho Federal, 2020.

CHOMSKY, N. Preliminares Metodológicos - As gramáticas gerativas como teorias da competência linguísticas. In: CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2^a ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978. p. 83-146.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. 1. ed. Natal: Edufrn, 2016.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DONNELLY, C. **Linguistics for writers**. Buffalo: SUNY Press, 1994.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. Direção e coordenação geral da tradução: Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2007.

EDMONDSON, W.H. (1990) A Non-Concatenative Account of Classifier Morphology in Signed and Spoken Languages. In Siegmund Prillwitz & Tomas Vollhaber (eds.) **Currents Trends in European Sign Language Research**. Hamburg: Signum-Press.

ERLENKAMP, S. (2000) **Syntaktische Kategorien und lexikalische Klassen: Typologische Aspekte der Deutschen Gebärdensprache**. München: Lincom.

FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: Curso Básico: Livro do Estudante. 8^a. Edição, Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na Libras. **ETD**. Educação Temática Digital, v. 7, p. 200-217, 2006. <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>

FELIPE, T. A. **Sistema de Flexão Verbal na Libras**: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. 2002. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995; 2010.

FIGUEIRA, A. dos S. **Material de apoio para aprendizagem de LIBRAS**. São Paulo: Phorte, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed - São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1979; 1990. <https://doi.org/10.1075/z.50>

GODOI, E. Gramática da Língua de Sinais: Sinais simples, Classificadores, substantivos, adjetivo, verbos, frases simples. In: GODOI, E.; LIMA, M. D.; LEITE, L. S. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**: a formação continuada de professores – 2. ed. – Uberlândia: EDUFU, 2021a. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-513-8>

GODOI, E. Atributo em Libras: Processos Morfossintáticos na realização do adjetivo na fala do aluno surdo do Ensino Superior. **Letras & Letras** (UFU), v. 37, p. 446-460, 2021. <https://doi.org/10.14393/LL63-v37n2-2021-22>

GURUNGA, C. M.; GONÇALVES, E.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Haveria Categoria Preposicional na Libras? **Revista Cocar (online)**, v. 19, nº37, p. 1-22, 2023.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HATIM, B.; MASON, I. **The Translator as Communicator**. London/New York: Routledge, 1997.

KENEDY, E.; OTHERO, G. **Para conhecer Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.

KIYOMI, S. (1992) Animateness and shape in classifiers. **Word - Journal of the International linguistic Association**. Vol.45, no 1: 1-36.

<https://doi.org/10.1080/00437956.1992.12098277>

LEITE, L. S. **Mecanismos de avaliação da aprendizagem de aluno surdo no ensino superior no âmbito da linguística aplicada**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, MG.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revel**, v. 10, n. 19, 2012.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Por uma modalidade escrita da Libras: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel** (no prelo). Cidade: Editora, 2023.

LEHMANN, C; MORAVCSIK, E. (2000) Noun. **Morphology: An international handbook on inflection and word-formation**. Vol. 1, Geert Booij; Christian Lehmann & Joachim Mug dan (eds.), 732–757. Berlin: Mouton de Gruyter.

<https://doi.org/10.1515/9783110111286.1.10.732>

LYONS, J. (1977) **Semantics**. New York: Cambridge University Press.

LYONS, J. Linguagem e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: **Livros Técnicos e Científicos**, 1981.

MALDONADO, A. E. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, A. E. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2011.p. 279-303.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. **Semântica e pragmática**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318878236> Acesso em: 07 mai. 2024.

MORGAN, G. Discourse cohesion in sign and speech. **International Journal of Bilingualism**, v.4, n.3, p. 279-300, 2000.

<https://doi.org/10.1177/13670069000040030101>

MORGAN, G. **The development of discourse cohesion in British Sign Language**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Bristol, p. 312, 1998.

NEUBERT, A. (2000). Competence in language, in languages, and in translation. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (Eds.). **Developing Translation Competence**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp.3-18.
<https://doi.org/10.1075/btl.38.03neu>

NEVES, M. H. M. **Como as palavras se organizam em classes**. Portal da Língua Portuguesa, v.1., p. 01-19, 2006. Disponível em: <http://www.estacaodaluz.org.br> Acesso em: 07 out. 2020.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PADDEN, C. **Interaction of morphology and syntax in american sign language**. Outstanding Dissertations in Linguistics. New York: Garland. 1988.

PEREIRA, G. K. **Curso de Libras** (Língua Brasileira de Sinais). 2010. (Curso de curta duração ministrado/Extensão).

PFAU, R. Syntax: complex sentences. In: Baker, A. *et al.* (eds.), **The Linguistics of Sign Languages: An Introduction**, 149-172. A'dam: Benjamins, 2016.
<https://doi.org/10.1075/z.199.07pfa>

QUADROS, R. M.; KARNOOPP, L. B. **Libras: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Art Med, 2004.

ROCHA, L.C. A. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Martins fontes, 2008.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1999; 2011.

RODRIGUES, A. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional. **Sensos-e**, vol. VI – n.1, p. 90-103, 2019. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/sensos/art6vol6n1>. Acesso dia 21 de dez. 2024.

RODRIGUES, A; SOUZA, Y. C. Gramaticalização do sinal “v” na Língua Brasileira de Sinais: uma análise baseada no uso. **Revista do GEL**, v. 16, n.1, p.53-82, 2019.
<https://doi.org/10.21165/gel.v16i1.2435>

SANDLER, W. (1999). Prosody in Two Natural Language Modalities. **Language and Speech** 42:127-142. <https://doi.org/10.1177/0023830990420020101>

SANDMANN, A. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riediliger. 5^a ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHWAGER, W. (2004) Polymorphemische Gebärden in der Russischen Gebärdensprache. MA thesis, University of Amsterdam.

SCHWAGER, W.; ZESHAN, U. (2008) Word Classes in Sign Languages: Criteria and Classification. In: **Studies in Language** 32(3), 509-45.
<https://doi.org/10.1075/sl.32.3.03sch>

SILVA, C. C. **Coordenação aditiva e adversativa em Libras**. Dissertação do mestrado em linguística. Universidade de Brasília, Brasília DF, p.75, 2019. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/38419/1/2019_CintiaCaldeiradaSilva.pdf. Acesso: 21 dez. 2024.

SILVA, E. L. D.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2000.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SOARES, C. P. Os mecanismos de coesão gramatical e lexical em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis - SC, 2020.

STOKOE, W. (1960) Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistics**, nº 8 University of Buffalo.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. L. (1978) How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. **Understanding language through sign language research, Patricia Siple (ed.)**, 91–132. New York, NY: Academic Press.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and subordination. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). **Sign Language. An International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 340-365. <https://doi.org/10.1515/9783110261325.340>

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WINSTON, E. A. Spatial referencing and cohesion in an american sign language text. **Sign Language Studies**, Linstok Press, p. 397-409, 1991.

<https://doi.org/10.1353/sls.1991.0003>

ZORZI, G. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. 2018a. 410f. Tese (Doutorado em Linguística e línguas) – Departamento de Tradução e Ciências de Linguagem. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2018.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O PROCESSO CLASSIFICATÓRIO DE SINAIS DA LIBRAS: CATEGORIAS DETERMINATIVAS E COMBINATÓRIAS

Pesquisador: Eliamar Godoi

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77576324.9.0000.5152

Instituição Proponente: Universidade Federal de Uberlândia/ UFU/ MG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.728.738

Apresentação do Projeto:

Este parecer trata-se da análise das respostas às pendências do referido projeto de pesquisa.

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos documentos Informações Básicas da Pesquisa nº 2230335e Projeto Detalhado (Projeto_doutorado_Raquel_Bernardes_alterado.pdf) postados em 18/03/2024.

INTRODUÇÃO

"Propomos com o presente estudo analisar como se dão os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, na fala espontânea de surdos docentes no ensino superior. Em específico, objetivamos: levantar os processos de classificação de sinais realizados na fala dos surdos participantes da pesquisa; analisar esses processos de classificação a partir da função que os sinais exercem no contexto de fala, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos; e, identificar e descrever na fala sinalizada dos participantes da pesquisa, as regras de combinação e organização dos sinais a partir do emprego de determinantes e articuladores. A fim de buscar suporte à temática envolvida no presente estudo, trabalhos como os de Câmara Jr. (1987), Neves (2006),

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.728.738

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_2230335.pdf	18/03/2024 17:38:32		Aceito
Outros	Respostas_Pendencias_Lista_de_Adequacoes.pdf	18/03/2024 17:37:53	Eliamar Godoi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_doutorado_Raquel_Bernardes_alterado.pdf	18/03/2024 17:34:32	Eliamar Godoi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo Consentimento livre esclarecido_alterado.pdf	18/03/2024 17:32:50	Eliamar Godoi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_doutorado_Raquel_Bernardes.pdf	16/02/2024 18:23:51	Eliamar Godoi	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	16/02/2024 18:22:50	Eliamar Godoi	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_da_Equipe_Executora.docx	15/02/2024 17:48:10	Eliamar Godoi	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.pdf	15/02/2024 17:46:06	Eliamar Godoi	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_e_confidencialidade_da_equipe_executora.pdf	15/02/2024 17:42:29	Eliamar Godoi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo Consentimento livre esclarecido.pdf	15/02/2024 17:37:51	Eliamar Godoi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_doutorado_Raquel_Bernardes.pdf	15/02/2024 17:37:02	Eliamar Godoi	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	15/02/2024 17:32:31	Eliamar Godoi	Aceito

Situação do Parecer:**Aprovado****Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “O processo classificatório de sinais da Libras: categorias determinativas e combinatórias” sob a responsabilidade das pesquisadoras Raquel Bernandes e Eliamar Godoi. Nesta pesquisa nós estamos buscando analisar e descrever os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, na fala espontânea de surdos docentes no ensino superior. O Termo/registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelas pesquisadoras Raquel Bernandes e Eliamar Godoi que irão aplicar o Termo de 16/05/2024 a 16/06/2024 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121 - Santa Mônica, Uberlândia – MG. Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016). Na sua participação, você responderá uma entrevista semiestruturada com tempo de duração de no máximo sessenta minutos. A entrevista será realizada nas medições da universidade onde está lotado (a), ou seja, no seu local de trabalho, no horário em que se dispuser a participar, quando não estiver atuando. A entrevista será direcionada por um roteiro flexível de perguntas principais elaboradas a partir de um assunto central – o processo de ensino e aprendizagem de Libras. Caso a entrevista exceda o tempo máximo (ultrapassando noventa minutos) será oferecido um lanche gratuito. E, caso haja a necessidade de seu deslocamento, os custos com transporte serão cobertos pelas pesquisadoras. Nesse caso, será acordado entre as partes, sendo que você poderá ou não aceitar esse deslocamento. Custos adicionais, que porventura o participante possa ter com alimentação devido à restrição alimentar ou similares, serão reembolsados. Serão resarcidos todos os gastos que o participante e seu(s) acompanhante (s) terão ao participar da pesquisa, quando necessário, tais como transporte e alimentação, nos conformes da Resolução CNS nº 466 de 2012, item II.21. Nós, pesquisadores, atenderemos às orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2; f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. No caso de gravações da entrevista semiestruturada em Libras, as gravações originais serão mantidas mesmo depois de transcritas, sendo tomadas as medidas possíveis e cabíveis para a manutenção do sigilo por tempo indeterminado. É compromisso do(a) pesquisador(a) responsável a divulgação dos resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV). Após o depósito no Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, a pesquisa será encaminhada para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos divulgar para os corpos docente e discente, bem como para toda a comunidade científica. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada, já que as informações referentes aos participantes desta pesquisa (como por exemplo, o nome e informações pessoais) serão confidenciais e os dados serão agrupados, levando em conta apenas as respostas à entrevista. O único risco que os participantes voluntários da pesquisa poderão correr é o de serem identificados. Este risco poderá ser evitado a partir da conduta dos pesquisadores que farão de tudo para garantir o anonimato dos participantes. Caso se sintam incomodados com alguma pergunta da entrevista os participantes poderão deixar de respondê-la. O roteiro é flexível e pode ser adaptado conforme as circunstâncias momentâneas, a fim de garantir que não haverá nenhum transtorno no repasse de informações indesejadas por parte do (a) participante ou que possa identificá-lo (a). A equipe garante aos docentes surdos que se dispuserem a participar do estudo que não serão identificados em nenhum momento da pesquisa. Comprometemo-nos a trá-los apenas como participantes de pesquisa que ocupam a posição de professores surdos que ministram a disciplina de Libras em curso de licenciatura oferecida por universidade pública, e jamais como indivíduos, dos quais não denotaremos nenhum aspecto que possa revelar suas identidades. Qualquer participante poderá a qualquer tempo desistir da pesquisa e caso isto ocorra, não sofrerá dano algum, nem qualquer atitude de intimidação ou ato de constrangimento. O sigilo será garantido mesmo com a publicação dos resultados obtidos. Os benefícios que serão possibilidades aos participantes estão ligados às reflexões acerca dos estudos descriptivos da língua brasileira de sinais e a ampliação dos conhecimentos acerca dos aspectos morfossintáticos da língua em uso. Os resultados da pesquisa poderão contribuir para a disseminação e perenização da Libras. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Além do momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos(as) pesquisadores(as). Em qualquer momento, caso tenha qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Raquel Bernandes, telefone (34) 3239-4577, e/ou com Eliamar Godoi, telefone (34) 3239-4162, Universidade Federal de Uberlândia UFU- Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bairro Santa Mônica, CEP 38.400-902, Uberlândia – MG. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você tem direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Para obter orientações quanto aos direitos dos(as) participantes de pesquisa, acesse a cartilha disponível no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comisoes/conep/img/boletim/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131; ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos(as) participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você tem direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Para obter orientações quanto aos direitos dos(as) participantes de pesquisa, acesse a cartilha disponível no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comisoes/conep/img/boletim/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131; ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos(as) participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Rubrica do(a) Participante

Rubrica do(a) Pesquisador(a)

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ROTEIRO FLEXÍVEL A SER APLICADO EM ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevista semiestruturada¹

As perguntas abaixo fazem parte da pesquisa - *O processo classificatório de sinais da Libras: categorias determinativas e combinatórias*. Com a pesquisa buscamos analisar e descrever os processos de classificação de sinais, considerando as categorias dos determinantes e articuladores, na fala espontânea de surdos docentes no ensino superior. Assim sendo, objetivamos descrevendo como os sinais se articulam entre si para produzirem sentidos. Concordando em respondê-las você estará tanto colaborando com meu projeto de pesquisa quanto para com os estudos descritivos na área da morfologia da Língua Brasileira de Sinais em uso.

A entrevista semiestruturada é elaborada a partir de um assunto central. A começar de determinado assunto se elabora um roteiro flexível de perguntas principais, que serão complementadas por outras questões abordadas pelo entrevistado, conforme as circunstâncias momentâneas.

- 1- Como era seu contexto familiar na infância em relação ao uso da Libras?
- 2 – Como ocorreu seu processo de aquisição da Libras?
- 3 - Qual a importância da Libras para surdo?
- 4 – Como se deu seu processo de escolarização?
- 5 – Quais os desafios que enfrentou em relação a aprendizagem formal da Língua Portuguesa?
- 6 – Como se deu sua jornada acadêmica, ingresso, formação e constituição como professor?
- 7 – Quais desafios enfrenta ao trabalhar em uma Universidade cuja língua majoritária é a portuguesa, e os estudantes são em sua maioria ouvintes? E, quais estratégias utiliza para lidar com esses desafios?
- 8- Quais estratégias e recursos didáticos e metodológicos utiliza para o ensino de segunda língua?
- 9 – Quais os principais desafios que os aprendizes ouvintes de Libras enfrentam ao se deparar com a aprendizagem formal da língua?
- 10- Qual a importância da disciplina de Libras para os estudantes ouvintes oriundos dos cursos de licenciatura?

Muito obrigada por sua colaboração!
Raquel Bernardes

¹ O questionário será realizado em Língua de Sinais Brasileira – Libras, registrado em vídeo e transscrito em Língua Portuguesa para fins de pesquisa

APÊNDICE C - SISTEMAS EM GLOSAS DE TRANSCRIÇÃO

Como registro da Libras, utilizamos os sistemas em glosas de transcrição de enunciados e textos de línguas de sinais propostos por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), que apresentamos sistematizado no quadro seguinte.

Sistema de notação
<p>I) São usadas letra maiúscula em português para representar conceitos da Libras:</p> <p>Ex.: HOMEM TRABALHAR MUITO</p> <p>Quando não há indicação de flexão verbal o verbo é transscrito na forma infinitiva.</p>
<p>II) Quando duas ou mais palavras em português são necessárias para expressar o conceito que é representado por um único sinal em LIBRAS, elas devem vir ligadas por um hífen.</p> <p>Ex.: NÃO-QUERER, BEBER-PINGA, COMER-MAÇÃ</p>
<p>III) São usadas letras separadas por hífen, quando se trata de soletração manual:</p> <p>Ex.: #J-O-Ã-O#R-I-O</p> <p>Este tipo de soletração é usado quando se trata de nome próprio de pessoa e de lugar ou então quando não há sinal correspondente para o conceito expresso em outra língua. Porém, alguns nomes próprios foram omitidos, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa. As glossas indicam onde esses nomes estavam originalmente na fala sinalizada.</p>
<p>IV) Quando o verbo é direcional, isto é, apresenta flexão marcando sujeito e objeto, usa-se números de 1 a 3 para marcar as pessoas no singular ou 1p, 2p e 3p para as pessoas do plural.</p> <p>Ex.: 1DAR2 LIVRO (Eu dei o livro para você)</p>

V) Pode não haver marcação de gênero feminino e masculino nos verbos com flexão (direcionais) e nos pronomes. Assim, de acordo com Ferreira Brito, se a pessoa é do sexo feminino, está informação deverá ser inferida de acordo com o contexto.

Para tornar a leitura das glossas mais fluída foram inseridas adequações de gênero à alguns pronomes pessoais e demonstrativos. Porém, é importante frisar, ao encontro de Ferreira Brito, que tais pronomes não apresentam adequação de gênero masculino e feminino.

VI) Para os itens que se realizam por meio de apontação com o dedo foi utilizado o símbolo IX, ao encontro de Quadros e Karnopp. Tais itens envolvem adverbiais locativos (aqui, aí, ali, lá), pronomes pessoais (eu, você, ele), pronomes demonstrativos (este, esses, isso, aquele, aquela, aquilo), dentre outros itens com referenciais dêiticas. Após o símbolo IX o item a que se refere será idenstificado, como em IX-LÁ.

VII) Em Ferreira Brito os classificadores são representados pelas iniciais CL. Assim adotamos CL, conforme a seguir:
Ex.: <PINTAR-COM-ROLO> CL.

VIII) De forma complementar foram acrescidas as glossas informações em enunciados que utilizam expressões faciais e corporais envolvendo aspectos gramaticais da Libras, tais como, interrogação, exclamação, topicalização, negação, intensidade, um pedido, no caso de uma ordem e outros, ao encontro de Ferreira Brito e Quadros e Karnopp.

Fonte: a própria autora, baseada em Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004)